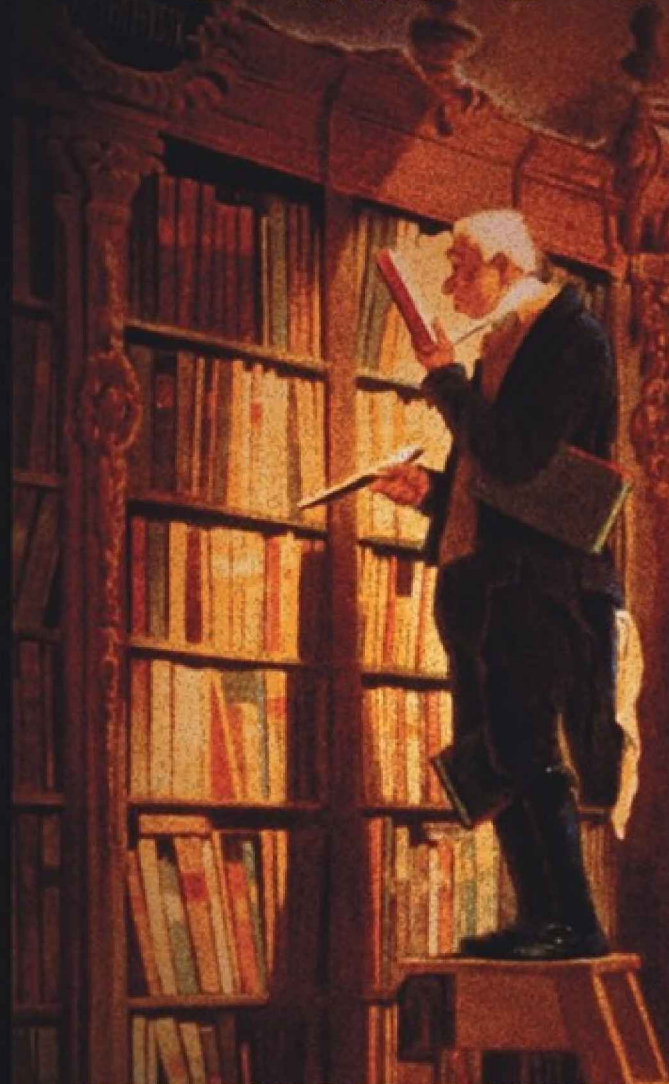




Abraão de Almeida



201 RESPOSTAS

Para o seu Enriquecimento Espiritual e Cultural



201 RESPOSTAS

Para o seu Enriquecimento Espiritual e Cultural

Abraão de Almeida



Todos os direitos reservados. Copyright © 2007 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

CDD: 220.6 - Bíblia — Crítica e interpretação
231.1 - Criação — Ensinamentos bíblicos

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

ISBN: 978-85-263-1344-6

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995 da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-21-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2ª edição-2008



PREFÁCIO

Vivemos em dias difíceis, quando convivem extremismos em questões menores e indefinições em doutrinas fundamentais. Há tanta gente criando idéias e doutrinas estranhas extravagantes, quando, ao mesmo tempo, doutrinas centrais da fé perdem seu lugar de destaque em muitos círculos eclesiais. A verdade é que o ambiente evangélico do mundo contemporâneo, e não só o brasileiro, sofre pela necessidade urgente de líderes preparados, firmes na fé, sensatos, moderados e sábios.

Na minha experiência transdenominacional, posso dizer com tranqüilidade que um dos raros exemplos de experiência, humildade, persistência, espiritualidade e dedicação acadêmica é o pastor Abraão de Almeida, servo de Deus que tanto tem sido uma bênção para as Assembléias de Deus, como para todo o universo denominacional da igreja. Com o privilégio de conhecê-lo já há quinze anos, afirmo que cresce meu respeito e admiração por esse grande amigo.

A obra 201 Respostas representa o resumo de uma pesquisa sobre os assuntos mais relevantes da vida cristã e do mundo contemporâneo. Os temas

são fundamentais e absolutamente necessários. Merecem destaque temas como família, homossexualismo, suicídio e religiões, seitas e ocultismo, entre todos os que são abordados na obra. Com certeza, muitas das dúvidas e incertezas do leitor serão contempladas nas 201 Respostas, para que a vida pessoal do leitor seja edificada e o torne preparado para auxiliar a outros.

Escrever para ensinar não é nada fácil. Há certos temas que exigem erudição e pesquisa técnica detalhada: É o caso de filosofia e teologia. Já outros temas só podem ser de fato discutidos por quem tem experiência na área. Ninguém quer ser operado por um cirurgião que apenas leu muito, mas nunca fez uma só cirurgia. Além disso, quanto mais delicado for um tema, mais se exigirá do autor uma abordagem cuidadosa e equilibrada, que não poderá deixar de lado “o tato” e a maneira especial de lidar com as palavras.

A arte de escrever pastoral e teologicamente é como saber temperar uma comida bem saborosa. Quem é simplesmente técnico conhece apenas o valor nutritivo dos alimentos. O cozinheiro comum, sem experiência, domina a qualidade e o tamanho dos ingredientes, bem como a seqüência do preparo do prato a ser servido. O mestre, porém, é diferente. Ele sabe o ponto exato de tudo, conhece segredos que ninguém sabe, e o seu elemento diferencial está na arte de preparar um prato de sabor intraduzível, o que se confirma no momento da refeição.

Convidamos a todos que venham depressa. Com as 201 Respostas prontas, anunciamos que os ingredientes estão diante de todos. Os assuntos aqui tratados são absolutamente necessários. Há proteína e vitamina de sobra. O mais importante, porém, é que o preparo foi meticulosamente feito pelo mestre Abraão de Almeida. Com o menu em minhas mãos, sou apenas o garçom.

Diante de tudo que já foi descrito e avaliado, só nos resta dizer o seguinte: bom apetite.

LUIZ SAYÃO

Teólogo, lingüista, tradutor da Bíblia e hebraísta

SUMÁRIO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

1. O LIVRO DOS LIVROS

2. PROFECIAS

3. BÍBLIA & CIÊNCIA

4. HISTÓRIA

5. RELIGIÕES, SEITAS E OCULTISMO

6. DEFESA DA FÉ

7. DOCTRINAS BÍBLICAS

8. FILOSOFIA

9. TIPOLOGIA

10. HOMOSSEXUALISMO

11. SUICÍDIO

12. FAMÍLIA

13. TESTEMUNHOS

14. TEMAS DIVERSOS



INTRODUÇÃO

Ao longo de décadas no ministério pastoral e de ensino tenho sido confrontado com perguntas feitas principalmente por jovens crentes, em geral os mais desafiados a justificarem de muitas formas a sua fé em Deus e nas Escrituras Sagradas.

As dúvidas se justificam pelo atual clima de insegurança e incerteza da época que vivemos, caracterizada, por um lado, pelo espantoso avanço da ciência nas mais diferentes áreas do conhecimento humano, e por outro, pela ousada capacidade de grupos religiosos e ideológicos radicais em promover atos terroristas de grande impacto até mesmo no coração de potências mundiais, como Nova York, Washington, Madri e Londres, sem mencionar o conturbado Oriente Médio.

Mas, mesmo pondo de lado o contexto sócio-cultural de nossos dias, em geral quem não tem dúvidas? Já dizia Rui que “quem não é curioso nada sabe”.

Este livro tem o propósito de ser uma resposta às questões levantadas por muitos. Foi ou não Samuel quem apareceu a Saul em En-Dor? Como está o prestígio da Bíblia nesta era nuclear? É o homossexualismo um pecado ou uma

doença? Por que é tão alto o índice de suicídios em ricas nações do primeiro mundo?

Questões como estas são seguidas por outras, como: Que tipo de influência exercem os pensadores antigos e modernos no comportamento social de hoje? Que profecias ainda devem ser cumpridas antes do arrebatamento da igreja? O que vêm a ser o pós-milenismo e o pré-milenismo? Passará a igreja pela grande tribulação? Qual dos líderes religiosos de nosso tempo será o Anticristo? Por quê o número da besta está se tornando tão popular em nosso tempo? Que poder de destruição possuem as armas nucleares?

É claro que não tenho todas as respostas, mas posso ajudar. Por isso apresento neste livro duzentas respostas a diferentes perguntas, muitas delas feitas por mim mesmo em minha caminhada de fé. Assim como fui ajudado pelas respostas que encontrei, creio que os meus leitores igualmente serão ajudados pelas respostas que apresento aqui.

Saliento, porém, que pelo fato de eu haver limitado ao mínimo o espaço destinado a cada resposta, esta obra não substitui, de modo algum, os meus livros que circulam no mercado editorial. Nesses livros as respostas que aqui apresento são muito mais amplas. Eis alguns desses títulos: *Manual da Profecia Bíblica*; *Israel, Gogue e o Anticristo*; *O Tabernáculo e a Igreja*; *Há uma Luz no Caminho*; *Teu é o Reino*; *A Reforma Protestante*; *O Sábado, a Lei e a Graça*; *Lições da História que não Devemos Esquecer*; *Teologia Contemporânea*; *Apologia da Fé Cristã*, etc.

Muitas das respostas que aqui apresento, entretanto, não fazem parte de nenhum de meus livros que ainda circulam ou já estão esgotados. São elas o fruto do meu ministério mais recente no campo do ensino teológico no Brasil, nos Estados Unidos, na Europa e em outras partes do mundo.



Capítulo 1

O LIVRO DOS LIVROS

1) Por que a Bíblia, como um livro, é tão diferente dos outros?

A Bíblia é diferente de todos os outros livros pelo fato de conter as origens da criação, as alianças de Deus com os homens, a história de Israel e da Igreja apostólica, as profecias reveladoras do futuro, bem como por revelar o insondável amor de Deus na pessoa de Jesus Cristo como o Salvador do mundo. Portanto, a Bíblia Sagrada poderia ser definida com uma só frase — Ela é a Palavra de Deus.

Como Palavra de Deus, ela não contém erro de qualquer espécie. Um exemplo — Em 1865, críticos da Bíblia relacionaram “50 erros científicos” encontrados nela. Vinte anos mais tarde, nenhum daqueles supostos erros ficou confirmado.

Vale a pena ouvir o que algumas pessoas célebres falaram acerca da Bíblia.

Cardeal Arcoverde disse:

Que regra mais pura e santa, que caminho mais seguro para o homem público, para o político, do que a verdade vinda do céu, pregada e ensinada pela boca de um Deus e registrada no livro do evangelho? Leia-se, pois, medite-se no livro santo do evangelho!

Ivan Espíndola de Ávila, meu colega da Academia Evangélica de Letras do Brasil, disse:

Impressiona-nos, na contemplação do mundo atual, a exatidão das Sagradas Escrituras. Nestes nossos tempos, com precisão admirável, cumprem-se previsões do velho e bendito livro. Páginas proféticas assumem o sabor de crônicas contemporâneas, em que fatos e feitos, na história e através dos homens, proclamam a veracidade da eterna palavra, que não falhou nem falhará. Por isso é tempo de voltar à Palavra de Deus. E é isso que a humanidade está fazendo, depois de tantas fugas. Depois de procurar tantos caminhos, onde a frustração lhes foi fatal, os homens retornam ao caminho, ao único e verdadeiro caminho. E, nesse caminho, em sentido de libertação e esperança, brilha a palavra, que é luz e lâmpada de Deus.

Charles Spurgeon, famoso pregador inglês, escreveu:

Depois de ter pregado o evangelho por quarenta anos, e de ter impresso os sermões que preguei semanalmente durante trinta e seis anos, tendo estes alcançado o número de 22 mil, creio que devo ter direito a dizer algo sobre a riqueza e a plenitude da Bíblia como o livro do pregador. Irmãos, ela é inesgotável. Não haverá perigo de ficarmos secos se nos apegarmos ao texto deste volume sagrado. Não haverá dificuldade em arranjar assuntos totalmente distintos dos já usados; a variedade é tão infinita como a sua plenitude. Uma longa vida mal dá para ladear as margens deste continente de luz. Nos quarenta anos do meu ministério tenho podido apenas tocar a orla das vestes da verdade divina, mas que virtude já fluiu dela! A Palavra é como o seu Autor — infinita,

imensurável, eterna. Se fosses ordenado ao ministério por toda a eternidade, terias na mão tema suficiente para as exigências eternas

2) Em que sentido a Bíblia é a Palavra de Deus?

A Bíblia é a Palavra de Deus por ter sido inspirada por Ele. Ao longo de suas páginas afirma-se duas mil e oito vezes que Deus é seu Autor. No Novo Testamento, essa autoria divina é reclamada 225 vezes, cerca de 50 vezes pelo próprio Senhor Jesus.

Sendo a Palavra viva de Deus, é de se esperar que encontremos nela um vínculo que unifique todos os seus livros, apesar de estes terem sido escritos em épocas diferentes e em lugares distintos. Esse vínculo é a apresentação, direta ou indireta, que cada livro bíblico faz da pessoa de Jesus — Exemplo:

Em Gênesis, Ele é o Nosso Deus Criador e a Semente da Mulher;

Em Êxodo, Ele é o Nosso Cordeiro Pascal;

Em Levítico, Ele é o Nosso Sacrifício pelo Pecado;

Em Números, Ele é Aquele que Foi Levantado;

Em Deuteronômio, Ele é o Nosso Verdadeiro Profeta;

Em Josué, Ele é o Capitão da Nossa Salvação;

Em Juízes, Ele é o Nosso Juiz-Libertador;

Em Rute, Ele é o Nosso Resgatador;

Em 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis e 1 e 2 Crônicas, Ele é o Nosso Rei;

Em Esdras e Neemias, Ele é o Nosso Restaurador;

Em Ester, Ele é o Nosso Advogado;

Em Jó, Ele é o Meu Redentor Vivo;

Em Salmos, Ele é o Nosso Tudo em Todos;

Em Provérbios, Ele é a Nossa Sabedoria;

Em Eclesiastes, Ele é a Finalidade da Vida;

Em Cântico dos Cânticos, Ele é o Meu Amado;

Em Isaías e em Mateus, Ele é o Messias-Rei;

Em Jeremias, Lamentações e Romanos, Ele é a Nossa Justiça;

Em Ezequiel e em Lucas, Ele é o Filho do Homem;

Em Daniel, Ele é a Pedra que Esmigalha os Reinos deste Mundo;

Em Oséias, Ele é o que Encaminha o Desviado;
Em Habacuque, Ele é o Deus da Minha Salvação;
Em Ageu, Ele é o Desejado de Todas as Nações;
Em Zacarias, Ele é o Renovo da Justiça;
Em Malaquias, Ele é o Sol da Justiça;
Em Marcos, Ele é o Servo do Senhor;
Em João, Ele é o Filho de Deus;
Em Atos, Ele é o Senhor Redivivo;
Em Gálatas, Ele é a Nossa Liberdade;
Em Efésios, Ele é a Cabeça da Igreja;
Em Filipenses, Ele é a Nossa Alegria;
Em Colossenses, Ele é a Gloriosa Imagem de Deus;
Em 1 e 2 Tessalonicenses, Ele é Aquele que Há de Vir;
Em Hebreus, Ele é o Nosso Eterno Sumo Sacerdote;
Em Tiago, Ele é o Nosso Modelo;
Em Apocalipse, Ele é o Nosso Rei Triunfante.

3) Que tipo de influência exerce a Bíblia em nossa sociedade?

Caro leitor, como Palavra de Deus, a Bíblia exerce poderosa e benéfica influência onde quer que é difundida. “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12,13).

Deus mesmo afirma — “Assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia” (Is 55.11), e o apóstolo Paulo fala do evangelho como o “poder de Deus” e da transformação gerada por este mesmo evangelho na vida do que o aceita — “É nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5.17).

A Bíblia apresenta a si mesma como alimento (Am 8.11), como fogo (Jr 23.29), como luz (Sl 119.105), como leite (1 Pe 2.2), como mel e como ouro (Sl 19.10), como espelho (Tg 1.23-25), como martelo que esmiúça a penha (Jr 23.29), como espada (Ef 6.17) e como semente (1 Pe 1.23).

A Bíblia é um todo e não pode ser alterada. Acrescentar-lhe ou tirar-lhe algo, seria danificar sua perfeição absoluta (Ap 22.18,19). O cânon da Escritura está fechado. Outras obras lançam luz valiosa sobre ela, mas a Bíblia permanece incomparável, única e completa.

Outra razão que torna-a o mais precioso livro do mundo é a sua atualidade. Embora escrita há milênios, sua mensagem é hoje mais atual “do que o jornal que vai circular amanhã”, usando as palavras do evangelista Billy Graham. As outras obras, mesmo as mais famosas, perdem a atualidade porque se prendem unicamente à vida presente. A Bíblia, no entanto, trata tanto desta como da outra vida, abrangendo o presente e o futuro.

Analisando a situação mundial à luz da Bíblia, percebe-se que os ensinamentos desta, se adotados pelas nações, resolveriam os seus principais problemas. Eis alguns exemplos:

- ✚ Provérbios 22.6 — ordena aos pais que instruem os filhos no caminho reto.
- ✚ Romanos 13.6,7 — ensina aos industriais e comerciantes a pagarem devidamente as taxas impostas pela lei.
- ✚ 1 Timóteo 6.1 — ordena que os empregados trabalhem honestamente.
- ✚ Romanos 13.1-5 — ordena ao povo em geral que ore pelos governantes e obedeça às autoridades.
- ✚ 1 Timóteo 2.1-3 — ensina que todos devemos colaborar com o Governo, orando por ele, para que Deus lhe dê uma administração sábia e segura. Tanto este texto como o de Romanos 13.1-5 partem do princípio de que as autoridades, como ministros de Deus, devem ser justas, que castigam os maus e louvam os bons.

Estas passagens da Bíblia, se postas em prática, modificariam completamente a situação do mundo, eliminando a corrupção e as injustiças sociais.

4) Qual o significado da palavra “Bíblia”?

A palavra *bíblia*, como plural de *biblion*, que no grego significa “livro”, sugere a idéia de livros ou biblioteca. Jerônimo usou a apropriada expressão

“biblioteca divina” para as Escrituras. A Bíblia, na realidade, compõe-se de uma coleção de 66 livros, sendo 39 no Antigo e 27 no Novo Testamento.

Para redigir a sua Palavra, Deus inspirou mais de 40 autores, dentre eles os estadistas José e Daniel, o legislador Moisés, o poeta Davi, o sábio Salomão, os profetas Isaías e Jeremias, o médico Lucas, o filósofo Paulo, o coletor de impostos Mateus, e os pescadores Pedro, Tiago e João. Estes e muitos outros gastaram, ao todo, dezesseis séculos na redação da Bíblia, começando por volta de 1.500 a.C. e terminando no final do primeiro século da nossa era.

A Bíblia divide-se em duas grandes partes — Antigo e Novo Testamentos. O primeiro foi escrito originalmente na língua hebraica, com algumas passagens em aramaico, e se completou cerca de 434 a.C. O Novo Testamento foi escrito no grego popular, o *koinê*, contendo também algumas frases em aramaico. Teve o seu surgimento entre os anos 53 e 96 d.C. Portanto, entre o último livro do Antigo Testamento e o primeiro do Novo, há um lastro de quase quinhentos anos, no qual se insere um período de tempo chamado interbíblico, em que surgiram os principais livros apócrifos, ou seja, não inspirados por Deus.

Acredita-se que foram os escribas Esdras e Neemias que, por volta de 480 a.C., na grande reforma religiosa daquela época, agruparam os livros do Antigo Testamento na forma como hoje se encontram na Bíblia. Até aquela data, os livros sagrados dos judeus permaneciam separados uns dos outros.

Esses livros agrupados receberam o nome de Texto Massorético (a Massora, corpo de tradições), o único reconhecido pelos judeus como verdadeiro e digno de toda confiança. Nesse texto, ou nas cópias dele, baseiam-se as bíblias modernas.

Não havendo imprensa de qualquer espécie no período em que foram escritos, todos os livros bíblicos foram redigidos à mão e divulgados por meio de cópias manuais. Os copiadotes, chamados escribas, copistas ou massoretas, tinham tal respeito pelo texto sagrado e tão grande cuidado em não alterá-lo que, antes de iniciarem a cópia de qualquer parte da Bíblia, contavam o número de palavras e letras nela contidas. Dessa forma, esses homens sabiam o número exato das palavras e letras de cada um dos trinta e nove livros do Antigo Testamento. Sabiam também quantas vezes ocorria cada letra.

Os copistas não admitiam rasuras de espécie alguma. Se, depois de pronta uma cópia, fosse constatada nela algum erro, mesmo o mais simples, tal cópia

era totalmente destruída.

Apesar das épocas remotas em que foram copiados os livros bíblicos, a arte da escrita já havia alcançado significativo progresso, principalmente quanto à qualidade da tinta — uma mistura de carvão com um líquido desconhecido, capaz de conservar-se maravilhosamente durante muitos séculos.

5) Quais foram as primeiras traduções da Bíblia?

Como consequência dos setenta anos de cativeiro na Babilônia, e em virtude da forte influência do aramaico, a língua hebraica se enfraqueceu. Todavia, fiéis à tradição de preservar os oráculos em sua própria língua, os judeus não permitiam, ainda, que fossem esses livros sagrados vertidos para outro idioma. Alguns séculos mais tarde, porém, essa atitude exclusivista e ortodoxa teria de dar lugar a um senso mais prático e liberal. Com o estabelecimento do império de Alexandre o Grande, a partir de 331 a.C., o grego popularizou-se a ponto de tornar imprescindível uma tradução da Sagrada Escritura para essa língua.

Segundo o escritor Areteas, a tradução grega foi feita por setenta e dois sábios judeus (daí o seu nome Septuaginta), na cidade de Alexandria, a partir de 285 a.C., a pedido de Demétrio Falário, bibliotecário do rei Ptolomeu Filadelfo. Terminada trinta e nove anos mais tarde, essa versão assinalou o começo de uma grande obra que, além de preparar o mundo para o advento de Cristo, deveria tornar conhecida de todos os povos a Palavra de Deus. Na igreja primitiva, era essa versão conhecida de todos os crentes.

Nem todos os livros do Antigo Testamento, infelizmente, foram bem traduzidos na “Septuaginta”, razão pela qual Orígenes, por volta de 228 d.C., compôs a Hexapla, ou versão de seis colunas, contendo a versão grega dos Setenta e as três traduções gregas do Antigo Testamento efetuadas por Áqüila do Ponto, Teodoro de Éfeso e Símaco de Samaria. Estas Três últimas foram realizadas, respectivamente, em 130, 160 e 218 d.C. Além destas, constavam nas duas últimas colunas o texto hebraico e o mesmo texto em grego. Esta grandiosa obra, constituída de cinquenta volumes, perdeu-se provavelmente quando os sarracenos saquearam Cesaréia em 653 d.C.

Em 382 d.C., o bispo Dâmaso encarregou Jerônimo de traduzir da Septuaginta para o latim o livro dos Salmos e o Novo Testamento, o que ele fez

em três anos e meio. Mais tarde, um novo bispo assumia a direção da Igreja em Roma e percebia, com inveja, a grande cultura e influência de Jerônimo. Este, perseguido e humilhado, se dirige a Belém, na Terra Santa, e ali estuda e trabalha durante trinta e quatro anos na tradução de toda a Bíblia para a língua latina. Jerônimo escreveu ainda vinte e quatro livros de comentários bíblicos, um conjunto de biografias de eremitas, duas histórias da igreja primitiva e diversos tratados.

Mais tarde, a Bíblia de Jerônimo ficou conhecida como *Vulgata* (vulgar), e foi a base de todas as traduções durante os mil anos seguintes. No concílio de Trento (1545-1547), a igreja católica proclamou a *Vulgata* como a autêntica versão das Escrituras em latim, e pronunciou um anátema “sobre qualquer pessoa que afirmasse que qualquer livro que nela se achava não fosse totalmente inspirado em toda a parte”.

Discordando da posição do concílio tridentino, muitos eruditos modernos acham a *Vulgata* uma tradução pobre, com algumas falhas graves.

6) O que vem a ser os códices e manuscritos bíblicos?

A partir do quarto século depois de Cristo, os livros cristãos passaram a ser escritos em códice, do latim *codice*, palavra derivada de *caudex*, que era uma tabuinha coberta de cera, na qual se escrevia com um estilete metálico denominado *stylus*.

O códice era a “forma característica do manuscrito em pergaminho, e assim denominada por oposição à forma do rolo” (Aurélio). Reunidos por um cordão que passava por orifícios feitos no alto dos exemplares, à esquerda, os códices ficavam em forma de livro, portanto bem mais práticos de serem manuseados que os antigos rolos.

Os mais importantes códices são:

- ✚ O Sinaítico — produzido cerca de 325 d.C., contém todo o Antigo Testamento grego, além das epístolas de Barnabé e parte do Pastor de Hermas. Foi encontrado pelo sábio alemão Constantino Tischendorf, em 1844, no mosteiro de Santa Catarina, situado na encosta do Sinai. Tischendorf viu 129 páginas do manuscrito numa cesta de papel, para

serem lançadas ao fogo. Percebendo o seu enorme valor, levou-as para a Europa. Em 1859 voltou ao mosteiro e encontrou as páginas restantes. Doadas pelo seu descobridor a Alexandre II, da Rússia, essa preciosidade foi posteriormente comprada pela Inglaterra pela vultosa quantia de cem mil libras esterlinas. Está no Museu Britânico desde 1933.

- ✚ O Alexandrino — de meados do quarto século d.C., contém o Antigo Testamento grego e quase todo o Novo, com omissões de 24 capítulos de Mateus, cerca de quatro de João e oito da Segunda Carta aos Coríntios. Contém ainda a Primeira Epístola de Clemente de Roma e parte da Segunda. Está no Museu Britânico.
- ✚ O Vaticano — do quarto século d.C., contém o Antigo e o Novo Testamento com omissões. Está na Biblioteca do Vaticano.
- ✚ O Efraemi — produzido por volta de 450 d.C., acha-se na Biblioteca Nacional de Paris.
- ✚ O Baza — encontrado por Teodoro Baza no mosteiro de Santo Irineu, na França, em 1581, está vinculado ao quinto século d.C., e encontra-se atualmente na Biblioteca de Cambridge, Inglaterra.
- ✚ O Washington — produzido nos séculos quarto e quinto d.C., acha-se no museu Freer, na capital dos Estados Unidos.

Há, ainda, vários outros códices de menor importância, expostos em museus e bibliotecas de várias partes do mundo. Somente de livros do Novo Testamento, completos ou em fragmentos, conhecem-se hoje 156.

Em se tratando de manuscritos em rolos, o mais antigo e o mais importante de todos foi encontrado casualmente em 1947 por um beduíno, numa bem dissimulada gruta, nas proximidades de Jericó, junto ao mar Morto. Examinado pelo professor Sukenik, da Universidade Hebraica de Jerusalém, revelou-se pertencer ao terceiro século antes de Cristo. Contém o livro completo de Isaías e comentários de Habacuque, além de outras importantes informações sobre a época em que foi escondido. É mais conhecido como — Os Rolos do Mar Morto.

7) Quais e o que são os chamados livros históricos da Bíblia?

Os hebreus denominavam de *Primeiros Profetas* os livros Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, considerando-os, porém, como quatro. Eles contrastam esses livros com os *Últimos Profetas*, que eram Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze Profetas Menores, também considerados como quatro livros.

Os termos *primeiros* e *últimos* não se referem necessariamente à sua cronologia histórica, mas ao primeiro e segundo grupo de livros. Os primeiros fornecem o cenário histórico aos últimos.

A designação desses livros históricos como “profetas” enfatiza o fato de que apresentam uma história religiosa ou com um objetivo religioso. Os primeiros profetas são históricos; os últimos, exortativos.

É interessante observar que Jesus, na parábola dos lavradores maus, que vem a ser a história resumida de Israel, menciona que o proprietário da vinha enviou seus servos em dois grupos, os primeiros e os últimos. Afirma a Bíblia que “os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava” (Mt 21.45).

A denominação de *históricos* classifica em geral os doze livros de Josué a Ester. Diferem dos livros de Moisés, os quais também são históricos quanto à ênfase fundamental.

O Pentateuco traça a história redentora desde a criação até a morte de Moisés, mas dá destaque à aliança e aos alicerces legislativos de Israel. Os livros históricos, por outro lado, dramatizam o movimento histórico da nação durante toda a sua história na Palestina. Embora contenham temas religiosos e interlúdios exortativos (vários ciclos de juízes e profetas), a investida maior é no desenvolvimento histórico de Israel.

Sua autoria — Todos os doze livros históricos são anônimos, em contraste com os últimos profetas, todos identificados. Foram visivelmente escritos ou compilados por vários indivíduos que possuíam o dom profético.

Quatro desses são geralmente considerados como tendo como autores principais — Josué, Samuel, Jeremias e Esdras. Este último com o auxílio editorial do sumo sacerdote Eleazar, além dos profetas Natã e Gade.

É evidente que Jeremias foi auxiliado na compilação de Reis pelo seu secretário, Baruque. Na maioria dos casos, foram aproveitados nesses livros vários documentos e crônicas, usados sob a orientação do Espírito Santo pelos autores ou compiladores.

Movimento histórico — Estes livros registram a história de Israel desde a

ocupação da Palestina sob a liderança de Josué, passando pelas apostasias que levaram o povo a ser expulso pelos assírios e babilônios, até a restauração parcial pelos persas. O período cobre cerca de 1.000 anos, de 1405 até 425 a.C.

Estes livros dão a estrutura histórica ao restante do Antigo Testamento até a época de Neemias e Malaquias. Vão de Moisés, o legislador, até Esdras, mestre da lei. As palavras finais de Moisés, em Dt 28-30, constituem uma introdução excelente aos livros históricos. Ou, digamos, os livros demonstram exatamente o que Moisés disse naqueles capítulos sobre o que seria feito pelo Senhor no caso de serem ou não obedientes.



Capítulo 2

PROFECIAS

8) Estaria o Conselho Mundial de Igrejas defendendo o estabelecimento de um governo mundial na terra?

Caro leitor, vamos destacar aqui dois pronunciamentos de líderes desse Conselho, ou Concílio. O primeiro, de Kenneth Kaunda, então presidente da Zâmbia e membro da Igreja Unida. Na Quarta Assembléia Geral do CMI, cujo tema principal foi a justiça social, disse ele:

“O mundo está numa encruzilhada e os membros da comunidade internacional perderam sua rota e seus objetivos. Estamos chegando ao fim do otimismo. Não tem sido a década da impaciência, mas a do desapontamento e desilusão para as novas nações independentes...

“Desenvolvimento é uma causa ética, bem como social e econômica. É um problema para a consciência cristã. Para que o objetivo seja alcançado, é necessário uma pressão moral e política sobre os líderes. O serviço de Deus vai muito além da caridade e das atividades sacerdotais. Ele atinge o completo desenvolvimento do homem: desenvolvimento que abrange o total

humanismo... que abrange a justiça, com a qual a Igreja está grandemente comprometida e que pode somente ser alcançada e realizada no contexto global da vida...

“É agora o tempo para ações positivas para salvar a humanidade da destruição e criar condições sob as quais a unidade do mundo possa ser sentida em termos práticos”. (Discurso pronunciado em Upsala, Suécia, em julho de 1968. A nota foi também referida no jornal *O Estado de São Paulo*, edição de 7 de julho de 1978.)

O segundo pronunciamento é de Frederick Nolde, diretor da Comissão de Igrejas sobre Questões Internacionais do CMI:

“Chega-se a duvidar da sanidade mental quando se ouve a afirmação de que os testes de armas nucleares de muitos megatons promoverão a segurança... Uma guerra preventiva, ou guerra chamada justa, é um convite à destruição mútua... A defesa contra a agressão, muito freqüentemente, pode ser uma máscara para ocultar a agressão.

“Movimentos de libertação que envolvem forças militares ou a ameaça de usá-las, infelizmente, tendem a tornar-se movimentos escravizadores. Toda ação militar deve ser feita estritamente de acordo com a carta e o espírito da Carta das Nações Unidas, pela qual, na situação contemporânea, a conduta das nações deve ser governada”. (Discurso proferido durante a Terceira Assembléia geral do CMI, realizada em Nova Delhi, Índia, em 1961.)

Os discursos acima mostram claramente o objetivo do CMI, de implantar no mundo um governo internacional. À luz da Palavra de Deus, tal objetivo reveste-se de significativa importância, pois as profecias bíblicas falam claramente de um governo mundial nos últimos tempos.

Muitos outros pronunciamentos oficiais do CMI deixam bem claro que as providências estão sendo tomadas nesse sentido político. O mesmo orador disse ainda que “as igrejas deveriam exortar os governos a se desincumbirem da totalidade de suas responsabilidades... As nações precisam anular progressivamente aqueles aspectos de soberania... a verdadeira comunidade internacional é requerida no mundo de hoje”.

9) Quando ocorrerá o arrebatamento da Igreja?

Deixando de lado as interpretações distorcidas de alguns grupos sectários, há pelo menos três datas recentes, indicadas por evangélicos, nas quais Jesus já deveria ter arrebatado a igreja. Cada uma dessas três datas se relaciona com um diferente país: Estados Unidos, Coréia do Sul e Brasil.

A primeira data para o arrebatamento teve como ponto de partida 1948, ano da independência política de Israel. Somando-se a essa data os 40 anos de uma geração, chega-se a 1988, como o ano do estabelecimento do milênio. Como a igreja é arrebatada sete anos antes, Jesus deveria ter buscado a igreja em 1981.

A segunda data, indicada por um profeta sul coreano que fundou a Missão Taberá, seguiu o mesmo esquema, mas com a diferença de que uma geração não seria de 40, mas de 51 anos, resultado obtido pela divisão do período que vai de Abraão a José pelas 42 gerações, conforme registra Mateus na genealogia de Jesus. Segundo esses cálculos, Jesus deveria ter arrebatado a igreja em 1992.

A terceira data foi indicada por alguns brasileiros, que partiram, não da independência de Israel, mas da tomada de Jerusalém pelos judeus na guerra relâmpado em 1967. Assim, 1967, mais 40 anos, é igual a 2007. Menos sete anos, Jesus deveria ter arrebatado a igreja no ano 2000!

Um conhecido evangelista norte-americano adotou o mesmo ano de 1967 como o início da última geração referida por Jesus, salientando, porém, que esse período vai de 40 a 50 anos. Dentro dessa interpretação, o rapto da igreja poderia ocorrer desde 2000 até 2010.

Nunca fiz cálculos a fim de marcar uma data para o rapto da igreja. Percebo claramente nas Escrituras que não nos cabe saber a data, embora seja nosso dever saber a época mediante os sinais que o próprio Senhor Jesus nos deixou. Aliás, a palavra *geração*, como aparece em Marcos 13:30, pode significar *raça* ou *nação*; *humanidade* em geral.

Sem indicar data, a Bíblia dá algumas diretrizes acerca da época em que ocorrerá o arrebatamento:

Quando for meia-noite. “Mas, à meia-noite ouviu-se um grito: Aí vem o noivo, saí ao seu encontro”. Jesus estava se referindo ao final do dia da graça.

Quando chegar a plenitude dos gentios. Afirmar a Bíblia que Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegue a plenitude dos gentios”. Esta passagem fala da igreja, formada na sua maioria por povos não judeus. Deus sabe quantas pessoas hão de compor a igreja, e no momento em

que se converter o último gentio, então ocorrerá o arrebatamento.

Quando findar o dia da graça. “Este é o dia em que o Senhor agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia”. O Senhor inaugurou esse dia de regozijo justamente após a rejeição do Messias, como mostra o contexto: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular. Isso vem do Senhor, e é algo maravilhoso para nós”.

Finalmente, *no começo dos sinais*. Em relação à nossa redenção no rapto, as palavras de Jesus são muito claras: “Quando começarem a acontecer estas coisas, levantem-se e ergam a cabeça, porque estará próxima a redenção de vocês”.

10) Qual o propósito do rapto da Igreja?

Caro leitor, há diversos propósitos divinos para o arrebatamento. O primeiro é *revivificar os mortos em Cristo*. Todos os crentes fiéis serão ressuscitados por ocasião do arrebatamento. É o que a Bíblia claramente ensina.

O segundo propósito do arrebatamento será *transformar os nossos corpos*. Imediatamente após a ressurreição dos que dormiram em Cristo, os cristãos que estiverem vivos não provarão a morte, mas serão transformados e trasladados juntamente com os que tiverem sido ressuscitados.

A ciência afirma que a nossa vitalidade culmina aos 16 anos; a nossa visão começa a falhar aos 19 anos, e a nossa audição vai diminuindo a partir dos 21 anos. É verdade que começamos a morrer no dia em que nascemos. Mas este corpo corruptível e mortal será revestido do novo corpo incorruptível e imortal. O terceiro propósito do arrebatamento será a *revelação de Cristo*. Jesus orou para que um dia pudéssemos ver a sua plena glória, que ele na verdade nunca pôde revelar aqui na terra.

O quarto propósito do arrebatamento será o de *livrar-nos da tribulação*. A igreja não passará pelo período da grande tribulação.

O quinto propósito do arrebatamento é o de nos *levar ao encontro do Senhor nos ares e à Casa do Pai*. São conhecidíssimas as consoladoras palavras de Jesus aos seus discípulos: “E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver”.

O Salmo 24 tem sido considerado como uma descrição de como foi a entrada triunfal de Jesus no céu, após a sua ascensão, e de como será a sua futura entrada com a igreja.

Note a diferença entre as duas entradas: “Abram-se, ó portais; abram-se, ó portas antigas, para que o Rei da glória entre. Quem é o Rei da glória? O Senhor forte e valente, o Senhor valente nas guerras”.

A expressão: “o Senhor valente nas guerras” aponta para a primeira entrada. Depois vem o segundo cântico (vv. 9-10): “Abram-se, ó portais; abram-se, ó portas antigas, para que o Rei da glória entre. Quem é o Rei da glória? O Senhor dos Exércitos; ele é o Rei da glória!”. Como o Senhor dos Exércitos Jesus não entra só, mas acompanhado dos milhões que ele comprou com o seu sangue precioso.

O sexto propósito do arrebatamento será a *revelação da face de Deus*. Ver a face de Deus será o mais elevado de todos os privilégios. Jesus disse que são “Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus”.

O apóstolo Paulo, ao tratar das nossas presentes limitações, fala do novo corpo que cada cristão receberá por ocasião da ressurreição ou do arrebatamento, e afirma: “então conhecerei plenamente”.

A Bíblia afirma ainda que ali no céu “já não haverá maldição nenhuma. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão. Eles verão a sua face, e o seu nome estará em suas testas”.

11) Que características tem a Igreja, como Noiva de Cristo?

A igreja é *virgem*. No Antigo Testamento, a virgindade em sentido figurado indicava a fidelidade de Israel ao seu marido, Deus. A adoração de qualquer outro deus significava adultério espiritual. Em o Novo Testamento permanece o mesmo sentido: “O zelo que tenho por vocês é um zelo que vem de Deus. Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a ele como uma virgem pura”.

A igreja é *gloriosa*. O apóstolo Paulo nos dá alguns traços da noiva que Jesus apresentará a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.

A glória da igreja está em ser ela, hoje, o templo do Espírito Santo na terra, e também em seus privilégios futuros: Como corpo de Cristo, a igreja experimenta “a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância”. Partilhará da glorificação de Cristo. “E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou”.

Segundo Efésios 5.27, a igreja não tem mancha (contaminação), nem ruga (sempre renovada, jovem), é santa (separada do mundo, habitação do Espírito Santo), e é inculpável (ausência de defeitos morais).

A igreja *recebe presentes antes das bodas*. Abraão, Isaque, Eliezer e Rebeca, como tipos respectivos de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo e a igreja, constituem lições preciosas para nós hoje, como povo de Deus.

O Pai envia o Espírito Santo ao mundo a fim de preparar e levar uma noiva para seu filho Jesus. O Espírito Santo, vindo a este mundo com tal finalidade, dá à noiva “jóias de ouro e de prata e vestidos”.

O ouro fala de glória e realeza, pois a igreja reinará com Cristo em glória; a prata significa resgate, por isso o siclo do santuário, destinado ao resgate dos alistados, era de prata; os vestidos indicam sempre a justiça divina com a qual somos justificados diante dele, e podem indicar as vestes de salvação e de louvor de que fala o capítulo 61 de Isaías. Em o Novo Testamento, diz a Bíblia que é o Espírito Santo quem dá dons à igreja.

A igreja *recebe uma ama*. O mesmo Espírito Santo, representado no Eliezer que prepara e leva a noiva, está representado também na ama. Jesus falou do Espírito Santo como a ama da igreja: “E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês”.

A igreja *ficará à direita do Noivo*. Assim como o Filho está assentado à direita do Pai, assim também a igreja ocupará o seu lugar à direita do noivo Jesus. A figura está no Salmo 45.9: “Filhas de reis estão entre as mulheres da tua corte; à tua direita está a noiva real, enfeitada de ouro puro de Ofir”.

Finalmente, a igreja *se esquece da casa de seu pai*. Se pudéssemos nos lembrar de todas as coisas tristes deste mundo, dos parentes e amigos não salvos, o céu deixaria de ser céu. Por isso a Bíblia afirma acerca da noiva:

“Ouça, ó filha, considere e incline os seus ouvidos: Esqueça o seu povo e a casa paterna”.

12) O que será a grande tribulação?

Diz o profeta Isaías que o povo de Deus vai entrar nos seus quartos, trancar as portas e esconder-se por um momento, até que a ira divina haja passado. E o apóstolo João afirma que todo “aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas todo aquele que rejeita o Filho não verá a vida, pois sobre ele permanece a ira de Deus”.

Na Carta aos Efésios o apóstolo Paulo afirma que o homem no seu estado de pecado, que anda nos desejos da carne, fazendo a vontade desta e de seus pensamentos, é merecedor da ira divina (2.3). E mais adiante adverte que a ira de Deus virá sobre os que vivem na prática do pecado (5.6).

Na sua primeira carta aos tessalonicenses (1.10) o mesmo apóstolo aos gentios nos exorta a aguardarmos dos céus a Jesus Cristo, “que nos livra da ira vindoura”.

Em Apocalipse temos a revelação de que os perdidos vão pedir aos montes e aos rochedos que caiam sobre eles a fim de escondê-los da ira daquele que está assentado no trono, e da ira do Cordeiro! “Pois é vindo o grande dia da ira deles, e quem poderá subsistir?”

Em Apocalipse lemos que os adoradores da besta e da sua imagem beberão do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da sua ira. E serão ainda atormentados com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro.

Mais adiante João vê nos céus sete anjos que tinham as sete últimas pragas, nas quais se completa a ira de Deus. “E um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre”.

Em outra visão (19.15), João descreve Jesus como o vitorioso cavaleiro de cuja boca saía uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. “Ele as governará com cetro de ferro. Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso”.

Outros textos bíblicos falam da ira divina manifestada contra os que

rejeitaram o Messias, os quais serão confundidos pelo furor de Deus (Salmo 2.5); através de Miquéias (5.15), Deus avisa que com ira e indignação se vingará das nações que não lhe bedeceram. E por meio de Isaías (34.2), o Senhor revela a sua indignação contra todas as nações, afirmando que a sua ira está sobre todos os exércitos delas.

A Bíblia também fala desse tempo de tribulação como o dia da vingança de Deus contra todos os povos da terra, inclusive Israel, que será profundamente ferido. Mas esse também será um tempo de divina retribuição em defesa da causa de Sião, que será salvo.

Jeremias fala desse tempo como um dia terrível e sem comparação, pois será um tempo de angústia para Jacó, “mas ele será salvo” (30.7). Daniel, referindo-se a esse mesmo tempo, diz que haverá um tempo de angústia qual nunca houve desde o início das nações até então (12.1).

Oséias e Isaías falam desse tempo como a época em que Israel será uma nação ferida, mas cuja ferida será curada.

Nestas duas passagens temos uma seqüência de eventos que precedem o milênio, e que em parte já se cumpriu. Tivemos o despedaçamento da nação no início da era cristã, e estamos vivendo em pleno tempo da cura desse despeçamento, quando o povo israelita regressa à sua antiga pátria depois de quase dois milênios. A ferida da nação israelense se dará somente após o rapto da igreja.

13) O que será a batalha do Armagedom?

Essa batalha será o ponto culminante da angústia de Jacó, ou seja, o período de grande tribulação, quando o ditador mundial comandará todos os exércitos do mundo contra Jerusalém. “Reunirei todos os povos para lutarem contra Jerusalém; a cidade será conquistada, as casas saqueadas e as mulheres violentadas. Metade da população será levada para o exílio, mas o restante do povo não será tirado da cidade”.

A batalha final do Armagedom lançará as forças do ditador contra os que vêm do Oriente e seus aliados. Será uma verdadeira guerra mundial. Toda a terra, em seguida, será lançada juntamente em oposição a Cristo, que estará retornando.

Armagedom significa, na língua hebraica, “Monte de Megido”. Esse monte fica ao sul do vale do Megido e a oeste do Carmelo.

Megido foi a capital da porção de Canaã dada a Josué. Está numa posição estratégica entre o Eufrates e o Nilo. Historicamente, Megido era uma fortaleza no começo da planície de Esdraelom. Importantes batalhas foram travadas ali ao longo da história de Israel, e é perfeitamente possível que esse termo se tenha tornado símbolo da grande batalha que, finalmente, libertará Israel de seus inimigos e dará o triunfo ao Messias de Israel, o Senhor Jesus Cristo, sobre a primeira besta e o Anticristo, os últimos e piores inimigos de Israel.

O local desse conflito mundial compreende a vasta planície de Esdraelom, que se estende do Mediterrâneo ao Jordão. Tanto a história bíblica como a secular mostram que grandes batalhas foram travadas nessa área, justificando, assim, a raiz hebraica de *armagedom*, que significa decepar, matar. Napoleão Bonaparte pôs-se sobre o monte Megido, contemplou o imenso vale e exclamou: “Todos os exércitos do mundo poderiam manobrar aqui para a guerra!”.

Tive a oportunidade de contemplar a mesma planície, só que do alto do Carmelo, e trazer aos companheiros de viagem uma meditação acerca da vitória de Elias ali no monte contra os profetas de Baal, e também comentar acerca do que muito breve irá acontecer no imenso vale que estava à nossa frente.

Biblicamente falando, Armagedom refere-se somente à batalha decisiva que porá fim ao ciclo de governos humanos, denominado na Bíblia de *os tempos dos gentios*, e marcará o início do reino milenial do Senhor Jesus.

De fato, o porto de Haifa, que está na entrada desse vale, é uma das áreas da Palestina mais apropriadas ao desembarque de tropas anfíbias. A vasta região proporciona grandes espaços para o aquartelamento de tropas, sua organização e instalação de abundantes equipamentos bélicos.

A Bíblia também relaciona o Armagedom com o *vale de Josafá*, ou *vale da decisão*. Através do profeta Joel, Deus diz: “Despertem, nações; avancem para o vale de Josafá, pois ali me assentarei para julgar todas as nações vizinhas. Lancem a foice, pois a colheita está madura. Venham, pisem com força as uvas, pois o lagar está cheio e os tonéis transbordam, tão grande é a maldade dessas nações! Multidões, multidões no vale da Decisão! Pois o dia do Senhor

está próximo, no vale da Decisão.

14) Quem será a primeira besta do Apocalipse?

A sombria figura do último ditador da terra aparece em muitas partes da Bíblia. No livro profético de Daniel ele é o desolador, a abominação desoladora, o chifre pequeno, o rei de duro semblante, o príncipe que há de vir e o rei que fará conforme a sua vontade.

Nos escritos de Paulo ele é o homem do pecado, o filho da perdição, o perverso. No último livro bíblico é ele a besta que ganhará o apoio de todo o mundo mediante promessas de paz, prosperidade e segurança. Em resumo, a primeira besta será o mais terrível tirano sobre a terra, o instrumento cruel da ira e do ódio de Satanás contra Deus e Israel.

Segundo Scofield, a besta que sobe do mar se identifica com o cavaleiro do cavalo branco (6:2), que começa a sua obra com a conquista pacífica de três dos dez reinos em que estará dividido então o primitivo império romano, para, em seguida, estabelecer a tirania política e eclesiástica descrita nos capítulos 8, 9 e 11 de Daniel e em Apocalipse 13. A ele concede Satanás o poder que ofereceu a Cristo no deserto da Judéia, poder que Cristo rejeitou e que a primeira besta aceitará.

Desta forma, a primeira besta surgirá na terra como homem forte, capaz de solucionar os gravíssimos problemas políticos e econômicos em que este mundo estará mergulhado logo após o arrebatamento da igreja e em virtude mesmo desse evento. Ele demonstrará um poder de liderança tão grande que ganhará a confiança de todos.

A falência dos atuais sistemas de governo favorecerá a ascensão do último imperador mundial antes do estabelecimento do milênio. Não é por acaso que está aumentando, em todo o mundo, o número de entidades políticas e religiosas favoráveis ao internacionalismo, a um só governo – o governo mundial.

Em um de meus livros, saliento que, se a Segunda Grande Guerra teve por meta eliminar a ditadura como forma de governo, como se afirmou na ocasião, é certo que aquela guerra ficou longe de alcançar tal objetivo. A ditadura comunista, desde então, chegou a hastear a bandeira da foice e do

martelo na metade do mundo, e movimentos nazi-fascistas se fortalecem cada vez mais. Parece que o trágico destino dos povos é o de se tornarem presa de cruéis regimes totalitários, até chegarem, finalmente, à mais feroz de todas as ditaduras políticas.

A Bíblia prevê a restauração do império romano e a manifestação de seu último cabeça. Daniel escreveu acerca do animal representativo do último império mundial: “O quarto animal é um quarto reino que aparecerá na terra, Será diferente de todos os outros reinos e devorará a terra inteira, despedaçando-a e pisoteando-a. Os dez chifres são dez reis que sairão desse reino. Depois deles um outro rei se levantará, e será diferente dos primeiros reis. Ele falará contra o Altíssimo, oprimirá os seus santos e tentará mudar os tempos e as leis. Os santos serão entregues nas mãos dele por um tempo, tempos e meio tempo”, ou seja: três anos e meio.

15) Como será o reino de Deus no futuro?

Daniel profetizou com muita clareza a vinda do reino messiânico de Deus a este mundo. Suas visões proféticas se estendem desde a sua época até o tempo final dos acontecimentos do mundo. O Senhor mostrou ao rei de Babilônia a imagem de um homem que representava os quatro grandes impérios do mundo: o babilônico, o medo-persa, o grego e o romano.

Segundo essa profecia, no final dos tempos uma pedra atingirá a estátua e a reduzirá a pó. O vento se encarregará de espalhar esse pó, mas a pedra se converterá em uma enorme montanha que encherá toda a terra. A vinda da pedra indica o retorno de Cristo para pôr um fim aos reinos da terra e estabelecer aqui o seu próprio reino de paz e justiça.

Jesus, ao voltar à terra, cumprirá as promessas do reino feitas a Davi. Tais promessas foram confirmadas pelo anjo a Maria, por ocasião do anúncio do nascimento de Jesus: “Disse-lhe então o anjo: Maria, não temas, achaste graça diante de Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim” (Lucas 1.30-33).

A Bíblia ensina que o dia virá em que as nações do mundo, especialmente

aqueles que têm oprimido a Israel, se submeterão às leis e à justiça divinas. Nesse tempo, o governo de Deus será como uma forte luz a dissipar as trevas que têm sobrevivendo a este mundo. Esse tempo será o milênio, quando todo o povo de Israel estará reunido na terra que Deus lhe prometeu, e Jerusalém será a capital do mundo, pois dali Jesus proclamará suas leis para toda a humanidade.

O advento de Cristo marcará o fim definitivo do governo humano sobre a terra. Cristo reinará sobre todas as nações do mundo. De acordo com o livro de Apocalipse, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos que João viu no céu já proclamaram, em cântico, essa gloriosa verdade, que se cumprirá quando soar a sétima trombeta e as vozes celestiais proclamarem: “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre”. Os crentes que forem transformados no rapto, ou ressuscitados na primeira ressurreição, “reinarão com ele durante os mil anos”.

A principal característica do reinado de Cristo será a justiça e a paz, pois naquele reino jamais haverá lugar para a opressão ou a guerra. O profeta registrou: “Vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo, um rei que reinará e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro. Este será o seu nome, com que o nomearão: O Senhor, Nossa Justiça”.

Embora não nos tenha sido dada nenhuma data para a vinda de Cristo, a partir da perspectiva de Deus podemos perceber que esse evento ocorrerá muito breve. O fato de a igreja primitiva ter enfatizado tanto essa segunda vinda deve dar-nos um sentido de urgência, uma vez que estamos vivendo vinte séculos mais próximos desse glorioso acontecimento do que os nossos irmãos do primeiro século. Por isso devemos levar a sério as advertências bíblicas e permanecer vigilantes, pois o Rei virá a qualquer momento.

16) O que será o milênio, segundo a Bíblia?

O rei Nabucodonosor, da Babilônia, depois de humilhado por causa de seu orgulho, reconheceu a grandeza do reino de Deus, quando disse: “Eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é um

domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são reputados como nada; segundo a sua vontade ele opera no exército do céu e nos moradores da terra. Não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?”

Querido leitor, antes de tratar do aspecto escatológico do reino de Deus, é importante saber que Jesus, embora rejeitado pelo povo e incompreendido até mesmo por muitos de seus próprios discípulos, cumpriu fielmente a missão que lhe havia sido confiada pelo Pai, de resgatar com seu precioso sangue os que nele cressem. E depois de vencer o diabo e a morte, ele entregou aos seus primeiros súditos as boas novas de salvação, e os mandou proclamá-las a todos os povos.

Os súditos do reino de Deus, sobre os quais Jesus reina hoje soberanamente, é chamado nas Escrituras de “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus”. Estes são alguns dos títulos da verdadeira Igreja. Esta fiel assembléia dos santos, enquanto estiver na terra como igreja militante, tem de lutar contra o reino das trevas, despoticamente governado por Satanás e seus agentes, e onde estão presos e escravizados todos os que ainda não nasceram de novo.

Acerca do reinado de Cristo, a ser estabelecido aqui na terra com a vinda de Jesus para o Milênio, as referências bíblicas são abundantes, razão porque as omitimos aqui a fim de não tornar esta resposta muito cansativa.

Deus prometeu a Abraão que da sua descendência sairiam reis. Jacó profetizou que o cetro não se apartaria de Judá, e que viria Silo, o Messias. Os profetas falaram de Cristo como rei. De fato, Jesus nasceu como rei, foi aclamado rei pelos judeus, testificou da sua realeza diante de Pilatos, como rei foi coroado e crucificado, e como rei foi recebido em cima nos céus.

Não foi por acaso que Pilatos ordenou que fosse afixada no cimo da cruz um anúncio de que Jesus era rei, escrito em grego, a língua da ciência; em hebraico, a língua da religião, e em latim, a língua do governo.

Como Rei dos reis e Senhor dos senhores Jesus é hoje glorificado. Como rei ele voltará com poder e grande glória, e reinará na terra durante mil anos. Finalmente, como rei ele entregará o Reino ao Pai, no final do Milênio, quando toda a rebelião estiver para sempre aniquilada.

Segundo a aliança estabelecida entre Deus e Davi, através do profeta Natã, a linhagem de Davi, o trono de Davi e o reino de Israel durariam para sempre.

Quando o Gabriel anunciou a Maria o nascimento de Jesus, disse que ele seria grande, e o Senhor Deus lhe daria o trono de Davi seu pai, e que ele reinaria sobre a casa de Jacó para sempre, e seu reino não teria fim. Aqui estão as mesmas três palavras-chave da aliança davídica: trono, linhagem e reino.

As nações não querem que Cristo reine sobre elas. Israel não quis e ainda não quer que Cristo reine sobre ele, mas Deus é fiel e executará a sua vontade. Jesus reinará!

17) Em que sentido o reino de Deus crescerá sempre, conforme Isaías 9.7?

De fato, Isaías afirma que o reino de Deus é o único que crescerá sempre. O profeta, evidentemente, fala do reinado milenial do Messias, mas já em nosso tempo presente o reino de Deus está sempre a crescer, segundo o que o próprio Senhor Jesus disse: E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações. Então virá o fim”.

A grande importância do reino de Deus está em que ele precede e sucede a era da igreja, e inclui todos os seres morais e inteligentes que se sujeitam voluntariamente a Deus, sejam anjos, igreja, ou os santos de dispensações passadas e futuras.

Foi esse reino que João Batista, Jesus e seus discípulos anunciaram, e que chegou à terra através da igreja. Ele veio em sua forma progressiva, e assim tem avançado através dos séculos e continuará avançando até a sua consumação, que ocorrerá no final do milênio, quando Cristo terá posto todos os seus inimigos debaixo de seus pés, e então entregará o reino ao seu Pai.

Quando Jesus disse aos líderes religiosos israelitas que o reino de Deus seria tirado deles e entregue a uma nação que desse os seus frutos, ele se referia à igreja. É interessante notar que Jesus usou o verbo no futuro, pois àquele tempo a era da igreja ainda estava no futuro. Essa era chegou com a rejeição final do Messias, que marcou o fim de uma dispensação e o início de outra. Pedro, ao falar da igreja como partícipe do reino de Deus, usou o verbo no presente: “Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido...”.

A profecia messiânica do Salmo 118, citada por Pedro em sua primeira carta,

diz que o Salvador, como a pedra angular, seria rejeitado pelos edificadores, os judeus (v. 22); que Jesus, como a Luz do mundo, morreria como a vítima da festa, atada às pontas do altar, o que aponta para a cruz (v. 27), e finalmente, com a rejeição do Messias por parte de Israel, Deus Pai inauguraria o dia da graça, no qual nos regozijaríamos e alegraríamos (v. 24).

Mas a presença do reino de Deus hoje no mundo, através da igreja, não ocorre em sentido pleno, mas restrito. Por isso Jesus afirmou que “o reino de Deus não vem com aparência visível”. Embora ainda restrito em sua abrangência, são bem visíveis os poderosos sinais desse reino na conversão e transformação de vidas, e nos milagres de cura dos enfermos, de libertação dos oprimidos do diabo, e na ressurreição dos mortos. É interessante observar que quando Filipe pregava o evangelho aos samaritanos, as multidões “ouviam e viam os sinais que ele fazia. Os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz, e muitos parálíticos e coxos eram curados. Havia grande alegria naquela cidade” (At 8.6-8). O reino de Deus, portanto, está sempre acompanhado das manifestações do poder ativo de Deus no coração e no corpo do homem.

A perenidade do reino de Deus não poderia ser melhor expressa do que neste texto: “Ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém” (Jd v. 25). A glória, a majestade, o domínio e o poder do reino de Deus é “*antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre*”.

18) Que tipo de profecia se cumpriu na Operação Tapete Mágico?

Caro leitor, a chamada Operação Tapete Mágico foi uma das mais extraordinárias operações de imigração dos tempos modernos, e realizou-se em 1948. Transportou dezenas de milhares de judeus para Israel, todos procedentes do Iêmen, pequeno país situado na extremidade sul da Arábia, junto ao mar Vermelho. É claro que algumas profecias relacionadas com o futuro regresso do povo israelita à sua terra se cumpriram nesse evento.

A história dos judeus iemenitas é fascinante. Acredita-se que muitos deles tenham imigrado para o Iêmen nos dias do rei Salomão, e fontes fidedignas

confirmam a continuidade deles naquele país desde os primeiros séculos do cristianismo. Durante todo esse longo tempo, nunca viram um automóvel, um trem de ferro, um avião, a luz elétrica ou qualquer invento moderno. Toda a sua cultura consistia em saber de cor o Antigo Testamento.

Enquanto viveram no Iêmen, esses israelitas sofreram todo o tipo de opressão. Em 1846, por exemplo, eles foram obrigados a limpar os esgotos da cidade de Sana, enquanto em 1921 um decreto determinava a conversão dos órfãos judeus ao islamismo. Como se isto não bastasse, não podiam vestir roupas finas nem usar meias; era-lhes proibido possuir armas e estudar a Torá fora da Sinagoga. Era um verdadeiro milagre que conseguissem ganhar a vida como ourives, tecelões, ferreiros, marceneiros e mascates.

Os primeiros imigrantes do Iêmen que chegaram a Israel pareciam seres vindos de outro mundo. Em lugar nenhum, durante todo o exílio do povo judeu, as antigas tradições haviam sido preservadas tão fielmente como entre eles.

Ao tomarem conhecimento da criação do Estado de Israel, em 1948, os dirigentes iemenitas organizaram um grande êxodo da Arábia para a Palestina.

“O único meio possível para chegarem ao porto de Áden era a pé, e assim fizeram. Alguns deles caminharam 1.500 quilômetros através de desertos e montanhas. Em certas ocasiões andaram debaixo de temperaturas escaldantes, noutras sob temperaturas frígidas, muito abaixo de zero. Ouviam-se as crianças gritar por água, umas tropeçando, outras caindo, mas podiam-se ouvir também os rabis que, em tom vibrante e estranho, diziam: “Dai mais um passo, filhinhos! Nós vamos a caminho da pátria para encontrar o Messias”. Dificilmente eles punham um pé à frente do outro, mas, mesmo tropeçando, prosseguiram”.

Ao chegarem a Áden e verem aquelas enormes “aves” enviadas pelo governo israelense para transportá-los à sua antiga terra, os judeus iemenitas se recusaram a entrar nelas. Então seus rabis leram a profecia de Isaías acerca do futuro retorno dos filhos de Israel, no capítulo 60, versículo 8, que diz: “*Quem são estes que vêm voando como nuvens, e como pombas às suas janelas?*”

Depois de explicarem que Deus os mandaria buscar e levar à sua antiga pátria em asas de águias, os judeus iemenitas subiram resolutamente para os aviões, sem qualquer receio. Em 450 vôos, a operação Tapete Mágico transportou cerca de 70 mil israelitas, e muitos deles, ao chegarem a Israel,

beijaram o solo e perguntaram: “Onde está o Messias?”

19) Quais os principais sinais dos tempos relacionados com a volta de Cristo?

Caro leitor, todo o contexto do sermão profético, nos capítulos 24 e 25 de Mateus, mostra que haveriam de ocorrer grandes sinais, entre eles terremotos, fomes e pestes em diversos lugares. “Haverá grandes terremotos, fomes e pestes, e acontecimentos terríveis e grandes sinais provenientes do céu”.

Em fevereiro de 2001, os repórteres da rede noticiosa norte-americana CNN comentaram que o século 21 havia começado com grandes tragédias: em apenas 15 dias havia ocorrido em todo o mundo oito grandes terremotos, todos com categoria acima de 5,5 na escala Richer. Entre esses terremotos, um na Índia ceifou cerca de 150 mil pessoas e deixou mais de um milhão desabrigadas.

Ao encerrar o ano de 2003, mais de cinquenta mil pessoas perderam a vida num terremoto no Irã. E em 26 de dezembro de 2004, tsunamis provocadas por um maremoto matam mais de 157 mil pessoas, fora as desaparecidas e as que morreram das doenças provocadas pelo caos.

Entre os sinais dos tempos poderíamos mencionar ainda o enorme avanço da ciência, a ida do homem à lua, os transplantes de órgãos humanos, objetos voadores não identificados (OVNIS), a pregação do evangelho em todo o mundo, inclusive via internet, a Bíblia traduzida em mais de 2.300 línguas e dialetos.

Em um de meus livros afirmo que, embora haja muitos sinais, é no moderno Israel que eles são mais salientes, pelo fato de Jesus ter dito aos discípulos que olhassem primeiramente para a nação israelita.

No lindo poema profético do Cântico dos cânticos de Salomão 2:13, lemos: “A figueira produz os primeiros frutos; as vinhas florescem e espalham sua fragrância. Levante-se, venha, minha querida; minha bela, venha comigo”. Veja agora, prezado leitor, o que Jesus nos diz em Lucas 21, versículos 29 e 30: “Observem a figueira e todas as árvores. Quando elas brotam, vocês mesmos percebem e sabem que o verão está próximo”.

A figueira é tipo de Israel, que já tem dado os seus frutos como nação. O que

mais impressiona o turista que visita Israel é ver a febre de trabalho por todo o país, como a construção de rodovias e cidades, e o cultivo do deserto. A profecia de que o deserto haveria de florescer está já praticamente cumprida. Vimos bem de perto, quando visitamos Israel, o que os guias turísticos chamam de quinto evangelho: Os locais por onde andaram Jesus e os discípulos, o getsêmani, o jardim do sepulcro vazio, e o cultivo de legumes e flores em pleno deserto.

As vinhas em flor, do Cântico dos Cânticos, podem indicar a igreja evangélica na sua multiplicidade, testificando de Jesus em todas as partes do mundo, e exalando o seu aroma: o bom cheiro de Cristo.

Outro sinal são as grandes inundações que estão ocorrendo cada vez mais amiúde em todas as partes do mundo, acarretando a destruição de cidades e vilas, perdas agrícolas, doenças e mortes. Segundo o Almanaque Mundial, no século dezenove ocorreram três grandes inundações em que morreram cerca de 938 mil pessoas. No século vinte ocorreram cerca de uma centena de grandes inundações em diversos pontos do globo, ceifando cerca de cinco milhões de pessoas.

20) O que serão as duas Babilônias?

As profecias bíblicas dão a entender que a Babilônia mencionada no Apocalipse não é a nação nem a cidade conhecidas pelos historiadores, tratando-se, destarte, de alguma combinação política e eclesiástica, da qual a Babilônia do Antigo Testamento era apenas um tipo. A segunda Babilônia está descrita principalmente no capítulo 18 de Apocalipse:

“Caiu! Caiu a grande Babilônia! Ela se tornou habitação de demônios e antro de todo espírito imundo, antro de toda ave impura e detestável, pois todas as nações beberam do vinho da fúria da sua prostituição. Os reis da terra se prostituíram com ela; à custa do seu luxo excessivo os negociantes da terra se enriqueceram” (vv. 2-3).

É dentro deste ponto de vista que respondemos à sua pergunta, meu caro leitor. A Babilônia do nosso tempo continua a sua ação corruptora, mas tanto dentro como fora dos arraiais romanistas, há muitos que não se deixam enganar pelos ardis diabólicos, e resistem às forças paganizadoras que

ameaçam corromper a fé cristã.

Exemplo do que acabamos de afirmar é o próprio nome “Babel” que, como forma grega de “Babilônia”, significa “Porta de Deus”. Este título se lhe apropria por ter essa cidade influenciado mais que qualquer outra o desenvolvimento da religião pagã no mundo antigo durante dezessete séculos.

Assim, a famosa torre de Babel, cujos restos a Arqueologia tem desenterrado nas cercanias da cidade propriamente dita, tornou-se símbolo da confusão religiosa, da rebelião contra Deus e do orgulho humano: “Nosso nome será famoso” (Gn 11.4). A memória de Ninrode, perpetuada na gravura e na escultura, “embelezou-se pela lenda que o transformou em divindade, a quem as gerações futuras dirigiam súplicas.”²

Foi em Babilônia, após o Dilúvio, que a mesma atitude de negação de Deus se manifestou, particularmente através de Ninrode e Semíramis. Era o mistério da injustiça a que se refere o apóstolo Paulo, mais uma vez operando desde a expulsão de Adão e Eva do Éden.

O objetivo de Satanás era organizar uma igreja falsa, estruturada dentro de um sistema religioso no qual fosse adorada uma falsa trindade. Dentro dessa organização o próprio Satanás vem preparando o mundo para a sua manifestação futura, quando reinará por um pouco de tempo sob a forma do Anticristo. As bases desse reinado são a glorificação do ser humano, a divinização de reis e imperadores, o culto à personalidade.

Somente dentro do sistema babilônico compreende-se a deificação dos césores e de outros homens ilustres, aos quais se erigiam templos e em sua honra se ofereciam sacrifícios e libações.

Eis aí um pálido retrato daquela cidade considerada o símbolo da soberba dos caldeus, tanto por sua própria grandiosidade e estratégica posição geográfica, como pela grande fertilidade de seu solo e pela glória de se haver iniciado em quase todos os ramos da ciência, de quem foram aprendizes e continuadores os gregos.

21) Que papel exerce Israel no cumprimento das profecias?

Caro leitor, Israel é uma prova concreta de que Deus existe. Apesar de

humilhado, perseguido, banido, massacrado, quase destruído por vezes, e isso durante milênios, vive ainda Israel!

Nenhum estudo sério da escatologia bíblica pode ignorar o povo de Israel ou colocá-lo em plano secundário, tendo em vista o que Jesus afirmou: “Olhai para a figueira, e para todas as árvores”. Israel é como o relógio de Deus, a indicar o passar do tempo desta presente dispensação da graça de Deus.

Não se pode negar a influência de Israel no destino dos povos. A promessa feita por Deus a Abrão em Gênesis 12.3: “Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem” tem sido rigorosa e admiravelmente cumprida através dos séculos, até os nossos dias. As nações que apóiam e protegem os israelitas são prósperas e abençoadas, ao passo que as que os perseguem são sempre castigadas: ou desaparecem, ou estagnam, ou são humilhadas, e, invariavelmente, perdem a bênção divina.

Israel é também uma afirmação viva de que um poder supremo, um poder inteligente, um poder que planeja, e cuida, e executa, dirige os destinos deste mundo. Certo imperador alemão, religioso, mas não crente; *protetor* da fé, mas não salvo, na sua hora de morte teve a presença de um pastor luterano que procurava incutir-lhe na mente a fé salvadora. A esse religioso desafiou o imperador:

— Dá-me uma prova da existência de Deus.

— O povo judeu, Majestade! — respondeu sem vacilar o pastor.

Sim, Israel, como uma nação viva, é uma prova concreta de que Deus existe. Israel vive como nação poderosa e próspera porque tem, dada por Deus, uma missão a cumprir nestes últimos tempos — não pode desaparecer.

Se Israel é uma prova irrefutável da existência de Deus; se Israel influi no destino das nações, quicá no das pessoas, então é preciso estudar com profundidade a vida desse povo, mas estudá-la em todos os seus aspectos, para conhecer as mais estranhas e verdadeiras circunstâncias que servem de roteiro para as pessoas e as nações.

O cidadão moderno necessita, para enfrentar a diversificada era em que vivemos, de ser uma pessoa bem informada, e, hoje, nenhuma educação se completa sem o estudo desse país que constitui um verdadeiro milagre do nosso tempo — O Estado de Israel — com cerca de 6 milhões e meio de habitantes e cercado por mais de cem milhões de inimigos que, apesar de lhe moverem, há décadas, e com o indisfarçável apoio da maioria das nações, uma

guerra contínua e cruel, não conseguem destruí-lo.

Esse Israel se firma como o inequívoco sinal dos tempos. A Bíblia avisa: “Quando virem acontecer estas coisas...” Que coisas? Terremotos, furacões, maremotos, guerras e rumores de guerras, fomes e pestes, e o povo de Israel de volta à sua antiga terra. Quando tudo isso estivesse acontecendo, como está acontecendo hoje, o arrebatamento da igreja e o prometido reinado messiânico estariam prestes a ocorrer. Ora vem Senhor Jesus.

22) Como entender a queda e a elevação de Israel, conforme a profecia de Simeão?

Caro leitor, o texto bíblico a respeito de Simão afirma, entre outras coisas, o seguinte:

“Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, que era justo e piedoso, e que esperava a consolação de Israel... Movido pelo Espírito, ele foi ao templo. Quando os pais trouxeram o menino Jesus para lhe fazerem o que requeria o costume da Lei, Simeão o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: Ó Soberano, como prometeste, agora podes despedir em paz o teu servo. Pois os meus olhos já viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos: luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel, teu povo”.

O pai e a mãe do menino estavam admirados com o que fora dito a respeito dele. E Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe de Jesus: “Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição” (Lc 2.25-34).

A ordem: ruína e levantamento, é diferente da história de outras nações, que segue o inverso: levantamento e queda. Assim foi com países como o Egito, Assíria, Babilônia, Média, Pérsia, Grécia, Roma, Alemanha e tantos outros.

Jesus, referindo-se à profecia da Pedra rejeitada pelos construtores, que eram os judeus, disse que todo aquele que caísse sobre ele, como a Pedra assentada em Sião, seria despedaçado (Mt 21.44).

Jesus se referia à queda de Israel, também predita em Daniel 9.26: “Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto, e já não haverá lugar para ele. A cidade e o Lugar Santo serão destruídos pelo povo do governante que virá. O fim virá como uma inundação: guerras continuarão até o fim, e

desolações foram decretadas”. Amós 9.9 afirma: “Pois darei a ordem, e sacudirei a nação de Israel entre todas as nações, tal como o trigo é abanado numa peneira; nem um grão cai na terra”.

Por haver rejeitado a João, a Jesus e aos primeiros discípulos, Israel foi destruído como nação e disperso entre os povos. Isso ocorreu nas duas guerras contra os romanos, de 67 a 70 e de 132 a 135 d.C.

Mas a Bíblia afirma com clareza que Deus não rejeitou Israel para sempre. Pela sua desobediência, esse povo foi endurecido. O mesmo sol que derrete a manteiga, endurece o barro. Ao opor-se Israel aos desígnios de Deus, foi então atirado ao juízo divino. Deus se recusa àquele que o recusa.

O propósito primeiro de Deus, de trazer os gentios ao arrependimento, não poderia deixar de ser alcançado por culpa de Israel. Ao haver rejeitado o Evangelho, Israel se tornara num obstáculo ao plano divino, e por isso teve de ser removido. O apóstolo Paulo explica que, pela transgressão dos judeus, veio a salvação aos gentios, para pô-los em ciúmes.

Mas Deus, que por amor não quer excluir ninguém, vai recolocar Israel no centro da sua soberana vontade, e isso ocorrerá quando o remanescente fiel converter-se ao Messias Jesus, no final da Grande Tribulação. Enquanto esse tempo não chega, podemos já, hoje mesmo, ver o início da exaltação de Israel.

23) Como tem sido o cumprimento de Levítico 26.33?

Antes de responder à pergunta, vamos ler aqui o referido texto bíblico: “Espalharei vocês entre as nações e empunharei a espada contra vocês. Sua terra ficará desolada, e as suas cidades, em ruínas”.

Poucas semanas após a morte de Jesus, Jerusalém, centro espiritual de todos os judeus da diáspora romana, abarrotava-se de peregrinos que ali compareciam anualmente, às centenas de milhares, por ocasião das festividades da Páscoa e do Pentecoste — pontos altos do culto israelita. O evangelista Lucas testifica este fato quando descreve a descida do Espírito Santo no Dia de Pentecoste:

“Havia em Jerusalém judeus, tementes a Deus, vindos de todas as nações do mundo... Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das

partes da Líbia, próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes”... (At 2.5, 9-11).

Semanas antes do Pentecoste, Jesus havia sido preso, julgado e crucificado numa atmosfera carregada de religiosidade e inflamada de um nacionalismo ardente e doentio. Foi assim, num momento de incontido ódio a Cristo e a sua mensagem, que os israelitas responderam a Pilatos: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos”.

Ao rejeitarem o Messias tão ansiosamente esperado, os israelitas atraíram sobre si e seus filhos as conseqüências terríveis de tão trágica escolha.

O advento do cristianismo não apagou a chama nacionalista dos judeus. Estes continuavam sua trama secreta e multiplicavam os atentados contra seus dominadores, tornando impossível qualquer solução pacífica a partir de maio de 1966. Então as autoridades romanas reagiram pelas armas na tentativa de sufocar a rebelião organizada, que pretendia assumir o controle do país.

Nero mesmo planejou esmagar a revolta, depois que os rebeldes aniquilaram as guarnições romanas do mar Morto e de Antônia. Várias e sangrentas batalhas travaram-se nas cidades de Galiléia, com elevado número de baixas em ambos os lados, mas prevalecendo sempre a férrea Roma, cujas legiões lutavam bravamente sob o comando de Vespasiano.

Após o suicídio de Nero, foi Vespasiano aclamado Imperador romano, e este deixou a última etapa da guerra aos cuidados de seu filho Tito. Este, na Páscoa do ano 70, ordenou o início do cerco de Jerusalém, determinando a construção de uma muralha de estacas ao redor da cidade, de sete quilômetros de comprimento, levantada em apenas três dias, a fim de impedir a fuga dos sitiados e forçá-los à rendição. Cumpriram-se as palavras de Jesus:

“Virão dias em que os seus inimigos construirão trincheiras contra você, a rodearão e a cercarão de todos os lados. Também a lançarão por terra, você e os seus filhos. Não deixarão pedra sobre pedra, porque você não reconheceu a oportunidade que Deus lhe concedeu” (Lucas 19:43-44).

Desde então os judeus têm sido perseguidos com expulsões em massa, com o extermínio de muitas de suas comunidades, e com muitas humilhações

24) Como entender, profeticamente, a carta de Jesus à Igreja de Éfeso?

Meu caro leitor, creio firmemente, como muitos outros estudiosos das profecias bíblicas, que as igrejas dos capítulos 2 e 3 de Apocalipse, embora tivessem existência real nos dias do apóstolo João, são proféticas no sentido de indicarem características da igreja universal durante determinados períodos da história. Assim, as sete igrejas foram escolhidas pelo Espírito Santo como representantes da igreja desde o Pentecoste até o arrebatamento.

A primeira carta foi dirigida a *Éfeso, a igreja apostólica*. “Ao anjo da igreja em Éfeso escreva: “Estas são as palavras daquele que tem as sete estrelas em sua mão direita e anda entre os sete candelabros de ouro. Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança. Sei que você não pode tolerar homens maus, que pôs à prova os que dizem ser apóstolos mas não são, e descobriu que eles eram impostores. Você tem perseverado e suportado sofrimentos por causa do meu nome, e não tem desfalecido.

“Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor. Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio. Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do lugar dele. Mas há uma coisa a seu favor: você odeia as práticas dos nicolaítas, como eu também as odeio.

“Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus (2.1-7).

O período abrangido pela igreja de Éfeso vai do Pentecoste até por volta do ano 100. O apóstolo João apresenta nesta passagem um quadro vivo do poder e do cuidado de Jesus pela sua igreja. Os sete candelabros representam as sete igrejas às quais são enviadas as sete cartas.

Na língua grega, o verbo “conservar” é *kratein*, que geralmente vem seguido do genitivo do que é conservado. Em geral, significa que temos em mãos uma parte de certo objeto. No texto em apreço, porém, o verbo vem seguido do acusativo, que significa segurar o objeto todo. É este o significado no versículo primeiro. Jesus segura a igreja toda em sua mão direita. Não na esquerda, mas na direita, que é o lado da bênção. Em seu cuidado amoroso ele abraça todas as igrejas.

O texto bíblico de Apocalipse 2.1-7 afirma que Jesus anda no meio dos sete candelabros. Ele está no meio das igrejas que sentem as frustrações e as perseguições dos judeus e de Roma. Jesus tem sido fiel à sua promessa de estar conosco todos os dias.

Éfeso parece ser uma igreja perfeita: com obras, trabalho, perseverança, que não tolerava os maus, punha à prova os que se diziam apóstolos, e odiava as obras dos nicolaítas. Mas o Senhor vê nela uma falta, uma só falta: “Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor”. Éfeso era uma igreja possuidora de um grande amor por todos os santos, mas havia deixado que esse amor desvanecesse.

25) Qual o significado da carta de Jesus à igreja de Esmirna?

“Ao anjo da igreja em Esmirna escreva:

“Estas são as palavras daquele que é o Primeiro e o Último, que morreu e tornou a viver: Conheço as suas aflições e a sua pobreza, mas você é rico! Conheço a blasfêmia dos que se dizem judeus mas não são, sendo antes sinagoga de Satanás. Não tenha medo do que você está prestes a sofrer. O Diabo lançará alguns de vocês na prisão para prová-los, e vocês sofrerão perseguição durante dez dias. Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida.

“Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. O vencedor de modo algum sofrerá a segunda morte (Ap 2.8-11).

Na linda cidade de Esmirna os romanos construíram em 26 d.C. um templo em honra a Tibério César, de sorte que essa cidade caracterizava-se pelo sincretismo — palavra que significa adoração a mais de um deus em pacífica coexistência.

Esmirna representa a igreja perseguida, onde predominava uma espécie de sincretismo religioso. Assim, as autoridades romanas diziam que os esmirnenses podiam praticar livremente a religião que desejassem, desde que reconhecessem o senhorio do divinizado César. Assim, tudo o que as pessoas tinham de fazer era queimar um pouco de incenso a César, dizendo que ele era o senhor, receber um certificado e ir adorar o deus que quisesse.

Portanto, em lugar algum era mais perigoso ser cristão do que em Esmirna, e a história relata que algumas das mais terríveis perseguições ocorreram justamente nessa cidade. Os cristãos se recusavam a prestar homenagem a César, pois para eles ou Cristo era tudo ou não era nada!

Não há, nesta carta a Esmirna, uma só palavra de reprovação. A igreja desse período, que vai de 100 a 313 d.C., suportou grandes sofrimentos em decorrência de pelo menos dez grandes perseguições movidas pelo império romano dominado pelo paganismo.⁴

Aos crentes de Esmirna Jesus disse que não deveriam temer o sofrimento, pois nada poderia destruir o relacionamento deles com o seu Senhor. Jesus não seria uma fuga das dificuldades, mas um companheiro em meio a essas dificuldades. Se morremos para nós mesmos quando entregamos nossa vida a Cristo, é certo que já não vivemos mais, mas Cristo vive em nós.

Os sofrimentos da igreja não provinham somente do mundo pagão, mas também de um grupo de falsos judeus que se consideravam o único povo de Deus na terra. Jesus os chama de “sinagoga de Satanás”.

Nota-se nesta carta o título que Jesus dá a si mesmo, que é “o Primeiro e o Último, que morreu e tornou a viver”. Jesus sabia o que era sofrer, e nunca abandonou seus discípulos na provação, mas prometeu-lhes a coroa dos mártires, que é a coroa da vida.

26) Como entender a Carta de Jesus à igreja de Tiatira?

Caro leitor, vamos analisar hoje as características da igreja de Tiatira, que vem a ser a igreja papal.

“Ao anjo da igreja em Tiatira escreva: “Estas são as palavras do Filho de Deus, cujos olhos são como chama de fogo e os pés como bronze reluzente. Conheço as suas obras, o seu amor, a sua fé, o seu serviço e a sua perseverança, e sei que você está fazendo mais agora do que no princípio.

“No entanto, contra você tenho isto: você tolera Jezabel, aquela mulher que se diz profetisa. Com os seus ensinamentos, ela induz os meus servos à imoralidade sexual e a comerem alimentos sacrificados aos ídolos. Dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua imoralidade sexual, mas ela não quer se arrepender. Por isso, vou fazê-la adoecer e trarei grande sofrimento aos que cometem adultério com ela, a não ser que se arrependam das obras que ela pratica. Matarei os filhos dessa mulher. Então, todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e retribuirei a cada um de vocês de acordo com as suas obras. Aos demais que estão em Tiatira, a vocês que não

seguem a doutrina dela e não aprenderam, como eles dizem os profundos segredos de Satanás, digo: Não porei outra carga sobre vocês; tão-somente apeguem-se com firmeza ao que vocês têm, até que eu venha.

“Àquele que vencer e fizer a minha vontade até o fim darei autoridade sobre as nações. ‘Ele as governará com centro de ferro e as despedaçará como a um vaso de barro.’ “Eu lhe darei a mesma autoridade que recebi de meu Pai. Também lhe darei a estrela da manhã. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2.18-29).

A carta a Tiatira é a mais extensa de todas, e nela o Senhor Jesus invoca a sua qualidade de Filho de Deus, cujos olhos desvendam todas as coisas. Não há nada encoberto diante dele.

Tiatira estava situada cerca de 33 quilômetros a sudeste de Pérgamo, e era a cidade natal de Lídia, primeira convertida do apóstolo Paulo na Europa. Seu nome pode significar “sacrifício contínuo”.

A fase da igreja de Tiatira, que começou em 590 d.C., vai até ao arrebatamento. O surgimento do papado, o afastamento da verdade e a paganização progressiva revelam que Tiatira está hoje personificada no catolicismo romano, surgido de fato no período de Pérgamo.

A lista de inovações introduzidas na igreja a partir do sexto século revela que a igreja romana tem resistido a todos os movimentos de reforma, ao longo de mais de dez séculos, e prosseguido em seu processo de paganização.

Eis uma pequena mostra dessas inovações:

Em 528, Félix IV, bispo de Roma, institui o rito da unção dos enfermos, que a partir do século XII recebeu o nome de “extrema-unção”. No mesmo ano de 528, Benedito de Mursa (ou São Bento) funda a ordem dos beneditinos. Por essa mesma época transformou-se na festa de Purificação de Maria a festa das Lupercálias, do paganismo, na qual em Roma se realizava uma marcha de archotes ao Palatino a fim de suplicar a colheita de frutas.

27) A profecia de Isaías 7.14, do nascimento virginal de Jesus, era uma profecia de cumprimento duplo?

Caro leitor, essa profecia é a primeira das “profecias do Emanuel”, nas quais a vinda do Messias é detalhada. Apesar de a profecia ter sido muito debatida, o

Novo Testamento declara a concepção e o nascimento virginal do Messias tanto gramatical quanto contextualmente em Mateus 1.23.

A palavra usada no Novo Testamento, “virgem”, pode ter outro significado. Mas, como na profecia foi prometido a Acaz um “sinal”, várias tentativas têm sido feitas para relacionar o nascimento virginal ao cumprimento no tempo de Acaz.

Alguns eruditos acham que a profecia foi cumprida no nascimento do filho de Isaías (8.3) ou de Acaz. Alguns acham que são duas profecias com dois cumprimentos diferentes: num futuro próximo e num futuro distante.

A fim de se examinar essa profecia adequadamente, devemos ter em mente diversos fatores referentes à gramática e ao contexto:

O contexto requer um cumprimento próximo: um “sinal” à “casa de Davi”, presumivelmente a Acaz, por ele ter recusado a libertação oferecida por Deus.

O termo “virgem” não se refere a uma mulher casada em quaisquer das referências do Antigo Testamento (Gn 24.43), nem a Septuaginta traduz esse termo como tal.

Como a profecia não foi apresentada como um “protótipo”, mas como uma predição específica, seu duplo cumprimento exigiria que houvesse um genuíno nascimento virginal, tanto no cumprimento próximo quanto no distante. Supondo que a esposa de Isaías fosse virgem na ocasião da profecia, isso não faria dela uma “virgem com filho” ao conceber.

Nenhuma criança, além do Messias, foi jamais chamada de “Emanuel” em qualquer dos testamentos. O nome quer dizer “Deus conosco”, o que só poderia ser dito com referência ao próprio Messias.

Foi dito a Isaías que conduzisse consigo o seu filho chamado “Um-Resto-Volverá”, ao levar a mensagem a Acaz, porque o seu nome era um “sinal” ou mensagem para Israel. Esse nome significava que um julgamento deixaria poucos sobreviventes, e que haveria um pequeno retorno.

O julgamento devia acontecer antes do “menino” ter a idade de 12 anos, ou seja, apto a recusar o mal e escolher o bem. As pessoas comendo “manteiga e mel” são identificadas no versículo 22 como os sobreviventes.

Essas considerações sugerem que foram dadas duas profecias em 7.14-16, uma predizendo o nascimento virginal do Emanuel, conforme observado em 9.6, e outra predizendo que o rei da Assíria derrotaria o reino do norte antes de Um-Resto-Volverá, filho de Isaías, chegar à idade da responsabilidade.

Mas, por ter Acáz rejeitado a libertação oferecida por Deus, ele e o povo de Judá também sofreriam o julgamento dos assírios, que quase devastariam também Judá (7.16-25). Isso explica a necessidade de haver um sinal para Acáz como um cumprimento próximo, e também preserva o cumprimento único do nascimento virginal que, obviamente, seria de um rei.

O texto de Isaías 9:6 refere-se ao nascimento de Jesus e ao dom do Filho. O menino nos nasceu, mas o filho, o Emanuel, não nasceu. Ele nos foi dado.



Capítulo 3

BÍBLIA & CIÊNCIA

28) Como os antigos sábios concebiam a forma e a sustentação da Terra?

Naqueles tempos distantes, e sem os recursos da moderna tecnologia, muitos sábios supunham ser a Terra em forma de um disco, circundado por águas. Acreditavam que se uma pessoa avançasse mar adentro poderia de repente chegar ao fim desse disco e desaparecer num abismo desconhecido.

Os gregos criam que o seu deus Atlas sustentava o nosso planeta. Para outros povos, ela estava equilibrada nas costas de um elefante, que estava em pé sobre uma tartaruga a nadar num mar universal! Essas teorias não dão a menor explicação sobre quem sustentava o deus Atlas ou o mar universal.

Quanto aos egípcios, alguns achavam que ela era apoiada sobre cinco colunas, e outros admitiam que nosso planeta havia sido chocado de um grande ovo cósmico, que possuía asas e voava. Os fatos científicos aceitos no Egito, ao tempo de Moisés, segundo recentes descobertas arqueológicas, explicam que enquanto aquele enorme ovo voava, completou-se dentro da

casca o processo de mitose e este mundo surgiu!

Era esta a última novidade ensinada no Egito nos dias de Moisés, o grande legislador dos hebreus que fora educado em todas as ciências egípcias (At 7.22). Todavia, onde está, nos escritos mosaicos, a teoria de que a Terra apoiava-se em cinco colunas ou de que fora chocada de um enorme ovo voador? Em vez destas “coqueluches científicas” da época, temos na Bíblia esta sublime revelação - “No princípio Deus criou os céus e a terra”.

Tales de Mileto, cognominado o “Pai da Ciência”, e que viveu uns cem anos depois do profeta Isaías, não conhecia a forma da Terra. Para ele esta tinha o formato de um pires. Anaximandro, contemporâneo de Tales, ensinava que a Terra era cilíndrica, com base igual a um terço da sua altura e que se mantinha imóvel no centro do universo em virtude de uma igual pressão de ar por todos os lados.

E dentre os grandes sábios do passado, ninguém sobrepujou Pitágoras no conhecimento do Universo. Depois da Bíblia, foi ele o primeiro a declarar que a Terra era redonda. Concordou, em parte, com Anaximandro quanto ao apoio da Terra e foi mais além, declarando que ela não estava parada.

Alexandre o Grande, no quarto século a.C., parece ter aprendido de Aristóteles, seu mestre, que a terra era redonda; pois em uma carta dirigida a Dario I, assim fala da bola que o rei persa lhe enviara - “A bola indica que a superfície da terra e a circunferência do globo obedecerão ao lugar-tenentes”.

Tal verdade científica ia demasiadamente além da sua época, pois foi o melhor sistema que se conheceu até Copérnico. Já que os pitagóricos tinham posto em dúvida a situação preferencial da Terra, enquanto Aristarco de Samos afirmava, no terceiro século a.C., que a Terra era muito menor que o Sol e se movia em redor dele.

Entretanto, uns duzentos anos antes de Pitágoras, o profeta Isaías registrou que Deus “é o que está assentado sobre o globo da terra” (40.22). Em outras traduções encontramos termos equivalentes a globo, como “redondeza”, “esfera”, etc.

Quanto ao apoio do nosso planeta, disse Jó treze séculos antes de Anaximandro e Pitágoras — “Deus... suspende a terra sobre o nada” (Jó 26.7).

29) O que são as estrelas?

Cada uma das estrelas que você vê à noite no céu, é na verdade uma violenta bola giratória de gás luminoso e quente. Os gases de uma estrela são comprimidos pela gravidade. A fim de melhor compreendermos as estrelas, temos de destacar alguns interessantes aspectos.

Em primeiro lugar - As estrelas obtêm sua energia “queimando” gases. Não é como queimar carvão, mas uma reação mais eficiente chamada fusão nuclear. É muito importante a quantidade de gás que uma estrela contém, pois este a influencia quanto à gravidade, à temperatura, à pressão, à densidade e ao tamanho.

Em segundo lugar - As estrelas vivem em galáxias; cada galáxia contém muitos tipos diferentes de estrelas. Os astrônomos só entenderam a verdadeira natureza das estrelas no século vinte. Até então, estavam mais preocupados com a posição delas.

Em terceiro lugar - Quanto ao espectro das estrelas, os astrônomos usam equipamentos especiais para colher e então separar a sua luz em um espectro em que há linhas de absorção. Cada estrela forma um espectro diferente. A astrônoma norte-americana Annie Jump Cannon ordenou o espectro de milhares de estrelas em diferentes tipos. Cada tipo recebe uma letra do alfabeto. Os principais tipos são O, B, A, F, G, K, M, onde cada tipo de estrela é mais frio que o anterior.

Em quarto lugar - As estrelas que se encontram na chamada sequência principal possuem uma cor que dá uma idéia da temperatura em sua superfície. As azuis são quentes, as vermelhas são frias. Se a temperatura da estrela é colocada em um gráfico contra a magnitude absoluta, quanto mais quente ela for, mais ela brilhará.

Todas as estrelas na sequência principal estão em um período estável de sua vida. O brilho é o resultado da fusão de hidrogênio em seus centros. Quando o hidrogênio se consome, a estrela sai da sequência principal. Estrelas com maior massa sairão mais depressa do que estrelas com massa menor.

Em quinto lugar - Algumas estrelas variam de brilho, razão por que são chamadas de variáveis. As chamadas Lyre RR mudam em menos de um dia. As Cefeidas gastam mais de 100 dias. As Mira podem levar dois anos para completar um ciclo. As Cefeidas mudam seu brilho porque mudam fisicamente de tamanho e temperatura. Elas liberam mais luz ao se expandir, e menos ao se contrair. Uma estrela não será sempre igual, e é normal que passe

por um período de instabilidade durante sua vida.

Em sexto lugar - Há também as estrelas anãs brancas. Se a massa da estrela for 1,4 inferior à massa do Sol, o carbono não passará por reações nucleares. Sem fonte de energia, a estrela passa a esfriar lentamente, transforma-se em um objeto de pouca luminosidade, ou seja, uma anã branca.

Em sétimo lugar - Finalmente temos as estrelas supernovas. Se a massa estelar for 1,4 superior à massa do Sol, as reações nucleares prosseguirão do carbono para o oxigênio, neônio, magnésio, até chegar ao ferro. Nesse ponto, dependendo de sua massa, a estrela pode explodir, transformando-se em uma supernova, e reiniciar as reações nucleares em seu interior, ou implodir, transformando-se num buraco negro.

30) Que diz a Bíblia acerca da grandeza do Universo?

Começemos, caro leitor, com o nosso planeta Terra. A idéia de que o nosso planeta era o maior de todos os astros e o centro dos movimentos celestes prevaleceu por muitos séculos. E quanto mais nos afastamos no tempo, mais generalizada encontramos essa teoria.

Todavia, é surpreendente a declaração do patriarca Jó, registrada uns dezoito séculos antes de Cristo, de que o nosso sistema planetário, ou melhor, aquilo que se pode ver a olho nu, são "... apenas a borda de suas obras! Um suave sussurro é o que ouvimos dele...", ou seja, apenas uma pequenina parte das suas obras (Jó 26.14).

Tal antecipação da ciência não pode ser obra de um homem que tenha vivido em época tão remota, há mais de trinta séculos antes do invento da luneta. Somos persuadidos a aceitar a única explicação plausível de que "homens santos falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.21).

Vejamos agora a opinião da astronomia moderna acerca da Terra em relação ao Universo, salientando inicialmente que, em virtude das dificuldades encontradas para o registro das distâncias que separam os astros, adotou-se um novo padrão de medida, o ano-luz, que é igual a 9.460.800.000.000 quilômetros, correspondente à distância percorrida pela luz durante um ano, a uma velocidade constante 300.000 km por segundo.

É servindo-se dessa unidade astronômica que se pode medir a Via Láctea, a galáxia onde nos encontramos, que caberia numa circunferência tão grande que para cruzá-la a luz precisaria de cem mil anos!

Distância inconcebível, quando sabemos que essa mesma luz precisa de apenas oito minutos e quinze segundos para cobrir os cento e cinquenta milhões de quilômetros que nos separam do Sol, e de apenas um segundo para dar sete voltas e meia em torno da Terra!

Contudo, as distâncias entre os astros de nossa galáxia significam muito pouco quando comparadas às dos cinco objetos flamejantes focalizados pelo Observatório de Monte Wilson. Dois deles estão distantes da Terra cerca de dez bilhões de anos-luz, ou seja, 95 seguidos de 24 zeros.

A luminosidade de cada um desses gigantes do infinito pode ofuscar o brilho de até cem galáxias iguais à Via Láctea, que se compõe de uns duzentos bilhões de astros, com uns trezentos e cinquenta milhões de sistemas solares!

Quanto ao tamanho desses fenomenais corpos celestes, alguns deles alcançariam a inconcebível dimensão de um bilhão de sóis iguais ao nosso, o qual, por sua vez, é um milhão e trezentas mil vezes maior do que a Terra!

Mesmo em relação às galáxias — que são imensos sistemas de estrelas, poeira cósmica e gases — há ainda muito por revelar.

Em 1987, um grupo de astrônomos da Universidade de Michigan, Estados Unidos, confirmou a descoberta da maior galáxia conhecida até hoje, uma gigantesca espiral, treze vezes maior do que a Via Láctea, e que foi denominada de Markarian 348. Esta galáxia, localizada na direção da constelação de Andrômeda, está a 300 milhões de anos-luz da Terra e tem uma forma estranha, composta por estrelas e gases, emitindo uma enorme quantidade de energia.

31) Como entender a grandeza do Universo, a diferença entre astronomia e astrologia, e a notícia de que o telescópio Hubble, em 1996, teria fotografado a Jerusalém celestial?

Meu caro leitor, no dia 26 de março de 1996, o telescópio espacial Hubble realmente enviou à Terra incríveis imagens do que parecia ser uma gigantesca

cidade espacial localizada a bilhões de anos-luz da Terra. Tão impressionantes são essas imagens que alguns cientistas da NASA chegaram de fato a comentar que o Hubble havia fotografado “o lugar onde Deus vive”, e o papa João Paulo II requisitou cópias de tais fotos (Weekly World News, Lantana, Flórida [Vol. 17, número 31], edição de 30 de abril de 1996).

Quanto à grandeza do Universo, a astronomia reconhece humildemente estar muito longe de ver o fim dele. Através de potentes telescópios, como os de Monte Palomar e Monte Wilson, nos Estados Unidos — o primeiro deles com uma lente de duzentas polegadas, capaz de fotografar objetos a dezenas de bilhões de anos-luz — os astrônomos só conseguem ver *gotas d'água* no imensurável oceano do Infinito.

Segundo as revelações do Hubble, há no Universo pelo menos cem bilhões de galáxias! O profeta Jeremias, que escreveu seus livros entre 627 a 586 a.C., registrou uma verdade hoje inegável pelos astrônomos — “Como não se pode contar o exército do céu nem medir a areia do mar...” (Jr 33.22).

O profeta fazia referência à grandiosidade do Universo, comparado, respeitando-se as devidas proporções, aos incontáveis grãos de areia de todos os vastos oceanos!

A tão assombrosa imensidão do Universo torna absolutamente impossível a sua representação em miniatura, mesmo na menor escala. Tomando como exemplo apenas um cantinho da Via Láctea, reduzamos a Terra a uma ínfima esfera de um milímetro de diâmetro, equivalente a uma cabecinha de alfinete. Onde colocaríamos a estrela Próxima, a que está mais perto de nós? Ela ficaria a uns trinta quilômetros de distância! Imaginem onde teríamos de colocar os corpos celestes mais distantes!

Finalmente, acerca da diferença fundamental entre astrologia e astronomia, a primeira não é uma ciência, ao passo que a segunda é a ciência mais antiga da humanidade. A astronomia começou a existir no momento em que o ser humano percebeu a diferença entre as estrelas e os planetas e começou a registrar as observações das posições desses corpos, exercitando assim a astrometria.

Posteriormente, não se contentando em apenas observar e registrar as posições dos astros, o ser humano começou a preocupar-se em explicar o porquê dos movimentos planetários.

Já a astrologia nasceu na Antigüidade, a partir da crença de que, se certas

configurações celestes determinavam a época de chuva e seca, a época de plantio e colheita, então essas configurações seriam também capazes de influenciar a vida de cada pessoa.

Shakespeare, referindo-se à astrologia, disse ser esta a “admirável desculpa do homem devasso — responsabilizar uma estrela por sua devassidão”.

32) Que tipo de riscos há nas pesquisas genéticas?

Antes de ser lançada a missão Apolo 11, em 1969, os cientistas do programa espacial imaginaram a possibilidade de a tripulação trazer do espaço alguns microorganismos desconhecidos e talvez letais. A NASA tomou precauções incríveis a fim de evitar essa ameaça, chegando mesmo a isolar os astronautas durante três semanas. Hoje, os cientistas ainda temem epidemias causadas por micróbios monstros, mas não os microorganismos da Lua, pois a nova ameaça está aqui na Terra e é chamada de engenharia genética.

Os engenheiros genéticos têm a capacidade técnica de extrair o DNA — a molécula principal da hereditariedade — de um organismo e misturá-lo com o DNA de outro organismo. De modo geral, isto torna possível a criação, da noite para o dia, de organismos híbridos que jamais existiram antes.

Um dos maiores receios relaciona-se às experiências com *E. Coli*, bactéria geralmente encontrada nos intestinos humanos e um microorganismo comum nos trabalhos de laboratório.

O que é possível com as novas técnicas de enxertos de genes é criar uma bactéria *E. Coli* que contenha o DNA de um animal (em uma experiência, o DNA de um sapo sul-africano foi introduzido na bactéria). Segundo os cientistas, isto poderia produzir uma bactéria causadora de câncer e, neste caso, uma bactéria habituada a viver dentro das vísceras dos seres humanos.

Outras experiências envolvem a introdução do traço de resistência a antibióticos em vírus. Se esses vírus escapassem de um laboratório, teríamos uma epidemia tipo Raça Andrômada, difícil de controlar.

A fim de estabelecer diretrizes para as pesquisas na engenharia genética, 140 cientistas de 16 países se reuniram na Califórnia em 1976 e resolveram que experiências com certos organismos altamente contagiosos de doenças fatais eram demasiadamente perigosas para serem realizadas. Também começaram a

estudar a criação de organismos de pesquisas que “se auto-destruíssem”, caso escapassem de um laboratório.

Mesmo assim, as diretrizes estabelecidas na conferência da Califórnia não podem, de forma alguma, controlar todas as pesquisas genéticas que estão em andamento no mundo. E há sempre a possibilidade de descuido em algum laboratório, em alguma data futura, desencadeando uma legião de micróbios mutantes.

Segundo a Bíblia Sagrada, nestes últimos tempos em que vivemos “os homens serão egoístas, avaros, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afastem-se desses também” (2 Tm 3.1-5).

33) Seria a Bíblia, também, um livro científico?

A Bíblia é, essencialmente, um livro religioso, que fala ao homem acerca da sua necessidade de Deus, e fala de Deus como de um Pai amoroso que ama e cuida de seus filhos. É este o importantíssimo papel que a Bíblia desempenha entre os homens.

Contudo, para que ela alcançasse plenamente seus nobres objetivos, aprovou Deus inserir nela informações rigorosamente exatas sobre Geografia, Astronomia, Medicina e demais ciências. Acima de tudo, a Bíblia não contém um só dos inúmeros erros científicos em voga nos longos séculos de sua redação. Vejamos alguns:

Naquela época distante, muitos supunham ser a Terra em forma de um disco, circundado por águas. Os gregos criam que o seu deus Atlas a sustentava. Para outros povos, ela estava equilibrada nas costas de um elefante, que estava em pé sobre uma tartaruga a nadar num mar universal! Essas teorias não dão a menor explicação sobre quem sustentava o deus Atlas ou o mar universal.

Quanto aos egípcios, alguns achavam que ela era apoiada sobre cinco colunas e outros admitiam que nosso planeta havia sido chocado de um

grande ovo cósmico, que possuía asas e voava. Os fatos científicos aceitos no Egito ao tempo de Moisés, segundo recentes descobertas arqueológicas, explicam que enquanto aquele enorme ovo voava, completou-se dentro da casca o processo de mitose e este mundo surgiu!

Era esta a última novidade ensinada no Egito nos dias de Moisés, o grande legislador dos hebreus que fora educado em todas as ciências egípcias. Todavia, onde está nos escritos mosaicos a teoria de que a Terra apoiava-se em cinco colunas ou de que fora chocada de um enorme ovo voador? Em vez destas “coqueluches científicas”, temos na Bíblia esta sublime revelação — “No princípio Deus criou os céus e a terra”.

Tales de Mileto, cognominado o “Pai da Ciência” e que viveu uns cem anos depois do profeta Isaías, não conhecia a forma da Terra. Para ele esta tinha o formato de um pires. Anaximandro, contemporâneo de Tales, ensinava que a Terra era cilíndrica, com base igual a um terço da sua altura e que se mantinha imóvel no centro do universo em virtude de uma igual pressão de ar por todos os lados.

E dentre os grandes sábios do passado, ninguém sobrepujou Pitágoras no conhecimento do Universo. Depois da Bíblia, foi ele o primeiro a declarar que a Terra era redonda. Concordou, em parte, com Anaximandro quanto ao apoio da Terra e foi mais além, declarando que ela não estava parada.

Tal verdade científica ia demasiadamente além da sua época, pois foi o melhor sistema que se conheceu até Copérnico. Assim, muitos séculos antes de Copérnico, já os pitagóricos tinham posto em dúvida a situação preferencial da Terra, enquanto Aristarco de Samos afirmava, no terceiro século a.C., que a Terra era muito menor que o Sol e se movia em redor dele.

Entretanto, uns duzentos anos antes de Pitágoras, o profeta Isaías registrou que Deus “é o que está assentado sobre o globo da terra” (Is 40.22), e quanto ao apoio do nosso planeta, disse Jó treze séculos antes de Anaximandro e Pitágoras — “Deus... suspende a terra sobre o nada” (Jó 26.7).

34) O que afirma a ciência moderna acerca do dia longo de Josué?

Depois de atravessarem o Jordão sob a proteção de Deus e comando de

Josué, os israelitas iniciaram suas conquistas territoriais em Canaã, arrasando a fortaleza de Jericó e destruindo a cidade de Ai. Estas vitórias deixaram atônitos e apavorados os habitantes daquelas terras, e, como nem todos se julgavam em condições de enfrentar os invencíveis invasores, um povo tradicionalmente conhecido como valente e astucioso conseguiu uma aliança de paz com Israel — eram os gibeonitas.

A aliança, unindo amigavelmente dois fortes sob mútuo juramento, em nada agradou aos cananeus, de uma maneira geral, e pareceu terrivelmente perigosa aos amorreus, por estarem estes na rota dos hebreus. A situação exigia-lhes providências urgentes e enérgicas, que foram tomadas.

Adonizete, rei da fortaleza de Jerusalém, diplomaticamente enviou cartas aos reis das cidades de Hebrom, Jarmuth, Lachis e Eglon, propondo-lhes a formação de uma força militar confederada, única maneira de enfrentar os exércitos de Gibeon e Israel.

O estratégico plano visava atacar um inimigo de cada vez — surpreenderiam Gibeon e, vencido este, avançariam dali até Gilgal, para a batalha final contra Josué e seu povo. Todos os aspectos do plano foram analisados pelos soberanos amorreus, levando em conta que estava em jogo a própria sobrevivência destes. Aceito o plano, a data do ataque ficou marcada.

Surpreendidos pelos poderosos confederados, os gibeonitas enviaram a Israel um dramático pedido de ajuda, e este, fiel à sua aliança, partiu em socorro de seu aliado, travando-se a mais importante batalha para Israel em todas as suas guerras de conquista. Os valentes de Josué caminharam durante toda a noite e surpreenderam seus inimigos ao raiar da manhã.

A luta durou todo aquele dia, mas à tarde os confederados começaram a debilitar-se e a fugir diante do furor de Israel. Foi então que Josué, percebendo que a noite favoreceria seus inimigos, ordenou ao sol e à lua para se deterem no céu, a fim de poder dar cabo de todos os seus inimigos. E assim aconteceu. O povo de Israel venceu a sua mais importante batalha e garantia sua própria existência como nação.

O relato de Josué é um dos casos apresentados pelos leitores superficiais da Bíblia como anticientífico, por afirmar que o sol gira em torno da Terra. Mas estas mesmas pessoas não hesitam em dizer, por exemplo: “o sol está nascendo”, “está a pino”, “o sol está se pondo”, etc., e nunca: “a Terra já deu outra volta” ou “meia volta”. A Escritura Sagrada usa a linguagem do povo, e

não a dos cientistas.

Kepler, o famoso astrônomo do século XVI, escreveu — “Nós dizemos com o povo: ‘os planetas param, voltam... o sol nasce e põe-se, sobe para o meio do céu’, etc. Falamos com o povo, exprimimos o que parece passar-se diante dos nossos olhos, posto que nada de tudo isso seja verdadeiro. Entretanto, todos os astrônomos estão nisso em acordo. Devemos tanto menos exigir da Escritura sobre este ponto, quando é certo que ela, se abandonasse a linguagem ordinária para tomar a da ciência e falar em termos obscuros, que não seriam compreendidos por aqueles a quem ela quer instruir, confundiria os fiéis simples e não conseguiria o fim sublime a que se propõe”.



Capítulo 4

HISTÓRIA

35) Qual a origem do ovo de páscoa?

As antigas doutrinas babilônicas ensinam que Tamuz foi morto por um javali, e por isso se observavam quarenta dias de jejum e pranto até à festa de Istar, que corresponde à páscoa dos judeus e da cristandade. Ao fim da quaresma ocorre a ressurreição de Tamuz. Esta “ressurreição” era comemorada com frangos, ovos e coelhos. A páscoa moderna tem por símbolos aceitos em todo o mundo o ovo e o coelhinho.

Com o passar do tempo, muitas festas e tradições surgiram e chegaram até nós, através da cultura de muitos povos e países diferentes. A palavra *easter*, páscoa em inglês, parece que vem da deusa anglo-saxônica da primavera, Eostre, derivada da Istar babilônica. Outros atribuem sua origem às festas de Eostur, que celebram a volta da primavera, também uma antiga tradição babilônica.

No hemisfério norte esta festa corresponde ao princípio da primavera, e por isso esse dia é festejado de muitas maneiras e de acordo com os mais diferentes

ritos pagãos. Há muitos séculos atrás, os sírios, troianos e nórdicos reuniam-se nos montes, ao amanhecer, a fim de celebrarem a volta do sol da primavera.

O ovo — significando começo, origem de tudo —, abriu caminho para outras tradições. Ele está presente na mitologia antiga, nas religiões do Oriente, nas tradições populares e numa grande parte da cristandade. Segundo alguns, a tradição dos ovos na comemoração da páscoa chegou ao Ocidente vinda do antigo Egito e, segundo outros, através de povos germânicos da região do Báltico.

Na Idade Média, os europeus adotaram o costume chinês de enfeitar os ovos, que eram cozidos e coloridos, e davam-se aos amigos na Festa da Primavera, como lembrança de contínua renovação de vida. Colorir os ovos se tornou arte requintada. Eram cozidos com tintas vegetais até endurecer. A fruta do tojo fornecia a cor amarela, e a beterraba o vermelho.

No século dezoito, a igreja católica romana adotou oficialmente o ovo como símbolo da ressurreição de Cristo, santificando desta maneira um uso originalmente pagão, e pilhas de ovos coloridos começaram a ser benzidas antes de distribuídas aos fiéis.

O coelho, como símbolo da fecundidade, apareceu por volta de 1215, na França, derivando-se também dos mistérios babilônicos. Uma mistura de mitologia pagã com a simbologia cristã paganizada.

A partir de 1928, quando o cacau começou a ser industrializado em larga escala, os enfeitados ovos de galinha foram substituídos pelos de chocolate, e assim continua o antigo costume pagão de presentear com ovos os amigos, na páscoa.

Em 1951, o papa Pio XII introduziu modificações na festa da páscoa numa tentativa de restituir-lhe o esplendor religioso, transferindo a missa que era celebrada no sábado de aleluia para a meia-noite, na passagem para o domingo. O sábado, como preparação para a páscoa, foi chamado de sábado santo. A partir do mês de novembro, o romanismo impõe ainda a seus fiéis, como preparação para a festa, uma série de ensinamentos sobre os sacramentos. A quaresma, através da penitência, é considerada de grande valia no preparo do povo.

36) O que foram as cruzadas?

As cruzadas foram enormes exércitos de peregrinos cristãos que, durante mais de três séculos, invadiram o Oriente Próximo a fim de libertar os lugares sagrados que estavam sob domínio muçulmano. Em linhas gerais, pouco sucesso obtiveram as cruzadas em termos políticos, e foram muito hostis aos judeus, tanto aos que viviam na Palestina como aos que constituíam as comunidades israelitas da Europa.

No ano 1096 foi organizada em Clermont, França, a primeira “guerra da cruz” contra os maometanos ocupantes dos lugares santos da Palestina. O principal promotor desses exércitos de peregrinos foi o papa Urbano Segundo. Sabendo do espírito belicoso dos franceses, o papa sabiamente escolheu a França para lançar o seu arrojado projeto.

Infelizmente, os cruzados comandados pelo mercenário francês Guilherme, abateram-se sobre as comunidades judaicas da Renânia, de Treveris, de Espira e de Worms, além de outros lugares. As hordas sanguinárias arrastaram homens, mulheres e crianças aos templos católicos para serem batizados à força, mas a maioria preferiu pagar com a vida sua fidelidade aos milenares princípios do judaísmo.

Raciocinavam os irmãos peregrinos que, antes de exterminarem os sarracenos no Oriente, precisavam eliminar no Ocidente os descendentes daqueles que crucificaram o Filho de Deus.

O historiador Joseph-François Michaud conta o seguinte acerca de um grupo desses peregrinos, reunidos às margens do Reno e do Mosela, que tinham por chefes o padre Volkmar e o conde Emicon:

Esses dois chefes admiraram-se de que se ia fazer guerra aos muçulmanos, que tinham sob sua lei o túmulo de Jesus Cristo, enquanto se deixava em paz um povo que tinha crucificado o seu Deus. E para inflamar as paixões, eles tiveram o cuidado de fazer falar o céu e de apoiar sua opinião em visões milagrosas.

O povo, para o qual os judeus eram por toda parte objeto de horror e de ódio, já se mostrava muito propenso a persegui-los. Emicon e Volkmar deram o sinal e o exemplo. À sua voz uma multidão furiosa espalhou-se pelas cidades vizinhas do Reno e do Mosela; massacrou impiedosamente a todos os judeus que encontrou em sua passagem.

No seu desespero, um grande número dessas vítimas preferiu suicidar-se, antes de receber a morte das mãos dos inimigos. Muitos encerraram-se em suas casas e morreram no meio de chamas que eles mesmos haviam ateados;

alguns amarravam grandes pedras às vestes e precipitavam-se com seus haveres no Reno e no Mosela. As mães sufocavam seus filhos ao seio, dizendo que preferiam mandá-los ao seio de Abraão, a vê-los entregues ao furor dos cristãos. As mulheres, os velhos, solicitavam a piedade para ajudá-los a morrer. Todos esses infelizes imploravam a morte, como os outros homens pediam a vida.

37) O que vem a ser a chamada “tradição da igreja católica”?

De acordo com a doutrina católico-romana - tradição é a palavra de Deus não escrita na Bíblia, mas transmitida oralmente de boca em boca, através dos séculos, e ainda registrada e interpretada na vastíssima e indeterminada obra dos escritores eclesiásticos, como Agostinho, Tertuliano, Cipriano, Ambrósio, Jerônimo, João Magno, Tomás de Aquino e em todos os decretos de concílios e pastorais de papas.

Um criterioso exame da tradição revela a fragilidade da sua base, pois a “palavra de Deus fora da Bíblia”, como é chamada, não passa de divergentes opiniões e idéias de homens acerca de assuntos morais, religiosos e bíblicos, uma vez que é impossível Deus contradizer-se na sua Palavra. Segundo afirma a Confissão de Westminster - “O supremo Juiz, pelo qual todas as controvérsias de religião são determinadas e todos os decretos de concílios, opiniões de escritores antigos, doutrinas de homens e espíritos privados serão examinados e cujas sentenças devemos acatar, não pode ser outro senão o Espírito Santo, falando através das Escrituras”.

Até à Renascença, a igreja romana não havia tomado uma atitude definida com respeito à tradição, em virtude do pouco conhecimento da Bíblia e da conseqüente fraca oposição aos dogmas católicos. Mas, com o advento da Reforma Protestante no século XVI e a abundante distribuição da Palavra de Deus por toda a Europa, o catolicismo foi desafiado a sustentar seus dogmas à luz refulgente da Bíblia. Como, logicamente, a maioria desses dogmas estavam divorciados da verdade, era forçoso encontrar outra autoridade que os apoiassem, a menos que fossem negados e renunciados.

O romanismo, porém, já se havia distanciado demais dos ensinamentos bíblicos

para voltar a harmonizar-se com eles, e preferiu então confirmar todas as suas doutrinas e apoiá-las em outra base. E assim, no Concílio de Trento estabeleceu-se o dogma segundo o qual a autoridade da tradição é absolutamente igual à das Escrituras. Esse mesmo concílio juntou ainda ao Cânon sagrado alguns livros apócrifos, ou seja, não inspirados por Deus, os quais preceituam alguns erros eclesiásticos.

Desde a época em que as muitas inovações anticristãs começaram a ser aceitas pela igreja romana, esta começou a encontrar dificuldades em justificá-las biblicamente. Tais dificuldades levaram o Concílio de Toulouse, em 1229, a uma medida extrema - proibir o uso da Bíblia a todos os leigos. A partir dessa data, o clero romano tudo fez para impedir a propagação da Palavra de Deus, não conseguindo, todavia, o seu intento.

Entretanto, depois dos grandes trabalhos de tradução e divulgação das Sagradas Escrituras, realizados por Wicliffe, Tyndale e Lutero, a igreja romana foi obrigada a reconsiderar, em parte, seu decreto de 1229, permitindo aos fiéis ler a Bíblia em edição por ela aprovada e desde que não formassem um juízo próprio de seus ensinamentos, mas aceitassem a interpretação tradicional da igreja, a única certa e infalível. Destarte, os dogmas fundamentados na tradição estariam resguardados e a Bíblia reduzida, assim, a um livro ininteligível e destituído da sua principal característica - a autoridade.

38) O que é um auto-de-fé?

Poderia trazer aqui muitos exemplos, mas um deles dá uma boa idéia do que é um auto-de-fé.

Em fevereiro de 1600, os Pappenheimers foram presos por “crimes” que desconheciam. Eram eles: Paulus, de 57 anos; Anna, sua mulher, de 59 anos, e seus três filhos: Gumprecht, de 22; Michel, de 20, e Hansel, de apenas 10 anos de idade. Este, sob tortura, inventa crimes que sugeriam a feitiçaria, e então as autoridades ampliam os delitos para heresia e pacto com o Diabo. O duque da Baviera, que desejava acabar com os salteadores, os assassinos e os hereges, serve-se da oportunidade para promover um grande e espetacular auto-de-fé.

— Vejam! Agora estão trazendo meu pai —. Gritou Hansel para as pessoas que estavam em volta do cavalo do meirinho.

O carrasco e um de seus ajudantes arrastaram Paulus Pappenheimer para a grade de madeira, deitaram-no nela, amarraram seus braços e pernas. O carrasco segurou então a roda com seus braços musculosos e deixou-a cair, primeiro no braço direito, depois no braço esquerdo do condenado. Os ossos partiram-se com um estalo alto, e a vítima gritou.

—Vejam, estão amassando os braços de meu pai! — gritou o menino horrorizado, no cavalo do meirinho.

Os outros criminosos foram submetidos ao mesmo tratamento. Apenas Anna foi poupada da roda...

A quebra na roda não foi levada até o fim, pois havia o risco de as vítimas morrerem nesse processo, quando tinham de sofrer toda a lista de castigos relacionados na sentença. O ato de rasgar-lhes a carne com tenazes em brasa já as tinham enfraquecido, e um tratamento completo pela roda teria dado um fim prematuro aos seus sofrimentos...

No caso de Paulus, considerado, num certo sentido, como o instigador e chefe da quadrilha, tinham pensado em alguma coisa ainda mais terrível: a empalação, na qual inseria-se um pedaço curto de madeira no ânus do condenado. Os gritos da vítima podem ter provocado arrepios nos espectadores que se amontoavam em volta do alto do morro da força.

Dois musculosos guardas agarraram a vítima que se contorcia gemendo no chão e a arrastaram para o alto de tábuas de madeira que formavam a rampa até um dos postes centrais. Ali o deixaram amarrado, no alto do monte de lenha. Depois Anna foi arrastada para a pilha ao lado e amarrada a uma cadeira de madeira, instalada no meio da fogueira.

Gumprecht, Michel, Sholz e o alfaiate foram levados aos quatro outros montes de lenha e acorrentados aos postes de madeira. Os ajudantes do carrasco retiraram as passadeiras de madeira de junto das pilhas de lenha. Tochas de breu foram acesas e lançadas rapidamente, uma depois da outra, na lenha seca. As chamas estalaram e se projetaram para cima, alcançando gravetos e ramos. Uma fumaça acre subiu, cegando as vítimas e sufocando sua respiração.

Hansel, no cavalo do meirinho, dava gritos comoventes — “Minha mãe está se torcendo!” — gritava desesperado.

Assim morreram os Pappenheimers em um auto-de-fé.

39) Que tipo de influência maléfica veio da antiga cidade de Babilônia?

Meu prezado leitor, o berço da maioria dos erros doutrinários hoje presentes em todas as nações é, de fato, a célebre Babilônia, a capital mundial da soberba humana e da afronta a Deus nos tempos antigos. Reexaminando a história das práticas e doutrinas pagãs dessa cidade, é possível avaliar a alarmante extensão de sua influência até aos dias atuais.

A Bíblia tem muito a dizer acerca dessa famosa cidade e de suas práticas religiosas, que acabaram por corromper os próprios israelitas, levando Deus a se queixar - “Os filhos ajuntam a lenha, os pais acendem o fogo, e as mulheres preparam a massa e fazem bolos para a Rainha dos Céus. Além disso, derramam ofertas a outros deuses para provocarem a minha ira” (Jr 7.18).

Edificada no vale de Sinar, junto ao rio Eufrates, Babilônia foi chamada na Bíblia de “jóia dos reinos, o esplendor do orgulho dos babilônios” e “cidade dourada” (Is 13.19; 14.4). Ninrode estabeleceu nela o seu reinado depois de libertá-la do poder dos elamitas. Acerca desse famoso filho de Cuxe, diz a Bíblia - “Ele [Ninrode] foi o mais valente dos caçadores, e por isso se diz: ‘Valente como Ninrode’. No início o seu reino abrangia Babel...” (Gn 10.9,10).

Convém salientar que a Bíblia fala de duas Babilônias - a cidade propriamente dita, capital da Caldéia, e a Babilônia espiritual -. A primeira, que alcançou a sua maior glória com Nabucodonosor e parecia destinada a uma existência eterna, deveria desaparecer, segundo previsão bíblica. A segunda Babilônia, símbolo da confusão religiosa dos últimos tempos, permanecerá até que seja destruída um pouco antes do reinado de Cristo. Essa cidade, no seu aspecto espiritual, surge no primeiro livro da Bíblia e só desaparece no último.

Em todas as profecias acerca de Babilônia se pode contar mais de uma centena de particularidades, e todas têm sido rigorosamente cumpridas. Isaías previu que Babilônia nunca mais seria habitada e que nem o árabe armaria ali sua tenda. E Jeremias registrou — “A Caldéia servirá de presa; todos os que a saquearem ficarão fartos... abri os seus celeiros... rica de tesouros...”.

Entre os monarcas que haveriam de participar do cumprimento profético acerca dessa famosa cidade estava o grande Ciro, rei da Pérsia. Em 538 a.C. ele

lançou mão de sua eficiente engenharia para desviar o curso do Eufrates, que passava tranqüilo sob os imensos e magníficos muros de Babilônia, e, servindo-se do leito desse rio, entrou na cidade enquanto esta se achava entregue à mais nefanda orgia. Era a mesma noite em que a mão de Deus havia escrito na parede, e em que Daniel decifrou o fim de Belsazar e de seu império.

Pouco mais tarde, Xerxes, filho de Dario I, ao sufocar uma revolta da população da cidade, usou de extrema brutalidade, ordenando, inclusive, a destruição da estátua de Marduque, deus principal dos caldeus.

Quanto às suas riquezas, nenhuma cidade pode ser comparada à Babilônia quanto ao número de vezes que tem sido saqueada. Xerxes, Alexandre, partos e romanos, num período abrangendo quase uma dezena de séculos, levaram de lá riquezas fabulosas, além mesmo de suas mais otimistas expectativas, e até hoje, afirma-se, essas ruínas guardam enormes tesouros!

40) Houve alguma tentativa de reconstruir Babilônia?

Os profetas proclamaram a absoluta ruína da Babilônia literal, enfatizando que a cidade nunca mais voltaria a existir. De fato, até hoje ela não foi restaurada. Mas apesar da sentença bíblica de mais de dois mil e quinhentos anos, em data recente, o Iraque - que é a continuação do antigo império babilônico -, anunciou a reconstrução daquela famosa cidade.

De acordo com notícias procedentes do governo iraquiano, seriam reconstruídos os jardins suspensos, a torre de Babel, o templo de Baal (Bel), a porta de Istar (Astarte ou Asterote) e outros famosos monumentos. O projeto, elaborado pelo Instituto Ítalo-Iraquiano de Bagdá, contou com uma verba inicial de 50 milhões de dólares.

A fim de que tudo pudesse ser reconstruído com exatidão e perfeição, o levantamento do local foi feito com raio laser. Os tijolos da reconstrução seriam revestidos com um material especial que protegesse contra a erosão, a decomposição e os estragos provocados pelos ventos. A reconstrução cobriria uma área de 50 quilômetros quadrados. O projeto deveria seguir rigorosamente a arquitetura da época e o ambiente em que viviam os babilônicos.

Por que reconstruir tais antigos monumentos? Porque a torre de Babel simboliza a astrologia, o ocultismo e a rebelião contra Deus; porque o templo de Bel simboliza a idolatria (Jr 50.2; 51.44); porque a porta de Istar simboliza a imoralidade e a depravação; e porque os jardins suspensos simbolizam o orgulho e a realização humana.

Um pesquisador brasileiro afirmou que “o alto crescimento do espiritismo em todas as suas formas, nos dias atuais, demonstra uma volta de todas as religiões ao babilonismo, e nunca ao catolicismo romano. Na verdade, o catolicismo romano se está babilonizando. No Brasil, milhões de católicos são também espíritas. A religião de Babilônia era profunda e essencialmente espírita”.

Mas, infelizmente para os que não crêem na Bíblia, os desígnios de iraquianos e italianos não se realizaram, em virtude das crises militares e econômicas que envolveram o Iraque em seus conflitos com os aliados.

Em primeiro lugar, a Bíblia fala dos babilônios como um povo idólatra - “Porque é uma terra de imagens esculpidas, e eles enlouquecem por causa de seus ídolos horríveis”.

Em segundo lugar, como um povo aficionado da mágica - “Estas duas coisas acontecerão a você num mesmo instante, num único dia, perda de filhos e viuvez; virão sobre você com todo o seu peso, a despeito de suas muitas feitiçarias e de todas as suas poderosas palavras de encantamento”.

Em terceiro lugar, como um povo profano e sacrílego - “Enquanto Belsazar bebia vinho, deu ordens para trazerem as taças de ouro e de prata que o seu predecessor, Nabucodonosor, tinha tomado do templo de Jerusalém, para que o rei e os seus nobres, as suas mulheres e as suas concubinas bebessem nessas taças”.

Em quarto lugar, como um povo ímpio - “Você confiou em sua impiedade e disse: ‘Ninguém me vê’. Sua sabedoria e seu conhecimento a enganam quando você diz a si mesma: ‘Somente eu, e mais ninguém além de mim’”.

41) Como era a grandeza de Babilônia?

A cidade de Babilônia, caro leitor, conheceu duas fases de grande progresso. A primeira, sob Hamurabi — o Anrafel da Bíblia (Gn 14.1) — cerca de 2.000

anos antes de Cristo, nos dias de Abraão, e o segundo período, de 608 a.C. até a morte de Alexandre o Grande, em 323 a.C., sob Nabucodonosor, Ciro, Dario e outros imperadores.

À cidade deste último período de florescimento aplicam-se as palavras de Isaías. Era então a maior e a mais moderna metrópole daquele tempo, ocupando uma área de 576 quilômetros quadrados, com 96 de perímetro, ou seja, 24 de cada lado. Muitas ruas, de 45 metros de largura por 24 quilômetros de comprimento, dividiam luxuosos quarteirões com exuberantes jardins e suntuosas residências, magníficos palácios e gigantescos templos. Um destes templos, dedicado a Bel, media cinco quilômetros de circunferência, e um dos palácios reais ocupava uma área superior a 12 quilômetros quadrados.

A “cidade dourada” era rodeada por uma muralha de 108 metros de altura e 25 de largura, equivalente a uma rodovia com seis pistas! Possuía uma imagem avaliada hoje em dezenas de milhões de dólares, e objetos diversos dedicados a ídolos, cujo custo ultrapassaria 200 milhões de dólares.

Falando da arquitetura babilônica, afirma o historiador Oliveira Lima:

As construções babilônicas, que presentemente são meros montões de ruínas, eram levantadas sobre consideráveis aterros exigidos pela natureza do solo encharcado, e que ao mesmo tempo asseguravam melhor defesa e emprestavam maior imponência àqueles templos e palácios, que assim se erguiam treze metros ou mais acima do nível da planície, por entre aglomerações de casas de taipa, numa extensão tão grande que Babilônia cobria cinco vezes a superfície de Londres.

Esta cidade, a mais poderosa do mundo antigo, começou a declinar com a morte de seu mais famoso monarca, e chegou a um nível inferior sob Belsazar, que perdeu o trono para Dario, o medo, em 539 a.C. Por volta de 130 a.C., Babilônia caiu nas mãos dos partos e se transformou em ruínas.

Arqueólogos têm trabalhado na área da famosa cidade desde o final do século dezenove. Entre as suas fenomenais descobertas estão:

- ❖ Uma muralha de mais de vinte e dois quilômetros de comprimento e 42 metros de largura, que circundava a parte principal da cidade.
- ❖ Muitas portas, sendo a mais impressionante delas a de Istar, com seus 575 dragões, touros, e leões esmaltados.
- ❖ A “rua processional”, que entrava na cidade pela porta de Istar ao norte,

passava pelo palácio real, e a seguir atravessava a parte principal da cidade até o templo de Marduke, que detinha o título de “O Criador e Rei do Universo”.

- ✚ O magnífico palácio decorado de Nabucodonosor, com seu salão, onde se encontrava o trono e um imenso salão para banquetes.
- ✚ A base e o contorno da infortunada torre de Babel.
- ✚ As grandes ruínas de uma área quadrangular, que talvez sejam os restos da estrutura da base dos famosos Jardins Suspensos — uma das sete maravilhas do mundo antigo.

42) Como foi a conquista de Jerusalém pelos romanos, no ano 70 da nossa era?

Caro leitor, o terrível sítio de Jerusalém, no ano 70, durou cinco meses de sofrimentos indescritíveis. Nesse período, 600 mil cadáveres foram lançados para fora dos muros da cidade. A peste e a fome encarregavam-se de dizimar centenas de pessoas diariamente, e muitas se punham a caminho da sepultura antes mesmo de chegada a sua hora. Quando a cidade caiu, contou-se cerca de um milhão e cem mil mortos, e apenas por uma das suas portas foram retirados 115 mil cadáveres.

Dos 97 mil sobreviventes, muitos foram “presenteados” às províncias do império para que morressem como gladiadores nas arenas; milhares de outros seguiram para trabalhos forçados no Egito, mas a maior parte foi levada para Roma e utilizada como trabalho escravo na construção do imenso Coliseu, edificado a partir de 72 d.C. e inaugurado em 80 d.C. durante uma centena de dias festivos.

Com relação à cidade de Jerusalém e ao grande Templo de Herodes, a predição de Jesus não poderia ser mais minuciosa — os alicerces dos edifícios foram removidos, inclusive os do Templo, e toda a sua área ficou nivelada. Não ficou ali “pedra sobre pedra”.

Assim aconteceu no ano 70 de nossa era, mas há outra guerra relacionada com expulsão do povo de Israel de sua própria terra.

De 132 a 135, os judeus tentaram de novo sacudir de sobre si o pesado jugo romano, e de novo a teimosia deles os leva à beira de um extermínio total.

Cerca de 580 mil homens caíram somente nas batalhas, e outros milhares pereceram de fome na cidade fortificada de Betera, enquanto resistiam valentemente à implacável destruição levada a efeito pelos soldados romanos.

Além de reconstruir Jerusalém como uma cidade tipicamente pagã, Adriano proibiu a prática do judaísmo, sob pena de morte. Akiba foi capturado e esfolado vivo e, ao morrer, exclamou — “Ouvi, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é o único”. De novo, os mercados de escravos abarrotaram-se de judeus. As autoridades romanas mudaram o nome da Judéia para Síria Filistéia, de onde derivou a moderna palavra *Palestina*.

Eusébio de Cesaréia, citando Aristo de Pela, afirma que toda a nação dos judeus, desde aquela época, foi totalmente proibida por decretos e comandos de Adriano, de entrar nas terras circunvizinhas de Jerusalém, de modo que não podiam ver a terra dos pais mesmo à distância. “A cidade dos judeus foi assim reduzida a um estado de abandono para eles e totalmente destituída de seus antigos habitantes, sendo também habitada por estrangeiros. A cidade romana que surgiu em seguida, mudando-lhe o nome, foi Êlia, em honra ao imperador Êlio Adriano, e quando formou-se a igreja de gentios, o primeiro bispo após os da circuncisão foi Marcos”.

Humilhados, diminuídos e marginalizados, os remanescentes judeus dedicaram-se ao comércio e trocaram suas ambições políticas pelas conquistas do espírito, transferindo o centro da sua cultura da Judéia para Babilônia, onde os comentários e as interpretações da Bíblia formaram mais tarde o famoso *Talmude*.

43) Por que em Pérgamo estava o trono de Satanás?

Pérgamo, caro leitor, é a Igreja estatal. Vejamos o texto bíblico:

Ao anjo da igreja em Pérgamo escreva: Estas são as palavras daquele que tem a espada afiada de dois gumes: Sei onde você vive — onde está o trono de Satanás. Contudo, você permanece fiel ao meu nome e não renunciou à sua fé em mim, nem mesmo quando Antipas, minha fiel testemunha, foi morto nessa cidade, onde Satanás habita. No entanto, tenho contra você algumas coisas: você tem aí pessoas que se apegam aos ensinamentos de Balaão, que ensinou Balaque a armar ciladas contra os israelitas, induzindo-os a comer alimentos

sacrificados a ídolos e a praticar imoralidade sexual. De igual modo você tem também os que se apegam aos ensinamentos dos nicolaítas. Portanto, arrependa-se! Se não, virei em breve até você e lutarei contra eles com a espada da minha boca. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei do maná escondido. Também lhe darei uma pedra branca com um novo nome nela inscrito, conhecido apenas por aquele que o recebe (Ap 2.12-17).

Esta carta a Pérgamo descreve as condições da igreja numa época que vai de 313 a 590 d.C., quando os cristãos já não são mais perseguidos, mas, ao contrário, honrados. Constantino concedeu liberdade de culto aos cristãos e nomeou alguns deles para altos cargos no Governo.

O resultado da política imperial foi a aproximação entre a igreja e o mundo, que até então se haviam mantido separados. Nesses novos tempos para a Igreja, o bispo de Roma foi aos poucos se tornando cada vez mais importante. E quando Rômulo Augustus é destronado pelos bárbaros em 476 d.C., abrindo um vazio de poder no império, é o bispo romano que se levanta como autoridade também no mundo secular, preparando assim o terreno para o surgimento futuro do papado.

É notável que o Senhor Jesus mencione Pérgamo como sendo o trono de Satanás, e não Babilônia. Por quê? Temos de buscar as respostas nos rastros dessas duas famosas cidades.

Pérgamo era a mais famosa cidade da Mísia, e situava-se no vale do rio Cáico, a 25 quilômetros do mar Egeu, o que lhe conferia grande importância comercial e espiritual. Era considerada cidade natal do deus Júpiter. Sob o domínio dos reis atálacos, a cidade encheu-se de templos, colégios e palácios reais. Um dos seus principais monumentos era um templo dedicado ao deus Esculápio, representado por uma serpente.

A cidade de Pérgamo sediava o culto a quatro deuses gregos — Zeus, Atena, Dionísio e Asclépio, cujos templos possuíam majestosa beleza arquitetônica. A cidade possuía também uma antiga forma de adoração ao Diabo, e um antigo culto babilônico — o culto dos magos —, além de ser um centro de propagação do famigerado culto ao imperador.

O primeiro templo do culto imperial foi construído em 29 a.C., e dedicado a César Augusto. Antes do apóstolo João escrever o livro de Apocalipse, Antipas morreu como mártir em Pérgamo.

44) Que papel exerceu a Inquisição em relação aos judeus?

O martírio dos judeus durante a vigência da Inquisição foi infamante, especialmente na Espanha e em Portugal. Só em Toledo, em poucas semanas, foram queimados vivos 2.400 homens, acusados de infidelidade ao catolicismo. Os que se diziam arrependidos da sua falsa conversão alcançavam a “misericórdia” de um estrangulamento vivo antes de atirados às chamas “purificadoras”.

Em Portugal, esse nefasto tribunal foi implantado em 1536, e agiu contra os judeus com tamanha crueldade que o papa Paulo II enviou um protesto, e o Concílio de Trento teve de se ocupar da sanha bárbara dos inquisidores lusos.

Mas o ódio aos judeus não começou com a Inquisição e nem era uma característica exclusiva dos inquisidores, pois, emanado dos poderes eclesiásticos, ele transbordava nas massas fanatizadas, resultando sempre em sangrentos morticínios.

O anti-semitismo, todavia, não desapareceu com as cruzadas e nem com a nefanda Inquisição, mas continuou atuante em muitas partes do mundo. Nos países do oriente europeu, os “apóstolos da última fé verdadeira” fizeram inveja aos inquisidores espanhóis e portugueses.

Referindo-se a esse sombrio acontecimento, o sábio judeu de Volínia, Natan Ben Moshe Hannover, que se salvou fugindo para Amsterdã, publicou em 1653, em Veneza, um relato, em hebraico, informando o mundo como morriam os judeus na Polônia, à mão dos cossacos e ucranianos:

Arrancavam-lhes a pele, e a carne jogavam aos cães; cortavam-lhes as mãos e o pés, e deixavam à morte os corpos assim mutilados; rasgavam as crianças pelas pernas; assavam os nenês e obrigavam as mães a engolir a carne dos seus rebentos; abriam ventre de mulheres grávidas e com o feto que arrancavam batiam no rosto das vítimas; a muitas punham gatos vivos nos ventres abertos, e costuravam o corpo com o gato dentro, cortando das infelizes as mãos para que não pudessem arrancar o animal, nem dar cabo de sua existência (Marcos Margulles, Os Judeus na História da Rússia, Edições Bloch, Rio de Janeiro, 1971, p. 226).

A luta desesperada dos judeus pela conservação do seu território não pode ser compreendida sem o pano de fundo da História. Os sucessos nas guerras com os árabes e o isolamento cada vez maior de seu país no contexto das nações têm suas raízes nos muitos sofrimentos da Diáspora, na qual os guetos tornaram-se o principal símbolo da odiosa e humilhante segregação racial e religiosa de que foram vítimas.

Mas os guetos não se tornaram apenas o símbolo da perversidade humana, pois muitos deles se transformaram literalmente em verdadeiras sepulturas de numerosíssimas comunidades, como o de Varsóvia, por exemplo.

Uma das profecias acerca da restauração nacional dos judeus, diz — “Assim diz o Soberano, o SENHOR: Ó meu povo, vou abrir os seus túmulos e fazê-los sair; trarei vocês de volta à terra de Israel. E quando eu abrir os seus túmulos e os fizer sair, vocês, meu povo, saberão que eu sou o SENHOR”. Esta é, prezado leitor, uma profecia hoje cumprida” (Ez 37.12,13).

45) Como foi o cerco de Jerusalém no ano 70?

Caro leitor, eis as palavras de Jesus acerca de Jerusalém: “Virão dias em que os seus inimigos construirão trincheiras contra você, a rodearão e a cercarão de todos os lados. Também a lançarão por terra, você e os seus filhos...”.

A população israelita da Palestina na época dessa guerra era bem maior, segundo testemunho de Flávio Josefo, que registrou em detalhes as terríveis conseqüências da rebelião judaica.

Os sitiante empregaram a crucificação em larga escala, pendurando no madeiro a todos os judeus capturados, até que uma vasta floresta de cruzeiros se erguesse ao redor de Jerusalém, e não houvesse mais árvore alguma nas redondezas. Depois, um boato espalhou-se entre as legiões, segundo o qual os fugitivos famintos engoliam peças de ouro para recuperá-las posteriormente caso conseguissem escapar, e isso originou uma nova modalidade de extermínio: a golpes de espada a soldadesca furiosa abria o ventre de suas vítimas ainda em vida, à procura dos supostos valores.

O terrível sítio de Jerusalém durou cinco meses de sofrimentos indescritíveis. Nesse período, 600 mil cadáveres foram lançados para fora dos

muros da cidade. A peste e a fome encarregavam-se de dizimar centenas de pessoas diariamente, e muitas se punham a caminho da sepultura antes mesmo de chegada a sua hora. Quando a cidade caiu, contou-se cerca de um milhão e cem mil mortos, e apenas por uma das suas portas foram retirados 115 mil cadáveres. Dos 97 mil sobreviventes, a maior parte foi levada para Roma, muitos foram presenteados às províncias do império para que morressem como gladiadores nas arenas, em espetáculos públicos, e milhares de outros seguiram para trabalhos forçados no Egito.

Com relação à cidade e ao grande Templo de Herodes, a predição de Jesus não poderia ser mais minuciosa — os alicerces dos edifícios foram removidos, inclusive os do Templo, e toda a sua área ficou nivelada. Não ficou ali “pedra sobre pedra”.

Devo acrescentar aqui que de 132 a 135, judeus fanáticos, sob a liderança do rabino Akiba, organizaram-se em heróicas legiões e enfrentaram com sucesso forças incomparavelmente mais numerosas, mas o general romano Severius, numa fulminante operação de limpeza, devastou a terra e deixou em situação precária os novos exércitos organizados por Bar Koba, a quem Akiba apresentara como o Messias. Cerca de 580 mil homens caíram somente nas batalhas.

Em decorrência de mais esta trágica revolta nacionalista, novamente os mercados de escravos abarrotaram-se de judeus. Jerusalém foi reconstruída como uma cidade tipicamente pagã. Adriano proibiu a prática do judaísmo, sob pena de morte. Akiba foi capturado e esfolado vivo e, ao morrer, exclamou — “Ouvi, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é o único”. Os romanos mudaram o nome da Judéia para Síria Filistéia, de onde derivou a moderna palavra *Palestina*.

46) O que é o sionismo e o anti-semitismo?

No ano 70 da nossa era, os romanos destruíram o Templo e arrasaram a cidade de Jerusalém, e puseram fim à independência dos judeus.

Nas décadas seguintes, a maioria dos israelitas que viviam na Judéia foram exilados, mas nunca perderam a esperança de regressarem à sua terra. Esse desejo ardente sempre foi expresso de muitas maneiras — Quando oram, os

judeus o fazem voltados para Jerusalém; quando celebram a páscoa, eles dizem uns aos outros: “no próximo ano em Jerusalém”, e quando se casam, o noivo recita: “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que minha destra perca a sua destreza”(Sl 137.5).

A ligação dos judeus com a *Eretz Israel* (Terra de israel) ainda se manifesta de outras maneiras. Através da história sempre tem havido uma presença judaica na Palestina. No final do século dezenove, quando surgiam por toda a Europa movimentos nacionalistas, e crescia também o anti-semitismo, um jornalista judeu austríaco, Theodor Hertz, começou a organizar o movimento nacional do povo judeu, que ficou conhecido como o movimento sionista.

Numa linguagem política moderna, o objetivo desse movimento foi o de reconhecer o direito do povo de Israel de retornar à sua antiga terra e de estabelecer um estado independente para o povo israelita. O único lugar adequado para o estabelecimento desse estado só poderia ser a Terra Prometida.

Hertz elaborou seu sonho no livro *O Estado Judeu*. Ele vislumbrou um país próspero no qual todos os habitantes, judeus e não judeus, pudessem viver em paz e tranquilidade. Esta visão e suas consequências constituem o eixo do sionismo.

Quanto ao anti-semitismo moderno, tem ele raízes religiosas, ideológicas e sociais. No seu sentido social, a complementação do processo de emancipação na Europa Ocidental e Central criou um pano de fundo para um atrito entre habitantes não judeus e judeus, realimentando a rejeição aos grupos “diferentes”, que insistiam em manter sua identidade mesmo sob fortes pressões de circunstâncias sociais, econômicas e ideológicas.

Essa rejeição muitas vezes transformou-se em ódio, que se expressou em perseguições e *pogroms* ainda mais violentos que os dos períodos obscuros da Antiguidade e da Idade Média, embora ocorressem em plena era da Emancipação dos Direitos do Homem e dos Povos.

Em resumo, o anti-semitismo foi uma forma mitológica notável de racismo ao longo dos tempos, mas foi como expressão pseudo-racional de caráter ideológico que ele precipitou o Holocausto. Depois do Holocausto, o anti-semitismo ganhou maior fúria em uma nova forma, que tem sido o ódio ao Estado de Israel.

Esse ódio a Israel se iguala aos mesmos e velhos fatos, com novos

ingredientes políticos, relacionados com o conflito Israel-Palestina, e é causa do severo anti-judaísmo que existe nos países árabes e nos segmentos mais ou menos fundamentalistas do Islã.



Capítulo 5

RELIGIÕES, SEITAS E OCULTISMO

47) O que vem a ser o antitrinitarianismo?

Caro leitor, os apologistas do século segundo fizeram sabiamente a defesa de uma das principais doutrinas cristãs — a da Trindade —, ou seja, um só Deus em três pessoas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Eles mantiveram os dois termos da doutrina — *unidade de essência e trindade das pessoas divinas*.

Todo o esforço apologético não evitou, porém, que surgissem muitas especulações e, conseqüentemente, muitos erros. Um desses erros foi o antitrinitarianismo, também conhecido por adocionismo.

Esta heresia negava as doutrinas da Trindade, da Divindade de Cristo e da encarnação do Verbo, e tinha como mentor Teódoto, rico curtidor bizantino. Outros nomes ligados à defesa e propagação do adocionismo são um banqueiro chamado Teódoto, e um certo Artémon. Afirma-se que o bispo de

Roma, Vitor I, por volta do ano 190, teria condenado tanto a seita como os seus fundadores.

Por volta de 210, Sabélio começou a ensinar a unidade de pessoas, ou a unidade de naturezas em Deus. Assim, o Pai, o Filho e o Espírito Santo seriam apenas três aspectos ou modos de um mesmo Deus, o Pai. Também o mesmo Pai teria encarnado, nascido em Belém, pregado o evangelho, ido à cruz e ressurgido. Daí a razão dos outros nomes dados à seita, como monarquismo, patri-passiens e modalismo. No primeiro caso, por somente admitirem a monarquia, ou seja, a unidade da pessoa; no segundo caso por acreditarem que o Pai sofreu na cruz, e, por último, por reduzirem as três Pessoas da Trindade a simples modos.

Estas doutrinas, lamentavelmente, não morreram. Sobrevivem hoje parcialmente nas testemunhas-de-jeová, que negam divindade a Jesus e ao Espírito Santo, e nos unitarianos, que batizam somente em nome de Jesus e atribuem a uma só Pessoa, o Pai, as manifestações como Filho e como Espírito Santo.

A Bíblia ensina que as três Pessoas da Trindade, apesar de unidas, executam funções distintas — na criação, o Pai planejou, o Filho executou e o Espírito Santo vivificou. Na redenção, o Pai planejou, o Filho consumou, e o Espírito Santo aplica a salvação. Na Igreja, o Pai opera tudo em todos, o Filho distribui os dons ministeriais, e o Espírito Santo reparte os dons espirituais (1 Co 12.4-6).

O Novo Testamento revela ainda as manifestações das três Pessoas da Trindade:

Em primeiro lugar, por ocasião do batismo de Jesus (Mt 3.16,17). Enquanto Jesus era emergido das águas, o Espírito Santo desceu sobre Ele na forma corpórea de uma pomba, e o Pai falou do céu — “Este é o *meu Filho* amado, em quem tenho todo o *meu* prazer”.

Em segundo lugar, por ocasião do martírio de Estêvão — “Este, estando cheio do *Espírito Santo*, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e *Jesus*, que estava à direita do *Pai*” (At 7.55).

Em terceiro lugar, as mesmas três Pessoas aparecem distintas na bênção apostólica — “A graça do *Senhor Jesus Cristo*, o amor de *Deus*, e a comunhão do *Espírito Santo* sejam com todos vós” (2 Co 13.13).

48) O que é o hinduísmo?

É difícil dar uma idéia ampla dessa religião dentro das limitações do nosso espaço. Certamente voltaremos a tratar desse tema em outras ocasiões, mas por ora exporemos o seguinte.

O hinduísmo é um sistema de crenças que muitas pessoas têm em comum. Você perceberá como uma religião antiga pode absorver muitas crenças diferentes, atrair muitos grupos de pessoas aos seus ensinamentos e tornar-se um sistema que seja uma filosofia de vida.

As religiões como um todo podem ser comparadas a um grande número de árvores de um jardim enorme. Algumas são mais antigas, maiores e mais bonitas que outras, mas todas compõem o jardim total das religiões dos homens.

Há uma árvore, porém, que é mais bela que as demais. É a única que tem “frutos... para a saúde das nações”, como é apresentada em Apocalipse 22.2 — Trata-se da árvore do cristianismo.

O hinduísmo tem raízes no animismo, e este, por sua vez, tem suas raízes no monoteísmo dos tempos da criação. Seria, portanto, mais exato dizer que o hinduísmo é a religião mais antiga com um nome. Sua história remonta aos dias de Abraão.

É difícil definir o hinduísmo por causa da grande variedade de suas crenças. Alguns hindus adoram um deus tal como Brahman, ao passo que outros não acreditam num deus pessoal. Alguns são vegetarianos, outros realmente comem carne.

Para muitas pessoas o hinduísmo é uma religião, e para outras é apenas uma filosofia de vida. Um ex-presidente da Índia disse que o hinduísmo é mais uma cultura do que um credo.

A palavra *hindu* provém de *sindhu*, o nome em sânscrito do rio Indu, na Índia. Os hindus chamam sua religião de *sanatana dharma*, que significa “religião eterna” ou “verdade eterna”. Inclui tanto as crenças religiosas como as idéias éticas.

Quanto à localização geográfica, afirma-se que a Índia é o hinduísmo e que o hinduísmo é a Índia. A verdade, porém, é que milhares de hindus habitam em outras partes do mundo. Dos povos da Índia, cerca de 84% são hindus. Segundo o boletim das Sociedades Bíblicas Unidas, há na Índia 11,6% de

muçulmanos, e cerca de 2,4% de cristãos.

O hinduísmo não tem como fundador um indivíduo. É, em grande medida, uma mistura de crenças dos povos que migraram para aquela área. O povo ariano, por exemplo, migrou para o vale do rio Indu. Seus costumes e sua religião misturaram-se com as tradições locais e a cultura resultante veio a ser o “hinduísmo clássico”.

A palavra *ária* é derivada do sânscrito, com o significado de “os nobres”. Os árias surgiram da região da Pérsia, num período quando os reinos locais competiam entre si pelo domínio sobre os demais. Entre 1700 e 1200 a.C., chegaram ao Vale do Indu e conquistaram os habitantes das cidades daquela área.

49) Em que crê o hinduísmo?

O hinduísmo possui uma grande variedade de crenças. Estudar essa religião é como nadar num vasto oceano de idéias. Certo escritor disse — “Os únicos aspectos unificantes do hinduísmo são o caráter indiano da fé, e a reverência universal à vaca!”

Escolhi apenas uns poucos tópicos para podermos avaliar e comparar com outras religiões, mas teremos de voltar ao assunto em outra oportunidade.

Vamos considerar, primeiramente, o conceito hindu da deidade, salientando que há algumas formas da palavra *Brahman* que podem dar origem a confusões e que devemos esclarecer. Todas derivam do sânscrito *brahamana* — que significa “uma oração”.

Brâmane é considerado a realidade primordial e derradeira. O *bramanismo* era a religião da Índia nos tempos dos upanishadas e do budismo. Os brâmanes são sacerdotes de alta casta e posição social.

Os upanishadas (um escrito hindu reacionário) adotam o conceito de que o universo foi feito de matéria que já existia. Uma escritura hindu original, o Rig-Veda, no entanto, declarou que o mundo veio do nada. Esse conceito é semelhante ao relato bíblico de Hebreus 11.3: “Os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente”.

No decurso da sua longa história, o hinduísmo tem mudado seus conceitos

de deus ou da deidade. A partir do seu início no animismo, avançou para o politeísmo, passou para um sistema de um deus tríplice e voltou para o politeísmo.

Segundo os vedas, os árias trouxeram com eles os seus deuses. Varuna era deus do espaço e da justiça. Visvarkarmen era aquele que fez todas as coisas, e Surya era o deus do sol. Indra era o deus das tempestades, das nuvens e das chuvas, o governante da atmosfera.

O Rig-Veda tem 250 hinos a seu respeito. Um dos hinos reproduzo aqui: “Indra segurou firme o mundo ameaçado pelos demônios. Matou os demônios com um raio, com o qual também feriu as nuvens. Fez as águas descenderem das nuvens do céu. Ó, tu que manejas o raio! Ó sábio, lança todas as armas contra nossos inimigos. Aumenta o poder e a glória dos árias”.

Quanto à vaca sagrada, algumas pessoas pensam que esse animal fica solto para se desgarrar sozinho, sofrendo e passando fome pelas estradas secas da Índia. Os hindus negam semelhante idéia. Mahatma Gandhi, falando a favor da proteção às vacas, disse que a ela é — “fato central do hinduísmo, a crença concreta que todos os hindus têm em comum. Por meio da vaca, o homem é ensinado a reconhecer sua união com tudo quanto tem vida. Ela é mãe para milhões de indianos, uma poesia de misericórdia e o símbolo vivo da generosidade outorgada a toda a humanidade”.

Alimentar uma vaca é, para os hindus, um ato de adoração. O seu esterco é usado como combustível, revestimento de assoalho, cimento e remédio. Até mesmo sua urina é usada nos ritos da purificação.

50) O que vem a ser o Brâmane na religião hindu?

Ao responder à sua pergunta, gostaria de examinar ainda mais algumas doutrinas do hinduísmo.

Mas comecemos com o deus Brâmane. Segundo os upanishadas, ele é considerado a única realidade, é eterno, sem passado, presente, nem futuro; é infinito, assexual e totalmente impessoal. Todos os demais seres no universo inteiro são uma expressão dele. Mesmo assim, o deus Brâmane não é considerado como pessoa, mas como um princípio do universo. Nessa condição, ele é o seu universo. Como se percebe, essa é uma doutrina

panteísta.

O Upanishadas Maitri diz — “Verdadeiramente, no princípio deste mundo havia Brâmane, o ilimitado, sem limites para o leste, para o norte e em toda direção. Aquela alma suprema é incompreensível, não nasceu, não se pode conceber dela, e não se pode raciocinar a respeito; sua alma é o espaço”.

No período do hinduísmo popular, de 1000 a 1750 d.C., a religião mudou sua ênfase. Um número menor de deuses era adorado, mas dizia-se que estes se preocupavam mais com os problemas do homem. Surgiram esposas dos deuses e algumas ficaram sendo tão benquistas quanto seus cônjuges. Nesse período, deus foi revelado no *Trimurti* (três formas), cada forma com seu próprio deus — Brâmane, o criador; Shiva, o destruidor; Vishnu, o preservador.

Brâmane é respeitado pelos hindus como o criador, mas há apenas poucos templos dedicados a ele. Suas estátuas têm quatro rostos barbudos e quatro braços. A adoração a ele, segundo parece, declinou-se no decurso do tempo. Sua esposa, Sarasvati, é chamada a deusa da ciência e da sabedoria.

O deus Shiva é chamado o destruidor. É o deus da morte, da destruição e da doença. É um deus especial para os ascéticos, porque ele destrói a carne de modo apropriado para o estilo de vida daqueles. Na arte hindu, ele tem um tridente. Os ascéticos levam um tridente ou pintam três linhas no rosto.

Shiva é o deus da morte e também o deus da fertilidade. Atos sexuais, portanto, fazem parte do culto a ele. Os devotos devem praticar a meditação, estudar com um guru e repartir um *mantra*. A consorte de Shiva é a deusa Kali, mais terrível do que o marido. Ela usa uma corrente de caveiras, rasga a carne das vítimas e bebe sangue. Alguns alegam que ela tem conexão com a cidade de Calcutá.

O terceiro deus do trimurti é Vishnu. É conhecido como um deus de amor, de graça e de perdão. Declara-se que ele já apareceu nove vezes na terra e que virá uma décima e última vez para pôr fim ao mundo. Seus seguidores são célebres pelo profundo amor ao seu deus; cânticos são escritos para louvá-lo.

Kabir e Nanak, fundadores do siquismo, eram poetas da seita de Vishnu. O Bhagavad-Gita, o grande poema hindu, declara que Krishna era avatar, ou seja, a encarnação de Vishnu. Ele é o deus do movimento Hare Krishna.

A partir do século quinze esse movimento espalha-se em redor do mundo. Mediante o estudo, o entoar de mantras de Krishna e a meditação, seus

membros esperam atingir a “consciência de Krishna”.

51) Que inovações doutrinárias foram introduzidas na igreja católica?

Caro leitor, vamos dar uma olhada na Igreja do período de Tiatira, caracterizada por muitas inovações. A lista é longa, mas vamos destacar as seguintes:

- ✚ No ano 600, Gregório I introduziu o nome da “Virgem” nas “litanias” com “*ora pro nobis*”. Compôs o ofício da missa, uniformizou o culto nas igrejas ocidentais e estabeleceu o uso universal da língua latina. De todas essas regulamentações, surgiu o uso do incenso, das relíquias dos santos, das velas e a oficialização das imagens através de quadros e estátuas.
- ✚ Em 610 a obra de Gregório é consumada por Bonifácio III, ao substituir no “panteon de Roma” as divindades do paganismo pelos chamados “santos”.
- ✚ Em 615 é instituída a tonsura sacerdotal.
- ✚ Em 709 começou o costume de beijar os pés do papa.
- ✚ Em 740, Gregório III recomenda a absolvição do penitente após a confissão.
- ✚ Em 752, Estêvão II, bispo de Roma, foi o primeiro papa a ser conduzido sobre o andor.
- ✚ Em 754 o Concílio de Constantinopla condena a adoração de imagens e a invocação da virgem e dos santos.
- ✚ Em 769 o Concílio de Roma anatematiza o Concílio de Constantinopla e manda que se venerem as imagens.
- ✚ Em 871 o sino, usado em Roma desde 604, é oficializado nas igrejas do Oriente.
- ✚ Em 850 a água benta surgiu.
- ✚ Em 884, Adriano III institui a canonização dos santos.
- ✚ Em 965, João XIII institui o costume de batizar os sinos.
- ✚ O papa Gregório VII, em 1075, ordenou a todos os bispos, prelados e demais clérigos que abandonassem suas mulheres e filhos. O Concílio

lateranense confirma a “lei do celibato” para os sacerdotes, decretada por Calixto II.

- ✚ Em 1227, Honório III faz modificações no culto, ordenando a “elevação e adoração da hóstia”.
- ✚ Em 1229 a proibição da leitura da Bíblia pelos leigos foi decretada no Concílio de Toulosa.
- ✚ Em 1230, o rosário, que já era usado na Índia e pelo islamismo, foi adotado nas igrejas como corrente de preces.
- ✚ No século XIII, São Domingos introduz a reza do rosário.
- ✚ Em 1231 o papa Gregório IX ordena o uso da campainha no culto.
- ✚ Em 1245 o Concílio de Lyon, prescreve aos cardeais o uso de capas escarlates e de chapéus encarnados, a fim de que demonstrem a sua disposição de verter o próprio sangue, se necessário.
- ✚ Em 1264, o papa Urbano IV institui a festividade de “Corpus Cristi” e a respectiva “Oitava”, fundamentando-se em revelação recebida por uma freira. Com isso teve início a evolução da doutrina conhecida com o nome de “eucaristia”.
- ✚ Em 1439 o Concílio de Florença estabelece que são sete os sacramentos da igreja romana.
- ✚ Nesse mesmo ano, o Concílio de Basiléia declarou que a doutrina da Imaculada Conceição de Maria era contrária à fé cristã. A igreja de Roma condenou formalmente esse concílio.
- ✚ Em 1476, por ordem do papa Sixto IV, foi solenemente festejada, pela primeira vez, a “Imaculada Conceição” de Maria.
- ✚ Em 1478, o mesmo papa teria autorizado a instituição da “Santa Inquisição”, atendendo conselho do arcebispo de Sevilha.

52) O que é o gnosticismo?

O apóstolo Paulo preocupou-se com a presença de gnósticos na igreja de Colossos, e o apóstolo João referiu-se a eles em sua Primeira Carta. Dizendo-se possuidores de um profundo conhecimento espiritual, os gnósticos reduziram o cristianismo a um sistema filosófico ao basearem suas pretensões numa

interpretação perversa de 1 Coríntios 2.6-8:

Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; mas falamos a sabedoria de Deus, em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória.

Gnosticismo vem da palavra grega “gnose”, que significa conhecimento, ciência. Os gnósticos opunham-se à simplicidade da fé crista. Consideravam-se pensadores profundos e tentavam explicar, mediante as suas filosofias, os mistérios da criação e o problema do mal. Para eles haviam três tipos de pessoas — os instruídos, ou espirituais, que eram eles mesmos; os cristãos comuns, em quem se equilibram matéria e espírito, e, finalmente, os pagãos, ou materiais, nos quais o espírito é subjugado pela matéria.

Aplicada ao cristianismo, a heresia gnóstica ensinava que Jesus, ao ser batizado no Jordão, recebeu um “eon”, ou seja, uma entidade superior, que fez dele um enviado de Deus, capaz de levar os homens à verdadeira “gnose”, o evangelho da redenção. Segundo eles, o mundo foi criado pelo último “eon”, ou demônio que arrebatou uma centelha da plenitude divina, com a qual deu vida à matéria.

Os principais gnósticos foram — Valentim, egípcio, pregou em Roma entre os anos 135 e 160. Retirou-se para Chipre, onde fundou uma seita. Carpóates, contemporâneo de Valentim, ordenou que seu filho Epifânio, que faleceu ainda moço e cheio de vícios, fosse honrado como um deus dentro da sua seita. Era indiferente às desordens sensuais. Márcio, também contemporâneo de Valentim, chegou a Roma procedente do Ponto, cerca de 135 a.C. Rompeu com a igreja cristã e fundou uma seita. Afirma-se que ele opunha o Antigo Testamento ao Novo, chamando aquele de “obra do Deus justo”, e ao Novo de “obra do Deus bom”.

Os gnósticos, na verdade, nunca deixaram de existir. Eles estão presentes, hoje, em diversas sociedades secretas, em muitas partes do mundo, inclusive no Brasil, onde realizam sessões e fazem divulgação das suas doutrinas através da imprensa. Uma página de autoria do “Venerável Mestre de Mistérios

Maiores”, Gancha Cuichini, afirma — “Aprendemos a cumprir a vontade do Pai, tanto no céu como na terra. Para isso, a procriação em nós verifica-se por obra e graça do Espírito Santo, ou seja, de Nosso Senhor Jeová, o qual nos dirige e numa de nossas uniões de magia sexual, permite a fecundação de nossa esposa ou sacerdotisa por obra e graça do Espírito Santo, através da ação de um só gene. Desta forma, o parto será sem dor e esse filho da luz será um novo bem-aventurado para a glória do Pai”.

53) Como não guardar a lei moral de Deus, dos dez mandamentos, se ela foi falada e escrita por Deus e guardada dentro da Arca da Aliança?

Meu caro leitor, em nenhuma das quatrocentas vezes que a palavra “lei” aparece na Bíblia se faz quaisquer distinção entre lei moral e lei cerimonial. A lei é una, e Cristo a cumpriu plenamente por nós.

Quanto ao fato de dever ser observada por ter sido falada por Deus, igualmente devem ser observados hoje todos os mandamentos considerados “cerimoniais”, como — páscoa, primícias, dia da expiação etc., pois foram igualmente falados por Deus. A única diferença é que, a pedido do próprio povo, que não suportava ouvir a voz divina, Deus falou a Moisés ou a Arão, e estes ao povo.

O fato de os dez mandamentos terem sido escritos por Deus não significa que o decálogo seja mais importante que a parte restante da lei. O apóstolo Paulo, referindo-se exatamente às tábuas de pedra, afirma que elas representavam o “ministério da morte”, gravado com letras em “pedra”, e que foi por Cristo abolido (2 Co 3.11-14).

A eterna lei de Deus foi escrita por Ele não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração. É a “lei do espírito de vida em Cristo Jesus” (Rm 8.2). Muito antes de Deus entregar a Israel os dez mandamentos, já todos eles estavam em vigor na consciência de cada pessoa pelo fato de consubstanciarem a natureza do próprio Criador no que diz respeito à sua santidade e justiça.

É interessante notar que a antiga aliança, representada pelas tábuas de pedra como se vê na linguagem de Jeremias 31, foi “invalidada” por Israel. Daí a

promessa de uma nova aliança, cujo mediador é Cristo.

O autor da Carta aos Hebreus comenta assim o profeta Jeremias — “Dizendo nova aliança, ele tornou antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, perto está de desaparecer” (Hb 8.13). Portanto, as tábuas de pedra, em si mesmas, nunca foram tratadas na própria Bíblia como uma lei, mas como símbolo da lei no seu todo, dessa lei referida por Paulo como o “ministério da morte” gravado com letras em pedras, ou antiga aliança que “foi por Cristo abolida”.

Vê-se que o apóstolo não fazia qualquer distinção entre lei “moral” e “cerimonial”, pois ao afirmar que Cristo aboliu a antiga aliança, dá como referência justamente as tábuas de pedra.

Quanto ao fato de as tábuas de pedra terem sido guardadas na Arca do testemunho não significam que fossem mais importantes que todo o restante da lei, mas porque elas eram as tábuas da aliança.

Afirma a Bíblia — “Então coloque dentro da arca as tábuas da aliança que lhe darei” (Êx 25.16). “Quando o Senhor terminou de falar com Moisés no monte Sinai, deu-lhe as duas tábuas da aliança...” (Êx 31.18). “Então Moisés desceu do monte levando nas mãos as duas tábuas da aliança; estavam escritas em ambos os lados, frente e verso” (Êx 32.15). “Ponha o altar de ouro para o incenso diante da arca da aliança, e coloque a cortina à entrada do tabernáculo” (Êx 40.5).

54) Em Mateus 19.17-19, Jesus manda guardar os mandamentos e cita o decálogo. Como entender isso?

É interessante observar, meu caro leitor, que em Mateus 19.19, depois de citar alguns mandamentos contidos no decálogo, Jesus menciona um mandamento de Levítico 19.18, que não estava dentro da arca, mas fora dela.

Se o decálogo deve ser guardado, porque Jesus citou mandamentos dele, também a parte cerimonial deve ser guardada, pois Jesus citou mandamentos que fazem parte dela. Quanto à expressão “mandamentos de Deus”, e quanto à alegação de que se Cristo aboliu a lei então todo o mundo está salvo, etc., responde a Palavra de Deus — “Tanto judeus [a quem a lei foi dada] como gregos [que desconheciam a Lei], todos estão debaixo do pecado”, Rm 3.9.

Os mandamentos de que fala Eclesiastes 12.13 não são o decálogo, mas sim a lei espiritual e perfeita, que se estende a todas as ações internas e às ações externas dos homens, e nunca poderá ser mudada nem aniquilada.

Esta lei moral é aquela que revela a vontade de Deus no que diz respeito aos deveres dos homens para com o seu Criador e para com o seu semelhante, seu próximo, melhor do que o faz os dez mandamentos. Ela está exemplificada em Lucas 10.33-37, e foi escrita inicialmente no coração e na consciência dos homens para que estes, pelo uso próprio das suas faculdades racionais e morais, pudessem chegar ao conhecimento de todo o seu dever.

E, com relação a Romanos 4.15, saliente-se que a Bíblia afirma que antes da lei já havia o pecado, e que o pecado existe onde a lei não é conhecida. Mas o conhecimento da lei torna o pecado especialmente virulento, apenas para condenar ainda mais o pecador. “Se, pois, faço o que não quero, reconheço que a lei é boa” (Rm 7.16).

Na maravilhosa dispensação da graça, Deus encerrou todo ser humano debaixo do pecado, para com todos usar de misericórdia. Agora, já não é mais a lei que mostra a virulência do pecado, mas o Espírito Santo, que convence o mundo do pecado, e nos guia a toda a verdade. A Bíblia salienta o seguinte:

- ✚ A lei está em contraste com a graça — sob esta, Deus confere a justiça que sob aquela ele exigia. A lei elogia o que é bom, mas a graça salva o que é mau.
- ✚ A lei é em si mesma santa, justa, boa e espiritual.
- ✚ Perante a lei, todo o mundo é culpável, e, portanto, ela é, necessariamente, um ministério de condenação, de morte, e de maldição divinas.
- ✚ Cristo levou a maldição da lei, e redimiu o crente tanto da maldição dessa lei como do domínio dela.
- ✚ A lei não justifica o pecador, nem tampouco santifica o crente.
- ✚ O crente se encontra, por sua vez, morto para a lei e redimido dela; de maneira que não está “debaixo da lei, mas debaixo da graça”.
- ✚ Sob a nova aliança da graça, o princípio de obediência à vontade de Deus se opera no interior do crente. Longe de achar-se na anarquia da vontade própria, o crente está “na lei de Cristo”, e a nova “lei de Cristo” é seu deleite.

Em resumo, a graça é muito mais exigente que a lei. O verdadeiro crente debaixo da graça é sempre um devedor tanto a Deus como a todas as pessoas.

55) Em que sentido a lei de Deus é transitória?

Caro leitor, ao apresentar Cristo como o fim da lei, o Novo Testamento cumpre a profecia de Jeremias, que afirma:

Vêm dias, diz o Senhor, em que farei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito, porque eles invalidaram a minha aliança, apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor. Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração. Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará alguém mais a seu próximo, nem alguém a seu irmão, dizendo: Conheci ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior, diz o Senhor. Pois lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados (Jr 31.31-34).

Comentando esta profecia, o autor da Carta aos Hebreus registra — “Dizendo nova aliança, ele tornou antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, perto está de desaparecer”.

A antiga aliança estava sujeita a ser invalidada por uma das partes pactuantes — Deus ou Israel. É evidente que Deus foi fiel, ao passo que os israelitas não; eles transgrediram a aliança, a invalidaram e a violaram.

A Bíblia afirma a transitoriedade da lei com estas palavras:

Não somos como Moisés, que colocava um véu sobre a face para que os israelitas não contemplassem o resplendor que se desvanecia. Na verdade a mente deles se fechou, pois até hoje o mesmo véu permanece quando é lida a antiga aliança. Não foi retirado, porque é somente em Cristo que ele é removido. De fato, até o dia de hoje, quando Moisés é lido, um véu cobre os seus corações (2 Co 2.13-15).

A nova aliança, baseada na fé em Jesus, é incomparavelmente superior à antiga porque, em primeiro lugar, a sua religiosidade brota de um coração perdoado e regenerado, independente de impulsos exteriores. Em segundo lugar, a vontade divina, testemunhada antes em tábuas de pedra, está agora gravada nas tábuas de carne do coração. Em terceiro e último lugar porque o conhecimento de Deus, diferentemente do modo como era ministrado na antiga aliança, torna-se, no Novo Testamento, uma experiência viva e profunda, definida por Paulo nesta frase — “Mas nós temos a mente de Cristo”.

A aliança da lei, portanto, era transitória. Os cristãos não estavam (nunca estiveram e não estão) obrigados ao seu cumprimento, razão pela qual o apóstolo Paulo adverte — “Portanto, ninguém os julgue pelo comer, ou pelo beber ou por causa dos dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados”. A nova lei, sob a qual estão os crentes, é a “lei do espírito de vida, em Cristo Jesus”, que os livra “da lei do pecado e da morte”.

Aos coríntios afirma o mesmo apóstolo referindo-se aos gentios — “Para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei”.

56) À luz do Novo Testamento, qual era a finalidade da Lei de Moisés?

Meu caro leitor, talvez em nenhuma outra passagem da Escritura o objetivo da lei esteja tão bem explicado como na Carta aos Gálatas. O apóstolo Paulo pergunta para que é a Lei, e em seguida responde:

Foi acrescentada por causa das transgressões, até que viesse o descendente a quem a promessa tinha sido feita. E foi ordenada por intermédio de anjos, pela mão de um mediador.

E mais adiante:

De maneira que a lei nos serviu de pedagogo, para nos conduzir a Cristo, a fim

de que pela fé fôssemos justificados.

Embora ordenada para o bem, a lei não conseguiu justificar ninguém. Pelo contrário, foi alvo de muitas transgressões e culpas que deveriam levar os homens a conhecerem a sua própria miséria e impotência e, partindo daí, humilharem-se diante de Deus, se arrependerem e serem salvos mediante a fé. Mas a lei não tinha poder para fazer isso. Diz a Bíblia — “E é evidente que pela lei ninguém será justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé”.

Um teólogo britânico expressou corretamente a finalidade da lei, ao afirmar que ela era, em certo sentido, como um instrumento perfeito, enviado para revelar ao homem o seu desarranjo moral. Diz ele:

Se eu me puser diante de um espelho com o meu vestuário desarranjado, o espelho mostra-me o desarranjo, mas não o põe em ordem. Se eu fizer descer sobre um muro tortuoso um prumo, o prumo mostra a tortuosidade, mas não a altera. Seu eu sair numa noite escura com uma luz, esta revela-me todos os obstáculos e dificuldades que se acham no caminho, mas não os remove.

Além disso, o espelho, o prumo e a luz não criam os males que revelam distintamente: nem os criam nem os afastam, apenas os revelam. O mesmo acontece com a Lei: não cria o mal no coração do homem nem tampouco o tira; mas revela-o com infalível exatidão.

A lei, portanto, serviu ao israelita como um pedagogo, até que a fé viesse. Mas agora que a fé veio, não estamos mais sujeitos ao pedagogo.

Argumenta ainda o apóstolo que a lei sinaítica, dada 430 anos depois de Abraão, não invalidou a promessa de Deus feita àquele patriarca — “Mas a Escritura encerrou tudo sob o domínio do pecado, a fim de que a herança prometida fosse dada aos crentes por virtude da fé em Jesus Cristo”.

Cristo, o único a cumprir plenamente toda a lei através de uma obediência perfeita, tornou-se “Mediador de uma nova aliança, para que, tendo intervindo a morte para a redenção das transgressões que havia debaixo da primeira aliança, os que têm sido chamados recebam a promessa da eterna herança”.

Servindo-se de duas palavras gregas, *anti*, que significa “contra”, e *nomos*, que significa “lei”, Lutero inventou o termo “antinomianismo”, que quer dizer

— contra a lei. Embora o reformador alemão usasse esse neologismo em relação aos outros, ele próprio nunca se considerou um antinomianista. Lutero e outros reformadores deixaram bem claro que, embora fôssemos salvos somente pela fé em Cristo, uma vez salvos haveríamos de cumprir a lei. Assim, não praticamos boas obras a fim de sermos salvos, mas porque somos salvos.

57) Quais eram os deuses e santos do paganismo?

Caríssimo leitor, a principal distinção entre o cristianismo e o paganismo está em que neste os mediadores são muitos, enquanto que naquele há “um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1 Tm 2.5).

A mitologia greco-romana ensinava a existência de deuses maiores ou superiores, e deuses menores ou inferiores. Acreditava-se que os superiores possuíam todo o poder, e os inferiores, poderes limitados, servindo de mediadores entre aqueles e os homens. A característica principal, então, do paganismo, era uma enorme quantidade de divindades e um verdadeiro exército de mediadores.

Lamentavelmente, a Roma papal entrou pelo mesmo caminho do paganismo e perdeu sua distinção cristã, ao canonizar uma longa lista de santos e os constituir mediadores e advogados entre Deus e os homens.

Embora os católicos romanos não dêem aos seus supostos santos o nome de deuses ou semideuses, como a mitologia greco-romana o fazia, é inegável o fato de muitos homens e mulheres mortos, cujas almas, segundo se crê, estão no céu, receberem verdadeiro culto religioso semelhante em muitos aspectos ao da mitologia clássica, por sua vez herdada do paganismo babilônico. Numa evidente apostasia, o romanismo atribui a seus santos os mesmos poderes de mediação que o paganismo conferia aos seus semideuses.

Entre os pagãos, acreditava-se na possibilidade de uma pessoa ser canonizada se se fizesse notável por seus feitos, tais como invenções, conquistas ou qualquer outra grande realização beneficiadora do gênero humano, podendo então servir como intermediária em favor dos homens junto às divindades superiores. Todos os filósofos pagãos falam neste sentido, como registrou um historiador:

Os semideuses são inteligências intermediárias, por meio das quais nossas orações e necessidades chegam ao conhecimento dos deuses. São mediadores entre os habitantes da terra e os habitantes do céu, e levam para lá as nossas orações e trazem para a terra os favores implorados; vão e voltam como portadores das súplicas dos homens e dos auxílios da parte dos deuses.

Era este o credo do paganismo, e em nada, a não ser no nome, difere do credo do romanismo no que diz respeito à intercessão dos santos. Quando a igreja romana acha entre os membros de sua comunhão indivíduos tidos por piedosos ou ilustres, em razão de certos poderes milagrosos, sustenta que podem ser canonizados e contados entre os seus santos, como mediadores entre Deus e os homens. Ela acredita que eles possuem influência suficiente com Deus, para obter dele os favores solicitados, e que, portanto, são competentes ou idôneos para acolher as nossas orações e súplicas, segundo declarou o Concílio de Trento nestas palavras: “Os santos que reinam juntamente com Cristo rogam a Deus pelos homens; e é bom e útil invocá-los humildemente e recorrer a suas orações, intercessões e auxílios”.

Assim, percebe-se que o princípio do paganismo pagão e o princípio do romanismo papal são uma e a mesma coisa, não havendo diferença senão nos nomes dos objetos de invocação.

58) Como foi que a igreja de Roma se tornou tão poderosa?

Meu caro leitor, a partir do início do quarto século da era cristã, Constantino Magno decretou que ninguém mais seria molestado por pertencer à fé cristã. Para a Igreja, parecia uma grande vitória, mas na verdade foi o começo de um processo de paganização tão bem engendrado no inferno, que até hoje procura afastar a igreja romana mais e mais da Bíblia Sagrada.

Esse processo de paganização foi tão longe que o Concílio de Toulousa, em 1229, proibiu ao povo em geral, sob pena de morte, a leitura da Bíblia.

Nos tempo de Constantino, o fim almejado pela corte imperial era estabelecer a uniformidade da religião. Assim, quando se descobriu que muitos pagãos se conformariam exteriormente com o cristianismo se lhes

fosse permitido conservar em particular o culto de suas divindades tutelares, foi-lhes dada permissão para isso, mudando tão-somente os nomes de Júpiter em Pedro, e o de Juno em Maria. Desta maneira, os pagãos supostamente convertidos ao cristianismo continuaram a adorar suas antigas imagens, depois que estas mesmas imagens foram batizadas sob nomes cristãos.

De acordo com Seymour, os escritos daqueles tempos tornam evidente o seguinte:

Acreditou-se que essa foi uma medida muito sábia e um golpe de hábil política, e que tendia a produzir a uniformidade religiosa entre as massas ignorantes. A invocação de Juno se transformou na de Maria, as orações dirigidas a Mercúrio foram então dirigidas a Paulo, etc. Não dá para entender como a simples substituição dos nomes de Mercúrio ou Apolo pelos de Damião ou de Cosme, ou a dos nomes de Minerva ou Diana pelos de Lúcia ou de Cecília, possa mudar o caráter essencialmente idólatra da prática.

Uma passagem da Enciclopédia de Fosbroke informa-nos do mesmo fato com maiores detalhes: “Os gentios deleitavam-se nas festas dos seus deuses e não queriam renunciar a elas. Por isso Gregório (Taumaturgo), que faleceu no ano de 265, e que era bispo de Neocesária, instituiu festas anuais para facilitar a sua conversão. Foi assim que as festividades cristãs substituíram as bacanais e as saturnais; os jogos de maio substituíram as florais (jogos em honra de Flora) e as festas da Virgem Maria, de São João Batista e de diversos apóstolos tomaram o lugar das solenidades que celebravam a entrada do Sol nos signos do zodíaco, de acordo com o antigo calendário juliano.”

Sobre a verdade destas asserções não pode haver a menor dúvida, pois ainda hoje é evidente a coincidência de algumas festas cristãs com as do paganismo.

A Bíblia afirma que somente Jesus Cristo, como o único Mediador entre Deus e os homens, é que pode perdoar pecados e conduzir o homem ao seu Criador. Ele disse — “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Em Atos 4.12 está escrito — “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”.

59) Quem foram os judaizantes?

As heresias datam das origens do cristianismo, sendo uma das primeiras delas a dos judaizantes. Estes se opunham à expansão do evangelho e, quando não podiam detê-lo, procuravam impor aos cristãos a guarda de preceitos mosaicos.

A esse movimento espúrio o apóstolo Paulo se opôs com veemência. Sua carta aos Gálatas é um testemunho triste de como os judaizantes conseguiram afastar alguns novos crentes do evangelho da graça para um legalismo morto, denominado por Paulo de “outro evangelho” — “Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho”. E acrescenta — “Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado!” (Gl 1.6,8).

Os judeus, acostumados a um formalismo já tradicional havia séculos, ao se converterem, tiveram algumas dificuldades em admitir a doutrina bíblica da justificação mediante a fé, conforme explicada pelo apóstolo aos gentios — “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9).

A perniciosa tentativa de unir a lei e a graça resultou em práticas antibíblicas mais tarde absorvidas por algumas igrejas locais, posteriormente chamadas de “igrejas irregulares”, as quais contribuíram para a formação do catolicismo romano.

Com o alastramento do cristianismo por todas as partes, principalmente após as duas grandes derrotas dos judeus em 70 e 135 d.C., perderam os judaizantes grande parte da sua influência. Organizaram-se, mais tarde, em pequenas seitas, sendo a principal delas a dos ebiomitas, ou igreja dos pobres, que teria subsistido até o século quinto.

Modernamente, os sabatistas, surgidos em meados do século dezenove nos Estados Unidos, são, em certo sentido, os continuadores dos antigos judaizantes pela tentativa que fazem de associar preceitos judaicos, como o da guarda do sábado, à fé cristã.

Mas, caro leitor, a nova aliança, selada com o sangue de Jesus, é incomparavelmente superior à antiga, pelos seguintes motivos:

Primeiro, sua religiosidade, brotando espontaneamente de um coração

perdoado e regenerado, independe de impulsos exteriores; segundo, a vontade divina, testemunhada antes em tábuas de pedra, está agora gravada nas tábuas de carne do coração; terceiro, o conhecimento de Deus, diferentemente do modo como era ministrado na antiga aliança, torna-se, no Novo Testamento, uma experiência viva e profunda, magistralmente definida por Paulo nesta frase — “Nós, porém, temos a mente de Cristo” (1 Co 2.16).

Portanto, a aliança da lei, feita exclusivamente com os israelitas, era transitória. Os cristãos não estão obrigados ao seu cumprimento, razão pela qual o apóstolo Paulo adverte — “Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado” (Cl 2.16).

60) O batismo infantil é ou não é bíblico?

Ainda nos primórdios do cristianismo, depois que o batismo passou a ser considerado como uma agência de salvação, mediante a herética doutrina da regeneração batismal, surgiram outras práticas antibíblicas. Raciocinavam que, se o batismo realmente lavava os pecados, deveria ser administrado o mais cedo possível. Daí a origem do batismo infantil. Este, todavia, só foi aceito por algumas igrejas depois do final do século quarto.

As doutrinas da regeneração batismal e do batismo infantil provocaram, segundo J. M. Carril, a primeira grande cisão do cristianismo, em 251, quando as igrejas fiéis manifestaram-se contrárias às igrejas que praticavam tais erros. Convém ressaltar que o cristianismo oficializado em Roma ao tempo de Constantino, não foi o que permaneceu fiel às doutrinas apostólicas, mas o constituído pelas igrejas irregulares. Os verdadeiros cristãos, desde essa época, passaram a ser duplamente perseguidos, tanto pelo Império como pelos falsos cristãos, ou cristãos nominais, não regenerados.

Apesar de constantemente ameaçada pelos erros doutrinários, a Igreja cresceu sobremaneira nos primeiros três séculos, chegando mesmo a preocupar os líderes pagãos do Império Romano. E mesmo depois de Constantino continuou vitoriosa através dos séculos obscuros da Idade Média, perseguida ferozmente pelos falsos cristãos centralizados nas duas capitais do Império — Roma e Constantinopla.

A respeito do batismo, transcrevo aqui, para o leitor, a nota de rodapé da Bíblia Explicada, que mostra a diferença entre o batismo ordenado por João e o batismo ordenado por Jesus:

- ✚ O primeiro pertencia à dispensação da Lei: era uma cerimônia judaica de purificação, usada também para receber prosélitos, a qual foi praticada pelo Batista, por seus discípulos e até mesmo pelos discípulos de Jesus, para receber os que se mostraram arrependidos dos seus pecados.
- ✚ O segundo, o batismo cristão foi ordenado por Jesus, depois de sua ressurreição, isto é, já na dispensação da Graça, à qual pertence, e durará até a vinda de Cristo para arrebatá-la a sua Igreja.
- ✚ O batismo cristão representa, principalmente, a morte do batizando para o mundo (ao imergir), e a sua ressurreição para Deus — o nosso nascimento (ao emergir).
- ✚ À luz do claro ensino das Escrituras, o batismo só deve ser administrado à pessoa que crê no Evangelho, arrepende-se de seus pecados, recebe Jesus como seu Senhor e Salvador pessoal, e realmente mostra a disposição de viver uma nova vida. Como pode uma criança recém-nascida cumprir tais requisitos?

Por outro lado, convém salientar que o batismo não salva. O pecador arrependido deve ser batizado se isso for possível, mas há muitos casos em que o convertido não tem como receber essa ordenança de Jesus. O ladrão crucificado que se converteu não foi batizado, e há tantos outros que recebem Jesus pouco antes de morrer, que também não são batizados. Mas estes receberam um batismo mais importante — eles foram imersos pelo Espírito Santo na Igreja, como o corpo de Cristo.

61) Como eram os sacrifícios humanos no paganismo?

Caro leitor, dentro do sistema babilônico, o sol, a lua, os demais astros e a chuva recebiam culto. Fundadores de cidades também foram divinizados pelos habitantes, como Assur, pai dos assírios, e Ninrode, de Babilônia. Para que os deuses parecessem reais, faziam-lhes imagens que os representavam, vindo

depois as próprias imagens a serem adoradas como deuses.

Deste modo o homem precipitou-se do monoteísmo original num abismo de inumeráveis cultos idólatras politeísticos, alguns deles indescritivelmente vis e abomináveis, como a prática nefanda de queimar vivos inocentes bebês.

Em Canaã, em Tiro e em Sidom, o mais popular de todos os deuses era Baal (que quer dizer “senhor”). Era considerado a fonte da vida e da fertilidade, e por isso todas as colinas e montanhas eram dedicadas aos ídolos de Baal, especialmente pelos povos agrícolas.

“Em Sidom, esse deus era conhecido como Baal Melkart. Consideravam-no o deus do fogo e do poder, sendo seu símbolo um machado de guerra. Sua deusa e esposa chamava-se Aserá... Baal Melkart era sinônimo de todas as formas de imoralidades e desvios sexuais, de materialismo e luxúria. Quando Jezabel foi escolhida como noiva de Acabe, rei de Israel, ela determinou que haveria de entregar seu marido e o povo de Israel como sacrifício a seus deuses”.

Escavações realizadas em Megido, que fica perto de Samaria, trouxeram à luz, na camada do templo de Acabe, as ruínas de um templo de Asterote, outra deusa da Síria e de Canaã, também esposa de Baal. Os templos dos dois comumente não eram muito afastados.

A poucos passos desse templo de Asterote havia um cemitério, onde se acharam muitos jarros contendo despojos de crianças sacrificadas no dito templo. Vale isso como amostra do que era o culto a Baal. “Os profetas de Baal e de Asterote eram assassinos oficiais de criancinhas. Isso esclarece a razão da matança deles por Elias, e ajuda-nos a compreender porque Jeú se mostrou impiedoso no extermínio do baalismo”.

Todavia, a prática dos sacrifícios de crianças não é tão remota como poderia parecer à primeira vista. Os missionários cristãos dos tempos modernos depararam-se com tais cenas em muitos países onde o evangelho de Cristo era desconhecido. Na Polinésia, por exemplo, encontram-se pais que haviam sacrificado cinco, sete, dez e até dezenove de seus filhos aos ídolos pagãos. As próprias mães cuidavam do sacrifício de seus filhos recém-nascidos.

No ritual diabólico, os pobres e inocentes bebês morriam de muitas maneiras — enterrados vivos, afogados com pano molhado ou mediante a quebra de todas as articulações, uma a uma, começando pelos dedos das mãos, depois dos pés, em seguida os braços, as pernas, etc. Se com todas estas

torturas não morriam, eram então sufocados. Trata-se de morte lenta, cheia de requintes de inominável perversidade, tendo por carrascos as próprias mães, que a isso tudo chamavam de um heroísmo santo!

62) A adoração de uma virgem com um menino ao colo procede da antiga Babilônia?

Caro leitor, por mais incrível que pareça, o culto à virgem mãe e ao menino deus é também de origem babilônica.

De acordo com as lendas que envolvem os primórdios da Babilônia e dos seus ensinamentos religiosos, Semíramis, esposa de Ninrode, era filha da deusa-peixe Deceto e de um jovem sírio. Após o trágico assassinato de Ninrode, Semíramis, mesmo sendo ainda virgem, deu à luz a Tamuz. Neste filho, segundo a própria Semíramis, seu esposo se havia reencarnado.

A seguir, Semíramis proclamou a divindade de seu marido, afirmando que, sendo o seu estimado filho o próprio pai reencarnado, era ela a própria “mãe de deus”! E mais — disse ainda que seu filho Tamuz havia sido destinado a libertar a raça humana do jugo tirânico do criador.

O sistema religioso da Babilônia apresentava como objeto de culto o Supremo Pai, a mulher como a Rainha do Céu, e o seu filho. Os dois últimos eram realmente os únicos objetos de culto, já que o Supremo Pai, segundo se dizia, não intervinha nos assuntos dos mortais. Desses antigos ensinamentos procederia, então, o culto da virgem-mãe e do menino deus.

Nos dias de Ninrode, esse “culto” mantinha subjugada toda a espécie humana, pois todos falavam a mesma língua e todos eram um só povo. Ao tempo da dispersão dos povos, o culto babilônico se espalhou até os confins da terra. Foi após esse tempo que Deus, pretendendo trazer o homem para junto de si, escolheu Abraão para que representasse o Verdadeiro Deus entre as nações.

Confirmando os registros históricos e lendários da Babilônia, a arqueologia descobriu nas ruínas dessa cidade imagens de uma mãe com um menino ao regaço, que são os mais antigos objetos do culto pagão. Algumas dessas imagens pertencem a uma época que se aproxima dos dois mil anos antes de Cristo.

Os mesmos ídolos representando mãe e filho foram também descobertos no Tibete e na China, lugares em que tais imagens eram adoradas séculos antes da era cristã. Descobriu-se ainda que os próprios antepassados romanos adoraram, entre outros deuses, uma virgem e um menino na forma de Vênus e Cupido.

Os pesquisadores das doutrinas babilônicas e da influência dessas doutrinas nas antigas religiões afirmam que a quaresma, a páscoa, o Natal e outras celebrações foram inauguradas pelos fundadores da Babilônia. Estas celebrações, vinculadas a determinadas estações do ano, eram observadas séculos antes de Cristo, embora sob outros nomes.

O Natal, por exemplo, era celebrado em honra do nascimento do filho de Semíramis, Tamuz, e mais tarde em honra ao nascimento do Sol. A páscoa era uma festa em honra da deusa Istar. A Sexta-feira da Paixão era o dia de lamentação e choro pela morte de Tamuz, que teria sido martirizado. As idólatras israelitas dos dias de Ezequiel cometeram esta grande abominação ao “chorarem por Tamuz”. O atual feriado religioso de 25 de março era celebrado em honra do nascimento de Semíramis, e o dia 8 de setembro em memória de sua assunção.

63) Que tipo de deus era Tamuz no paganismo?

Meu caro leitor, da união entre Ninrode e Semíramis nasceu Tamuz, mas com um detalhe significativo — a “deusa” permaneceu “virgem”. Aqui está, talvez, a primeira tentativa satânica de dar um falso cumprimento à profecia bíblica relativa ao nascimento de Jesus de uma virgem, anunciada sete séculos antes de Cristo.

As figuras da mãe com seu filho ao regaço, começando com Semíramis e Tamuz, estão presentes em outras culturas como Asterote e Baal, Afrodite e Eros, Venus e Cupido, Ísis e Osíris, Isa e Isvra, Cibele e Dionísio, Fortuna e Júpiter, Irene e Plutos. Na Bíblia do padre Mattos Soares, traduzida da Vulgata Latina, registrou-se a versão grega de Tamuz, que é Adonis.

Tamuz é o tipo do deus que morre e ressuscita, personificando as forças vivas da natureza. Morre com os calores estivais e ressurge com a primavera. Era conhecido na Suméria, segundo alguns, cerca de três mil anos antes de

Cristo, mas consta, todavia, como filho do casal fundador da Babilônia, logo após o Dilúvio. Penetrou posteriormente em outras nações e até mesmo no recinto do templo de Jerusalém:

Então ele me levou para a entrada da porta norte da casa do Senhor. Lá eu vi mulheres sentadas, chorando por Tamuz. Ele me disse: Você vê isso, filho do homem? Você verá práticas ainda mais repugnantes do que esta. Ele então me levou para dentro do pátio interno da casa do Senhor, e ali, à entrada do templo, entre o pórtico e o altar, havia uns vinte e cinco homens. Com as costas para o templo do Senhor e os rostos voltados para o oriente, estavam se prostrando na direção do sol. Ele me disse: Você viu isso, filho do homem? Será que essas práticas repugnantes são corriqueiras para a nação de Judá? Deverão também encher a terra de violência e continuamente me provocar a ira? Veja! Eles estão pondo o ramo perto do nariz! Por isso com ira eu os tratarei; não olharei com piedade para eles nem os pouparei. Mesmo que gritem aos meus ouvidos, não os ouvirei.

Comentando este texto, o Pontifício Instituto Bíblico de Roma afirma:

Parece que os vinte e cinco eram representantes das vinte e quatro classes sacerdotais, juntando-se o sumo sacerdote, ainda que o caráter sacerdotal deles não seja expressamente indicado. Aqueles que deviam honrar o único Senhor, dão-lhe as costas no santuário a fim de se voltar para o oriente e adorar o sol, que era uma das divindades principais dos babilônios. Fora restaurado o seu culto abolido por Josias (cf. 2 Rs 23.11).

“Levam o ramo ao nariz” — Tradução comum, ainda incerta, segundo a qual o texto aludiria ao rito usado no culto solar dos persas, de levar diante da boca um pequeno molho de ervas sagradas para não contaminar com a impureza do hálito a atmosfera do sol nascente. Com mais probabilidade, é uma alusão ao rito de levar ao nariz uma raiz desconhecida, símbolo de vida, como para lhe aspirar a virtude mágica, rito expresso na literatura e nos monumentos do antigo Oriente.

Meu caro leitor, nunca devemos nos esquecer que a Babilônia espiritual habita dentro do homem natural. Em todas as épocas temos visto sinais e

indícios destas ocorrências satânicas.

64) Que tipo de influência pagã ocorreu nas festas natalinas?

O cristianismo originário de Roma, meu caro leitor, avançou tanto na sua tentativa de cristianizar o natal babilônico, que acabou consagrando até mesmo o pinheiro como símbolo natalino, não desconhecendo, por certo, que era esta a árvore preferida de Tamuz, e que, na antiga Roma, os cidadãos penduravam máscaras de Baco, o deus do vinho, em pinheiros para comemorar a festa pagã “Saturnália”, cuja data coincidia com a do nascimento do Sol.

Essa tradição dos romanos e babilônios está presente na antiga civilização egípcia, que considerava a tamareira como árvore da vida e a levavam para casa nos dias de festa, enfeitando-a com doces e frutas para as crianças.

Afirmam autoridades no assunto que a Bíblia refere-se ao natal pagão ao afirmar — “Os costumes religiosos das nações são inúteis: corta-se uma árvore da floresta, um artesão a modela com seu formão; enfeitam-na com prata e ouro, prendendo tudo com martelo e pregos para que não balance” (Jr 10.3,4).

Outro aspecto pagão do Natal é a data de 25 de dezembro, rejeitada por muitos estudiosos da história e cronologia bíblicas. Embora seja de importância capital por marcar o início da era cristã, a data do nascimento de Jesus ainda não foi satisfatoriamente definida. Assim, o nascimento de Jesus foi comemorado no dia 20 de maio no Egito e na Palestina, até o século terceiro, e em outros lugares no dia 6 de janeiro ou no dia 25 ou 28 de março.

O imperador Aureliano estabeleceu, em 275 d.C., a comemoração obrigatória da natividade do Sol Invicto no dia 25 de dezembro, data que foi adotada pela igreja romana a partir do ano 336 para a comemoração do nascimento de Jesus, e como reação ao paganismo.

Argumentam os entendidos que o nascimento de Jesus teria ocorrido provavelmente entre a segunda metade de março e a primeira metade de abril, quando faz calor na Palestina, e não em dezembro, época em que o forte frio desaconselharia a iniciativa imperial de realizar o alistamento. Reforça esse argumento o fato de os pastores estarem no campo na noite do nascimento de

Jesus. É possível que, devido ao calor, os rebanhos permanecessem no curral durante o dia, à sombra, e fossem então apascentados à noite.

Cabe aqui uma rápida palavra acerca da conhecidíssima figura do Papai Noel. Esse nome vem do francês, e literalmente significa “Pai Natal”. Embora alguns o considerem apenas uma lenda, afirma-se que ele existiu de verdade, tendo a sua origem como um dos descendentes de São Nicolau, que no quarto século foi bispo católico de Myra, uma cidade da Ásia Menor, hoje Turquia.

Sua história começa em 270 d.C., em Patras, cidade próxima de Myra, e termina em 6 de dezembro de 342 d.C., quando morreu. Durante a sua vida fez uma peregrinação à Terra Santa, ocasião em que o navio em que viajava só não naufragou graças às ferventes rezas de Nicolau, razão por que se tornou o padroeiro dos marinheiros e pescadores.

Papai Natal, portanto, não era conhecido por este nome, nunca viveu no Pólo Norte nem vestia roupas vermelhas e botas pretas. Também não andava de trenó nem levava às costas um saco de presentes.

65) Que influência exerceu Babilônia nas grandes religiões do Oriente?

Caríssimo leitor, a cristandade não evangélica de nossos dias adotou muitos ensinamentos estranhos à fé cristã, como o sinal da cruz em forma de T, sinal que era usado pelos caldeus e egípcios nos mistérios babilônicos; a tonsura e as freiras, que imitam as virgens vestais de Roma, também oriundas da idolatria babilônica.

Impressiona-nos saber que o xintoísmo japonês, como fragmento da idolatria babilônica, possui pelo menos 16 pontos de semelhança com o catolicismo romano — adoração de imagens; línguas mortas nos rituais; velas; incenso; missas pelos mortos; rosário de contas; vãs repetições na oração; celibato dos clérigos; freiras; adoração de relíquias; sistema de mérito mediante penitências; cúrias sacerdotais; procissões; adoração de santos; adoração de flores; adoração de Kwanyian, a deusa da graça, que corresponde à Maria.

Todavia, meu caro leitor, a mais pura forma de idolatria babilônica não está no Japão, mas no Tibete. Quando a ímpia Babilônia caiu, alguns de seus

defensores levaram a sua idolatria ao Tibete. “Visitantes modernos se surpreendem de que, embora nenhum missionário tenha obtido permissão para entrar no Tibete em toda a história desse país, ainda assim os tibetanos têm água benta, incenso, adoração de uma virgem e um menino, monges, freiras, mosteiros, e vestimentas clericais exatamente iguais às do catolicismo romano”.

A fim de provar a origem babilônica do culto católico, Álvaro Reis relaciona dois valiosos testemunhos.

O primeiro diz respeito ao padre Huc, que viajou à Tartária, ao Tibete e à China. Escreveu ele:

A cruz, a mitra, a dalmática, o fluvial ou capa de asperges, que o grã-lama (sumo sacerdote ou papa) veste quando de viagem ou durante a celebração de qualquer cerimônia fora do templo; o serviço de coros duplos, a salmodia; os exorcismos; o turíbulo suspenso por cinco correntes, que se pode abrir e fechar à vontade; as bênçãos pronunciadas; o rosário, o celibato; os eclesiásticos; o retiro espiritual; o culto aos santos; os jejuns; as procissões; as liturgias; a água benta — em tudo isto há analogias entre os budistas e nós.

O segundo testemunho é de James F. Clark, que registrou o seguinte:

Monges budistas tomavam então (200 anos a.C.), como agora, os mesmos votos do celibato, pobreza e obediência, que tomam os membros de todas as ordens romanistas...

Eles raspavam a cabeça, vestiam a capa de frade amarrada à cinta com uma corda e mendigavam de casa em casa, levando consigo uma tigela de madeira para receber arroz cozido. Os velhos mosteiros da Índia contêm capelas e celas para monges. A estrutura desses mosteiros mostra claramente que o sistema monástico dos budistas é antigo demais para ser cópia dos mosteiros dos cristãos.

É de assustar, meu caro leitor, que tanta gente continua sendo enganada em pleno século vinte e um, quando praticam uma religião pagã pensando que estão servindo a Cristo!

66) O que vem a ser a seita Hare Krishna?

Caro leitor, dentre os livros sagrados dessa religião pagã — o Bhagavad-gita —, dos vedas, registra, segundo seus adeptos, as palavras de Deus faladas por ele. Evidentemente, o paganismo babilônico, no seu afã de confundir os povos e imitar a religião verdadeira, não poderia prescindir de uma falsa bíblia, para eles a própria palavra de Krishna — deus onisciente, onipotente, todo-poderoso, todo atrativo, o pai que dá a semente de todas as coisas vivas e a energia sustentadora de toda a criação.

Praticamente em todos os lugares onde a seita Hare Krishna se estabelece ocorre incidentes entre os seus dirigentes e a polícia, incidentes na maioria das vezes procedentes de queixas apresentadas por pais cujos filhos abandonaram o lar e a família e os trocaram pela comunidade da “consciência de Krishna”.

Em todo o mundo são muitos os registros, nos departamentos policiais, de graves acusações de ex-adeptos da seita contra seus sacerdotes, como as apresentadas pela jovem norte-americana Susana Murphy, de 18 anos, que desertou do movimento e acusou-o de práticas desumanas e hostis às mulheres. Disse ela — “O templo de Boston dá às mulheres os restos de comida dos homens. As mulheres são alimentadas como cachorros”.

No Rio de Janeiro, o estudante Mauro Antônio Guerra, ex-Krishna convertido ao evangelho, afirmou em seu testemunho que os monges induzem seus discípulos a deixarem os pais e todos os não seguidores daquela seita hindu.

A Associação Internacional para a Consciência de Krishna foi estabelecida no Ocidente em 1966. Não fosse a violenta reação que causou em todo o mundo, a “Associação” dificilmente se teria distinguido dentre os inúmeros movimentos orientalistas. Seus discípulos são instruídos na sabedoria védica e envolvidos na abundante mitologia do hinduísmo.

Krishna — o deus supremo do movimento — é descrito como o reservatório de todo o prazer. Ele aparece na farta literatura da “Associação” ao lado de sua esposa, a “consorte eterna” Srimati Radharani, que é a potência de prazer dele, ou a potência dele mesmo, dentro dele. Os hare krishnas acreditam na reencarnação e ensinam que os animais, mesmo os insetos mais desprezíveis, possuem alma imortal como os seres humanos.

A fim de melhor conhecer a sua divindade, os iniciados praticam a ascese,

que é também costume pagão importado da Babilônia, e passam por um verdadeiro processo de lavagem cerebral. O devoto não come carne, peixe e ovos; não toma chá, café, álcool, não fuma, não toma droga, não joga e não mantém relações sexuais fora do casamento. Na busca da “pureza física e mental”, cantam interminavelmente o mantra, ao som de pequenos tambores, repetindo milhares de vezes por dia — “Hare-Krishna”, “Hare-Krishna”.

Tudo, na seita, faz parte de um terrível processo de despersonalização do ser humano, que fica assim reduzido a uma “máquina de rezar” ou a um “robô de mantras”. Os adeptos assim “renascidos” adotam outro nome (geralmente hindu) ao batizar-se, e renegam os próprios pais, parentes e amigos mais chegados, considerando-os simplesmente como mortos ou inexistentes!

67) Que relação há entre as divindades femininas do passado e a virgem Maria?

Caro leitor, após o Dilúvio, as forças do mal gravitavam em torno da Babilônia, resultando na torre de Babel e na confusão das línguas. Babel se tornou a sede da grande apostasia. A dispersão após a confusão das línguas deu origem às nações, conforme Gênesis 11.7-9.

Esta dispersão, todavia, só ocorreu depois de Satanás haver implantado nesses povos o vírus de uma doutrina que tem sido a fonte de toda religião falsa conhecida no mundo. Pois foi em Babilônia que surgiu o culto pagão inventado por Ninrode e Semíramis, cujo filho ela afirmava haver tido em estado virginal, e a quem ela também considerava ser a prometida “semente da mulher”, em cumprimento de Gênesis 3.15.

Depois de espalhadas as nações, conforme Gênesis 11.1-9, Babilônia continuou a ser o “trono de Satanás” até Xerxes tomar a cidade em 487 a.C. O sacerdócio babilônico viu-se então obrigado a deixar a Babilônia e se estabeleceu em Pérgamo, que passou a ser a sede do “culto” por algum tempo.

Quando Atallus, o pontífice e rei de Pérgamo, morreu em 133 a.C., a sede do sacerdócio babilônico foi por ele entregue como herança a Roma. Finalmente, o primeiro imperador romano se tornou o cabeça do sacerdócio babilônico, e Roma a sucessora da Babilônia. Os imperadores romanos continuaram a sustentá-la por 400 anos, até 376 d.C., quando o imperador Graciano a

recusou por motivos cristãos, ao perceber a natureza idólatra do culto babilônico.

Dois anos mais tarde, Dâmaso, bispo da igreja de Roma, foi eleito para o ofício de sumo pontífice da Ordem Babilônica, e foi aí que Roma incorporou na igreja cristã o sistema religioso da Babilônia. Assim, o bispo de Roma, que mais tarde veio a ser o chefe supremo da igreja organizada, tornou-se também o supremo pontífice da Ordem Babilônica.

Aos poucos, a doutrina babilônica foi sendo inapelavelmente introduzida no seio da organização religiosa cristã através do paganismo romano. Um pouco depois de Dâmaso se tornar o supremo pontífice, os ritos da Babilônia começaram a se tornar evidentes. O culto se tornou cada vez mais “babilonizado”, os templos pagãos foram restaurados e adornados, e os rituais estabelecidos.

As mudanças ocorridas na igreja romana, como resultado dessa união, não foram repentinas. Entre as primeiras alterações decorrentes dessa união destaca-se a introdução do culto à Virgem Maria, estabelecido em 381 d.C.

No culto babilônico, a mulher e o filho eram os grandes objetos de adoração, pois o deus supremo, pelo fato de não tomar conhecimento dos assuntos humanos, não era adorado. Da mesma maneira ocorre na igreja romana, onde o culto ao Rei Eterno e Invisível está praticamente extinto, enquanto predomina a adoração de Maria como “mãe de Deus”, e de seu filho.

Em 1854, os bispos de todas as partes do mundo cristão e representantes dos pontos mais distantes da terra, reuniram-se em Roma e decretaram, com o protesto de apenas quatro dos participantes, que Maria, a “mãe de Deus”, havia morrido, ressurgido dentre os mortos, e sido elevada ao céu; por isso deveria ser doravante adorada como virgem imaculada, “concebida e nascida sem pecado”.

68) Quem foi Baal, o deus várias vezes mencionado no Antigo Testamento?

A figura de Baal, meu caro leitor, surge dentre a religiosidade babilônica, que estava voltada para as forças vivas da natureza, as quais acabaram sendo divinizadas. O sexo, por ser um meio de reprodução da vida, desempenhou

importantíssimo papel religioso, particularmente em Babilônia. A liturgia nada mais era do que a descrição de relações sexuais entre deuses, mediante as quais, segundo os babilônicos, todas as coisas vieram à existência.

Dentro do sistema babilônico, o sol, a lua, os demais astros e a chuva recebiam culto. Fundadores de cidades também foram divinizados pelos habitantes, como Assur, pai dos assírios, e Ninrode, da Babilônia. Para que os deuses parecessem reais, faziam-lhes imagens que os representavam, vindo depois as próprias imagens a serem adoradas como deuses. É o que diz a Bíblia — “E trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis” (Rm 1.23).

Deste modo o homem precipitou-se do monoteísmo original num abismo de inumeráveis cultos idólatras politeísticos, alguns deles indescritivelmente vis e abomináveis, como a prática nefanda de queimar vivos inocentes bebês.

Em Canaã, em Tiro e em Sidom, o mais popular de todos os deuses era justamente o Baal (que quer dizer “senhor”). Era considerado a fonte da vida e da fertilidade, e por isso todas as colinas e montanhas eram dedicadas aos ídolos de Baal especialmente pelos povos agrícolas. Escavações realizadas em Megido, perto de Samaria, trouxeram à luz, na camada do templo de Acabe, as ruínas de um templo de Asterote, outra deusa da Síria e de Canaã, também esposa de Baal. Os templos dos dois comumente não eram muito afastados.

A poucos passos desse templo de Asterote havia um cemitério, onde se acharam muitos jarros contendo despojos de crianças sacrificadas no dito templo. Vale isso como amostra do que era o culto de Baal. “Os profetas de Baal e de Asterote eram assassinos oficiais de criancinhas. Isso esclarece a razão da matança deles por Elias, e ajuda-nos a compreender porque Jeú se mostrou impiedoso no extermínio do baalismo”.

Todavia, a prática dos sacrifícios de crianças não é tão remota como poderia parecer à primeira vista. Os missionários cristãos dos tempos modernos depararam-se com tais cenas em muitos países onde o evangelho de Cristo era desconhecido.

Na Polinésia, por exemplo, encontram-se pais que haviam sacrificado até dezenove de seus filhos aos ídolos pagãos. As próprias mães cuidavam do sacrifício de seus filhos recém-nascidos.

No ritual diabólico, os pobres e inocentes bebês morriam de muitas

maneiras — enterrados vivos, afogados com pano molhado ou mediante a quebra de todas as articulações, uma a uma, começando pelos dedos das mãos, depois dos pés, em seguida os braços, as pernas, etc. Se com todas estas torturas não morriam, eram então sufocados. Trata-se de morte lenta, cheia de requintes de inominável perversidade, tendo por carrascos as próprias mãos, que a isso tudo chamavam de um heroísmo santo! Esse falso deus Baal recebeu culto especial em todo o mundo antigo. Em Israel, o Baal introduzido por Acabe, nos dias do profeta Elias, foi o Melkart, da cidade fenícia de Tiro.

69) Quais eram as divindades da antiga Babilônia?

Caro leitor, poderia citar os deuses Marduque, Melkart e Camos, este último o deus de Moabe. Essas divindades seriam apenas algumas das várias representações pagãs de Ninrode. Afirmar-se que o deus grego Centauro — representado por um cavalo com cabeça de homem e com uma arca na mão — era adorado em memória de Ninrode, que foi o primeiro caçador e o primeiro homem a usar o cavalo para a caça e a guerra.

O famoso Ninrode, segundo a religião da ímpia Babilônia, casou-se com Semíramis, que é a mesma deusa cujo nome aparece na Bíblia e na literatura antiga como Astarte, Asterote, Isis, Istar, Afrodite, Vênus, Diana etc. A imagem desta última, em Éfeso, com sua coroa de torres na cabeça, representava a mesma mulher e era adorada como a deusa da fortificação, por ter sido ela a primeira a fortificar a Babilônia com muros e torres.

Astarte é a mesma Istar da Babilônia, a deusa da estrela matutina, a Vênus da guerra e do amor. Como deusa do amor, Astarte patrocinava a volúpia e a fecundidade. Possuía personalidade tão rica que muitas outras deusas acabaram fundindo-se nela, de tal modo que a Bíblia, ao designar todas as divindades femininas locais, fala de “astartes”, no plural. “Contudo, a Escritura não desconhece que Astarte foi a deusa-tipo, a rainha do céu, exercendo em todos os tempos seu poder sedutor sobre o temperamento feminino”. Na Bíblia, ela é citada em diversas passagens (cf. Jz 2.13; 10.6; 1 Sm 7.3,4 etc).

No governo de Dario, a Pérsia possuía Ahura-Mazda como a divindade suprema, em honra da qual construíram-se grandes templos, o que não impedia que existissem várias outras divindades, como o famigerado Baal,

sempre a reclamar sacrifícios humanos; Tamuz, Astarte — deusa da lua, cuja imagem era ornamentada diariamente com jóias e vestidos novos, sempre brancos e transparentes. Essa deusa possuía uma coorte de virgens, que, entretanto, eram muito pouco virgens.

No templo da deusa, afirma um hisitorador — “realizavam-se festins orgíacos em que os sentidos eram satisfeitos das formas mais estranhas. Na verdade, os templos dos deuses persas, especialmente em Babilônia, foram autênticos prostíbulos”. Dario não pôde impedir que os persas continuassem os costumes da Babilônia, principalmente os costumes dissolutos da Babel da Bíblia, que contaminava os seus vencedores, como os persas...” E cita o historiador Otto Neubert — “Os costumes depravados da Babilônia não encontraram iguais, não se tornaram tradicionais em nenhum outro povo”.

Parece incrível, mas o *strip-tease* moderno tem sua origem diretamente na Babilônia, cujo culto à principal deusa era uma “magia erótica” de caráter empírico, paródia de um rito babilônico — a deusa Istar se despindo. Esse rito desenvolveu-se sob a forma de um *strip-tease* em certos templos da Babilônia, mas com um valor sacro — representava a visita da deusa aos infernos.

“À medida que descia os círculos infernais, ia despindo suas vestes. Esse ritual dançante simbolizava o amor, liberto gradativamente de suas aparências e seus artifícios, para explodir no ser total, nu e puro... Muitas destas sacerdotisas chegam ao espasmo durante a ‘cerimônia’. Estes espasmos, que explodem no fluído erótico, localizam-se em diversos pontos do corpo...”.

70) Como era o culto à Rainha do Céu no Antigo Testamento?

Caro leitor, em muitas religiões antigas era disseminado o costume de confeccionar bolos, tortas ou pastéis em honra a seus deuses. Esses alimentos, consumidos nos rituais, traziam os símbolos ou efígies de suas divindades, sendo a principal delas a Rainha do Céu.

Conhecida na Babilônia como Istar, a Rainha do Céu teve seu culto introduzido em Jerusalém durante o reinado de Manassés, bisavô de Jeoaquim. Já era conhecida dos hebreus muito antes de Manassés, pois eles a encontraram como uma das principais divindades de Canaã, quando

conquistaram este país.

Os fenícios a veneravam como padroeira de Sidon e como protetora de suas embarcações, em cujas proas ostentavam a sua efígie, na qual ela segurava uma coroa em sua mão direita, como modernamente alguns automóveis a traziam sobre o tampão do radiador. Flávio Josefo faz referência a um templo à Rainha do Céu erguido por Hirão, sendo um de seus sacerdotes o pai da vil Jezabel, esposa de Acabe e responsável pela terrível idolatria que assolou Israel.

O culto à Rainha do Céu está referido em vários lugares da Bíblia, mas especialmente em Jeremias 44.15-19, onde lemos na versão em italiano de monsenhor Carlo Marcora, tradução em português do professor Jacob Penteadó:

Então, todos os homens que sabiam que as suas mulheres queimavam incenso a outros deuses, e todas as mulheres que estavam presentes, em grande número, e todo o povo que morava no Egito, e na região de Patros, disseram a Jeremias: ‘Nós não daremos atenção à mensagem que você nos apresenta em nome do Senhor! É certo que faremos tudo o que dissermos que faríamos — queimaremos incenso à Rainha dos Céus e derramaremos ofertas de bebidas para ela, tal como fazíamos, nós e nossos antepassados, nossos reis e nossos líderes, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém. Naquela época tínhamos fartura de comida, éramos prósperos e nada sofriamos. Mas, desde que paramos de queimar incenso à Rainha dos Céus e de derramar ofertas de bebidas a ela, nada temos tido e temos perecido pela espada e pela fome. E as mulheres acrescentaram: Quando queimávamos incenso à Rainha dos Céus e derramávamos ofertas de bebidas para ela, será que era sem o consentimento de nossos maridos que fazíamos bolos na forma da imagem dela e derramávamos as ofertas de bebidas?

O versículo 19 do texto citado é assim traduzido por Moffat — “fizemos bolos à sua imagem”. Na tradução do Centro Bíblico de São Paulo, lemos — “Ofertamos tortas à sua efígie”. O mesmo pensamento ocorre na Versão Autorizada, em inglês, e na italiana, de Giovanni Luzzi.

No ritual de adoração à Rainha do Céu — que, ao final, vem a ser a mesma Semíramis — seus cultuadores ofereciam-lhe fumaça sacrificial proveniente da queima de resinas, madeiras, especiarias ou gomas; derramavam licores ou

vinhos no lugar do sacrifício ou à sua frente, e preparavam-lhe bolos de oferenda com a sua imagem ou efígie. Como deusa da fertilidade, é provável que os bolos oferecidos à Rainha do Céu eram feitos com farinha de trigo das primeiras colheitas.

71) Que diferença há entre sacerdotes, pajés e médiuns nas religiões animísticas?

Caro leitor, todas as religiões têm pessoas sagradas como mediadores entre sua deidade, ou poder supremo, e o povo. Tais mediadores fazem as suas orações e interpretam a mente ou a vontade da deidade.

Nas religiões animísticas, os mediadores podem ser sacerdotes, pajés, médiuns, adivinhos, xamãs, exorcistas, feiticeiros e assim por diante.

Algumas pessoas imaginam que pajé é aquele que invoca maldições sobre os outros. Na realidade, ele age como um herbanário em primeiro lugar, e como adivinho. Como herbanário, fornece remédios feitos de raízes, folhas e brotos de várias árvores.

Mas se uma doença persistir por um tempo mais prolongado, o pajé age como adivinho ou “caçador de bruxas”. talvez passe, então, a usar a bruxaria, a fim de descobrir a causa de um problema e de neutralizar os poderes malignos da magia; mas não é malfeitor. É o feiticeiro que pratica a magia negra.

Poucos animistas acham que a doença é causada por bactérias, por água contaminada, por uma picada de inseto ou por problemas orgânicos. O primeiro pensamento deles é que uma pessoa a causou mediante a bruxaria ou um espírito maligno.

Seguem-se outras definições:

O feiticeiro — usa a magia para lesar ou destruir. A magia opera contra o sistema social e as leis da comunidade. A magia negra é usada para danificar, ao passo que a magia branca é usada para “ajudar”.

O mágico — é aquele que usa recitações monótonas, encantamentos e sortilégios para levar a efeito a sua magia. Não é sacerdote, nem xamã.

O xamã — é um sacerdote-médico que emprega a magia para curar os enfermos ou para adivinhar aquilo que está oculto. É um médium que é notável pelo uso que faz da êxtase. O xamanismo é uma religião animística que

se acha na Ásia setentrional, na Europa, e entre alguns índios da América do Norte.

O médium — é uma pessoa através de quem outras pessoas procuram comunicar-se com os espíritos dos mortos. Na África Central, acredita-se que o médium está encarnado no espírito de um ancestral. Na verdade, não ocorre a presença do finado, pois a Bíblia afirma que os mortos não retornam à terra e estão aguardando o juízo.

O sacerdote — é aquele que está autorizado a realizar os deveres sagrados de uma religião. É considerado um tipo de mediador entre o povo e o seu deus.

Você pensa, às vezes, a respeito daquilo que acontecerá depois da morte? A maioria das pessoas começa a ter suas perguntas a respeito da morte, quando tem uma doença ruim. O animista é assim, também. Acredita que a vida no mundo do porvir é uma continuação da sua vida aqui na terra. Mesmo assim, a qualidade da vida no porvir depende de quão bom ou mau ele tem sido nesta vida. Seu desejo é ser um bom espírito, a fim de que possa abençoar seus filhos e netos. Como é importante levar essa gente à esperança de ficar com Cristo!

72) É possível haver sincretismo entre animismo e cristianismo?

A resposta, caro leitor, infelizmente é positiva. Esse tipo de sincretismo surgiu principalmente no tempo das missões modernas. É a mistura de várias crenças, e no caso dos animistas, é a mistura entre a doutrina bíblica e as crenças e rituais animistas.

Até mesmo depois de um animista ter recebido Jesus como seu Salvador pessoal, freqüentemente será tentado a fundir sua nova fé a seu antigo comportamento animístico, ou a uma forma nova, porém antibíblica de cristianismo.

Externamente, esses membros das igrejas talvez tenham semelhança com o cristianismo, mas interiormente estão seguindo velhos ensinamentos animísticos ou até mesmo falsas doutrinas.

Em alguns casos é difícil discernir a distinção entre acréscimo do animismo ao cristianismo e o desmascaramento do animismo. Talvez este tenha ficado adormecido debaixo de uma aceitação parcial do cristianismo. Depois, passa a

revelar-se. Conforme disse alguém — “Se você arranhar um cristão, verá um animista”.

No continente africano, as crenças e costumes tradicionais freqüentemente voltam à tona entre povos tribais recém-convertidos e os membros da igreja que se levantam contra a fé. O resultado é a deserção da filiação à igreja e a formação de um meio-ambiente independente de culto.

O sincretismo não é apenas a apostasia de algumas poucas pessoas infelizes. Às vezes envolve congregações inteiras. Os cristãos nas áreas onde ocorre o sincretismo precisam levar a sério a situação, pois sempre ocorre a deserção dos membros das igrejas, que abandonam a sã doutrina eclesíastica.

Há pelo menos cinco causas para o sincretismo, das quais apresento aqui pelo menos as duas primeiras:

O profetismo — Muitos profetas nomeados por si mesmos, que procuram poder e altas posições, têm atraído os membros das igrejas. Tive alguém assim na igreja que pastoreio, que se considerava pessoa muito importante e causou muitos problemas. Por se sentir sem muito espaço para o exercício de seu ministério em minha igreja, acabou aceitando o convite de um pastor da região, o qual agia como um “pescador de aquário”, ou seja, sem nenhum respeito pelos colegas, convidava crentes de outras igrejas para a sua.

Esse “profeta”, ao chegar à nova igreja, foi logo considerado uma espécie de profeta-mor de seu novo pastor. Este, por sua vez, foi-se isolando mais e mais dos demais pastores, adotou algumas doutrinas erradas e acabou perdendo muitos crentes para outras igrejas. A igreja dele, que chegou a ser a maior da região, hoje não existe mais.

Reivindicações messiânicas — Outros alegam que receberam uma revelação especial da parte de Deus, segundo a qual cada um assevera que é um messias, ou interpreta de modo errado a passagem bíblica que afirma que somos participantes da natureza divina, e por isso somos pequenos deuses. Isto nos lembra como Eva interpretou a tentação de Satanás — “Serão como Deus” (Gn 3.5).

73) Quais seriam as causas do sincretismo entre o animismo e o cristianismo?

Meu caro leitor, como em outra ocasião já tratamos do profetismo e das reivindicações messiânicas como duas das causas desse tipo de sincretismo religioso, hoje vamos prosseguir com mais três causas.

A terceira causa poderá ser dons especiais de curar. É claro que dons de cura são bíblicos, mas alguns líderes, especialmente na África, têm reivindicado a posseção de grandes dons de curas. Em algumas áreas, milhares de pessoas já abandonaram sua fé cristã bíblica para seguirem tais líderes. Estes, em geral, formam novas comunidades nas áreas rurais e constroem cabanas ou abrigos de ramos para suas reuniões.

Como quarta causa temos os ataques aos costumes tradicionais. Alguns dos primeiros missionários achavam que a tarefa que Deus lhes dera era destruir os deuses e os fetiches dos pagãos. Ao condenarem tais fetiches e deuses, no entanto, freqüentemente subvertiam o sistema de segurança do povo ou o seu equilíbrio social.

Considere, por exemplo, a prática da poligamia, que era permitida segundo as leis tradicionais de algumas comunidades. Na realidade, ter um grande número de esposas freqüentemente era um sinal de riqueza e de prestígio. Os primeiros missionários, no entanto, condenavam fortemente a poligamia e desfizeram muitas famílias.

A poligamia tinha aceitação cultural, de modo que essas pessoas que a praticavam nem sequer procuravam justificar as suas práticas baseadas em textos bíblicos.

Sendo que a poligamia estava profundamente arraigada à cultura, sem violar as normas sociais, os povos tribais não acreditavam que fosse necessário desfazer famílias e abalar a sociedade, a fim de acomodar as exigências missionárias. O resultado foi que muitos se rebelaram contra a missão e se separaram, a fim de estabelecerem um sistema religioso compatível com suas próprias crenças culturais.

A quinta causa é o sistema educacional. Poucas pessoas pensariam que a educação das tribos primitivas fosse outra coisa senão uma bênção. Antes de serem abertas escolas, poucas pessoas deixavam a igreja; quando, no entanto, a educação foi posta ao alcance de todos e a alfabetização foi melhorada, surgiram movimentos de independência.

Pelo fato de possuírem melhor nível educacional, algumas pessoas ambiciosas liam a Bíblia no seu próprio idioma e a distorciam a fim de

encaixarem nela suas crenças animísticas ou outras crenças falsas.

Esses fatores representam apenas algumas poucas razões por que as pessoas podem desviar-se do cristianismo ou incorporarem suas velhas crenças animísticas à sua mentalidade cristã. Ao assim fazerem, anulam os efeitos da sua conversão e enfraquecem o testemunho dos que continuam sendo fiéis a Jesus Cristo.

Os missionários e líderes cristãos nas áreas onde ocorre o sincretismo devem estar em constante estado de prontidão contra ele.

74) Quem foi o fundador do confucionismo?

A palavra Confúcio, caro leitor, provém do termo chinês K'ung-fu-tzu, que significa “mestre K'ung”. K'ung é um sobrenome, e o título inteiro recebeu a forma latina de Confucius, dos missionários jesuítas antigos.

Confúcio viveu durante os “tempos dos cem filósofos”, nos séculos quinto e sexto a.C. Viveu, portanto, nos mesmos tempos de Lao-tzu, o taoísta, de Gautama, o Buda, de Mahavira e o jainista, mas alguns anos antes dos filósofos gregos Platão e Aristóteles.

Nos tempos de Confúcio, a situação política na China estava em caos durante a dinastia Chao. Por muitos anos, os políticos, os sociólogos, e os filósofos propunham suas fórmulas para a paz na China, a fim de fazer dela, de novo, uma nação grandiosa.

Os taoístas proclamavam que tinham a resposta na atitude de “não se esforçar”. Enquanto esse ensino espalhava-se pela China, um jovem brilhante, de outra parte do país, começou a ensinar suas propostas para a paz.

Confúcio nasceu em 551 a.C., o caçula de onze filhos, no estado de Lu, que agora é a província de Shantung. Seu pai morreu quando ele tinha três anos de idade e a mãe resolveu que lhe daria a melhor educação possível.

Os livros existiam escritos em cascas de bambu e era difícil adquiri-los, mas ele estudou muito e aprendeu tudo quanto pode da história, da poesia e da música da China antiga. Ao chegar aos quinze anos de idade, resolveu que seria um estudioso e um professor. Casou-se aos dezenove anos de idade e foi pai de um filho, mas o casamento terminou em divórcio.

Confúcio interessava-se pelos problemas do bom governo, e obteve um

emprego público. Certificava-se de que os oficiais fossem honestos e cultos, e dentro em breve o sistema tornou-se famoso.

Mas, devido às suas idéias revolucionárias, bem como a ciúmes dos outros, Confúcio deixou seu cargo. Resolveu ser professor, ao invés de administrador. Indo de estado em estado, ensinava suas crenças a respeito do governo sábio e honesto.

Sua infância passada na pobreza fê-lo sentir simpatia pelos pobres e ajudar os estudantes que lutavam contra dificuldades. Sua escola particular cresceu até o número de três mil estudantes. As matérias ensinadas incluíam a história, a poesia, a literatura, a política, as ciências naturais e a música.

No emprego das perguntas e dos argumentos, assemelha-se a Sócrates. Segundo a tradição, Lao-tzu e Confúcio tiveram sérios confrontos. Os discípulos de cada sistema diziam que seu respectivo líder foi mais sagaz do que o outro.

Confúcio passou seus derradeiros anos ensinando e compilando alguns dos textos clássicos chineses. O mestre morreu em 479 a.C., e houve luto geral entre todos os seus discípulos. Aumentou-se a reverência a ele e, com o decurso do tempo, passou a ser considerado um deus.

Durante a dinastia Han, cerca de 220 a.C., o imperador Han, Wu, foi persuadido por um estudioso confucionista a proclamar o confucionismo como a ideologia oficial da China. Foi um grande passo para a unificação do país.

75) Como se desenvolveu o confucionismo?

Por mais de dois mil anos os ensinamentos de Confúcio tiveram grande efeito sobre a quarta parte da população do mundo. De início, o fundador achava que era um fracasso, e, quando morreu, apenas setenta homens eram seus discípulos. Sofriam a oposição dos taoístas que espalhavam os seus ensinamentos ao mesmo tempo.

Outros oponentes eram os legalistas e os mohistas que alegavam poder oferecer uma forma melhor de governo.

Nos séculos terceiro e quarto a.C., Mêncio e Hsun-Tzu fizeram muito para expandir os ensinamentos de Confúcio. Mêncio viveu de 372 a 289 a.C., e as lendas

chinesas indicam que a sua vida era bem semelhante a de Confúcio. Seus ensinamentos estão registrados no livro que leva o seu nome.

Confúcio não se interessava pela religião e escreveu bem pouco a respeito dos deuses. Seu propósito era fortalecer o ensino confuciano a respeito da bondade dos seres humanos.

Mêncio achava que a razão por que algumas pessoas não parecem boas, depende do meio-ambiente. Com o meio-ambiente certo, é possível todas as pessoas serem boas. Segundo Mêncio, o meio-ambiente social certo era um sistema feudal que tivesse o povo no seu âmago. Opunha-se à guerra, mas achava que o povo tinha o direito de revoltar-se contra um sistema opressor.

Hsun-Tzu foi outro confucionista famoso. Não era, no entanto, tão ortodoxo como os outros dois. Mesmo assim, teve um forte impacto sobre o país. Negava que o homem fosse basicamente bom. Achava que as pessoas nasciam más, mas poderiam tornar-se boas mediante treinamento.

As leis, a educação e as restrições eram necessárias, porque faziam a sociedade sobreviver. Isto, por sua vez, exigia ainda mais rituais. Acrescentando-se a isso sua crença de que os espíritos eram forças impessoais, temos o mais não-religioso de todos os antigos estudiosos confucionistas.

Em contraste com a história caótica da era anterior, a dinastia Han foi mais ordeira. Surgiu, portanto, a necessidade de estudiosos treinados, e os seguidores de Confúcio preencheram a lacuna.

Em 136 a.C. foram encarregadas pessoas para contribuírem na educação da juventude chinesa. Durante a dinastia Sung, as *analectas* tornaram-se o livro didático principal no sistema escolar, e assim continuou até a República Chinesa em 1912.

A reverência por Confúcio aumentou durante a dinastia Han; templos e cerimônias foram acrescentados em todas as partes da China. No decurso dos séculos, imagens de Confúcio e sacrifícios a ele eram, às vezes, removidos e restaurados.

Com a chegada da República Popular da China, foram abandonados. Em 1934, o aniversário de Confúcio foi proclamado com feriado nacional. Os confucionistas afirmam com confiança que nem o comunismo nem qualquer outro regime conseguirá expulsar da China o confucionismo.



Capítulo 6

DEFESA DA FÉ

76) Há alguma evidência da existência da arca de Noé?

Caro leitor, o explorador norte-americano John Liibi, acompanhado de auxiliares, escalou em 1954 o monte Ararat, que se ergue a 5.165 metros junto às fronteiras da Turquia, do Irã e da Rússia. Seu objetivo — localizar a arca de Noé.

Em seu impressionante relatório, Liibi alegou que a expedição, apesar dos muitos obstáculos, foi altamente compensadora, pois ele teve a arca diante de seus olhos a uma distância de apenas 60 metros, encravada na vertente sudoeste do setor turco da montanha, parcialmente soterrada e coberta de gelo.

São muitos os testemunhos acerca da existência, nos cumes gelados do Ararat, de algo semelhante, pelo aspecto, a um grande navio.

Em 1917, um piloto russo afirmou ter notado os restos de um estranho e enorme barco, justamente na região apontada por Liibi e outros exploradores como sendo o sítio da Arca de Noé.

Quanto às águas do Dilúvio, é bom lembrar que dentre as aparentes dificuldades apresentadas pela narrativa do evento destacam-se o seu caráter global e a grande quantidade de água necessária para cobrir todas as montanhas, até mesmo as mais elevadas, a fim de que o juízo divino atingisse toda a terra.

Diz a Bíblia que no segundo dia da criação havia águas “debaixo da expansão” e águas “por cima da expansão”, sendo as de baixo as existentes na Terra, como os mares, lagos e rios. As águas por cima seriam uma grande lente de gelo, que protegia a Terra das prejudiciais radiações cósmicas. Foram estas águas que caíram, alterando profundamente o sistema aerotelúrico e provocando o desaparecimento dos grandes répteis antediluvianos.

Quanto à possibilidade dessas águas cobrirem os mais altos montes, informam os cientistas que a altitude mediana da superfície da Terra é de apenas 800 metros acima do nível do mar, enquanto a profundidade média de todos os oceanos é de quatro mil metros, sendo a terra, portanto, um planeta aquoso, com cerca de 71 por cento da sua superfície coberta por águas.

Acrescente-se a esses dados a possibilidade da superfície da Terra, antigamente, ser bem menos acidentada que hoje. Assim não haveria, antes do Dilúvio, montanhas como o Himalaia, nem talvez, elevações como os Andes e os Alpes.

Para que o mundo pudesse abrigar os grandes animais de que nos fala a História Natural, tinha de ser destituído de quaisquer montanhas altas capazes de formar barreiras físicas e climáticas. Se eliminássemos todas as irregularidades da superfície da terra, tanto acima como abaixo da água, de modo que não houvesse em parte alguma depressões ou cavidades, não se veria terra alguma. Os oceanos cobririam o globo inteiro numa profundidade de aproximadamente 250 metros.

Quanto a possibilidade de se ocorrerem transformações topográficas, a História apresenta inúmeros exemplos. Em agosto de 1883, o vulcão Perbuatão, na ilha de Cracatoa, explodiu e fez afundar a maior parte da ilha, que tinha anteriormente uma área de 40 quilômetros quadrados. Em 1950, na Índia, um terremoto transformou a configuração de cordilheiras inteiras na região do Himalaia, e, mais recentemente, os tsunamis de 26 de dezembro de 2004 alteraram a geografia de alguns países do sudoeste da Ásia.

77) Em que sentido os cemitérios fósseis relacionam-se com um dilúvio global?

É bem verdade, caro leitor, que as escavações arqueológicas, realizadas em várias partes do mundo, têm acumulado provas da existência de um grande dilúvio global. A esse respeito registrou o colunista Dalton Ramos Maranhão em um periódico paulistano:

Veja-se, por exemplo, a existência de enormes cemitérios fósseis, encontrados pelo mundo todo. Quase sem exceção, a aparência é de que esses foram sepultados subitamente, porém não está acontecendo agora algo semelhante. É fato conhecido que os poucos peixes que morrem naturalmente, são quase que imediatamente devorados por outras criaturas. Não se acumulam no fundo dos oceanos ou dos rios. No entanto, os leitos de peixes fósseis encontrados se estendem por quilômetros em todas as direções e contêm enterrados cardumes inteiros, aos milhões. Eles têm toda a indicação de terem sido enterrados vivos e com certa rapidez, em um grande cataclismo geral, abarcando o globo.

O mesmo se pode dizer dos grandes depósitos de répteis fossilizados em outras partes do mundo, como nas Montanhas Rochosas e Colinas Negras. Os admiráveis leitos de elefantes, na Sibéria; os leitos de cavalos, na França; os leitos de hipopótamos, na Sicília, e os acúmulos de organismos marinhos que provavelmente formam a maior parte dos depósitos estratificados do mundo, apontando para uma catástrofe mundial. De nenhuma outra maneira pode ser explicada a súbita extinção dos dinossauros e dos grandes mamíferos do passado.

E os depósitos de elefantes ou mamutes da Sibéria? Literalmente, milhões desses animais foram sepultados nos atuais desertos daquela região e ilhas do Norte. Os cientistas afirmam que esses animais morreram afogados, embora se saiba que os elefantes são fortes nadadores e podem nadar por muito tempo. É o mesmo caso dos rinocerontes, que agora são tão estranhos na Sibéria como os elefantes. Evidentemente viviam naquela região, onde o clima era quente e a vegetação abundante, encontrada ainda nos estômagos dos animais fossilizados.

F. C. Hibben escreveu a respeito dos fósseis da Sibéria:

Há evidências de perturbações atmosféricas, de violência sem igual. Tanto mamutes como bisões foram dilacerados e torcidos como que por mãos cósmicas em fúria divina. Os animais foram simplesmente dilacerados e espalhados através da paisagem como se fossem palha e barbante, embora alguns deles pesassem várias toneladas.

Quanto mais são examinados os cemitérios fósseis, mais evidente se torna a historicidade do Dilúvio bíblico, que foi global e ocasionou uma mudança drástica no clima da Terra. Alguns dos milhões de animais encontrados no norte extremamente frio estão tão bem preservados que a carne, quando degelada, presta-se à alimentação, e isso após tantos milhares de anos! Tudo faz crer que tais animais pastavam tranqüilamente num clima quente quando foram atingidos por uma repentina catástrofe, pois nenhuma outra explicação satisfaz ao bom senso do pesquisador honesto. Nem a morte natural, nem o afogamento por meios comuns, nem a morte por doença. Resta, apenas, a narrativa bíblica.

78) Seria a arca de Noé grande o bastante para abrigar tantos animais?

A Bíblia, caro leitor, descreve a arca como uma enorme caixa flutuante, sem proa nem popa, pois se destinava apenas a flutuar sobre as águas. Media 300 côvados de comprimento, 50 de largura, e 30 de altura, o que corresponde, em metros, a aproximadamente 135m x 22,50m x 13,50m. Tão grande que só recentemente se construíram navios maiores!

A arca tinha três pisos — um inferior, um segundo e um terceiro. Mesmo destinando 2.830 metros cúbicos de espaço para armazenagem de víveres e alojamento de Noé e sua família, sobraram ainda 36.800 metros cúbicos de espaço útil, o que equivale à capacidade de lotação de 480 vagões de gado, desses ainda hoje usados em nossas estradas de ferro!

Informam os cientistas que, das aproximadamente três mil espécies de animais classificadas pelos zoólogos, apenas cerca de trezentas incluem

algumas que são maiores que o cavalo. Umas duas mil e duzentas espécies não são maiores que o coelho. Assim, Noé teve que cuidar de poucos animais grandes, uma vez que os animais marinhos ficaram fora da Arca. Por outro lado, as espécies bíblicas introduzidas por Noé na Arca não são as mesmas de hoje classificadas pelos cientistas, pois todos os tipos cruzáveis da família canina, por exemplo, podiam descender de um único par. Dentro desse critério, torna-se claro que a capacidade da Arca era mais que suficiente para abrigar todos os números representativos de cada “gênero” de animal terrestre.

O professor Antônio Neves de Mesquita, após registrar várias expedições destinadas a localizar a Arca de Noé, pergunta: “Seria isso necessário à confirmação do fato histórico do Dilúvio?” E responde:

Certo que não. O fato está confirmado, não apenas pelo Gênesis, mas por todas as lendas e folclores das nações antigas. É um fato bem confirmado. Para corroborar estas informações, vem agora a arqueologia dizer-nos que na Macedônia foi encontrada uma camada uniforme de areia, depois de uma de detritos e restos da última civilização caldaica e, por baixo desta, outra camada de uma civilização anterior, e bastante desenvolvida. Que camada seria esta? Que rio ou mar teria interferido entre a primeira civilização e a última? Os sábios não têm dúvida. Essa camada representa a areia deixada pelo Dilúvio, que não inundou apenas toda a área, mas teria, naturalmente, produzido uma erosão tremenda no local, arrastando e arrasando elevações. Quando as águas diminuíram, ficou, então, no fundo, essa camada. Por cima dela foi constituída a civilização sumeriana e acadiana, como nos relata Gênesis no capítulo 11.

A Bíblia faz muitas referências ao Dilúvio, tanto no Antigo Testamento como no Novo, afirmando que o motivo dessa catástrofe foi o pecado.

Jesus, referindo-se ao tempo de seu retorno, disse: “Como foi nos dias de Noé, assim também será na vinda do Filho do homem. Pois nos dias anteriores ao Dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca; e eles nada perceberam, até que veio o Dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do homem”.

79) É possível a uma baleia engolir um homem inteiro?

Meu caro leitor, a palavra traduzida por peixe, no livro de Jonas, significa monstro marinho ou simplesmente peixe, podendo ser, portanto, baleia ou peixe. Jesus, com sua inquestionável autoridade, selou a veracidade da narrativa de Jonas, ao ver nela uma figura da sua morte e ressurreição.

Não é difícil mostrar a possibilidade natural de se repetir a experiência de Jonas, pois são muitos os fatos hoje conhecidos.

Em fevereiro de 1891, o navio baleeiro Estrela do Oriente encontrava-se na altura das Ilhas Falkland, quando o vigia assinalou a presença de um grande cachalote. Imediatamente dois barcos partiram em direção ao grande cetáceo, munidos de arpões. O mamífero, num movimento que fez, virou um dos barcos, e os homens caíram na água: um deles foi salvo, mas o outro desapareceu. A perseguição ao cachalote não foi interrompida por causa do dramático incidente. Após algumas horas de luta, o cetáceo sucumbiu. Seu corpo foi arrastado para o lado do navio, e a tripulação estava ocupada em retirar a gordura. Este trabalho durou o dia inteiro.

No dia seguinte, ao içarem o estômago do cachalote, qual não foi a surpresa dos pescadores ao notarem que no interior do estômago do grande cetáceo havia um ser vivo, dando sinais espasmódicos de vida. Abriram a parte que se movia, e James Bartley, o pescador que havia desaparecido, estava ali inconsciente.

Rapidamente e cheios de alegria, transportaram-no para um barco e tudo fizeram para recuperá-lo, sendo bem sucedidos. Durante alguns dias Bartley delirou e não podia proferir qualquer palavra inteligível. Ao fim de três semanas, reconquistou as forças e a razão, e pôde, então, narrar o que lhe sucedera.

Ele disse lembrar-se da sensação do golpe da cauda que precipitou o barco à água. Depois sentiu-se deslizar numa substância lisa que parecia mover-se e que o fazia avançar. Percebeu, então, que fora tragado pelo grande cetáceo e sentiu-se horrorizado. Estava certo de que respirava, mas o calor intenso e a imobilidade forçada, fizeram com que perdesse os sentidos, só recuperados vários dias depois de salvo. Sua pele jamais adquiriu a cor natural, mas a sua saúde não sofreu qualquer abalo em consequência dessa extraordinária aventura. Durante o tempo em que James esteve no estômago do cachalote, a

pele do corpo foi afetada pela ação do suco gástrico, ficando com uma cor branco-pardacenta.

Esse fato é uma resposta aos céticos, que acham impossível alguém permanecer vivo no ventre de uma baleia, e dizem, ainda, que a baleia possui uma garganta muito pequena para engolir uma pessoa. Porém, os fatos aí estão, atestando que também as baleias podem engolir e reter uma pessoa durante dias, pois há cachalotes que medem até 25 metros de comprimento.

Este caso teve larga repercussão ao tempo em que aconteceu, mas é sempre bom lembrar aos céticos e esquecidos estas verdades. O capitão do Estrela do Oriente acrescentou outros casos em que, não raro, furiosas baleias haviam devorado homens mortos ou vivos, mas que esta era a primeira vez que via a vítima sair viva após tal experiência.

80) Teria sido realmente uma baleia o animal que engoliu o profeta Jonas?

Há provas de que uma baleia pode engolir vivo e inteiro um ser humano, e este ser retirado com vida do estômago do animal dias depois. Mas vejamos agora um acontecimento relativo a um verdadeiro peixe, e não a uma baleia.

Em 1912, o capitão Charles H. Thompson, de Miami, na Flórida, Estados Unidos, avistou do seu iate de trinta toneladas, num dia em que pescava no alto mar, as barbatanas de um monstro enorme, que fendia as ondas. Ajudado por três homens, deitou a chalupa ao mar e conseguiu arpoá-lo. Durante trinta e nove horas o enorme monstro marinho arrastou atrás de si o bote, sem um único momento de paragem. O iate a vapor tentou retê-lo, apesar de, por vezes ser assustadora a velocidade a que o monstro nadava.

O quatro homens, com a ajuda de cinco arpões, conseguiram arpoar este gigante dos mares e atiraram-lhe cinquenta e uma balas. Quando, finalmente, foi capturado, o iate aproximou-se e os homens lançaram a corrente da âncora do barco através dos enormes maxilares do monstro. Mas isto não foi senão um momento de tregua depois de 39 horas ininterruptas de reboque. Com um golpe rápido da cauda esmagou a roda do leme e a hélice do iate a vapor, e um rebocador, também a vapor, arrastou o monstro durante oitenta milhas aproximadamente, até Miami. Ali, com a ajuda dum poderoso guindaste, foi

içado sobre o cais, onde, com um último movimento de cauda, derrubou a casa onde estavam os escritórios do cais e partiu uma perna a um homem.

Eis aqui algumas características deste singular peixe — o seu peso era de 13.620 quilos, o comprimento de 13,68 metros, a espessura de 2,50 metros. A garganta tinha 77 centímetros de altura e 95 de largura. As balas tinham-lhe apenas furado a pele que era de 7,5 centímetros de espessura. Encontrou-se no interior do seu ventre um peixe que pesava 681 quilos e uma grande lula. Um homem podia entrar direito, à vontade, dentro do seu estômago; uma fotografia mostra o peixe com um homem deitado na goela e dois outros assentados entre os seus maxilares, como sobre uma cama de rede.

Este monstro poderia facilmente engolir dez Jonas! O governo dos Estados Unidos enviou homens especialistas para lhe embalsamarem a pele e foram precisos 10 barris de formol. Depois de terem fixado costelas de aço, foi içado sobre a ponta de um vapor para o exporem. Trata-se de um verdadeiro peixe e não de um mamífero ou uma baleia. Os peritos, ao examinarem o seu esqueleto, declararam que era ainda um peixe muito novo.

Caro leitor, há ainda outros fatos. Em 1955 os jornais japoneses relataram que tinha sido encontrado o corpo de um rapaz de 13 anos, vestido com camisa e calças, num grande peixe apanhado perto da cidade de Nagazaki.

Todavia, o que torna a experiência do profeta admissível e admirável é a intervenção de Deus, que planejou tudo, preparando e guiando aquela estranha condução a fim de mostrar ao profeta e a todos nós que o Senhor Deus Todo-poderoso não desiste assim tão facilmente de seus elevados propósitos de buscar, perdoar e salvar.

De volta às praias da Palestina, Jonas tomou o rumo certo e pregou à grande cidade de Nínive, que se arrependeu e foi salva. O amor de Deus é capaz de proezas extraordinárias!

81) Por que o sete é o número-chave da Bíblia?

Antes de tudo, meu caro leitor, cito aqui o professor J. J. Von Allmen, o qual, entre outras coisas, diz o seguinte acerca desse número-chave da Bíblia:

O número 7, com seus múltiplos, é uma das cifras mais importantes da

aritmologia bíblica. Primordialmente, o 7 indica a totalidade ou plenitude tanto no bem como no mal: Maria Madalena, possuída de 7 demônios, é vítima da ‘total’ possessão satânica. O 7 indica o máximo, o número limite, e não um número real: sete homens tiveram uma mesma mulher; sete mulheres uniram-se a um só varão; lamenta-se uma mãe de sete filhos; uma nora como Rute vale mais do que sete filhos. O Maligno, para enganar melhor os santos, usa a cifra 7, que tem por segunda acepção simbólica a virtude de expressar a plenitude e a totalidade divinas. Assim, sete é a cifra da criação e da salvação, onde bem se vê a importância do 7 para as solenidades pascais.

Entretanto, o número sete, como o número da perfeição, está também contido na estrutura do próprio texto sagrado, de uma maneira maravilhosa e só recentemente descoberta. O Dr. Ivan Panin, ateu russo residente nos Estados Unidos, grande matemático e conhecedor das línguas hebraica e grega, começou um dia a estudar os originais da Bíblia, por mero interesse literário. À medida que lia, percebeu a presença do número sete por toda a parte no texto hebraico. Ao trocar a letra por número, aparecia sempre o sete, ou um seu múltiplo. Recorreu ao texto grego, e lá encontrou o mesmo fenômeno. Estava diante de um grande mistério que haveria de mudar totalmente o rumo da sua vida!

Para se ter uma idéia da descoberta do Dr. Panin, somente na oração sumo sacerdotal de Jesus (Jo 17) temos, na língua grega, 490 palavras (70x7), 2.079 letras (297x7), 1.162 vogais (166x7), 917 consoantes (131x7), 98 verbos (14x7), 70 conjunções (10x7), 49 preposições (7x7), 126 pronomes (18x7), 70 advérbios e artigos (10x7), 49 pronomes que se referem a Cristo (7x7), 91 palavras que se referem à Trindade (13x7), 7 ao Pai e 7 ao mundo.

Juntamente com outros dois conhecedores do grego, o Dr. Panin tentou escrever um texto com tais características. Trabalharam 13 semanas para apenas comporem uma frase, e depois desistiram completamente. Tais pesquisas levaram o Dr. Panin a abandonar o ateísmo e a converter-se ao Evangelho, tornando-se fiel discípulo de Cristo.

Vejamos mais algumas dessas interessantes características numéricas — Do primeiro livro da Bíblia até o último, “sete” é de longe o número mais em evidência. Como exemplo temos:

- ✚ O Sábado era o sétimo dia.
- ✚ No Egito houve sete anos de abundância e sete anos de penúria.
- ✚ Quando a cidade de Jericó foi tomada, o povo e sete sacerdotes, soando sete trombetas, marcharam em volta da cidade sete vezes.
- ✚ Cada sétimo ano o solo de Israel não devia ser cultivado ou plantado.
- ✚ Salomão levou sete anos para construir o Templo, e, depois de acabado, deu uma festa durante sete dias.
- ✚ Naamã lavou-se sete vezes no Rio Jordão, etc.

Caro leitor, é impossível avaliar, nos limites do nosso espaço, a grande importância do número sete, razão por que voltaremos ao assunto em outra oportunidade.

82) Por que o número sete é tão freqüente na Bíblia?

Trago aqui mais algumas informações acerca da presença do sete nas Escrituras. No livro do Apocalipse este número tem uma posição preponderante — sete igrejas, sete candelabros, sete selos, sete trombetas, sete taças, sete trovões, sete estrelas, sete montes, sete pontas, etc. Ao todo, no Apocalipse o número sete aparece mais de 50 vezes.

Foi recentemente descoberto que este mesmo número também aparece duma maneira misteriosa e peculiar por baixo da própria superfície dos textos hebraicos, no Antigo Testamento, e grego, no Novo Testamento; isto é, não são notados nem podem ser descobertos pela simples leitura das palavras. Os “setes” estão curiosamente fora do alcance visual dos leitores do hebraico e do grego.

Durante todos estes séculos, milhares e milhares de pessoas têm lido e estudado os textos originais hebraico e grego da Bíblia, mas passaram por cima destas estranhas ocorrências do número sete, nem sequer notaram a sua presença. Milhares destes “setes” estão profundamente escondidos no texto que só por meio de uma investigação e de uma contagem especial podem ser notados. Estão estranha e surpreendentemente escondidos de todas as maneiras concebíveis, nas letras, palavras, frases, parágrafos e passagens, tanto hebraicas como gregas!

Eis os fatos extraordinários da existência de “setes” escondidos nos textos originais da Bíblia. Estas descobertas maravilhosas são “descobertas numéricas”, pois se referem a números, e habilitam-nos a ver, com os próprios olhos, uma demonstração científica da inspiração verbal da Bíblia.

Observemos alguns destes fatos numéricos, antes de vermos como eles cientificamente provam que a Bíblia é um livro sobrenatural, inspirado por Deus.

Examinemos o livro de Gênesis, cap. 1, verso 1 — o número de palavras hebraicas neste versículo é exatamente 7. O número de letras nestas sete palavras é um múltiplo de 7, exatamente 28, ou 4×7 . Cada “fato” numérico, ou “sete” que aparece na estrutura do texto, é designado por “características”. Continuemos a observar mais características:

As primeiras três das sete palavras contêm o sujeito e o predicado da frase. Estas três palavras foram traduzidas — “No princípio criou Deus”. O número de letras nestas três palavras hebraicas é exatamente 14, ou 2×7 . As últimas quatro das sete palavras contêm o complemento direto da frase, e foram traduzidas por “os céus e a terra”. O número de letras nestas quatro últimas palavras é 14, ou 2×7 . Estas quatro palavras formam um complemento com dois elementos — o primeiro, “os céus”, e o segundo, “e a terra”. O número de letras de cada elemento é 7.

As três palavras principais neste versículo de 7 palavras são — “Deus”, o sujeito da oração; “céus” e “terra”, o complemento. O número de letras destas três palavras, em hebraico, é exatamente 14, ou 2×7 , e nas quatro restantes, igualmente 14. A palavra mais curta está no meio. O número de letras desta palavra e da palavra à sua esquerda é exatamente 7, e como a da direita, é igualmente 7.

Os exemplos que acima citamos são apenas alguns dos muitos outros “fatores numéricos” que podem ser descobertos, apenas nas primeiras palavras da Bíblia.

83) Qual a importância dos fatores numéricos da Bíblia ligados ao número sete?

Esses fatores numéricos, caro leitor, são uma prova da inspiração divina das

Escrituras. Vejamos esses fatores no texto grego, no princípio do Novo Testamento.

Os primeiros 17 versículos do Evangelho de São Mateus formam um conjunto natural e lógico, pois tratam de um assunto especial, a genealogia de Cristo, e comportam duas seções principais — I) versículos 1-11, e II) versículos 12-17—. Cada seção contém curiosíssimas características numéricas na estrutura dos respectivos textos. Examinemos algumas:

O número de vocábulos gregos empregados nos primeiros 11 versículos não são nem 48, nem 50, mas exatamente 49, ou 7×7 . Continuando, o número de letras nas 49 palavras é exatamente 266, ou 38×7 . Nestas 266 letras, o número de vogais é exatamente 140, ou 20×7 , e o número de consoantes é de 126, ou 18×7 . Nas mesmas 49 palavras, o número das que principiam por vogal é exatamente 28, ou 4×7 , e das que principiam por consoante é 21 ou 3×7 . Nos 49 vocábulos, o número dos que são substantivos é exatamente 42, ou 6×7 . O número dos que não são substantivos é 7. Dos 42 substantivos nos primeiros onze versículos, o número de nomes próprios é exatamente 35, ou 5×7 . O número de substantivos comuns é 7. O número de letras gregas nestes 7 substantivos comuns é 49, ou 7×7 . É fantástico notar que só nestes 7 substantivos comuns há mais de vinte características numéricas.

O número de vezes que os 35 nomes próprios aparecem é 63, ou 9×7 , sendo 28, ou 4×7 os nomes masculinos, e 7 os nomes femininos. O número de vezes que os 28 nomes masculinos aparecem é exatamente 56, ou 8×7 .

Nos referidos primeiros 11 versículos, três mulheres são mencionadas — Tamar, Raabe e Rute. O número de letras gregas nestes três nomes é exatamente 14, ou 2×7 . Apenas uma cidade é mencionada nesta passagem — Babilônia, cujo número de letras no grego é 7. Dos 49 vocábulos gregos referidos, o número dos que aparecem mais de uma vez é exatamente 35, ou 5×7 , e dos que aparecem uma só vez, 14, ou 2×7 . O número dos que aparecem numa única forma é exatamente 42, ou 6×7 , e 7 aparecem em várias flexões.

Estes “setes”, ficam, naturalmente, fora da observação de um simples leitor do texto grego. Existem escondidos por baixo da superfície do texto, e apenas podem ser descobertos por meio de pacientes pesquisas e cálculos.

Poderíamos exemplificar, com muitas outras passagens, iguais características, mas o espaço não permite. Vejamos apenas mais uma. Veja a última passagem do Evangelho de São Marcos, capítulo 16, versículos 9-20.

As seguintes são apenas quatro de mais de cem características numéricas — o número de vocábulos gregos nestes doze versículos é exatamente 98, ou 14×7 . O número de letras nos 98 vocábulos é exatamente 553, ou 79×7 . Nestas 553 letras, o número de vogais é 294, ou 42×7 . Dos 98 vocábulos gregos, o número dos usados por Cristo ao dirigir-se aos seus discípulos é exatamente 42, ou 6×7 , e os restantes, 56, ou 8×7 . Esta passagem não mostra apenas extraordinárias características numéricas no seu conjunto, mas ainda características dentro de características, e ainda outras dentro destas. É, de fato, maravilhoso!



Capítulo 7

DOCTRINAS BÍBLICAS

84) O que é a Igreja?

Uma das definições da Igreja na Bíblia é a que está em 1 Timóteo 3.15 — “...igreja do Deus vivo, coluna e firmeza da verdade”. Esta definição pode ser ampliada pelas palavras que a própria Bíblia usa para descrever essa instituição e os seus membros, e também pelas ilustrações que dela temos em todo o Novo Testamento.

A palavra grega, *ekklesia*, significa uma assembléia de pessoas chamadas para fora, tanto em sentido local como geral. Como aparece no citado texto de 1 Timóteo, a referência é a toda a Igreja, presente tanto no tempo como no espaço, ao passo que em Atos 13.1, por exemplo, o termo restringe-se a apenas uma cidade.

Em relação aos seus membros, a Bíblia usa termos como irmãos, crentes,

santos, eleitos, discípulos, cristãos, e os do Caminho. Estas palavras qualificam a Igreja como:

- ✚ Um povo que constitui uma nova sociedade ou irmandade espiritual, na qual são abolidas todas as divisões que separam a raça humana. Entre irmãos, desaparecem as barreiras raciais, culturais, sociais, econômicas e de sexo. Afirma a Escritura que na Igreja “não há grego nem judeu, escravo ou livre... mas Cristo é tudo em todos (Cl 3.11).
- ✚ Um povo que crê na pessoa do Senhor Jesus Cristo como o Filho Unigênito de Deus, e que, portanto, crê também em tudo o que ele ensinou e realizou.
- ✚ Um povo separado do mundo e dedicado a servir a Deus.
- ✚ Um povo eleito ou escolhido para exercer aqui na terra um trabalho importante, que é o de proclamar o evangelho a toda a criatura, trabalho que terá uma recompensa, pois esse povo escolhido tem um destino glorioso.
- ✚ Um povo que, como discípulos, ou aprendizes, está sempre se preparando para melhor servir ao Senhor, sujeitando-se aos ministros colocados na igreja pelo próprio Cristo com o propósito de edificar o seu povo.
- ✚ Um povo que tem como supremo modelo de palavra e conduta a pessoa bendita de Cristo, e que por isso tem sido chamado de cristão.
- ✚ Finalmente, um povo que tem uma maneira especial de viver, diferente daquela que o mundo adota, e que por isso é chamado de o povo do Caminho.

Quanto às ilustrações que a Bíblia usa para a Igreja, desejo destacar aqui as principais, que são — o corpo de Cristo, a videira e seus ramos, o templo de Deus, e a noiva de Cristo. Há também, em 1 Pedro 2, expressões que indicam o caráter da Igreja, como “geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido... povo de Deus” que agora alcançou misericórdia. Esperamos, mais adiante, salientar algumas dessas figuras.

Numa definição menos abrangente, podemos encontrar nas diferentes denominações atuais mais algumas características da Igreja, que pode ser renovada ou pentecostal (por causa da sua ênfase na doutrina do Espírito

Santo), batista (que enfatiza o batismo nas águas), metodista (que possui métodos), presbiteriana, congregacional, episcopal etc. (por causa da sua forma de governo), e assim por diante.

85) Pode a Igreja ser perfeita aqui na Terra?

Desde o seu nascimento, há dois milênios, a Igreja tem sido o mais eficiente instrumento de reerguimento social, cultural, moral e espiritual da raça humana, com os seus hospitais, orfanatos, escolas, asilos e templos. Nesse sentido, nada pode rivalizar com ela.

Para destacar apenas um desses aspectos, por influência da Igreja — e da mensagem que ela prega — Beethoven, Mozart, Bach, Händel e tantos outros produziram belíssimas páginas musicais que o mundo todo tanto aprecia. Bach, por exemplo, colocava sempre no topo da sua composição a frase “Para a glória de Deus”. Alguém fez uma observação penetrante ao perguntar por que comunistas e ateus não produzem sinfonias!

Mas apesar de Jesus ter afirmado que edificaria a sua Igreja e que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela, permanece o fato da sua imperfeição, enquanto Igreja militante. Essa imperfeição está predita tipologicamente nas Escrituras. Quando Deus orientou a Moisés acerca da celebração da festa do Pentecoste, disse que o povo deveria oferecer ao Senhor dois pães levedados (Lv 23.17).

Por que o fermento está presente justamente na festa que prefigura o nascimento da Igreja, se esse elemento aponta sempre para a impureza e a corrupção? A resposta é que a Igreja no seu aspecto local e denominacional está sujeita à impureza, à apostasia e à corrupção. Quantos movimentos não surgiram fortes, bíblicos, e depois foram aos poucos se afastando da verdade, se desviando da sã doutrina, e se corrompendo?

Em relação à religião, disse André Suarès, que a vida desta é a heresia, e acrescenta — “É a fé que faz os heréticos. Numa religião morta já não há heresias” (Paulo Rónai, *Dicionário Universal de Citações*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985, p. 434).

À luz deste conceito de Suarès, o ecumenismo do Conselho Mundial de Igrejas já nasceu moribundo, pois embora afirme crer “em Nosso Senhor Jesus

Cristo como Deus e Salvador, de acordo com as Escrituras, e, que, portanto, procura cumprir a sua vocação para glória de um Deus, Pai, Filho e Espírito Santo”, na prática nega completamente tal confissão de fé.

Para deixarmos aqui um só exemplo, durante a assembléia dessa organização, realizada em Nova Delhi, em 1961, a bênção para um dos cultos foi — “Cristo, nosso verdadeiro Deus, pela intercessão de sua puríssima Mãe, sempre virgem Maria; de nosso Pai entre os santos, João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla; dos santos mártires Paramonus, Filoumenes e Faidre, a quem é dedicado este dia, e de todos os santos, terá misericórdia de nós e nos salvará, pois ele é bom e ama a humanidade. Amém”.

As heresias datam das origens do cristianismo, e suas causas podem ser (a) o desconhecimento da Bíblia, (b) a crença de que a Bíblia somente é insuficiente para a nossa fé, e (c) a rebelião consciente contra a verdade por causa de interesses escusos. Esta última atitude foi a que adotaram Balaão, Abner, Jeroboão e diversos outros.

86) É a Bíblia insuficiente em termos de fé?

Caro leitor, muitos grupos heréticos surgiram por causa da crença de que a Bíblia não é a completa revelação de Deus. A característica básica desses grupos é juntar à Bíblia a sua própria literatura, que geralmente passa a ter valor igual e até superior à própria Palavra de Deus, como é o caso das obras de Ellen White, de Russel e de Joseph Smith.

Por que os reformadores do século dezesseis, saídos de dentro do catolicismo romano, afirmaram os princípios de somente a fé, somente a graça, somente a Escritura? Porque perceberam o quanto o romanismo se havia afastado da Bíblia e assimilado muitas doutrinas pagãs.

A partir do momento em que se admite a Bíblia como insuficiente em questões de fé e prática, admite-se também a falta de autoridade dela. Esta é outra fonte de heresias.

No caso do catolicismo romano, a autoridade oscilou das Escrituras para a igreja, da igreja para o concílio, e deste para o papa, que foi considerado infalível em 1870. Mas esse tipo de erro ocorre também a nível de pequenos grupos, como foi o caso de Jim Jones, que levou ao suicídio 913 de seus

seguidores, em 1978, e de David Koresh, que teve fim parecido com o suicídio de 80 seguidores. Em ambos os casos, a autoridade final era o líder.

Modernamente, algumas comunidades cristãs estão admitindo novas revelações supostamente divinas. Um membro de uma dessas igrejas, ao saber que eu fazia parte de uma comissão tradutora da Bíblia, me perguntou se haveria nessa nova tradução muitas novas revelações! Para ele, a revelação contida na Bíblia já está ultrapassada.

O gnosticismo (do grego, *gnose*, que significa conhecimento, ciência), é outro exemplo de juntar algo mais à Bíblia, que neste caso é a filosofia. O apóstolo Paulo preocupou-se com a presença de gnósticos na igreja de Colossos (Cl 1.9-23), e o apóstolo João referiu-se a eles em sua Primeira Carta — “E todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo” (1 Jo 4.3).

Dizendo-se possuidores de um profundo conhecimento espiritual, os gnósticos reduziram o cristianismo a um sistema filosófico ao basearem suas pretensões numa interpretação perversa de 1 Coríntios 2.6-8 — “Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; mas falamos a sabedoria de Deus, em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória”.

Os gnósticos opunham-se à simplicidade da fé crista. Consideravam-se pensadores profundos e tentavam explicar, mediante as suas filosofias, os mistérios da criação e o problema do mal. Para eles havia três tipos de pessoas — os instruídos, ou espirituais, que eram eles mesmos; os cristãos comuns, em quem se equilibram matéria e espírito, e, finalmente, os pagãos, ou materialistas, nos quais o espírito é subjugado pela matéria.

87) O que vem a ser, segundo a Bíblia, uma nova criação?

É importante notar que Jesus falou de novo nascimento justamente para uma pessoa exemplar — Nicodemos. O novo nascimento não depende da

vontade do homem, nem do seu instinto, nem da sua origem. A Bíblia diz que o novo nascimento vem de Deus.

As Escrituras têm produzido em todos os países e em todas as épocas um tipo de caráter peculiar que é diferente do caráter do homem comum, não tocado por Deus, ou não nascido de novo. Esse novo caráter é o que a própria Escritura chama de nova criação, uma pessoa realmente nascida de novo, que poderá mudar o destino de toda a sua descendência.

Gostaria de ilustrar essa diferença examinando a vida de duas pessoas que viveram em uma mesma época, sujeitos a circunstâncias similares. Um deles aceitou o evangelho e foi transformado; o outro não aceitou o evangelho e viveu uma vida ímpia.

O nome do primeiro é Jonathan Edwards, nascido em 1703. Elizabeth Tuttle, sua avó, era uma mulher alta, bela, autoritária; mas possuidora de grande fraqueza moral. Ela divorciou-se de seu marido por causa de adultério e outras imoralidades. O mal parecia estar no sangue dela, porque uma de suas irmãs assassinou o próprio filho, e um irmão dela assassinou a própria irmã.

O avô de Jonathan teve seis filhos, cinco homens e uma mulher, de sua segunda esposa, mas nenhum de seus muitos descendentes subiu acima do nível da mediocridade, exceto Jonathan, que se converteu, tornando-se uma nova criação em Cristo, e que se casou com uma moça também convertida.

Em 1900, dos 1394 descendentes de Jonathan Edwards apurou-se o seguinte — 13 reitores de universidades, 65 professores universitários, três senadores dos Estados Unidos, 30 juizes, 60 médicos, 100 advogados, 75 oficiais do exército e da marinha, 100 pregadores e missionários, 60 escritores preeminentes, um vice-presidente dos Estados Unidos, 80 desempenharam funções públicas em diversas áreas, 295 formados em universidades, e dentre eles diversos foram governadores de estados e embaixadores em países estrangeiros.

Max Jukes, conhecido ateu norte-americano, nasceu em Nova York por volta de 1720. Ele se casou com uma moça igualmente ímpia, e de seus 1200 descendentes, estudados em 1900, constatou-se o seguinte — 130 foram criminosos confessos, 60 ladrões, sete cometeram assassinatos, 440 adoeceram em consequência de vida desregrada, a metade das mulheres foram prostitutas, 310 morreram na miséria, e 100 foram alcoólatras.

A descendência de Max Jukes tem custado à nação norte-americana dezenas

de milhões de dólares, enquanto a de Jonathan Edwards só tem trazido honra e riqueza àquela pátria.

Quero concluir salientando que uma pessoa renascida em Cristo Jesus é templo do Espírito Santo, e este, ao assumir o controle pleno da vida, produz o que a Bíblia chama de o fruto do Espírito, que é — “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei” (Gl 5.22,23).

88) O que é a dispensação da promessa?

A dispensação da promessa começa com Abraão, em excelentes circunstâncias. Em primeiro lugar, Deus o escolheu como o tronco de uma raça especial no cumprimento de seu plano; em segundo lugar, prometeu-lhe o Messias através da descendência do patriarca. Em terceiro lugar, o Senhor prometeu dar a terra de Canaã em herança eterna à família de Abraão, como base de seu futuro trabalho missionário mundial; e em quarto lugar, prometeu revelar-se ao mundo através de Abraão e da sua descendência:

Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus, e da tua descendência. Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus.

A história de Israel é o relato fiel do cumprimento das profecias bíblicas a respeito desse povo singular, desde a aliança que Deus fez com Abraão durante a Dispensação da Promessa, conforme Gênesis 12.1-4. Nessa aliança, Deus prometeu fazer de Abraão um grande povo. Esta promessa se cumpriu de três maneiras distintas.

Primeiramente em Ismael, que é o pai dos árabes, e de Esaú. Em segundo lugar, na sua posteridade natural, como “*o pó da terra*”, ou seja, os hebreus. Finalmente, na sua posteridade espiritual, como “*as estrelas do céu*”, isto é, todos os homens de fé, quer sejam judeus ou gentios.

A bênção divina na vida de Abraão se revela tanto no plano material como espiritual. Abraão tem o seu nome entre os maiores vultos da história

universal, especialmente no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.

A grandeza de Abraão é devida às características da sua dignidade — deixou o lar e os amigos para atender à chamada de Deus; deu a Ló o direito de escolher a terra; derrotou os reis despojadores de Sodoma; deu o dízimo de tudo a Melquisedeque; rejeitou receber presentes pelos serviços prestados, e dispôs-se a oferecer a Deus seu filho único, Isaque.

“Abençoarei os que o abençoarem, e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem” (*ref*). Esta profecia tem sido rigorosamente cumprida através dos séculos, particularmente na dispersão e restauração de Israel. Os povos que perseguem os judeus fracassam, enquanto os que os protegem, prosperam.

Essa profecia tem sido cumprida em muitos povos. Um bom exemplo é a Inglaterra, que proibiu a entrada dos judeus na Palestina quando eles mais precisavam escapar da polícia nazista na Europa, e logo perdeu o seu império.

O Brasil tomou o partido dos inimigos de Israel no início dos anos setenta, por causa do petróleo árabe, e viu o seu milagre econômico transformar-se, em pouco tempo, em uma das maiores dívidas externas do mundo.

Finalmente, países perseguidores dos judeus, como o Iraque e o Irã, têm pago um alto preço. Até meados de 1984, a guerra entre ambos já havia registrado cerca de um milhão e meio de baixas, entre mortos e feridos, e mais recentemente o Iraque foi quase totalmente destruído. Muitos outros exemplos há na história antiga e recente, entre eles a Rússia.

89) Que diferença há entre o Reino de Deus e a Igreja?

Caro leitor, a diferença entre o Reino de Deus e a Igreja é bem distinta. O termo “Reino”, mesmo aparecendo em distintos contextos, com distintas conotações, não pode ser aplicado à Igreja. Eis aqui nove razões dessa impossibilidade:

- ✚ Em primeiro lugar, a Bíblia fala de herdeiros do Reino, mas em nenhum lugar da Escritura lemos acerca de herdeiros da igreja.
- ✚ Em segundo lugar, lemos acerca da possibilidade de se receber o Reino, mas nada lemos na Bíblia acerca da possibilidade de se receber a Igreja.
- ✚ Em terceiro lugar, lemos acerca de anciãos de igrejas, de mensageiros ou

servos da Igreja, mas nada há na Bíblia acerca de anciãos do Reino.

- ✚ Em quarto lugar, a palavra “basileia”, traduzida por “Reino”, ocorre 162 vezes no Novo Testamento, sendo 158 vezes no singular e apenas quatro vezes no plural, ao se referir a reinos deste mundo. Por outro lado, a palavra “ekklesia” ocorre 115 vezes, e destas, 36 estão no plural e 79 no singular, todas elas significando “igreja” ou “igrejas”. Somente em Atos dos Apóstolos, capítulo 19 e versículos 32, 39, 41 ela aparece como “assembléia” ou “ajuntamento”.
- ✚ Em quinto lugar, lemos nas Escrituras acerca de “filhos do Reino”, mas nada encontramos acerca de “filhos da igreja”.
- ✚ Em sexto lugar, termos como “corpo”, “edifício”, “coluna e esteio da verdade”, que aparecem em Efésios, Colossenses e 1 Timóteo, nunca são aplicáveis a “Reino”.
- ✚ Em sétimo lugar, o grande privilégio dos membros da Igreja, como participantes da “vocação celestial”, é o de reinar com Cristo sobre a Terra — ou acima da Terra — enquanto que aquele Reino será sobre todos os “reinos debaixo de todo o céu”.
- ✚ Em oitavo lugar, às igrejas de Éfeso, Filipos e Colossos escreveu o apóstolo Paulo, da sua prisão em Roma, que mesmo estando aqui e agora no mundo deveriam esperar pelo “prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”, ao passo que o Reino, no sentido de reinado de Cristo, não está aqui na Terra agora, porque o Rei não está aqui. “Ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele”.
- ✚ Em nono e último lugar, o Reino é o grande objetivo das profecias do Antigo Testamento, enquanto que a igreja, especialmente das chamadas cartas que Paulo escreveu na prisão, não é o objetivo da profecia. Pelo contrário, foi ela mantida em segredo até que chegasse o tempo da sua revelação.

Ao concluir Jesus a parábola dos lavradores maus, salientou Ele que o Reino de Deus seria tirado de Israel e dado a um povo que desse os frutos do Reino, concluindo com a declaração de que quem caísse sobre a pedra principal de esquina, que era Ele próprio, seria despedaçado.

Assim, pelo fato de haverem rejeitado o seu Messias, os judeus foram literalmente despedaçados nas duas guerras contra os romanos, de 67 a 70 e

depois de 132 a 135 d. C., quando milhões deles pereceram. E desde então têm estado espalhado por todo o mundo. Cada colônia israelita que ainda existe fora de Israel é o cumprimento da profecia de Jesus.

90) Como entender Jesus como o Caminho, a Verdade e a Vida?

Ao apresentar-se como Caminho, Verdade e Vida, Jesus afirmou ser Ele o supremo padrão da vida para todos os povos e em todas as épocas.

Encontramos passagens nas Escrituras acerca do “caminho que conduz para a vida”; do “caminho para o Santo dos Santos”; do “novo e vivo caminho”; do “caminho da verdade”; do “caminho direito”, e do “caminho da justiça”, mas o Caminho, sem nenhum qualificativo, como apontando para Jesus, abrange e supera a todos os outros.

Ao proferir tais palavras acerca de si mesmo, Jesus reuniu em sua pessoa todo o plano de Deus para a salvação da criatura humana. Jesus Cristo encarnou em si mesmo todas as promessas bíblicas, desde os livros de Moisés, passando pelos Salmos e pelos profetas, e todas as figuras do Antigo Testamento ao apresentar-se como o caminho, a verdade e a vida.

Como o caminho, no singular, Jesus exclui qualquer outro meio do homem encontrar-se com Deus para ser salvo. Por melhores que pareçam ser os recursos de que dispõem as religiões do mundo, mesmo as que pregam o amor, a caridade e a fraternidade, elas não podem jamais conduzir uma só criatura humana à salvação, uma vez que só existe um caminho para Deus.

Muitas religiões humanas, mesmo algumas que se dizem cristãs, não passam de escuros labirintos nos quais os homens se perdem. As penitenciárias e casas correcionais estão cheias de criminosos que sempre foram bons religiosos. Lampião, Antônio Silvino e outros cangaceiros se diziam religiosos e gozavam até da proteção de certos bispos.

As palavras de Jesus eliminam também da salvação eterna os que apenas aceitam teoricamente o ensinamento da Bíblia. Estar no caminho é muito mais do que simplesmente ser religioso, pois implica em estar em Cristo, vivendo a vida dEle e tendo os mesmos sentimentos dEle. Paulo afirma — “Cristo vive em mim” (Gl 2.20).

A segunda experiência do crente, depois de achar-se no caminho, é possuir a bendita certeza de estar na verdade. Agora tem ele o testemunho do Espírito Santo, que testifica com o seu espírito que ele é um filho de Deus. Ele sabe que fora de Cristo só existem mentiras. A revelação da verdade no coração do crente enche-lhe de profunda alegria, que o impulsiona a anunciar aos outros as verdades eternas do evangelho.

Finalmente, o Filho de Deus diz ser a vida, a verdadeira fonte da vida eterna. Já antes ele havia dito — “E não quereis vir a mim para terdes vida... eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”. Sentindo-se no caminho e tendo a bendita certeza de que está na verdade, o crente descobre em Cristo um glorioso rio de vida abundante, que jamais se esgota. Percebe que pode abeberar-se à vontade nessa sanadora fonte, e que sua vida realmente adquire significado. Pode dizer, então, como disse um jovem recém-convertido do comunismo para a fé cristã — “O cristianismo é uma vida para se viver aqui na Terra, e a única vida para a qual vale a pena viver”.

Mas, por outro lado, se caminho dá-nos a idéia de caminhada, de ação, a verdade apela para o nosso intelecto. E vida, por sua vez, é aquela plenitude que dá sentido tanto às nossas ações como ao nosso intelecto.

91) O que significa viver no Reino de Deus?

O Reino de Deus é o nosso verdadeiro lar; a nossa verdadeira pátria. Nesse Reino estamos todos irmanados sob os cuidados paternais de um Deus que é amor, e que já nos abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais em Cristo Jesus (Ef 1.3).

Sendo Deus o nosso amoroso Pai, seu governo sobre nós é absoluto, e sua vontade é soberana. Mas a vontade do Pai é “boa, agradável e perfeita”, e nós a cumprimos através do amor. “O amor de Cristo nos constrange”, afirma o apóstolo Paulo. O Cântico dos Cânticos fala desse amor divino — “Levou-me à sala do banquete, e o seu estandarte sobre mim é o amor... As muitas águas não poderiam apagar este amor, nem os rios afogá-lo”.

Como filhos de Deus, somente o obedecemos de verdade quando o amamos. Disse Jesus — “Se alguém me ama, obedecerá à minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos morada nele. Aquele que não me ama não

obedece às minhas palavras. Estas palavras que vocês estão ouvindo não são minhas; são de meu Pai que me enviou” (Jo 14.23, 24).

Deixe-me ilustrar. Eu e meu cunhado conversávamos na sala de visita da sua fazenda, quando ele levantou os olhos para o pasto e comentou que era tempo de trazer o gado para o curral. Meus sobrinhos, que estavam à distância, ao ouvirem o pai dizer aquilo, saíram sorrateiramente, e minutos depois estavam trazendo o gado ao curral. Meu cunhado não havia dado nenhuma ordem; apenas revelara uma necessidade, um desejo seu. É nesse sentido que o Pai celestial governa soberanamente. Seu Reino é totalitário.

A palavra totalitarismo adquiriu conotação negativa em razão das ditaduras cruéis que trouxeram muito sofrimento a grandes parcelas da população do mundo — e ainda trazem — provocando conflitos de âmbito mundial, como foi a última grande guerra de 1939-1945. Mas a Bíblia, quando fala do governo de Deus, afirma com toda clareza que esse governo é total, é ordem absoluta entrando em nossa ordem relativa.

O totalitarismo do Reino de Deus abrange o passado, o presente e o futuro. O Reino dele é sempre total. Quando Jesus, falando de Abraão, disse que aquele patriarca havia visto o seu dia, isto é, o dia do Messias, os seus ouvintes não entenderam nada. De fato Abraão, na condição de amigo de Deus, teve a revelação de que o Messias viria, e pela fé viu esse dia, possivelmente na figura do cordeiro substituto de Isaque, lá no Monte Moriá.

Mas a Bíblia não menciona apenas Abraão como tendo o privilégio de “ver” os tempos futuros. O autor da Carta aos Hebreus diz que os heróis da fé do Antigo Testamento viram as promessas “de longe, e as saudaram. E confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra”.

Esses homens e mulheres de fé viveram na dimensão do Reino de Deus. Dentro desse Reino eles “viram” uma pátria melhor, e a desejaram e buscaram, vivendo como estrangeiros neste mundo.

92) É possível relacionar Salmos 23.1 com Mateus 6.33?

Sim. O Salmo 23 começa afirmando que o Senhor é o meu pastor, e nada me faltará, e Mateus 6.33 afirma que devemos buscar o Reino de Deus em primeiro lugar, e que todas as demais coisas nos serão acrescentadas.

Mateus Hoppers traduziu a segunda parte de Mateus 6.33 como “e todas estas coisas vos serão dadas de quebra”. A idéia é de que tudo aquilo que consideramos essencial à vida, como roupa, alimento, calçado etc., na verdade não é assim tão essencial. O cristão pode viver sem essas coisas.

Davi, no referido salmo, concorda com esse pensamento, quando afirma — “O Senhor é o meu pastor; eu não desejo nada” (Tradução do Rei Tiago). Outras traduções dão a mesma idéia — “eu tenho tudo o que necessito”, “nada me falta”; “eu não necessito de nada”. Será realmente isso o que Davi afirma? Têm suas palavras respaldo em outras escrituras?

Vejamos estas passagens — “O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice; tu és o sustentáculo da minha sorte” (Sl 16). “O Senhor é a força da minha vida” (Sl 27). Asafe diz a mesma coisa — “A quem tenho eu no céu senão a ti? E na terra não há quem eu deseje além de ti. A minha carne e o meu coração desfalecem, mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre” (Sl 73). Jeremias, em Lamentações, faz coro com os salmistas — “A minha porção é o Senhor, diz a minha alma; portanto esperarei nele”.

O que esses servos de Deus do passado nos querem dizer com *O Senhor é a minha porção*? Eles estão testificando que o Senhor é tudo que necessitam; que nEle eles estão completos. David Livingstone registrou essa verdade em seu diário. Um pouco antes de ser encontrado morto de joelhos, no interior da África, um amigo dele havia insistido para que voltasse para a Inglaterra, mas o missionário disse que ainda havia muitas aldeias a serem alcançadas com o evangelho. E assim permaneceu na África. Em seu diário encontraram estas palavras — “Meu Jesus, meu Rei, e meu tudo”.

Na experiência dos apóstolos e mártires temos a confirmação dessa tremenda verdade de que o Reino é tão completo que onde ele opera é o céu, e onde ele não opera é o inferno. Esse Reino divino pode trazer o céu a uma masmorra, como nos casos de Pedro, de Paulo, de Silas, de Bunyan, e de tantos outros, e até mesmo a uma fogueira. João Hus, ao ser queimado vivo, cantou enquanto pôde; depois, impedido de continuar cantando por causa da fumaça, orou até render o espírito.

Por outro lado, onde o Reino não opera, aí é o inferno. Há crentes que vivem em um verdadeiro inferno porque desconhecem a plenitude do Reino de Deus em sua vida. Às vezes têm tudo, e se sentem vazios. O Reino pode trazer o céu a uma choupana, e a ausência do Reino pode fazer que o inferno reine num

palácio.

93) O que significa experimentar a vontade de Deus?

De acordo com Romanos 12.1,2, o resultado da entrega e da transformação é a experimentação da vontade de Deus, infelizmente desconhecida de muitos cristãos. Soube de uma fazendeira, antiga membro da igreja, que ao ouvir um forte apelo para que se entregasse totalmente a Deus, confessou — “Temo que, se eu fizer isso, Deus vai me tirar todas as minhas vacas”.

Há muitos crentes que reagem do mesmo modo. Eles não conseguem compreender como poderia a vontade de Deus ser boa, agradável e perfeita. Para eles, uma vida inteiramente submissa a Deus seria insuportável. Alguns temem que Deus os envie para nações muito pobres ou hostis ao evangelho. Essa foi a experiência de Paulo — “E o mandamento que era para a vida, achei eu que me era para a morte”.

No entanto, a vontade de Deus é *boa* pelo fato de trazer ao nosso viver somente o que é essencialmente bom. Deus, sendo bom, nada pode fazer por nós e em nós que não seja bom. Paulo e Silas estavam bem no centro da vontade de Deus quando suportaram açoites, humilhações e prisão por causa do evangelho, por isso cantavam hinos e oravam. E o propósito de Deus em permitir que sofressem foi bom em todos os sentidos, pois assim nasceu a abençoada igreja de Filipos, que tanto ajudou os apóstolos na propagação do evangelho.

O segundo aspecto da vontade de Deus é que ela é *agradável*. Agradável porque rejeita tudo o que é arbitrário e escuso, e porque deseja somente o que goza da eterna complacência divina. Mas o “agradável” aqui não diz respeito apenas a Deus, pois os que se submetem à vontade dele percebem que tal vontade lhes é também agradável. Uma idosa senhora, que viveu vida abençoada de submissão à vontade de Deus, foi perguntada o que ela faria, se, chegando à porta do céu, lhe barrassem a entrada. Ela respondeu — “Eu ergueria os braços e rodearia o céu louvando a Deus pela vida maravilhosa que ele me permitiu viver aqui na terra”.

O terceiro aspecto da vontade divina é que ela é *perfeita*. Essa perfeição decorre do fato de que tudo o que Deus deseja reflete o perfeito caráter dEle.

Como Ele jamais comete engano, podemos descansar em que, ao final, tudo dará certo. José, embora vendido como escravo, traído pela esposa de Potifar e lançado na prisão, viu finalmente todos os seus sonhos cumpridos; o suntuoso Templo de Salomão, totalmente queimado a fogo, deu lugar a um santuário de glória muito maior; a sexta-feira da paixão, cheia de vergonha, de dor e de aparente derrota, terminou na radiante manhã da ressurreição! E “as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada”.

Hudson Taylor foi, sem dúvida alguma, um dos mais bem-sucedidos missionários enviados à China, no século dezenove. Foi pregando o evangelho aos chineses que ele experimentou profunda transformação em sua própria vida cristã. Numa longa carta à sua irmã Broomhall, ele narra as suas tremendas dificuldades em viver de acordo com a vontade de Deus, até que descobre que o segredo de uma vida cristã vitoriosa estava, não em tentar imitar a Cristo, mas em permitir que Cristo vivesse nele.

94) Pode o cristão sentir saudade do céu, quando ele nunca esteve lá?

Alguém disse que a harmonia do som é a música; que a harmonia das linhas é a escultura; que a harmonia das cores é a arte; que a harmonia da bondade é a comunhão com Deus e os homens. Mas o cristão pode acrescentar a tudo isso que a harmonia da vida total é o Reino de Deus.

Querido leitor, de fato alguns teólogos questionam a letra de certos hinos que falam de saudade do céu, como — “Da linda pátria estou bem longe... Eu tenho de Jesus saudade”. Alegam tais teólogos que não se pode sentir saudades de um lugar onde nunca se esteve.

Mas a verdade é que a pessoa, ao se converter, passa a desfrutar de um relacionamento tão real com os seus novos irmãos, com Jesus e com o Pai celestial que se torna um verdadeiro membro da grande família de Deus, que está presente no céu e na Terra. São fortes os vínculos que unem os membros dessa família — todos têm os seus nomes escritos em um só livro da vida, e gravados no peitoral do único sumo sacerdote; todos falam uma mesma linguagem; o Espírito Santo, embora em medidas diferentes, habita no coração

de todos; todos têm um mesmo Pai, de quem são filhos por adoção, e Jesus, embora seja o Filho unigênito do Pai, não se envergonha de reconhecer esses filhos por adoção como sendo seus próprios irmãos.

Era ainda bem jovem quando sonhei que havia sido arrebatado, e no sonho eu corria por lindos e floridos prados, ao som de cristalinos riachos e de uma música celestial tão sublime que jamais ouvi algo parecido nas mais belas cantatas e sinfonias de Beethoven, Mozart, Bach, Handel ou outros. Mas, ao acordar, vi-me tomado de profunda tristeza pelo fato de tudo aquilo ter sido apenas um sonho. Como eu gostaria que fosse a mais pura verdade! Depois daquela experiência, o mundo e tudo o que nele há me pareceram extremamente sem graça e estranho. Senti-me, na terra, como um pássaro fora do seu ninho. É como Jesus disse de seus discípulos, orando ao Pai — “Eles não fazem parte deste mundo mais do que eu” (Jo 17.16, A Bíblia Viva).

Quando recebemos o Reino de Deus e nele nos movemos, então esse Reino passa a ser o nosso verdadeiro lar, onde a nossa vida está “oculta com Cristo em Deus”. Somos estrangeiros para tudo o mais.

Florence Kinsley, missionária na África, dizia sempre que, ao morrer, queria que Susi, o pequeno menino negro que tanto a serviu na África, e que estava com o Senhor, lhe abrisse a porta do céu quando ela lá chegasse. Ela partiu para a eternidade num hospital em Canton, Ohio, vítima de terrível câncer. A enfermeira tomou-lhe o pulso e disse que ela havia partido. Então o pastor se inclinou e disse ao marido dela — “Irmão Kinsley, não a deixe partir sem um testemunho”.

O marido se inclinou e cochichou ao ouvido daquele corpo sem vida — “Florence... Florence... Florence...”. De repente ela moveu os olhos, soergueu-se sobre o braço direito e olhou para cima. Não viu seu marido. Não viu seu pastor. Não viu a enfermeira. Mas com lábios fracos ela disse estas palavras — “Susi, abre a porta. Cheguei à casa. Graças a Deus, estou em casa”.

95) Em que se resumiu a missão de Jesus aqui na Terra?

O Filho de Deus recebeu de José, mediante divina revelação, um nome familiar ao povo israelita, pois do ano 35 a 63 d.C. nada menos que quatro sumos sacerdotes chamados Jesus pontificaram em Jerusalém, e o historiador

Flávio Josefo, focalizando acontecimentos daquela mesma época, menciona vinte personagens com esse mesmo nome.

O significado do nome “Jesus”, que é ajudar e salvar, foi reforçado e ampliado no anúncio angelical — “Porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mt 1.21). Como uma criança judia entre outras crianças judias, Jesus nada tinha de incomum em relação aos seus semelhantes, exceto que crescia “em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens”, com vistas à sua divina missão de “buscar e salvar o perdido”.

A salvação trazida e consumada por Jesus é definitivamente pessoal e histórica, daí a sua distinção das “salvações” mitológicas e cosmológicas concebidas pela filosofia greco-romana, bem como da “salvação nacional” tão ardentemente aspirada por Israel enquanto sob o jugo imperial romano. De fato, nessas circunstâncias, a palavra salvadora da cruz soava como estonteante loucura aos ouvidos helênicos, ao mesmo tempo que escandalizava e enfurecia o judaísmo ortodoxo, enclausurado num messianismo distorcido da palavra profética.

Os “salvadores” ou os “deuses salvadores” existiam em grande número e em diversos lugares no antigo paganismo. A cada tipo de perigo correspondia um “salvador” especialista — Dagom, dos filisteus, presidia a vida dos peixes; Ceres, deusa romana (a Demeter dos gregos), “salvava” a agricultura e as boas colheitas; Atena ou Palas, dos gregos (Minerva para os romanos), protegia as artes e a ciência; Bubona, dos egípcios, era a salvadora ou conservadora dos bois; Esculápio, dos gregos e romanos, salvava os doentes e ressuscitava os mortos; Fauno, dos latinos, salvava os rebanhos contra os lobos.

A lista seria extensa se apenas mencionássemos os principais “salvadores” em evidência no passado e ainda hoje invocados em muitas partes do mundo. Até mesmo certas religiões pagãs e idólatras, rotuladas de cristãs, conservam e veneram “salvadores”, “padroeiros” e “milagreiros” para finalidades as mais diversas — são casamenteiros, protetores de cegos, guardadores de cidades etc., ignorando ou menosprezando Àquele a quem somente pertence o meigo e soberano título de Salvador.

A Bíblia destaca a pessoa de Cristo e o caráter singular de sua salvação, incomparavelmente superior a todas as atividades salvadoras de todos os “deuses” da mitologia e da própria religião mosaica — “Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus” (Hb 7.25).

A fim de nos salvar, Jesus tomou o nosso pecado sobre si mesmo, levou-o ao Calvário e ali o cravou na cruz. “Ele foi trespassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is 53.5).

96) Haveria algum outro meio de justificação fora do cristianismo?

Não existe, meu caro leitor. Muitas religiões apresentam os mais diversos meios para justificar a criatura humana, mas essas religiões jamais conseguirão o seu intento. Aos homens não foi concedida por Deus autoridade alguma para justificar os seus semelhantes. Bilhões estão completamente fora do plano divino da salvação tão-somente por procurarem se justificar segundo os planos engendrados por Satanás.

É realmente triste! Milhões e milhões, inteiramente enganados pelas falsas religiões que saturam a sociedade moderna, estão gastando o seu dinheiro, o seu tempo, até mesmo a sua saúde, sem obterem o menor proveito espiritual.

Há somente um meio de justificação, e este é o que está na Santa Bíblia. Mas a Bíblia, antes de tratar da nossa justificação, trata da nossa verdadeira condição aos olhos de Deus — “Não há um justo, nem um sequer... todos estão debaixo do pecado... todos pecaram... e o salário do pecado é a morte”.

Quando Adão e Eva pecaram, coseram para si ramos de figueira, fazendo aventais que pudessem cobrir o seus corpos. Deus, porém, substituiu essas inadequadas vestes por outras muito melhores, feitas de peles de ovelhas. Nesse simples relato vemos esboçado em figura o plano divino da justificação, plano que tem origem em Deus, que quer e pode justificar o homem. Este não pode justificar-se a si mesmo, porque lhe faltam os meios necessários. Assim como Deus não aceitou as vestes preparadas por Adão e Eva, assim também não aceita as vestes da autojustificação, baseadas nas boas obras e sacrifícios tolos.

Jesus deixou este assunto bem claro quando contou a parábola das bodas reais, enfatizando que a única condição para ser admitido na festa era estar envergando a vestimenta de núpcias fornecida gratuitamente pelo rei para a ocasião, sem mérito algum da parte do convidado (Mt 22.1-14).

A parábola das bodas reflete o que registrou Isaías acerca da única solução para o nosso pecado — “Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião, e limpar o sangue de Jerusalém do meio dela, com o espírito de justiça e com o espírito de ardor, criará o Senhor sobre toda a extensão do monte de Sião, e sobre as suas congregações, uma nuvem de dia, e uma fumaça e um resplendor de fogo chamejante de noite; sobre toda a glória haverá um dossel. Será abrigo e sombra contra o calor do dia, e refúgio e esconderijo contra a tempestade e a chuva...”

Como, pois, podemos ser salvos? “Todos nós somos como o imundo, e todos os nossos atos de justiça como trapo da imundícia... Ninguém há que invoque o teu nome, que desperte, e te detenha; pois escondeste de nós o teu rosto, e nos consumistes por causa das nossas iniquidades” (Is 4.4-6; 64.5-7).

Ao afirmar que somente Deus pode *lavar e limpar* o homem, a Bíblia revela a condição imposta aos que desejam apropriar-se da justificação. Diz o apóstolo Paulo — “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (Rm 3.28). “Pela graça sois salvos mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque sois feitura dele mesmo, criados em Jesus Cristo para as boas obras que Deus preparou para caminharmos nelas” (Ef 2.8-10).

97) Em que sentido o amor cumpre a Lei de Deus?

Caro leitor, a mais gloriosa verdade bíblica, ilustradora da salvação unicamente pela graça divina, saiu dos lábios de Cristo — “Sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15.5). Com esta assertiva estava o Senhor abonando a doutrina da graça, segundo a qual Deus mesmo planejou e consumou na cruz a salvação eterna, sem quaisquer contribuições da nossa parte, a não ser o exercício da fé. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Esta mesma verdade encontra-se também na mensagem angelical aos pastores belemitas “Paz na terra, boa vontade para com os homens a quem ele quer bem” (Lc 2.14).

A boa vontade desceu de Deus para os homens; não subiu dos homens para

Deus. Na entrevista com Nicodemos ensinou o Senhor a necessidade de se nascer de novo, expressão semelhante a nascer de cima para baixo, que foi o modo como foi rasgado o véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo no Templo de Jerusalém. Tanto o “de novo” como o “de alto a baixo” indicam que o novo nascimento vem do alto — do céu à terra (Jo 3.7; Mt 27.51).

98) Como pode ser Jesus, ao mesmo tempo, Deus e Homem?

Meu prezado leitor, a principal fonte de informação a respeito de Jesus é a Bíblia. No Antigo Testamento Cristo foi prometido como Deus e homem. Lemos em Isaías 7.14 — “Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel”. *Emanuel* quer dizer “Deus conosco”.

O mesmo profeta, referindo-se ao Messias, escreveu — “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado... e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz”. Como o leitor percebe, alguns desses predicados só se aplicam a Deus.

Quando Adão e Eva pecaram, Deus prometeu enviar a “semente da mulher”, o Messias, e desde então, através de séculos, repetiu essa consoladora promessa, sempre juntando-lhe mais e mais informações acerca do caráter e da missão do Messias. E quando se aproximava a época em que a “semente da mulher” deveria se manifestar para esmagar a cabeça da serpente (Satanás), Deus cumpriu inúmeras outras profecias, operando grandes mudanças na vida social, política e cultural do mundo. Nessa época excepcional, chamada nas Escrituras de “a plenitude dos tempos”, veio o Senhor Jesus.

Quanto à encarnação do Verbo, a própria Bíblia chama-a de grande mistério, que só pode ser aceito pela fé e segundo a graça de Deus. Paulo fala de Cristo como possuidor de duas naturezas, ao dizer — “Com respeito a seu Filho Jesus, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi designado Filho de Deus com poder” (Rm 1.3,4).

Na genealogia de Cristo em Mateus, a palavra “gerou” é repetida trinta e nove vezes, mas é omitida no v. 16 — “E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo”. Aqui, como em toda a Bíblia, não lemos que Jesus foi gerado pela vontade do homem.

Lucas esclarece-nos este mistério quando registra as palavras do anjo Gabriel a Maria — “Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra, por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus”. Voltando a Mateus, encontramos — “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo”. O Messias seria a semente da mulher, e não do homem.

Deus e homem numa só pessoa; Jesus Cristo é a figura mais importante da história da humanidade. Há quase dois mil anos ele tem sido mais do que vencedor. São de Lutero estas palavras — “Fora de Cristo desconheço salvação ou consolo, caminho ou apoio, conselho ou vereda. Nessa verdade permaneço e mediante ela avanço, porquanto este é o verdadeiro caminho e ponte, mais firme e mais certo do que qualquer edifício de pedra ou de ferro. Seria mais fácil desfazerem-se céu e terra do que ele falhar ou enganar!”.

Jesus, o bendito Salvador, se despiu da sua glória celeste, e vestiu-se igual a um camponês. Por amor de nós tornou-se pobre. Dormiu na manjedoura de outrem, viajou em bote emprestado, cavalgou no jumento alheio e foi sepultado no túmulo de José de Arimatéia, tal a sua pobreza. Entretanto, todos falharam, mas Ele, nunca! Ele é o perfeito Salvador, o amoroso Senhor, o poderoso Cristo!

99) Até quando durou a dispensação de Lei?

Caro leitor, a dispensação da Lei foi estabelecida entre Deus e Israel em meio a grandes sinais e prodígios. Nenhum outro povo, em toda a história do homem, experimentou condições mais favoráveis do que Israel. Havia visível manifestação da presença de Deus no Egito, no deserto, na travessia do Mar Vermelho e no Sinai. Diz a Bíblia — “A seguir o anjo de Deus que ia à frente dos exércitos de Israel retirou-se, colocando-se atrás deles. A coluna de nuvem também saiu da frente deles e se pôs atrás, entre os egípcios e os israelitas. A nuvem trouxe trevas para um e luz para o outro, de modo que os egípcios não puderam aproximar-se dos israelitas durante toda a noite” (Êx 14.19,20).

Deus sarou as enfermidades de Israel e deu-lhes as riquezas do Egito; falou-lhes audivelmente e deu-lhes revelações; forneceu-lhes um completo código de leis e deu-lhes muitas promessas, e, finalmente, deu-lhes o evangelho.

O desejo de Deus com a aliança da lei era, em primeiro lugar, provar os israelitas para ver se eles lhe obedeceriam. Em segundo lugar, trazer completa destruição das raças de gigantes pela espada de Israel, em virtude dos pecados desses povos já haverem enchido a medida da paciência de Deus. Em terceiro lugar, trazer o Messias ao mundo através da pura linhagem adâmica, em cumprimento a Gênesis 3.15. E em quarto lugar, a lei tinha também o propósito de estabelecer um sistema de sacrifícios que mostrasse, nos mínimos detalhes, a hediondez do pecado e a necessidade da morte expiatória do Messias.

A Dispensação da Lei cobre o longo período do Sinai ao Calvário, e nela todos os homens são condenados por haverem todos pecado. A nação de Israel não suportou as provas a que foi submetida debaixo da lei, e quebrou seu compromisso de Êxodo 19.8, constante do seu solene juramento — “Faremos tudo o que o Senhor ordenou. E Moisés levou ao Senhor a resposta do povo”. Por isso vieram os juízos dos cativos assírio e babilônico.

A lei foi totalmente cumprida por Jesus. Ele nasceu sob a lei a fim de cumpri-la em lugar de todos os israelitas, que tinham o dever de observá-la. Jesus, ao tomar o lugar do transgressor, cravou a lei na cruz, pois ela era transitória. Disse Deus — “Farei cessar todo o seu gozo, as suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados, e todas as suas solenidades” (Os 2.11).

Meu caro leitor, veja o que o apóstolo Paulo escreveu aos crentes de Colossos — “Havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, tirou-o do meio de nós, cravando-o na cruz. E, tendo despojado os principados e as potestades, os expôs publicamente ao desprezo, e deles triunfou na cruz. Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber ou por causa dos dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados. Estas são sombras das coisas futuras; a realidade, porém, encontra-se em Cristo” (Cl 2.14-17).

100) Quais são as diferenças entre as dispensações da Graça e da Lei?

O estabelecimento da Dispensação da Graça ocorreu na “*plenitude dos tempos*”, quando, por toda a parte, era patente a falência da filosofia, da

religião e da política em seus esforços para melhorar a vida humana. Um retrato dessa época nos é apresentado por Benjamim Scott:

É impossível descrever toda a miséria moral duma religião (pagã) cujos deuses eram debochados, bêbados, fraticidas, prostitutas e assassinos, e cujos templos eram lupanares e antros dos piores vícios, chegando alguns a só serem tolerados fora das cidades

Seus espetáculos — as horríveis pugnas de gladiadores e cenas impuras — o Catão caserneiro não podia presenciar. Suas procissões eram cortejos de indecências. Seus altares não raro se tingiam de sangue humano.

“Suas festas, as célebres bacanais e saturnais: cujo ritual era o vício, e cujos sacerdotes e sacerdotisas... (temos de descer um véu para esconder suas simples funções sacerdotais).

No tempo de Augusto, o casamento tinha caído em desuso. Se existia, era apenas para tornar a mulher escrava. A esposa tinha de trabalhar; as concubinas e cortesãs é que eram as amigas do seu senhor. Mas tudo isto não é ainda o mais negro do quadro.

Não há um único dos vícios que provocaram a extinção dos cananeus ou que fizeram vir do céu o fogo vingador sobre as cidades da planície, que não suje o retrato que a história registra de quase todos os imperadores, estadistas, poetas e filósofos da Roma Antiga e da Grécia Clássica.

A lepra moral corrompia tudo e a todos. A crueldade campeava tanto quanto a sensualidade. A escravatura era universal. Sócrates era uma exceção”. (Vitruvio, I.7).

É neste mundo tenebroso que Jesus se manifesta como a *luz do mundo*, com a mais pura de todas as doutrinas — a fé cristã, anunciada com autoridade e confirmada com grandes sinais e prodígios, inclusive pelos discípulos e apóstolos.

Na Dispensação da Graça, o propósito divino é salvar todo aquele que crê em Jesus, tanto judeus como gentios, e chamar para fora do mundo esse povo especial, formando a sua igreja — “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 3.16, e 17.3).

A Dispensação da Graça começou com a morte expiatória de Jesus, e terminará no Arrebatamento da Igreja. Em todo esse período, os israelitas,

como nação, estão cortados, postos de lado, até que entre a “plenitude dos gentios”.

A causa da rejeição temporária de Israel foi a sua recusa em crer no Messias, embora tivessem sido preparados para a fé durante séculos. Por rejeitarem Jesus e perseguirem a Igreja, os judeus foram deixados de lado e as Boas-novas de salvação proclamadas aos gentios.

101) O crente realiza a obra de Deus por ser salvo, ou para ser salvo?

Querido leitor, quando se faz obras por ser salvo, são obras vivas, de fé; mas quando se faz obras para ser salvo, são obras mortas, da carne.

Afirmam alguns religiosos que “fora da igreja não há salvação”; outros dizem que “fora da caridade ninguém se salvará”, e há ainda os cristãos judaizantes, a ensinarem que “sem a observância da lei ninguém será salvo”.

A despeito de suas aparentes divergências, todos esses grupos têm algo em comum. Seus princípios caracterizam a religião humana, baseada nas obras.

Do ponto de vista profético, cada um desses dogmas desempenha hoje a sua parte no cumprimento da profecia bíblica — “Nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, atendendo a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, mediante a hipocrisia de homens mentirosos, que têm a consciência cauterizada, que proíbem o casamento e ordenam a abstinência de alimentos...” (1 Tm 4.1-3).

Pelas expressões “espíritos enganadores”, “proíbem o casamento” e “abstinência de alimentos”, percebe-se clara alusão profética aos três referidos movimentos religiosos.

Não é de admirar que a apostasia esteja hoje tão em evidência. Estamos na época em que lobos devoradores se vestem de ovelhas, infiltram-se no rebanho de Deus e ali fazem suas vítimas. Jesus preveniu-nos acerca desses falsos mestres e profetas, e disse que, se possível fora, eles enganariam até os escolhidos.

Enquanto a salvação que vem de Deus foi consumada por Jesus Cristo no Calvário, a religião dos homens tem sido baseada no princípio antibíblico de se fazer alguma coisa para Deus. Este é o característico mais evidente de toda e

qualquer falsa seita, rotulada ou não de cristianismo.

A palavra de Deus é clara quando afirma — “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9). Ao morrer Jesus no madeiro, o véu do Tempo rasgou-se de “alto a baixo”, expressão correspondente a que foi usada pelo Senhor no diálogo com Nicodemos — “é necessário você ‘nascer de novo’”.

Numa de suas obras, Stanley Jones menciona que Thomas Chalmers, antes de se tornar o grande pregador escocês, esteve pregando os mandamentos durante oito anos, com pouco resultado. Então mudou da lei para Cristo, ao receber a este como seu Senhor e Salvador pessoal. Mais tarde, escreveu Chalmers — “A não ser depois de ter exortado meus ouvintes a aceitar a graciosa oferta do perdão, através do sangue de Cristo, é que soube daquelas reformas que foram o objetivo supremo das minhas primeiras pregações. Pregar a Cristo é o único meio efetivo de pregar moralidade”.

Foi como resultado da mudança ocorrida na vida de Chalmers, a qual resultou na mudança da ênfase de seu ministério da lei para a graça, que ele imprimiu a moral cristã sobre a alma da Escócia.

Quando a Bíblia afirma que a Lei de Moisés, pelo fato de nada haver aperfeiçoado, é impotente para salvar-nos, indica a pessoa de Cristo em nós como o único meio de vivermos vitoriosamente a vida cristã. É como disse o apóstolo Paulo — “Já estou crucificado com Cristo... não sou eu mais quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.19,20).

102) Que diferença há entre Reino de Deus e Igreja?

Caro leitor, a palavra “Reino”, mesmo aparecendo em distintos contextos na Bíblia, com distintas conotações, não pode ser aplicada à igreja. Eis algumas das razões dessa impossibilidade:

Em primeiro lugar, a Bíblia fala de herdeiros do Reino, mas em nenhum lugar da Escritura lemos acerca de herdeiros da igreja.

Em segundo lugar, lemos acerca da possibilidade de se receber o Reino, mas nada lemos na Bíblia acerca da possibilidade de se receber a igreja.

Em terceiro lugar, lemos acerca de anciãos de igrejas, de mensageiros ou servos da igreja, mas nada há na Bíblia acerca de anciãos do Reino.

Em quarto lugar, a palavra “basileia”, traduzida por “Reino”, ocorre 162 vezes no Novo Testamento, sendo 158 vezes no singular, e apenas quatro vezes no plural, ao se referir a reinos deste mundo. Por outro lado, a palavra “ekklesia” ocorre 115 vezes, e destas, 36 estão no plural e 79 no singular, todas elas significando “igreja” ou “igrejas”. Somente em Atos 19.32, 39, 41 ela aparece como “assembléia” ou “ajuntamento”.

Em quinto lugar, lemos acerca de “filhos do Reino”, mas nada encontramos como “filhos da igreja”.

Em sexto lugar, termos como “corpo”, que aparece em Efésios 1.23; 4.4, 16; 5.30, e Colossenses 1.24; “edifício”, Efésios 2.21; e “coluna e esteio da verdade”, em 1 Timóteo 3.15, nunca são aplicáveis a “Reino”.

Em sétimo lugar, o grande privilégio dos membros da igreja, como participantes “da vocação celestial” (Hb 3.1; Ap 20.4-6), é o de reinar com Cristo sobre a terra – ou acima da terra – enquanto que aquele Reino será sobre todos os “reinos debaixo de todo o céu” (Dn 7.27).

Em oitavo lugar, a igreja das cartas da prisão de Paulo (Efésios, Filipenses e Colossenses), está aqui e agora no mundo, esperando pelo “prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.14), ao passo que o Reino, no sentido de Reino de Cristo, não está aqui, porque o Rei não está aqui, e “ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele” (Hb 2.8).

Em novo e último lugar, o Reino é o grande objetivo das profecias, enquanto que a igreja não é o objetivo da profecia. Pelo contrário, foi ela mantida em segredo até que chegasse o tempo da sua revelação.

Em relação ao Reino de Deus, Jesus se referiu a ele como algo em que se pode entrar, como se estivesse cruzando a fronteira de um país, sendo o passaporte o espírito semelhante ao de uma criancinha (Mc 10.15); e afirmou ainda que, mediante o novo nascimento, se pode ver o Reino de Deus (Jo 3.3). É como se a conversão nos abrisse os olhos para as belezas espirituais da nova vida em Cristo.

A proclamação desse Reino foi a prioridade tanto de João Batista como de Jesus. O ministério de João durou pouco em virtude de sua prisão e martírio, mas assim que Herodes o tetrarca silenciou a “Voz do que clama no deserto” (Is 40.3), Jesus começou, imediatamente, a proclamar, na Galiléia, a mesma eloqüente mensagem da chegada do Reino.

103) Como recebemos o Reino de Deus?

O ato em si de recebimento do Reino possui alguns passos, como no início de um relacionamento de amizade entre duas pessoas. Um conhecido evangelista internacional sugere estes cinco passos:

- ✚ A etapa da aproximação. Esta é a etapa experimental. Você não tem certeza se quer entregar-se inteiramente a outra pessoa. É a fase do sim e não.
- ✚ A etapa na qual há a decisão interior de se dar a alguém — a fase da decisão.
- ✚ Você leva a cabo a decisão — você realmente faz a entrega interior a outra pessoa.
- ✚ Tendo-se dado à outra pessoa, você está agora livre para receber daquela pessoa. Há um intercâmbio — você pertence àquela pessoa, e aquela pessoa pertence a você. Vocês são um.
- ✚ Há um ajuste contínuo e mútuo de mente à mente, vontade à vontade, e de ser a ser através dos anos. A amizade se desdobra.

Vou destacar dois desses passos — a *aproximação* e a *decisão*.

A aproximação, ou conflito mental — Esta etapa pode durar muito tempo ou pode ser vencida em apenas alguns minutos. Como pastor, conheço pessoas que ainda não venceram essa etapa em dez anos, e sei de outras que o fizeram rapidamente, em um culto. A razão por que em alguns casos tal aproximação é lenta se deve à hesitação.

No caso de uma amizade humana, a hesitação pode estar em ambos os lados, mas nunca em se tratando de amizade com Deus, pois da parte dEle não há nenhuma hesitação. Tudo foi feito e tudo está perfeitamente arranjado. É como disse Jesus — “Venham, pois tudo já está preparado”. Jesus, ao excluir na cruz “Está consumado”, colocava um ponto final na obra redentora. Da parte dEle, do Pai e do Espírito Santo não há nada mais a fazer. Agora, tudo depende de nós.

Infelizmente, como todas as religiões ensinam os homens a buscarem a Deus, algumas pessoas acham que o mesmo ocorre no cristianismo bíblico. Entretanto o que este nos revela é que o pecador não pode encontrar a Deus,

pois está sempre correndo para longe dEle; mas pode colocar-se no caminho de Deus para que seja achado por Ele.

A decisão — O segundo passo é o da decisão, ou crise emocional. Nessa etapa você sabe que já não pode resistir ao apelo do amor de Deus, que o conflito íntimo em que você vive exige providências da sua parte.

Nesse estágio da decisão você pode experimentar grande perturbação. Toda a sua vida poderá ser confrontada com as exigências do evangelho. Assim como quando Jesus chegou o rei Herodes “alarmou-se e com ele toda Jerusalém”, assim também ocorre com você quando Jesus bate à porta de sua vida.

O evangelho nos desarranja antes de nos consertar. Seus pais poderão opor-se à sua decisão; o futuro cônjuge ou o cônjuge poderá ameaçá-lo com o término do relacionamento; suas amizades poderão abandoná-lo. Todas estas coisas, e muitas outras mais, poderão pressionar você a dizer “não” a Cristo, mas o profundo anseio de sua alma poderá clamar mais alto e realmente levá-lo a decidir pelo “sim”.

104) O que vem a ser a entrega da nossa vida a Jesus?

A entrega, caro leitor, é a fase de consumação de todo um processo de aproximação, conflito e decisão. Finalmente você se entregou a Ele, e pertence a Ele.

Em muitos casos a pessoa que entrega verdadeiramente a sua vida a Cristo enfrenta tremendas batalhas espirituais. Poderá ver o seu lar transformado num inferno, ser deserdado pelos pais, perder o namorado (ou a namorada), etc. Há países em que tal decisão pode mesmo significar a morte. Na China, por exemplo, é comum os ministros perguntarem aos novos crentes, antes do batismo, se eles estão dispostos a morrer pela sua fé, e muitas vezes é este o preço que se paga por se entregar a vida a Cristo.

Há uma linda figura nas palavras de Jesus — “Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto” (Jo 12.24). A Vida desceu a este mundo perdido na pessoa de Jesus, a fim de elevar-nos do reino das trevas ao Reino da sua maravilhosa luz. Mas como é que a vida sobe de um nível para outro? Somente

através da entrega.

Ilustremos com os reinos da natureza. Começando com o mais inferior deles, o mineral, temos depois o reino vegetal, depois o reino animal, e acima deste o reino do homem. O Reino de Deus é o quinto e o último, o mais elevado. A única chance que tem a vida de elevar-se é apegar-se ao reino imediatamente superior. Como isso ocorre?

Olhemos para uma linda flor, alva e perfumada, medrando em feio lodaçal. A flor lança a sua semente, que é totalmente imersa no charco. A vida inferior do charco, para elevar-se ao nível superior do reino da flor tem de se apegar àquela semente e entregar-se por completo a ela. A partir daí, todo o processo de transformação se inicia, e assim a vida do inferior reino mineral se eleva para o superior reino vegetal.

O reino do homem, por sua vez, tornou-se um charco de lodo por causa do pecado. Davi, ao ser salvo, percebeu em que triste condição havia estado — “Tirou-me de um lago horrível, de um charco de lodo” (Sl 40.2). O pecado trouxe trevas e morte a esse reino humano, que perdeu a sua beleza e a imagem e semelhança com a divindade. O ser humano desceu tanto que foi além do inferior reino animal, tornando-se pior do que as bestas-feras; pior do que a criação bruta.

Mas foi precisamente a esse degradado reino humano, alienado de Deus, que Jesus veio. Como aquela árvore que Moisés lançou nas águas de Mara a fim de sará-las (Êx 15.23-25), assim foi Jesus lançado às profundezas da morte. “O Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1.14).

Eis aí a chance de nos elevarmos do reino humano ao Reino divino! Da mesma maneira como a vida no reino mineral, para elevar-se, tem de se entregar à vida do reino vegetal que desceu até ela, assim também devemos entregar sem reservas a nossa vida humana à semente do Reino de Deus, Jesus, e deixar que os processos vitais do Reino superior operem livremente em nós. Somente assim a nossa vida inferior entra na nova dimensão da vida superior do Reino de Deus.

105) Como entender Jesus Cristo como Deus e Homem?

Caro leitor, a principal fonte de informação a respeito de Jesus são as

Sagradas Escrituras, onde no Antigo Testamento estava Cristo prometido (Is 7.14; 9.6). Por estas passagens o Messias não poderia ser apenas homem, nem apenas um grande profeta, porque os predicos de Pai da Eternidade, Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte e Príncipe da Paz só se aplicam a Deus.

Quando nossos primeiros pais pecaram, Deus prometeu enviar a “semente da mulher”, o Messias, e desde então, através dos séculos, repetiu essa consoladora promessa, sempre juntando-lhe mais e mais informações acerca do caráter e da missão do Messias. E quando se aproximava a época em que a “semente da mulher” deveria se manifestar para esmagar a cabeça da serpente (Satanás), Deus cumpriu inúmeras outras profecias, operando grandes mudanças na vida social, política e cultural do mundo. Nessa época excepcional, chamada nas Escrituras de “a plenitude dos tempos”, veio Jesus.

Quanto à encarnação do Verbo, a própria Escritura chama-a de grande mistério (1 Tm 3.16), que só pode ser aceito pela fé e segundo a graça de Deus. O apóstolo Paulo fala de Cristo como possuidor de duas naturezas (Rm 1.3, 4).

Na genealogia de Cristo em Mateus, a palavra “gerou” é repetida trinta e nove vezes, mas é omitida no v. 16. Aqui, como em toda a Bíblia, não lemos que Jesus foi gerado pela vontade do homem. Lucas e Mateus esclarece-nos este mistério. É bom repisar aqui que o Messias seria a semente da mulher, e não do homem, pois é este quem transmite o pecado por meio do esperma.

Deus e homem numa só pessoa, Jesus Cristo é a figura mais importante da história da humanidade. Há quase dois mil anos ele tem sido mais do que vencedor. São de Lutero estas palavras:

“Fora de Cristo desconheço salvação ou consolo, caminho ou apoio, conselho ou vereda. Nessa verdade permaneço e mediante ela avanço, porquanto este é o verdadeiro caminho e ponte, mais firme e mais certo do que qualquer edifício de pedra ou de ferro. Seria mais fácil desfazerem-se céu e terra do que ele falhar ou enganar!”

Por outro lado, o Novo Testamento apresenta Jesus, não apenas como uma verdadeira vida humana, mas, como a vida humana verdadeira. Teve mãe humana, cresceu e desenvolveu-se normalmente, como menino, pela adolescência e maturidade. Teve a experiência das emoções e dos sentimentos comuns a todos os homens: amor, tristeza, indignação, compaixão. Foi “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado”. Não só comeu e bebeu, mas conheceu a fome, a sede e o cansaço. Sua humanidade foi

a mais elevada e a mais santa que este mundo jamais viu.

E quanto à sua divindade? A Bíblia diz: “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus” (Jo 1.1). Jesus coloca sua própria autoridade em paralelo com a autoridade de Deus Pai, fala com a autoridade do Pai e chega mesmo a dizer: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14.9).

106) É possível provar, pela Bíblia, que Jesus de fato ressuscitou?

Todos os ensinamentos bíblicos que constituem a base do cristianismo estão tão estreitamente ligados entre si que é impossível negar um deles sem negar os demais. E nessa cadeia doutrinária salienta-se a doutrina da ressurreição de Cristo.

Os profetas afirmaram que o Messias nasceria de uma mulher, que Ele seria Deus, que morreria e que ressuscitaria. O Senhor Jesus afirmou acerca dEle próprio que era o Messias, que era Deus, que morreria e seria ressuscitado ao terceiro dia.

Os discípulos de Cristo afirmaram que Ele era o Messias, que era homem e Deus, que Ele havia sido morto e que havia ressuscitado ao terceiro dia. Afirmaram ainda que Ele, após a ressurreição, esteve entre eles durante 40 dias, e que foi visto uma vez por cerca de 500 pessoas, muitas das quais ainda viviam ao tempo em que o apóstolo Paulo escrevia aos Gálatas, entre 55 e 60 d.C.

Para a igreja, a ressurreição de Cristo se impõe como verdade bíblica absolutamente necessária. Os que a negam, negam um elo imprescindível na corrente doutrinária que constitui o plano de Deus para a salvação; negam a divindade de Cristo, a sua segunda vinda, a razão de ser da própria Igreja e, enfim, negam a própria autoridade da Bíblia.

Dentre as diversas razões por que podemos crer na ressurreição de Cristo está o fato do túmulo vazio. Stanley Jones comenta:

Poucos dias depois da morte dele [de Jesus], os discípulos estavam acusando os chefes de Jerusalém como responsáveis pela sua morte, e isto faziam publicamente. Por que não podiam aqueles chefes ir diretamente ao túmulo e apontar para o corpo de Jesus? Isso resolveria tudo, para eles. Mas não o

fizeram. E por quê?

Se reiterassem a resposta tão fraca de que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus enquanto os soldados dormiam, a resposta seria simples. Como teriam os discípulos roubado o corpo sem que ninguém os vissem, ou sem que ninguém denunciasse o fato? Havia entre eles muitos duvidosos; acaso estes não divulgariam o terrível segredo do roubo, acusando os discípulos de enganadores?

Através dos séculos nada apareceu. Além disso, agiram dali em diante os discípulos como pessoas que ocultavam um culposo segredo, como estribados numa mentira? Pareciam eles arrebatadores de corpo, vivendo de um cadáver? Se fosse assim, seus rostos de hipócritas e trapaceiros os condenariam.

E mais: o culposo segredo acabaria comendo e carcomendo suas mensagens. Tais mensagens morreriam aos ouvidos do mundo, e a mentira também morreria. Mas, tais homens, ao contrário, mostravam-se radiantes e eram irresistíveis. Quando perseguidos, alegravam-se e se riam; cantavam nas cadeias e, sorrindo, caminhavam para a morte. Por causa de quê? De uma mistificação, de uma mentira? Ora, é claro que mistificações nunca produzem aleluias, e nenhum cadáver jamais produzirá vidas transformadas. Semelhante produz semelhante” (Stanley Jones, *O Caminho*, Imprensa Metodista, São Bernardo do Campo, 1988, p. 317).

107) Até que ponto a morte foi vencida por Cristo?

Acerca da morte há muitas perguntas. Por que crianças alegres e sorridentes são soterradas por avalanches ou vitimadas por guerras injustas e estúpidas, que não provocaram? Por que o patriarca Abraão morreu em ditosa velhice, enquanto milhares de outros, apenas no desabrochar da vida, são implacavelmente ceifados pela morte?

Na Bíblia e na História temos exemplos vários de homens e mulheres corajosos que saudaram com alegria a sua hora final, mas temos, também, inúmeros relatos em que pessoas não menos corajosas viram na sua partida uma catástrofe apavorante. Vejamos estes casos:

“Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito, pois tu me redimiste, Deus da verdade”, dizia Martinho Lutero, pouco antes de morrer. O Dr. Jones disse-lhe

ao ouvido — “Reverendo pai, desejas manter-te firme ao lado de Cristo e das doutrinas que tens pregado? Resistem elas às agonias da morte?”. “Sim, sim! mil vezes sim!”, exclamou Lutero. E voltando-se para um lado, dormiu no Senhor.

Por outro lado, o pensador Voltaire lutou desesperadamente contra a morte. Preso da angústia e do pavor, o famoso filósofo, ora implorando misericórdia, ora blasfemando contra Deus, faleceu, dizendo — “Irei para o inferno”. Foi uma morte tão terrível que sua enfermeira disse — “Mesmo que me dessem todo o ouro da Europa eu não aceitaria presenciar a morte de um infiel como este”.

Simeão, depois de ver Jesus no Templo, louvou a Deus, dizendo — “Ó Soberano, como prometeste, agora podes despedir em paz o teu servo. Pois os meus olhos já viram a tua salvação” (Lc 2.28,29). Judas Iscariotes, movido por profundo remorso, atirou para dentro do templo as trinta moedas de prata pelas quais havia traído o Filho de Deus, e “saindo, foi e enforcou-se”.

Em toda a Escritura a morte nos é sempre apresentada como inimiga, que foi derrotada por Cristo. Agora, à luz da vitória obtida por Cristo no Calvário, esta morte niveladora, igualitária e objeto de pânico dos pagãos não mais é temida pelos crentes. Para estes, a morte está vencida. Por esta razão os crentes do primeiro século não especulavam sobre a ressurreição de Jesus e dos mortos.

Pelo fato de Cristo haver vencido a morte, o crente já não tem medo dela. A ressurreição de Cristo garante a ressurreição final e definitiva de todos os crentes. A Bíblia diz que o próprio Senhor descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre.

A Bíblia ensina ainda que a salvação deve ser buscada enquanto aqui vivemos, pois quaisquer “recursos” posteriores, como missas, rezas, velas, promessas, de nada valerão. Tendo Cristo entronizado no coração, o crente finda aqui os seus dias aguardando a ressurreição de seu corpo espiritual, semelhante ao do seu Salvador.

Caro leitor, para os que vivem a nova vida em Cristo Jesus, a morte já perdeu todo o seu pavor.

108) O que significa a palavra “ordem” no texto de 1 Coríntios 15.23?

O texto bíblico referido afirma “Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda”.

A expressão “os que são de Cristo” é equivalente à primeira ressurreição, que abrange a igreja, os convertidos durante a tribulação e os santos do Antigo Testamento. A segunda ressurreição ocorrerá no final do Milênio, e dela farão parte todos os ímpios de todas as épocas.

O profeta Daniel fala destas duas ressurreições afirmando que “multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno”.

Embora tenham ocorrido ressurreições no Antigo Testamento, bem como durante o ministério terreno de Jesus e dos apóstolos, e ainda hoje ocorram, nenhuma dessas ressuscitações pode ser comparada ao tipo de ressurreição que começou com Cristo, como as primícias.

A próxima ressurreição a ocorrer, portanto, será a da Igreja, por ocasião do arrebatamento, quando o próprio Senhor descerá dos céus e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois da ressurreição da Igreja, ocorrerá a ressurreição dos mártires da tribulação e dos santos do Antigo Testamento cerca de sete anos mais tarde, no período que decorre entre o final da grande tribulação e o início do Milênio.

João apóstolo afirma que ouviu uma voz do céu que dizia — “Felizes os mortos que morrem no Senhor de agora em diante. Sim, diz o Espírito, eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão” (ref). João olhou, e diante dele estava uma nuvem branca na qual estava assentado alguém semelhante a um filho de homem. Ele estava com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice afiada na mão. Então saiu do santuário um outro anjo, que bradou em alta voz àquele que estava assentado sobre a nuvem — “Tome a sua foice e faça a colheita, pois a safra da terra está madura; chegou a hora de colhê-la. Assim, aquele que estava assentado sobre a nuvem passou sua foice pela terra, e a terra foi ceifada”. Depois João viu “algo semelhante a um mar de vidro misturado com fogo, e, em pé, junto ao mar, os que tinham vencido a besta, a sua imagem e o número do seu nome. Eles seguravam harpas que lhes

havam sido dadas por Deus”.

A Segunda Ressurreição ocorrerá depois do Milênio. O Apocalipse afirma que o restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos. “Depois vi um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles”.

Diante do trono João viu os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos, inclusive o da vida. E os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros.

Afirma o vidente de Patmos que “o mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito. Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte. Aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida foram lançados no lago de fogo”.

109) Qual o significado do número 666?

É interessante saber que Van Impe, um dos mais conhecidos estudiosos das profecias bíblicas nos Estados Unidos, relaciona mais de trinta grandes empresas e outras importantes organizações que usam abertamente o número 666 com o propósito de ampliar seus negócios. Por que será que esse número está se tornando tão popular em nossos dias? Seria essa popularização do 666 mais um sinal dos tempos?

Dentro do ocultismo em geral, e principalmente na filosofia da nova era e na cabala hebraica, o seis é equivalente ao nove, por ser o inverso deste.

O número sete, por sua vez, é considerado um número de mistério, como representante do aspecto espiritual da vida, e também como um símbolo da fé cristã pelo fato de ser o número de Netuno, na astrologia, que vem a ser o regente de Peixes, símbolo do cristianismo.

O número nove, ao contrário do sete, representa a vida material em toda a terra, razão por que é considerado imperecível e fim de todas as coisas.

Há muitas razões estranhas que levam os ocultistas da nova era a adotarem esse número como o símbolo da vida terrena — um grande ano sideral dura 25.920 anos ($2+5+9+2+0=18$ [$1+8 = 9$]); o ritmo normal de respiração é de 18

vezes por minuto, que termina em 9; o ritmo cardíaco normal é de 72 batidas por minuto, que termina em 9, ou de 4.320 batidas por hora, que termina em 9.

O zero, pelo fato de tornar mais poderoso qualquer número a que se agregue, é considerado o número do poder, por ser o número do mais poderoso de todos os planetas, Plutão, que rege Escorpião. O zero é também considerado o número da eternidade.

O número um representa o Deus Criador, como a causa primeira. Se juntarmos ao número do Criador o número da eternidade, até chegarmos à casa do milhão (1.000.000), e dividirmos pelo número espiritual, sete, encontraremos o número 142.857, que é conhecido desde a antiguidade como o número sagrado, pelo fato de, somados entre si, resultarem em 27 ($1+4+2+8+5+7 = 27$), que por sua vez corresponde ao nove ($2+7 = 9$), que representa no ocultismo o número da vida material neste mundo.

Partindo do princípio de que o nove é indestrutível, pelo fato de resultar sempre em nove qualquer que seja o número por ele multiplicado, e também porque a soma de todos os números do nosso sistema numérico ($1+2+3+4+5+6+7+8+9 = 45 = 9$) resulta em nove, concluem os adeptos da nova era que a vida material é indestrutível por si mesma, o que significa que não precisamos necessariamente morrer.

Aplicando essa gematria ao 666 de Apocalipse, encontramos 18 ($6+6+6=18$), que por sua vez nos leva ao mesmo nove ($1+8 = 9$), como o número sagrado da eternidade, dentro da filosofia da nova era. Assim, há uma íntima relação da nova era com o Anticristo da Bíblia.

Desejo acrescentar ainda que o valor das letras gregas na palavra latino (lateinos) também dá 666 — L=30, A=1, T=100, E=5, I=10, N=50, O=70, e S=200. Esse fato reforça a relação entre as bestas do Apocalipse com o antigo império romano e a igreja católica.

110) A qual das bestas do Apocalipse se refere o número 666?

Caro leitor, a besta do mar será o gentílico último César, o último governador dos tempos dos gentios, ao passo que a besta da terra, o Anticristo,

seria um israelita, pois dificilmente os religiosos judeus admitiriam um Messias que não fosse do mesmo sangue deles.

A manifestação do Anticristo será uma consequência da apostasia que está tomando conta de boa parte do cristianismo nestes últimos tempos. Estamos vivendo numa época em que muitos perguntam — “O que houve com a promessa da sua vinda? Desde que os antepassados morreram, tudo continua como desde o princípio da criação”.

Após o arrebatamento, o Anticristo será o chefe religioso de todos, inclusive dos cristãos nominais que restarem na Terra, ao passo que o poder político estará nas mãos do império romano restaurado e do seu chefe, a besta do mar, que receberá diretamente do Diabo o poder, o trono, e grande autoridade. Em ambas as bestas o poder será espiritual, embora a segunda utilize esse poder para fortalecer o líder político do império, a primeira besta.

O domínio do Anticristo se estenderá a todos os povos, pois exercerá todo o poder da primeira besta, em nome dela, “e fazia a terra e seus habitantes adorarem a primeira besta” (Ap 13.12). Depois será reconhecido como o Messias e governará de Jerusalém, assentado no próprio templo.

Ao vir ao mundo em nome de seu Pai, Jesus correspondeu tão pouco aos desejos dos judeus que estes o rejeitaram. Mas quando o Anticristo vier em seu próprio nome, Israel o receberá, porque será um homem, seguramente um israelita, segundo o próprio coração deles. Porém, no meio da septuagésima semana de anos, o Anticristo mostrará o seu verdadeiro caráter, apostatando-se publicamente também do judaísmo. Então o remanescente fiel de Israel fugirá de Jerusalém, porque será desencadeada contra eles uma perseguição terrível.

Embora alguns estudiosos da escatologia bíblica entendam que o falso profeta não seja o Anticristo, mas apenas o representa, parece claro que a função da segunda besta é servir à primeira, como subordinada a esta.

A presença do seis no número do Anticristo sugere que esse líder espiritual seja um produto refinado do secularismo religioso dos últimos tempos, como foi outrora Balaão. Esse falso profeta do passado confundia assuntos espirituais e morais com interesses materiais.

Na Bíblia, o sete é número-chave, que indica perfeição espiritual. A filosofia da nova era, entretanto, enaltece, não o número sete, mas o nove, que é, também, o número de Marte, o planeta da guerra, regente de Aires. Adolf

Hitler por sinal era ariano, e tem sido chamado pelos ocultistas como o Senhor da Grande Guerra.

É flagrante a associação do número nove com práticas ocultistas e pagãs. O catolicismo romano tem o seu novenário, com os seus nove dias de rezas. A maçonaria, que se baseia na astrologia, possui a ordem dos nove cavaleiros, em cujo funcionamento se usa nove rosas, nove luzes e nove golpes. A alquimia identificava com o número nove o dragão vermelho, e este, na Bíblia, simboliza o próprio Satanás.

111) O que foi a queda do homem e o que é a justiça de Cristo?

O terceiro versículo da Bíblia narra o início da restauração da Terra e a criação dos seres vivos, tendo o homem como coroação de tudo, formado do pó da terra e revestido da imagem e semelhança divinas.

Nos capítulos 2 e 3 do Gênesis afirma-se que o Senhor Deus colocou o homem no Jardim do Éden e deu-lhe permissão para comer do fruto de todas as árvores, com exceção do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Adão recebeu de Deus os motivos e as condições necessárias para prestar-lhe plena obediência e manter-se em comunhão com ele. Através da obediência voluntária do homem, Deus poderia deleitar-se em todas as suas obras.

No entanto, o homem preferiu desobedecer. Através da serpente, Satanás persuadiu Eva a comer do fruto proibido e esta, depois de dar-lhe ouvidos, deu-o também a seu marido.

Os trágicos resultados dessa desobediência fizeram do mundo um vale de lágrimas, cheio de desespero, angústia e sofrimento. Miseravelmente escravizada por Satanás e seus demônios, a raça humana tem sofrido as tristes consequências do pecado, pois este a mantém espiritualmente morta, ou seja, separada de Deus.

A Bíblia diz acerca dos homens que não há um só justo, e que todos estão debaixo do pecado. Dessa lei divina nenhum ser humano se exclui. Todos pecaram e por isso todos precisam ser libertos do pecado. Nisto consiste a justificação — livramento da culpa. Tornados injustos pelo pecado, os homens precisam revestir-se de justiça.

Quando Adão e Eva pecaram, coseram para si ramos de figueira, fazendo aventais para se cobrirem. Deus, porém, substituiu essas inadequadas vestes por outras melhores, ou seja, peles de ovelhas. Folhas de figueira não resistem ao calor do sol e facilmente se ressecam e partem. Peles de animais, obtidas mediante o derramamento de sangue inocente, podem resistir ao mais forte calor do sol. As primeiras indicam a inadequada e impotente justiça humana, enquanto as segundas falam da perfeita e satisfatória justiça de Cristo.

Ao afirmar que somente Deus quer e pode justificar o homem, a Bíblia revela a condição imposta aos que desejam apropriar-se da justificação. Diz o apóstolo São Paulo — “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3.28). “Pela graça sois salvos mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.8-10).

Biblicamente, a fé salvadora não consiste na aceitação e observância de uns tantos dogmas, atos, cerimônias e mandamentos, mas na aceitação de Cristo como Salvador pessoal, mediante a sua obra redentora na cruz do Calvário. Cristo, diz a Bíblia, ressurgiu para nossa justificação. Toda a justiça de Deus foi satisfeita nEle, que se fez maldição e pecado por nós.

112) Que características deveria ter o Messias para que pudesse ser aceito pelos judeus?

Os judeus dos dias de Jesus, pelo fato de estarem vivendo sob o opressivo e repressivo império romano, acabaram por ver as profecias messiânicas de um ponto de vista muito particular. Eles acreditavam que o Messias, como um poderoso guerreiro, conquistaria esses indesejáveis invasores e estabeleceria definitivamente o Reino de Davi, inaugurando assim uma nova era de paz, prosperidade e grandeza. Como outros israelitas que viveram em épocas anteriores sob outros dominadores, os judeus dos dias de Jesus também tinham o seu entendimento do Reino de Deus muito limitado pelas circunstâncias adversas em que viviam.

O Antigo Testamento, porém, faz uma apresentação diferente do Messias. O

profeta Isaías escreveu que o Messias viria como um menino — “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o principado está sobre os seus ombros”, e mencionou que essa vinda seria como uma pedra assentada em Sião “uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada”.

Mais adiante, o mesmo profeta falaria de Cristo como o servo sofredor, que daria a sua vida na cruz como resgate de nossa alma. Setecentos anos depois, quando as esperanças do povo já se desvaneciam em virtude de tantas guerras opressoras, João Batista, como uma “voz que clama no deserto”, se apresentou com as notícias de que as promessas de Deus estavam prestes a cumprirem-se. Exortava ele — “Arrependei-vos, pois está próximo o Reino dos céus”.

Os evangelhos nos mostram como Jesus foi, aos poucos, mudando a idéia do Reino, transferindo-a do seu aspecto material para o espiritual. O Novo Testamento nos mostra, também, como Jesus, pela sua vida, ensinosa, morte e ressurreição, estabeleceu a base sobre a qual esse Reino de Deus, tanto no seu sentido espiritual como escatológico, poderia tornar-se realidade aqui na Terra.

Alguém disse que o Reino de Deus é uma grande sociedade espiritual que transcende todas as distinções terrenas, e que está por sobre todas as organizações políticas — uma sociedade cujos membros têm a sua cidadania nos céus, porém cuja esfera presente de atividade é o mundo atual, e cujos membros estão unidos no elevado propósito de realizar a vontade do Altíssimo.

Jesus também falou do Reino como algo em que se pode entrar, como se estivesse cruzando a fronteira de um país, sendo o passaporte o espírito semelhante ao de uma criancinha; e afirmou ainda que, mediante o novo nascimento, se pode ver o Reino de Deus. É como se a conversão nos abrisse os olhos para as belezas espirituais da nova vida em Cristo.

A proclamação desse Reino foi a prioridade tanto de João Batista como de Jesus. O ministério de João durou pouco em virtude de sua prisão e martírio, mas assim que Herodes, o tetrarca, silenciou a “voz do que clama no deserto”, Jesus começou a proclamar na Galiléia a mesma eloqüente mensagem.

Sem exercer domínio político sobre nenhuma província, e sem a menor intenção de vir a exercê-la em seu ministério terreno, a pregação de Jesus estava voltada primeiramente para o arrependimento e a conversão, como

condição única para que o governo de Deus seja exercido na vida das pessoas.

113) Em que sentido o Reino de Deus crescerá sempre?

Segundo profetizou Isaías, o Reino de Deus é o único que crescerá sempre — “O seu reino sempre crescerá e viverá em completa paz”. O profeta, evidentemente, fala do reinado milenial do Messias, mas já em nosso tempo presente o Reino de Deus está sempre a crescer, segundo o que o próprio Senhor Jesus disse — “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mt 14.14).

A grande importância do Reino de Deus está em que ele precede e sucede a era da igreja, e inclui todos os seres morais e inteligentes que se sujeitam voluntariamente a Deus, sejam anjos, igreja, ou os santos de dispensações passadas e futuras; e que Deus, o Pai, de um modo maravilhoso aos nossos olhos, inauguraria um novo dia.

Foi esse Reino que João Batista, Jesus e seus discípulos anunciaram, e que chegou à Terra através da igreja. Ele veio em sua forma progressiva, e assim tem avançado através dos séculos passados e continuará avançando até a sua consumação, que ocorrerá no final do Milênio, quando Cristo terá posto todos os seus inimigos debaixo de seus pés, e então entregará o Reino ao seu Pai.

Quando Jesus disse aos israelitas que o Reino de Deus seria tirado deles e entregue a uma nação que desse os seus frutos, Ele se referia à Igreja (1 Pe 2.9). É interessante notar que Jesus usou o verbo no futuro, pois àquele tempo a era da igreja ainda estava no futuro. Essa era chegou com a rejeição final do Messias, que marcou o fim de uma época e o início de outra. Pedro, ao falar da Igreja como partícipe do Reino de Deus, usou o verbo no presente — “Vocês são a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido...”.

A profecia messiânica do Salmo 118 diz que o Salvador, como a pedra angular, seria rejeitado pelos edificadores, os judeus; que Jesus, como a luz do mundo, morreria como a vítima da festa, atada às pontas do altar, o que aponta para a cruz, e finalmente, com a rejeição do Messias por parte de Israel, Deus Pai inauguraria o dia da graça, no qual nos regozijaríamos e alegraríamos.

Mas a presença do Reino de Deus hoje no mundo, através da Igreja, não

ocorre em sentido pleno, mas restrito. Por isso Jesus afirmou que “o Reino de Deus não vem com aparência visível”. Embora ainda restrito em sua abrangência, são bem visíveis os poderosos sinais desse Reino na conversão e transformação de vidas, e nos milagres de cura dos enfermos, de libertação dos oprimidos do Diabo, e na ressurreição dos mortos.

Quando Filipe pregava aos samaritanos, as multidões “ouviam e viam os sinais que ele fazia. Os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz, e muitos parálíticos e coxos eram curados. Havia grande alegria naquela cidade”. O Reino de Deus, portanto, está sempre acompanhado das manifestações do poder ativo de Deus no coração e no corpo do homem.

A perenidade do Reino não poderia ser melhor expressa do que neste texto — “Ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém” (Jd 25). A glória, a majestade, o domínio e o poder do Reino de Deus é *“antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre”*.

114) O Reino de Deus é uma pessoa ou uma ordem?

Realmente, caro leitor, Jesus fala do Reino como uma ordem, e em João 14.6 a referência é à sua pessoa. Lemos que, no início de seu ministério, “percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todos os tipos de doenças e enfermidades entre o povo”, e noutra ocasião vemos Jesus convidando — “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11.28-30).

Como conciliar estas passagens? Seria o Reino de Deus a um só tempo uma ordem e uma pessoa? — ordem aqui tem o sentido de hierarquia, confraria, companhia, e classe de pessoas —. A resposta é sim. Jesus considerou o Reino e a sua pessoa como coisas sinônimas. O Reino de Deus é, primeiramente, uma ordem. Quando Jesus disse aos judeus que o Reino de Deus lhes seria tirado, e seria dado a uma nação que produzisse os necessários frutos, Ele

estava falando de uma ordem social. O Reino estava em Israel, mas como essa nação rejeitou o seu rei, dizendo — “Não queremos que este reine sobre nós”, o Reino lhes foi tirado e dado a outra nação, a Igreja, que continua sendo uma ordem, ou agência do Reino na Terra.

A esse respeito escreveu Stanley Jones:

O Caminho, então, é impessoal — uma Ordem. E é pessoal — uma Pessoa. Se fosse só impessoal, não nos satisfaria. Posso ser fiel a uma Ordem, mas não posso amá-la; só posso amar a uma Pessoa. Mas, se o Caminho fosse só Pessoa, daí a religião se reduziria a relações pessoais com essa Pessoa — coisa boa, mas não de todo suficiente. Daí, à religião faltariam significados concretos e totais. Mas, sendo a um tempo Ordem e Pessoa, combinadas num todo vivo, satisfaz à necessidade que sentimos de intimidade — do Pessoal —, ao remate — da Ordem. Isto faz com que a religião seja, por sua própria natureza, e a um só tempo, coisa individual e social; porque, relacionando-nos com a Pessoa, passamos a nos relacionar com a nova Ordem corporificada na Pessoa. E tal Ordem é inteiramente totalitária.

Assim como um reino não está completo sem um rei, assim também um corpo não está completo sem a cabeça. Pregar a Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, e pregar o Reino de Deus são uma só e a mesma coisa, uma vez que é pela sua morte e ressurreição que Jesus veio a ser Senhor, sendo ademais a fé no seu nome a que merece o perdão dos pecados e a admissão no Reino.

A igreja, portanto, sujeita ao Reino de Cristo, confessa e proclama a realza de seu cabeça, e anuncia o Reino como a bem-aventurada esperança tanto dela própria como de todo o mundo, até ao tempo ainda futuro em que uma forte voz bradará do céu: “Agora é chegada a salvação, e a força, e o Reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo”.

Meu caro leitor, o Reino é Jesus, e o Reino é uma ordem social. Se você está em Cristo, você está no Reino.

115) O que é a santificação?

Na igreja cristã, caro leitor, a santificação é doutrina das mais importantes.

Os apóstolos ensinaram que a salvação implica tanto a ação divina como a humana. Quando o crente, com um coração submisso, deposita sua confiança no precioso sangue de Jesus e tudo faz para renunciar a impiedade e as concupiscências mundanas, ele é santificado por Deus.

Este apelo à santificação aparece com ênfase no Novo Testamento — “Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.1,2).

Outro conhecido texto, afirma — “Esforcem-se para viver em paz com todos e para serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

Aos cristãos de Corinto, escreveu o apóstolo Paulo — “Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7.1). Nesta passagem Deus está exigindo santidade tanto do coração como do corpo. Pelo fato da natureza humana ser universalmente corrupta, a purificação tem de ser radical e universal. Por isso a Bíblia centraliza no coração toda a personalidade humana e diz — “E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações” (At 15.9).

Alguém disse que a santidade evangélica é positiva e real, não é simbólica; é pessoal e moral, não meramente relativa e cerimonial. É operada pelo Espírito Santo; é interna, radical, difusa, e constitui o fundamento de toda a santidade exterior da vida e da conduta.

A Bíblia diz, ainda — “Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 Jo 1.7). ao seguir a luz, o cristão será sempre conduzido ao sangue purificador. A santidade que há em Deus produz no coração do crente um profundo anseio por mais perfeição. Sua meta é cumprir o mandamento divino, que diz — “Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1.16).

116) Que passos devemos dar em busca da santificação?

Primeiramente temos de renunciar a nossa vida e negar a nós mesmos, pois, nesse sentido, perder a vida é achá-la.

Em seguida temos de buscar primeiro o Reino. Quando o cristão não tem como único objetivo buscar o Reino de Deus, a sua vida só tem problemas.

Ato contínuo, nossa vida deve estar centralizada no Reino. Se o Reino é o nosso centro, conforme Apocalipse 1.9, então podemos suportar a aflição, de um lado, e perseverar, do outro lado.

Por fim, o processo de limpeza é dolorido, pois o Pai celestial limpa todo o ramo que dá fruto para que dê mais fruto. Não podemos evitar a tesoura.

117) Quais foram as conseqüências do pecado de Adão e Eva?

Caro leitor, notemos as evidências de uma consciência culpada — “Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus” (Gn 21.19). As palavras da serpente se cumpriram; porém, o conhecimento adquirido foi diferente do que eles esperavam. Em vez de fazê-los semelhantes a Deus, experimentaram um miserável sentimento de culpa que os fez ter medo de Deus. É como se conhecessem o câncer não como o médico o conhece, mas como vítimas da doença.

Notemos que a nudez física indica uma consciência nua ou culpada. Os distúrbios emocionais refletem-se muitas vezes em nossas feições.

Alguns comentaristas sustentam que antes da queda, Adão e Eva estavam vestidos com uma auréola de luz, que era um sinal da comunhão com Deus e do domínio do espírito sobre o corpo. Quando pecaram, essa comunhão foi interrompida; o corpo venceu o espírito, e ali começou esse conflito entre a carne e o espírito que tem sido a causa de tanta miséria.

Por causa do pecado, vieram os juízos divinos, primeiramente sobre a serpente — “Uma vez que você fez isso, maldita é você entre todos os rebanhos domésticos e entre todos os animais selvagens! Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida” (Gn 3.14).

Essas palavras implicam que a serpente outrora fora uma criatura formosa e honrada. Depois, porque veio a ser o instrumento para a queda do homem, tornou-se maldita e degradada na escala da criação animal.

Se a serpente foi simplesmente o instrumento de Satanás, por que fora punida? Porque foi vontade de Deus fazer da maldição da serpente um tipo de profecia da maldição sobre o Diabo e sobre todos os poderes do mal.

Os juízos divinos sobre a mulher foram — “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez... Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará”. Assim disse certo escritor — “A presença do pecado tem sido a causa de muito sofrimento, precisamente do modo indicado acima. Não há dúvida que dar à luz filhos constitui um momento crítico e penoso na vida da mulher. O sentimento de faltas passadas pesa de uma maneira particular sobre ela, e também a crueldade e loucura do homem contribuíram para fazer o processo mais doloroso e perigoso para a mulher do que para os animais”.

Sobre o homem, os juízos foram o afã, as decepções e as aflições que muitas vezes acompanham o trabalho. A agricultura é mencionada em particular, porque sempre foi um dos empregos humanos mais necessários.

De certa maneira misteriosa, a Terra e a criação em geral têm participação na maldição e queda do homem, pois estão destinadas a participar da sua redenção. Diz a Bíblia — “Pois ela [a natureza] foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto” (Rm 8.19-22).

118) Como será a segunda vinda de Cristo?

Meu caro leitor, são abundantes nas Escrituras as profecias acerca do retorno de Jesus à Terra. Na sua primeira vinda, ocorrida no ano 753 da fundação de Roma, mais de uma centena de predições foram rigorosamente cumpridas, incluindo-se aquelas que faziam referência ao Messias como rei, como escravo, como homem e como Deus. É interessante notar que cada um dos quatro evangelistas salienta um desses aspectos do retrato de Jesus.

Entretanto, em relação ao retorno de Cristo, as profecias mais que triplicam. Tin La-Haye informa que havia 109 profecias referentes à primeira vinda de Jesus, todas elas plenamente cumpridas, mas que ao voltar em glória ele

cumprirá 329 predições!

119) Que Jesus voltará não há nenhuma dúvida. Mas como será esse retorno?

Jesus virá com sua Igreja glorificada — O arrebatamento constitui a primeira fase do retorno de Cristo, a partir do qual ocorrem na terra os eventos relacionados com a ira de Deus, e ocorrem nos céus os eventos relacionados com a Igreja triunfante, glorificada.

João diz que, vendo o céu aberto, apareceu um cavalo branco cujo cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro, e julga e guerreia com justiça. Seus olhos eram como chamas de fogo, e em sua cabeça havia muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais. Estava vestido com um manto tingido de sangue, e o seu nome é Palavra de Deus.

João prossegue descrevendo que o cavaleiro estava sendo seguido pelos exércitos dos céus, vestidos de linho fino, branco e puro, e montados em cavalos brancos. De sua boca saía uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. Ele as governará com cetro de ferro. Ele pisa o lagar do vinho do futor da ira do Deus todo-poderoso. Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (Ap 19.11-16).

Jesus porá seus pés sobre o monte das Oliveiras, que se fenderá em dois — Diz a Bíblia em Zacarias 14.3,4, que o Senhor sairá para a guerra contra aquelas nações em luta contra Jerusalém, como Ele faz em dia de batalha.

Todos verão a sobreexcelente glória do Senhor — O apóstolo Paulo escreve que os crentes agora atribulados terão alívio quando o Senhor Jesus se manifestar dos céus com os seus anjos poderosos, em meio a chamas flamejantes.

Prossegue o apóstolo afirmando que “ele punirá os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles sofrerão a pena da destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder” (2 Ts 1.7-9).

Em sua carta a Tito o mesmo apóstolo Paulo afirma que aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo (2.13).

Finalmente, o próprio Jesus disse que “aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória” (Mateus 24:30).

120) Quais são os principais nomes de Deus?

Caro leitor, Deus é espírito, infinito, eterno e imutável em sua sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade. Os seguintes nomes de Deus são os mais comuns que encontramos nas Escrituras:

a) Elohim, Deus. Esta palavra emprega-se sempre que sejam descritos ou estejam implícitos o poder criativo e a onipotência de Deus. Elohim é o Deus criador. A forma plural significa a plenitude de poder, e representa a Trindade.

b) Yawe, ou Jeová (traduzido por “Senhor” na versão de Almeida e na NVI). Elohim, o Deus Criador, não permanece alheio às suas criaturas. Observando Deus a necessidade dos homens, desce para ajudá-los e salvá-los. Ao assumir esta relação, ele revela-se a si mesmo como Yawe, o Deus da Aliança.

O nome Yawe tem sua origem no verbo SER e inclui os três tempos: passado, presente e futuro. O nome, portanto, significa: Ele que era, que é, e que há de ser. Em outras palavras, o Eterno. Visto que Yawe é o Deus que se revela a si mesmo ao homem, o nome significa: Eu me manifestei, me manifesto e ainda me manifestarei.

O que Deus opera em favor do seu povo acha expressão nos seus nomes, e ao experimentar o povo a sua graça, desse povo então pode dizer-se que conhece o nome de Deus.

A relação entre Yawe e Israel resume-se no uso dos nomes encontrados nas alianças entre Yawe e seu povo.

- ✚ Aos que jazem em leitos de doença manifesta-se-lhes como Yawe-Rafa “o Senhor que cura” (Êx 15.26).
- ✚ Os oprimidos pelo inimigo invocam a Yawe-Nissi, “o Senhor nossa bandeira” (Êx 17.8-15).
- ✚ Os carregados de cuidados aprendem que ele é Yawe-Shalom, “o Senhor nossa Paz” (Jz 6.24).
- ✚ Os peregrinos na terra sentem a necessidade de Yawe-Ra’ha, “o Senhor

meu Pastor” (Sl 23.1).

- ✚ Aqueles que se sentem sob condenação e necessidade da justificação, invocam a Yawe-Tsidekenu, “o Senhor nossa Justiça” (Jr 23.6).
- ✚ Aqueles que se sentem desamparados aprendem que ele é Yawe-Jireh, “o Senhor que provê” (Gn 22.14).
- ✚ E quando o Reino de Deus se houver concretizado na terra será ele conhecido como Yawe-Shammah, “o Senhor está ali” (Ez 48.35).

c) El é usado em certas combinações; El-Elyon (Gn 14.18-20) “o Deus altíssimo”, o Deus que é exaltado sobre tudo e que se chama Deus dos deuses. El-Shaddai, “o Deus que é suficiente para as necessidades do seu povo” (Êx 6.3). El-Olam, “o Eterno Deus” (Gn 21.33).

d) Adonai significa literalmente “Senhor” ou “Mestre”, e dá a idéia de governo e domínio. (Êx 23.17, Is 10.16,33). Por causa do que Deus é e do que tem feito, ele exige o serviço e a lealdade do seu povo. Este nome, no Novo Testamento, aplica-se ao Cristo glorificado.

e) Pai, emprega-se tanto no Antigo como no Novo Testamento. Em sentido mais amplo esse nome descreve Deus como a fonte de todas as coisas e o criador do homem, pois todos são geração de Deus (Atos 17:28).

121) Quais são os atributos morais de Deus, segundo ensina a Bíblia Sagrada?

Prezado leitor, passado em revista o registro das obras de Deus para com os homens, aprendemos que ele possui, em primeiro lugar, *Santidade*. Deus é Santo (1 Pe 1:15,16). A santidade de Deus significa a sua absoluta pureza moral; ele não pode pecar nem tolerar o pecado.

O sentido original da palavra “santo” é “separado”. Em que sentido Deus está separado? Ele está separado do homem no espaço; ele está separado do homem quanto à natureza e caráter; ele é perfeito, o homem é imperfeito; ele é divino, o homem é humano; ele é moralmente perfeito, o homem é pecaminoso.

Vemos, então, que a santidade é o atributo que mantém a distinção entre Deus e a criatura. Não denota apenas atributo, mas a própria natureza divina.

Portanto, quando Deus se revela a si mesmo de modo a impressionar o homem com a sua divindade, diz-se que ele se santificou (Ez 36.23; 38.23), isto é, “revela-se a si mesmo como sendo santo”. Quando os serafins descrevem o esplendor divino que emana daquele que está sentado no trono, exclama: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Is 6.3).

Os homens santificam a Deus quando o honram e o reverenciam como divino. Quando o desonram pela violação dos mandamentos dele, “profanam” seu nome – que é o contrário de santificar o seu nome. Santificar o nome de Deus é recomendação do Senhor Jesus, quando ensinou a oração modelo.

Em segundo lugar, a *Justiça*. Deus é justo. Qual a diferença entre a santidade e a justiça? “A justiça é santidade em ação”, esta é uma das respostas. A justiça é a santidade de Deus manifestada no tratar retamente com suas criaturas. “Não fará justiça o juiz de toda a terra?” (Gn 18.25). A justiça é obediência a uma norma reta; é conduta reta em relação a outrem. Quando é que Deus manifesta este atributo? Quando livra o inocente, condena o ímpio e exige que se faça justiça. Quando perdoa o penitente. Quando castiga e julga seu povo. Quando salva seu povo; a anteposição de Deus a favor de seu povo se chama justiça. Quando dá vitória à causa de seus servos fiéis.

Em terceiro lugar, a *Fidelidade*. Deus é fiel. Ele é absolutamente digno de confiança; suas palavras não falharão. Portanto, seu povo pode descansar em suas promessas.

É bom salientar aqui que a fidelidade de Deus é, primordialmente, em relação à sua Palavra. Se estamos em desarmonia com a Palavra de Deus, ele continuará sendo fiel, mesmo que essa fidelidade dele resulte em nosso castigo.

Em quarto lugar, a *Misericórdia*. Deus é misericordioso. Hodges escreveu: “A misericórdia de Deus é a divina bondade em ação com respeito à miséria de suas criaturas, bondade que se comove a favor delas, provendo o seu alívio, e, no caso de pecadores impenitentes, demonstrando paciência longânima”.

Em quinto lugar, o *Amor*. Deus é amor. O amor é atributo de Deus em razão do qual ele deseja relação pessoal com aqueles que possuem a sua imagem e, mui especialmente, com aqueles que foram santificados em caráter, feitos semelhantes a ele.

Em sexto e último lugar, a *Bondade*. Deus é bom. A bondade de Deus é o atributo em razão do qual ele concede vida e outras bênçãos às suas criaturas.

122) O que a Bíblia ensina acerca do caráter e das obras dos anjos bons?

Caro leitor, acerca do caráter dos bons anjos, podemos saber, pela Bíblia, que eles são, primeiramente, obedientes. Eles cumprem os seus encargos sem questionar ou vacilar. Por isso oramos “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”.

Em segundo lugar, eles são reverentes. Sua atividade mais elevada é a adoração a Deus (Ne 9.6).

Em terceiro lugar, eles são sábios. “Como um anjo... para discernir o bem do mal”, era uma expressão proverbial em Israel (2 Sm 14.17). A inteligência dos anjos excede a dos homens nesta vida, porém é necessariamente finita.

Os anjos não podem diretamente discernir os nossos pensamentos, e seus conhecimentos dos mistérios da graça são limitados. Certo escritor disse: “Imagina-se que a capacidade intelectual de um anjo tenha uma compreensão mais vasta do que a nossa; que uma só imagem na mente angelical contenha mais detalhes do que uma vida toda de estudos poderia proporcionar aqui”.

Em quarto lugar, eles são mansos. Não abrigam ressentimentos pessoais nem injuriam os seus opositores (2 Pe 2.11; Jd v.9).

Em quinto lugar, eles são poderosos. São “magníficos em poder” (Sl 103.20).

Em sexto e último lugar, eles são santos. Sendo separados por Deus e para Deus, são “santos anjos” (Apocalipse 14:10).

Acerca da obra dos anjos, podemos afirmar, primeiramente, que eles são agentes de Deus. São mencionados como os executores dos pronunciamentos de Deus.

Em segundo lugar, são mensageiros de Deus. Anjo significa literalmente “mensageiro”. Por meio de anjos, Deus envia a mensagem do nascimento de Jesus (Lc 1.11-20), adverte (Mt 2.13), instrui (Mt 28.2-6), encoraja (At 27.23), e revela (At 7.53).

Em terceiro lugar, eles são servos de Deus. “Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?” (Hb 1.14). Os anjos são enviados para sustentar, para preservar, para resgatar, para interceder, e para servir aos justos depois da morte.

Com base em Mateus 18.10, alguns formaram a doutrina de “anjos protetores”, a qual ensina que cada crente tem um anjo especial designado para guardá-lo e protegê-lo durante a vida. Eles afirmam que as palavras em Atos 12.15 implicam que os cristãos primitivos entenderam dessa maneira as palavras do Senhor.

Não podemos ser dogmáticos acerca deste assunto. Entretanto, as promessas de ajuda por parte dos anjos são suficientemente numerosas e claras para proverem uma fonte de ânimo para todos os cristãos.

123) O que diz a Bíblia acerca do caráter de Satanás?

Prezado leitor, podemos conhecer o caráter de Satanás pela análise dos seguintes títulos e nomes pelos quais é ele conhecido:

Primeiramente temos *Satanás*. Literalmente esta palavra significa “adversário”, e descreve seus intentos maliciosos e persistentes de obstruir os propósitos de Deus. Essa posição manifestou-se especialmente em suas tentativas de impedir o plano de Deus ao procurar destruir a linhagem escolhida, da qual viria o Messias – atividade predita em Gênesis 3.15. E desde o princípio ele tem persistido nesta luta.

Caim, o primeiro filho de Eva, “era do maligno e matou a seu irmão” (1 Jo 3.12). Deus deu a Eva outro filho, Sete, que veio a ser a semente escolhida da qual procederia o libertador do mundo.

O veneno da serpente, entretanto, ainda estava surtindo efeito na raça humana, e no transcurso do tempo a linhagem de Sete cedeu às más influências e se deteriorou. O resultado foi a impiedade universal da qual resultou o Dilúvio.

O plano de Deus, não obstante, não foi frustrado porque havia pelo menos uma pessoa justa, Noé, cuja família se tornou a origem de uma nova raça. Dessa maneira fracassou o propósito de Satanás de destruir a raça humana e impedir o plano de Deus.

Satanás é descrito como procurando destruir a igreja de duas maneiras: interiormente, pela introdução de falsos ensinamentos (1 Tm 4.1; Mt 13.38-39), e exteriormente pela perseguição (Ap 2.10).

Em segundo lugar, temos a palavra Diabo, que significa literalmente

“caluniador”. Satanás é chamado assim porque calunia tanto a Deus como ao homem.

Em terceiro lugar, temos Destruidor. Este é o sentido da palavra *Apollyon*, no grego, ou *Abaddon*, no hebraico. Cheio de ódio contra o Criador e suas obras, o diabo desejava fazer de si mesmo o deus da destruição.

Em quarto lugar, temos Serpente. A “antiga serpente chamada Diabo” nos faz lembrar aquele que, na antigüidade, usou uma serpente como seu agente no propósito de provocar a queda do homem.

Em quinto lugar, temos Tentador (Mt 4.3): “Tentar” significa literalmente provar ou testar, e o termo é usado também com relação aos tratos de Deus (Gn 22.1). Enquanto Deus põe à prova os homens para o seu próprio bem, a fim de purificar e desenvolver o seu caráter, Satanás tenta-os com o propósito malicioso de destruí-los.

Em sexto lugar, temos Príncipe e deus deste mundo (Jo 12.31). Estes títulos sugerem sua influência sobre a sociedade organizada fora ou à parte da influência da vontade de Deus. “Todo o mundo está no maligno”, sob o poder do maligno, e está influenciado por ele (1 Jo 2.16).

As Escrituras descrevem o mundo como sendo qual vasto conjunto de atividades humanas, cuja trilogia se resume nestas palavras: fama, prazer e bens. A esses três objetivos tudo está subordinado. Hábeis argumentos em defesa dos mesmos criam a ilusão de serem realmente dignos.

124) Quais seriam as principais atividades de Satanás?

Caro leitor, ninguém duvida da atividade de Satanás. Mas gostaria de analisar essas atividades satânicas, verificando, primeiramente, a natureza dessas atividades. Satanás perturba a obra de Deus, opõe-se ao evangelho, domina, cega, engana e laça os ímpios. Ele aflige e tenta o povo de Deus. É descrito como presunçoso, orgulhoso, poderoso, maligno, astuto, enganador, feroz e cruel.

Em segundo lugar, é bom conhecer a esfera dessas atividades satânicas. O diabo não limita as suas operações aos ímpios e depravados. Muitas vezes ele age nos círculos mais elevados como “um anjo de luz”. Deveras, Satanás até assiste às reuniões religiosas, o que é indicado pela sua presença no

ajuntamento dos anjos, e pelo uso dos termos “doutrinas de demônios” e “a sinagoga de Satanás”. Frequentemente seus agentes se fazem passar por “ministros da justiça” (2 Co 11.15).

A razão que o leva a frequentar as reuniões religiosas é o seu malicioso intento de destruir a igreja, porque ele sabe que uma vez que o crente, como o sal da terra, perca o seu sabor, esse crente se torna um empecilho na expansão da igreja.

Em terceiro lugar, devemos conhecer o motivo das atividades. Por que Satanás está tão interessado em nossa ruína? José Husslein responde: “Ele aborrece a imagem de Deus em nós. Odeia até mesmo a natureza humana que possuímos, com a qual se revestiu o Filho de Deus. Odeia a glória externa de Deus, para a promoção da qual temos sido criados e pela qual alcançaremos a nossa própria felicidade eterna. Ele odeia a própria felicidade, para a qual estamos destinados, porque ele mesmo a perdeu para sempre. Ele tem ódio de nós por mil razões e de nós tem inveja”.

Em quarto lugar, devemos conhecer as restrições das atividades satânicas. Embora Satanás seja forte, devemos ter o cuidado de não exagerar o seu poder. Para aqueles que crêem em Cristo, ele já é um inimigo derrotado, e é forte somente para aqueles que cedem à tentação.

Apesar de sua grande fúria, ele é um covarde. Tiago disse: “Portanto, submetam-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês” (Tg 4.7). Ele tem poder, porém limitado. Não pode tentar, afligir, matar nem tocar no crente sem a permissão de Deus.

Desde o princípio Deus predisse e decretou a derrota daquele poder que havia causado a queda do homem, e o castigo da serpente até o pó da terra foi um vislumbre profético da degradação e derrota final dessa “antiga serpente, o diabo”. A carreira de Satanás está em queda sempre.

No princípio foi expulso do céu. Durante a tribulação será lançado da esfera celeste à terra (Ap 12.19). Durante o milênio será aprisionado no abismo, e depois de mil anos, será lançado ao lago de fogo (Ap 20.10). Dessa maneira a Palavra de Deus nos assegura a derrota final do mal.



Capítulo 8

FILOSOFIA

125) Quem foram os sofistas?

Meu caro leitor, em virtude da vitória dos gregos sobre os persas, ao tempo de Alexandre o Grande, Atenas assumiu o domínio sobre o mar Egeu, e a democracia vitoriosa obteve grande progresso com a crescente importância das assembleias, dos tribunais, das discussões sobre a moral, a política, etc..

Tais circunstâncias levaram os gregos a uma maior preocupação com os problemas humanos, pois as instituições e as crenças do passado eram agora insuficientes para fazer face às novas perguntas que surgiam. Desenvolveu-se, assim, uma cultura de valor prático, preocupada com as coisas humanas. Uma cultura dialética, que não mais encontrava no âmbito das velhas concepções filosóficas, uma resposta às suas perguntas, o que levou os filósofos a penetrarem em um novo terreno: o homem.

A fase antropológica da filosofia substituiu a fase cosmológica, dando origem ao surgimento de grande número de sábios, mestres, vagabundos, hábeis oradores e expositores de doutrinas, que contavam com o apoio da juventude

que os acompanhava. Eram os sofistas.

Esses sábios eram muito admirados por todos os que lhes pagavam para que lhes ensinassem a arte de argumentar e de discutir. Não formavam propriamente uma corrente, pois havia entre eles todas as tendências. O que os caracterizava, porém, era a exaltação que davam ao homem como indivíduo.

Sendo a sofística mais uma atitude do espírito do que uma doutrina, seus adeptos eram, aparentemente, os continuadores e os discípulos dos sábios da geração precedente. O próprio nome *sofistas* (Gr. *Sophia*, *sabedoria*) não possuía em sua origem nenhum sentido pejorativo, mas esses “retóricos de má fé”, como Platão os chamou, na realidade diferiam essencialmente dos verdadeiros filósofos, visto que não mais tomavam o objeto a ser conhecido como fim e regra de sua ciência, mas se concentravam nos interesses do sujeito que desejava o conhecimento do objeto.

Mestres ambulantes que ensinavam por dinheiro, enciclopedistas, conferencistas, jornalistas, e até mesmo super-homens ou diletantes, os sofistas eram tudo, menos sábios. Sem desejarem a verdade, eles queriam as vantagens da ciência enquanto esta significava para seus possuidores poder e dominação.

Assim, parecendo professores de virtude, os sofistas notabilizavam-se como racionalistas e sábios universais, dando explicações falsamente claras para todas as coisas, e pretendendo reformar tudo. Por tais razões se interessavam de preferência pelas coisas humanas, por serem as mais complexas e menos certas.

Procurando, por meios inteligentes, apenas o meio de demonstrar superioridade, os sofistas transformaram uma das mais dignas ciências na arte de negar e destruir pelo raciocínio. Com sua moral maleável, eram capazes de sustentar os prós e os contras com a mesma verossimilhança. Condenavam toda a lei imposta ao homem como uma convenção arbitrária, e a virtude que pregavam reduzia-se ou à arte do bom êxito ou ao desejo do poder.

Desta maneira, de todos os grandes projetos filosóficos da época precedente, os sofistas haviam conservado apenas o orgulho científico. Queriam ser grandes pela ciência, e acreditavam nela, mas não criam na verdade.

126) O que é a filosofia patrística?

A filosofia patrística, meu caro leitor, surgiu como um resultado da obra dos primeiros mestres, ou pais, da Igreja, durante a fase histórica que vai do século primeiro ao nono. Três períodos podem ser assinalados na evolução dessa filosofia: O período de formação, o período de apogeu, e o período de transição.

No período de formação destaca-se a obra dos apologistas e polemistas na tarefa de difundir a doutrina cristã e de combater as heresias. Distinguem-se então os pais gregos, alexandrinos e africanos.

Como exceção dos mestres latinos, que condenaram a cultura greco-romana, a atividade principal dos primeiros pais da igreja teve como propósito conciliar a cultura pagã com os ensinamentos do cristianismo.

A mais famosa de todas as escolas patrísticas foi a de Alexandria, onde tiveram atuação destacada Clemente, Panteno e Orígenes.

No período de apogeu, os filósofos patrísticos procuram esclarecer o sentido autêntico das verdades reveladas, aproveitando, para isso, a derrota do paganismo. Agostinho, representante do período de apogeu, foi o maior filósofo da época patrística e uma das mais profundas e luminosas inteligências de todos os tempos.

Além de ser o maior expositor da teologia conservadora ocidental, Agostinho tem sido também considerado um verdadeiro psicólogo. Os estudiosos de Agostinho geralmente afirmam que a única coisa que ele poderia aprender da psicologia moderna seria a sua terminologia.

Na sua luta contra o paganismo, Agostinho procura defender o conceito de Deus e da alma, servindo-se dos recursos intelectuais disponíveis, como a filosofia helenístico-romana. Ele afirmou que não se pode pregar o evangelho sem as Sagradas Escrituras e sem uma fé viva nas verdades reveladas por Deus. Segundo esse filósofo, a regra a seguir é compreender para crer e crer para aprender.

A doutrina de Agostinho foi idealizada à luz da heresia pelagiana. Na opinião de Pelágio, em qualquer momento de sua vida o homem é completamente livre para escolher o bem e o mal, e não sofre qualquer efeito da queda de Adão. Agostinho refuta esse tipo de livre arbítrio e afirma que o orgulho humano é a fonte do pecado original, isto é, a fraqueza ou

incapacidade que herdou de não conseguir praticar o bem.

No pensamento agostiniano destacam-se os seguintes pontos: Adão não quis aceitar a sua posição de criatura; o pecado de Adão foi passado aos seus descendentes de duas maneiras, ou sejam, na sua origem sexual, ou transmissão biológica, e na sua herança moral.

A teoria de Agostinho, que o levou à doutrina da predestinação, influenciou fortemente o calvinismo.

A tarefa dos filósofos patrísticos do período de transição foi, sobretudo, a conservação da cultura clássica no meio das guerras e convulsões que se produziram a partir da invasão dos bárbaros. Dentre os filósofos deste período destacaram-se Cassiodoro, São Isidoro de Sevilha, Beda e Boécio.

127) Que tipo de filosofia existiu na idade média?

Na idade média, meu caro leitor, a cultura cristã se desdobra em quatro fases distintas: a apostólica, a patrística, a monástica e a escolástica. A falta de um bom discernimento de cada uma dessas fases tem produzido várias interpretações errôneas. Tais interpretações decorrem da confusão entre filosofia medieval e filosofia escolástica, entre filosofia escolástica e teologia; e entre filosofia escolástica e filosofia aristotélica.

Há quatro períodos na evolução da filosofia medieval: período de formação, período de apogeu, período de decadência, e período de transição.

No período de formação, a filosofia medieval se encontra muito longe das grandes sínteses do século treze, por faltar-lhe equilíbrio e unidade. Vários tipos de escolas vamos encontrar nessa época: escolas paroquiais, abaciais, catedrais, palatinas e municipais. Entre as correntes não-escolásticas deste período se destacam a escolástica dissidente, inspirada no neoplatonismo, a filosofia árabe e a filosofia hebraica.

O período de apogeu, no século treze, constitui uma das fases mais brilhantes e gloriosas da história do pensamento. Nesse século, a escolástica atinge a plenitude da sua força e do seu esplendor. Divide-se em: escola franciscana; escola de Santo Alberto e Santo Tomás; e nova escola franciscana.

O termo “escolástica” significou, a princípio, o conjunto do saber, como era transmitido nas escolas clericais. O escolástico era o mestre das sete artes

liberais, ou o chefe das escolas monásticas ou catedráticas. Mais tarde foi dado o mesmo nome aos que escolarmente se dedicavam à filosofia e à teologia.

Tais escolásticas já não se propunham, como os pais da Igreja, a compreender e formular a doutrina cristã com o auxílio da filosofia grega, mas sim fundamentar e ensinar a doutrina da igreja como sistema científico.

A vida espiritual na Idade Média se mantém numa atitude receptora frente à cultura antiga e se submete à autoridade dos pensadores clássicos; quer *ensinar a ciência e a filosofia*, e não investigar e filosofar por conta própria. Por isso o método característico da escolástica é o silogismo, apropriado para expor e apresentar verdades já encontradas, mas não apropriado para a descoberta de novas idéias.

Outro caráter da escolástica é a sua preocupação em resolver as condições existentes entre as autoridades reconhecidas, com o propósito final de fazer ver que não existe conflito entre o saber e a fé, a filosofia e a teologia, a razão e a revelação.

Considerada sociologicamente, a escolástica é um tipo de vida intelectual, um estilo de pensar e filosofar que se estende por mais de seis séculos. Constitui o ponto culminante da filosofia medieval e tem seus representantes em alguns dos mais destacados pensadores de todos os tempos.

Em síntese, a escolástica teve como objetivo demonstrar e ensinar as concordâncias da razão com a fé pelo método dedutivo-silogístico, que se propõe a eliminar as possíveis contradições das verdades transmitidas, em matéria de dogma, pelos filósofos e teólogos oficiais do catolicismo romano.

128) O que foi o movimento filosófico medieval chamado de os universais?

Caro leitor, o movimento escolástico da idade média só adquire seus claros perfis no século doze, com Santo Anselmo de Canterbury, que marca a passagem da imediação da fé à penetração racional. A fama desse pensador provém de sua célebre prova ontológica da existência de Deus, contida em seu escrito *Proslogium*.

O argumento ontológico é a tentativa de provar a existência de Deus, partindo de seu próprio conceito. Por Deus entendemos, segundo a definição,

o mais perfeito, que, em geral possa ser pensado. Até o ateu possui esse conceito, mas o perfeito por excelência não pode existir apenas no intelecto, pois então deixaria de sê-lo, visto que existiria algo fora da consciência superior a ele. Por conseguinte, caímos numa contradição se não reconhecermos que Deus existe também fora de nós.

Esse argumento incorre num paralogismo, como já o fizera ver um contemporâneo de Anselmo, o monge Gaunilo. Existirá necessariamente, por exemplo, a ilha mais perfeita só pelo fato de se imaginá-la?

Quanto aos universais, a questão é esta: possui os significados gerais das palavras (os conceitos universais) realidade externa ou simplesmente são produtos da mente humana e, por isso, meros nomes? É Deus, por exemplo, uma realidade em si, ou mera generalização o nome das três pessoas divinas?

Santo Anselmo e os místicos tomaram um partido, e Roscelino toma outro partido. Os primeiros dizem que os universais são coisas (em latim — *res*); Daí chamar-se realismo sua doutrina; o segundo não lhes dá outro caráter que o de nomes (em latim — *nomina*), e desta doutrina deriva-se a corrente dos nominalistas.

Talvez a primeira concepção realista dos universais tenha sido formulada por João Scott Erigena, que no século nono assinala que os conceitos gerais são realidades originárias que criam de si o particular. Os universais não são só substâncias, mas são também, com relação às coisas singulares, mais originários, produtores determinantes: são substâncias reais e, para se dizer a verdade, tanto mais reais quanto mais gerais.

Essa doutrina se identifica assim como a antiga “teologia negativa”, segundo a qual de Deus só se pode predicar o que não é. Mas o geral, por antonomásia, cria de si a totalidade das coisas, que, por conseguinte, não são outra coisa que sua manifestação, e que se conduzem com ele como os exemplares particulares com o gênero: estão nele e só existem com suas peculiares manifestações.

Assim se origina dessas suposições um panteísmo lógico: todas as coisas do mundo são “teofanias”; o mundo é Deus que se gera de si mesmo (Deus explicitus), que vai se desenvolvendo no particular. Deus e o mundo são um só e a mesma coisa. A mesma “natureza” (*physis*) é, como unidade criadora, Deus; como pluralidade criada, o mundo.

129) Quem foi Santo Tomás de Aquino?

Meu caro leitor, Tomás de Aquino, teólogo e filósofo italiano, viveu de 1227 a 1274. Foi educado pelos monges beneditinos de Monte Cassino, mas tornou-se, mais tarde, dominicano. Foi discípulo de Santo Alberto Magno.

Considerado o mais brilhante filósofo da Idade Média e o maior pensador entre os católicos, Aquino restabeleceu o prestígio da filosofia aristotélica e determinou claramente a diferença entre a Filosofia e a Teologia. Tratou isoladamente de cada questão, mas deu a todas elas um corpo único, realizando uma síntese perfeita. Sua escola é a do realismo metafísico.

Aquino, a quem o catolicismo romano deu o título de Doutor Angélico, tem sido considerado, ainda hoje, o mestre incontestável dos católicos. Sua influência faz-se notar mesmo fora dos domínios da igreja romana. Os que o seguem, denominam-se tomistas. Deixou, entre outras, as obras *Suma Teológica* e *Suma contra os Gentios*.

O sistema filosófico e teológico do Doutor Angélico exerce ainda hoje muita influência nos adeptos do neotomismo. Também denominado filosofia cristã e filosofia perene, o tomismo foi várias vezes proclamado como doutrina quase oficial da Igreja Católica. Distingue-se da escolástica, termo genérico que abrange as diversas escolas medievais, e traduz mais um método do que uma doutrina.

O tema fundamental das meditações de Santo Tomás é o esclarecimento das relações entre a revelação e a filosofia, isto é, entre a fé e a razão. Segundo o filósofo, tais conceitos não se chocam nem se absorvem, mas permanecem íntegros em suas respectivas esferas, possibilitando assim a coexistência da filosofia e da teologia.

O conflito entre essas duas esferas só ocorre, de acordo com o teólogo, quando a razão é usada incorretamente, ou seja, quando tenta, sem o auxílio da fé, compreender o mistério-dogma religioso, inacessível em essência a quaisquer interpretações racionalistas, pois a razão deve ser apenas serva da fé.

Assim, Tomás de Aquino consegue estabelecer o equilíbrio entre a tradicional tendência mística e as novas diretrizes racionalistas.

Seguindo os passos de Aristóteles, Aquino afirma que o fim do homem é o aperfeiçoamento da própria natureza, o que, porém, só se cumpre em Deus, o que torna a última etapa do ser transcendente a ele. Para que a vontade seja

boa, deve conformar-se com a lei moral, cujo fundamento metafísico é Deus.

Sendo Deus incognoscível, o homem não pode conhecer a lei eterna, bastando para regular sua conduta o conhecimento da lei natural, ou seja, a norma da consciência humana.

Na teoria do conhecimento de Aquino, o filósofo se identifica com o ponto de vista do realismo, como aquele que aceita a existência de uma realidade independente do sujeito cognoscitivo. Ele define a verdade como uma adequação da coisa (que se conhece) com o intelecto (que conhece).

Há hoje um movimento teológico católico que tenta reinterpretar a Idade Média, fazendo que esse período deixe de ser conhecido como uma longa “noite de mil anos”.

130) O que foi o movimento renascentista?

Caro leitor, em 1453, Maomé II toma Constantinopla; os sábios gregos emigram para a Itália com manuscritos de Platão, de Protino e de Aristóteles. Este é o ponto de partida, não só do humanismo e da ressurreição da literatura antiga, mas também, do ponto de vista filosófico, de um renascimento do platonismo, cuja influência será, de agora em diante, maior que a de Aristóteles.

A Reforma protestante vem contestar a autoridade todo-poderosa da Igreja de Roma; ela transfere essa autoridade do papa para a consciência de cada um; da tradição católica para as Sagradas Escrituras. Os encarniçados conflitos entre as igrejas contribuíram para dar à filosofia uma nova independência.

As grandes descobertas se acumulam. E não pensamos apenas, bem entendido, no descobrimento da América, mas sobretudo nas descobertas de caráter científico. Copérnico afirma o movimento da terra em torno do sol. Galileu confirma essa teoria e descobre as três leis do movimento dos planetas. Vesálio descobre a anatomia, enquanto Servet é o primeiro a conceber a idéia da circulação do sangue. Tartaglia resolve as equações de terceiro grau. Viète, antes de Descartes e Fermat, entrevê o princípio da aplicação da álgebra à geometria.

Se adicionarmos a tudo isso a invenção da imprensa e a difusão da cultura que resulta daí, compreenderemos a efervescência intelectual do

Renascimento. Surge um novo desejo de felicidade e de liberdade no homem europeu.

Podemos citar a doutrina panteísta de Giordano Bruno e, antes dela a filosofia de Nicolau de Cusa, que sonha com a tolerância religiosa, a cultura de fundamento matemático e a transformação do mundo mediante técnicas racionais.

Três idéias-força do pensamento moderno surgem ou se desenvolvem no decorrer desse período: A necessidade da separação entre teologia e filosofia — com a autonomia desta última. A idéia de que as matemáticas são a escola da razão rigorosa por excelência. A idéia do método experimental e do conhecimento objetivo dos fatos da natureza.

O renascimento chamado cristão, segundo a maioria dos historiadores, não foi obra dos séculos quinze e dezesseis, mas do século que se abre com Inocêncio III e se encerra com Dante. Esse mesmo período que viu Francisco de Assis e Antônio de Lisboa, Domingos de Gusmão e Tomás de Aquino, também viu o progresso da obra de Pedro de Bruys e Pedro Waldo, que possuíam muitos adeptos em quase todos os países da Europa.

De acordo com historiadores da igreja, na Alemanha e na Itália homens e mulheres de todas as classes tinham seguido os seus ensinamentos e doutrinas evangélicas, desde os fidalgos até os camponeses, desde o abade de mitra até o monge de capuz; enquanto que na Lombárdia existiam em tal quantidade que um deles declarou que podia viajar de Colônia a Milão recebendo todas as noites hospitalidade em casa de irmãos.

Na Renascença, a unidade real e potencial que já assimilara em si mesma os bens espirituais e ideais da civilização antiga, estava agora em condições de colher os bens da nova civilização.

131) Que tipo de influência marxista sofreu a teologia da libertação?

Caro leitor, pelo fato de se tratar de um movimento multiforme e ainda sujeito a variações, não é tarefa fácil analisar o caráter da teologia da libertação.

Em linhas gerais, os seus propagadores defendiam a ideologia socialista e

adotaram um programa revolucionário dentro de uma perspectiva marxista. Acreditavam que podiam unir-se em aliança estratégica com revolucionários e marxistas não dogmáticos, a fim de promover a revolução social na América Latina.

A teologia da libertação não usava o termo *teologia* no seu sentido clássico, tradicional e técnico, como *o estudo ou a ciência de Deus e o seu relacionamento com as suas criaturas*. Segundo um dos pioneiros desse movimento, nele o termo *teologia* adquire conotação bem distinta, como uma reflexão crítica da práxis cristã à luz da Palavra. Essa “práxis cristã”, entretanto, não é só ação separada do pensamento ou da teoria, mas ação guiada pelo pensamento e comprometida com uma reavaliação constante de atitudes e teorias, e uma recondução de ações com base nessa reavaliação.

Os liberacionistas, portanto, entendiam que esse novo sistema teológico, como tentativa de reflexão baseada tanto no Evangelho quanto nas experiências de homens e mulheres comprometidos com o processo da libertação dos oprimidos latino-americanos, nasceu da experiência de esforços comuns para abolir a atual situação injusta e criar uma sociedade diferente, mais livre e mais humana.

O cardeal alemão Joseph Ratzinger, na qualidade de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, disse que o que mais assusta na teologia da libertação é o fato de ela não se assemelhar a uma heresia. Como fenômeno universal que aparece em diferentes partes do mundo, o liberacionismo é a prova de que um erro é tanto mais perigoso quanto maior o núcleo de verdade que ele contenha. Mas, que verdade contém esse fenômeno?

Considerando a análise marxista da história como chave para se entender a doutrina cristã, os liberacionistas revelavam uma lógica quase invencível. Ratzinger diz que, embora seja difícil aceitar a possibilidade de que a realidade global do cristianismo possa ser esgotada num esquema sócio-político de libertação, muitos teólogos liberacionistas continuam usando a mesma linguagem ascética e dogmática da igreja católica.

Considerada, então, como uma reflexão sobre a prática libertadora dos grupos comprometidos na América Latina, esse movimento de finalidades libertadoras se origina nos cristãos engajados e comprometidos na promoção humana e na transformação da sociedade. O padre brasileiro Leonardo Boff salientou que a teologia da libertação quer refletir as implicações das práticas

históricas, sociais e transformadoras no contexto da Igreja. “Tal teologia”, afirmou Boff, “não nasceu da cabeça de teólogos nem de cátedras e de universidades, mas das práticas de cristãos engajados, vivendo a contradição fundamental da nossa sociedade, que é a presença de grandes majorias muito pobres ao lado de pequenas minorias muito ricas”.

132) Como era o pano de fundo político e filosófico da Renascença, de onde brotou a Reforma Protestante?

Meu caro leitor, no pano de fundo do pensamento renascentista se destacam algumas figuras de vulto, começando com Nicolau de Cusa e terminando com Giordano Bruno. É uma nova concepção filosófica do mundo e da vida, ainda não bem claramente esboçada, de que seus próprios autores, às vezes, não têm clara consciência. É uma época de transição, em que novo e velho se entrecruzam mutuamente.

A maior conquista do pensamento da Renascença está na história humana e na ciência natural. Daí derivam, em seguida, a ciência política e a técnica científica, que tiveram o seu grande início. É o fruto do vivo interesse e da penetrante observação da experiência e do concretismo, quase desconhecidos do pensamento clássico e medieval.

A expressão clássica da nova ciência política é Nicolau Machiavelli, que não era filosófico, mas teórico da técnica política, embora seu pensamento esteja alicerçado na metafísica do humanismo e do imanentismo renascentista. Galileu Galilei é a maior expressão da ciência nova. Ele também não foi filósofo, mas teórico e técnico da renovada ciência da natureza, mesmo que tenha valeidades e faça afirmações de alcance metafísico.

Embora a Renascença seja de caráter imanentista e humanista, e não se harmonize com o catolicismo romano da época, o cristianismo não esteve ausente dela, e muito menos da vida transcendente e ascética. O verdadeiro cristianismo da Renascença pode ser representado pelo protestantismo, e, em especial, pelo protestantismo luterano.

Apesar de tantos de seus aspectos exteriores estarem em oposição com o espírito renascentista, o protestantismo exprime, no fundo, o mesmo ideal imanentista e individualista da Renascença. Assim, podemos considerar a

Reforma Protestante como sendo a religião da época nova, e, em seguida, da Contra-Reforma católica como natural reação, ou melhor, como desenvolvimento lógico do cristianismo católico perante as duas novas tendências de pensamento e de vida.

Os ensinamentos da Reforma baseiam-se na Bíblia Sagrada e vão de encontro a diversos dogmas fundamentais do catolicismo. A Contra-Reforma é o movimento de reação e de renovação contra a Reforma e a Renascença. Culmina no Concílio de Trento (1546-1563), e tem como sua maior expressão a Ordem dos Jesuítas da Companhia de Jesus, fundada em 1534.

Do ponto de vista filosófico, a Contra-Reforma tem como característica fundamental a valorização do concretismo moderno, mas subordinado a uma reafirmação profunda e vigorosa da transcendência e do ascetismo.

Da Itália, berço do humanismo e da Renascença, o renascentismo propagou-se por toda a Europa civilizada, que, aliás, estava preparada para receber estas novas formas de pensamento e de vida. Nas grandes nações européias o humanismo e o renascimento se interessam especialmente pelos problemas religiosos, que, entretanto, não despertaram na Itália demasiado interesse possivelmente em virtude da intolerância do catolicismo romano.

133) Dentro da perspectiva humanista, o que vem a ser o pecado?

Meu caro leitor, dentro da perspectiva humanista de nossos dias, o pecado é algo externalizado, e se refere às estruturas sociais opressivas que necessitam ser removidas como causa única da pobreza e da injustiça.

O pecado, portanto, consistiria, fundamentalmente, na separação ou alienação de uma pessoa ou grupo de pessoas de sua verdadeira identidade. De acordo com a Teologia Negra, que segue a mesma linha liberacionista, o pecado do oprimido não é o de ele ser responsável pela sua própria escravidão, mas sim o de tentar “compreender” o escravizador e de “amá-lo” nos termos do oprimido.

Em nível mais profundo, essa libertação poderia ser aplicada ao entendimento da história, em que o homem seria visto assumindo responsabilidade consciente do seu próprio destino. Seria esse entendimento

que proveria um contexto dinâmico e alargaria os horizontes das alterações sociais desejadas. Gustavo Gutierrez sugere que a conquista gradual da verdadeira liberdade leva à *criação de um novo homem* e de uma sociedade qualitativamente diferente.

Assim, o que antes Deus fazia — *a criação de um novo homem* — agora é o homem que faz, ou melhor, que pretende fazer, fechando os olhos à sua própria depravação total diante de um Deus santo. Esse humanismo idealista considera o ser humano capaz de regenerar-se a si próprio e de assumir todo o domínio da realidade da vida presente, e, portanto, de estabelecer uma sociedade justa sobre a terra, uma sociedade sem os pecados do ódio, da ganância e da injustiça.

Nessa perspectiva humanista, confunde-se até mesmo a redenção bíblica final, isto é, a transformação do nosso corpo em corpo glorioso com uma presente emancipação social e econômica. Um desses teólogos humanistas afirmou que “o que nós necessitamos é de vida antes da morte e não vida depois da morte”, e que “precisamos ser livres da coação para o pecado na nossa vida coletiva”.

Essa perspectiva humanista e renascentista, sem apoio bíblico, tem produzido pessoas alienadas de Deus porque não dependem dele, e essas pessoas, pelo fato de rejeitarem a verdade divina revelada nas Escrituras e de não se submeterem ao senhorio do Senhor Jesus Cristo, assemelham-se a guias cegos, que não cairão sós no abismo.

Transformando a redenção bíblica em libertação política ou antropológica, os humanistas colocam o homem no lugar de Cristo, fazendo desse homem o seu próprio salvador e também o salvador da humanidade. Essa nova redenção humana — não dos seus pecados pessoais cometidos contra Deus e o próximo, mas das desigualdades sociais e opressões políticas — enquadra-se perfeitamente no novo conceito liberal e ecumênico da missão da Igreja.

Quando, ignorando a Bíblia, analisamos o ser humano partindo de pressuposições humanistas, materialistas, ateístas ou marxistas, é natural que busquemos as soluções para as crises humanas dos nossos tempos nas mesmas pressuposições. A teologia humanista dos movimentos de libertação política, por analisar a sociedade humana partindo de uma perspectiva socialista, só vê soluções que procedam dessa mesma perspectiva.

134) Quem foi Aristóteles?

Caro leitor, Aristóteles (384 a 322 a.C.), célebre filósofo grego, nasceu na Macedônia e foi discípulo de Platão durante 20 anos. Tem sido considerado um dos maiores gênios da Antigüidade: abrangeu todas as ciências do seu tempo e criou outras. Após a morte de seus mestres, foi ele encarregado da educação do filho do rei Filipe da Macedônia, Alexandre, que se tornou mais tarde o famoso imperador dos gregos.

Depois de acompanhar Alexandre à Ásia, Aristóteles fixou residência em Atenas, em 334, onde fundou a famosa escola peripatética, onde mestres e alunos estudavam caminhando. Liceu era o nome pelo qual esta escola ficou conhecida, pois ficava junto ao templo de Apolo Lício.

A filosofia de Aristóteles mostra toda a natureza como um imenso esforço da matéria bruta para se elevar até ao ato puro, isto é, ao pensamento e à inteligência. Embora concorde com Platão quanto ao caráter universal da filosofia, rejeita o idealismo deste e faz da *realidade* o ponto de partida das suas especulações.

Para Aristóteles, a filosofia é a ciência de tudo o que existe e compreende três ordens de conhecimento: conhecimentos teóricos, que visam a pura especulação — física, matemática, metafísica; conhecimentos práticos, que têm por fim dirigir a ação — ética e política, e conhecimentos poéticos, que têm por fim dirigir a produção, isto é, as obras humanas — poética, retórica e as outras artes.

A verdadeira ciência do filósofo, segundo Aristóteles, é a metafísica, ou filosofia primeira, mais tarde chamada de ontologia, que objetiva o estudo do ser, seus princípios e causas últimas, independente das suas determinações sensíveis.

O aristotelismo abrange a natureza de Deus (Metafísica), do homem (Ética) e do Estado (Política). Para Aristóteles, Deus não é o Criador, mas o primeiro e último motor do universo, ou seja, o motor não movido. Exceto Deus, toda e qualquer outra fonte de movimento no mundo, seja uma pessoa, uma coisa, um pensamento, é um motor movido. Assim, o arado move a terra, a mão move o arado, o cérebro a mão, o desejo de alimento move o cérebro, o instinto da vida move o desejo de alimento.

Portanto, para o famoso discípulo de Platão, a causa de todo o movimento é

o resultado de outro movimento. O amo de todo o escravo é escravo de algum outro amo. O próprio tirano é escravo de sua ambição. Somente Deus não pode ser resultado de alguma ação, não pode ser escravo de amo algum. Ele é a fonte de toda a ação, o amo de todos os amos, o instigador de todo o pensamento, primeiro e último Motor do Mundo.

A filosofia de Aristóteles caracterizou-se pelo realismo, pela objetividade e pelo método. Defendeu ele as teorias da realidade do indivíduo, das causas do ser, do ato e da potência, da matéria e da forma, da união da alma com o corpo, do conhecimento sensitivo e intelectual, da contemplação de Deus como fim último e felicidade suprema do homem, sendo a virtude ou bem-fazer o meio de alcançá-la.

Na Idade Média, foi o aristotelismo a filosofia dominante, que teve como principal propulsor o famoso Tomás de Aquino, considerado o Doutor Angélico do catolicismo.

135) Quais os conceitos de idéia, na filosofia?

Segundo Michele Frederico Sciacca, tanto para o santo dos primeiros tempos, como para o “ateu” do século passado, de formação iluminista, negar as idéias como conhecimento em si, anteriores às coisas e objetos para julgá-las,

a) é negar irreparavelmente Deus: ou verdade que não deriva das coisas nem se põe a si mesma e então esta presença de algo imutável e necessário, iluminante e fecundo nos convence racionalmente de que Deus existe e é irracional dizer o contrário;

b) ou se nega que há uma verdade de tal natureza e com ela se nega a presença de Deus e já não é possível pensar ou provar a existência do Ser transcendente, criador e providente.

Se tudo no homem é humano, produzido por ele e criado sem desenho, sinal, imagem ou vestígio divino, é impossível dar-lhe noção de Deus; o homem foi privado do quanto lhe é necessário para poder encontrá-lo e, à luz da razão, provar do Objeto que faz inteligente sua inteligência.

Deus haveria criado o homem não para ele, mas sim para o homem mesmo, não para que o homem o busque, o ame e o invoque, mas para que ele se perca

na finitude e contingência sua e do mundo, coisa entre as coisas. Por isso Platão, o metafísico das idéias, é o pai da metafísica da verdade essencialmente teísta: Se existe a verdade, existe Deus; a verdade existe, logo Deus existe.

Desterrar as idéias como objeto imutável da mente é desterrar Deus do pensamento. Se a mente não conhece nada imutável e necessário, para ela não há nada inteligível ou verdadeiro: não há Deus.

Kant nega o saber intuitivo da inteligência e por isso deve negar que se possa demonstrar a existência de Deus. Limitado o homem à sua cosmicidade, ele é feito prisioneiro do conhecimento racional e privado de Deus, que não é problema da razão, se antes não foi problema da inteligência. Assim, fica destruída qualquer possibilidade de demonstrar Deus, porque foram destruídas as idéias.

Em síntese, Kant nega a onticidade da idéia e o saber intuitivo: a experiência sensível é limite da forma “a priori” e, por isso, o limite do homem é sua impossibilidade de transcender a experiência, isto é: “o cosmos”, a “ciência”.

Para Kant, o “a priori” tem sua adequação no mundo na ordem natural, como “o céu estrelado” e “a lei moral”. Em consequência disso, o mundo é a finalidade suprema do ser humano. Por isso Deus fica eliminado da ordem do pensamento e da ordem da realidade, e tampouco já se pode explicar como nascem da razão a existência de Deus e as idéias, elementos que não se justificam no sistema kantiano nem seguem como postulados da razão prática.

Locke é o primeiro sistemático e consciente destruidor da idéia no sentido do Idealismo objeto. Com efeito, como a palavra *idéia*, ele indica sensações, imagem, percepções, etc.; tudo o que é conteúdo da consciência. A idéia não é mais o objeto inteligível, imagem a priori do inteligível em si, mas sim a imagem do sensível: a alma conquista as idéias da experiência. Para Locke não existe a idéia como objeto da mente, pois tal idéia é apenas intuída pela mente, não produzida por ela, nem obtida na experiência.

136) Como Hume e Kant encararam o problema da existência de Deus?

A fim de entender a existência de Deus os filósofos fazem uso da lógica, cujo principal objetivo é o estudo da inteligência sob o ponto de vista do seu uso no

conhecimento. É a lógica que fornece ao filósofo os meios necessários para a investigação segura da verdade. Mas, para conseguirmos atingir a verdade, é preciso raciocinarmos com exatidão e partirmos de dados exatos, a fim de que o espírito não caia em contradição consigo mesmo ou com os objetos, afirmando-os diferentes do que, na realidade, o são.

Davi Hume (1711-1776), por exemplo, ao negar a objetividade da idéia, negou Deus, e então nada mais rege; nem o espírito, nem as coisas, nem a filosofia, nem a ciência. Neste sentido, o ultra-iluminista Hume, que desenvolve até o fundo o princípio ateu de que “o homem cria o homem e seu reino”, é a crise do mito iluminista, enquanto representa a ratificação do real espiritual e corpóreo e de toda categoria do real.

A mãe de Hume fora, durante muitos anos, cristã professada. Deslumbrada, porém, com o talento do filho, acompanhou-o pelos meandros e labirintos do ceticismo, abandonando sua antiga fé. Passaram-se anos, e ela, como acontece a todos os viventes, aproximava-se das portas da eternidade. De seu leito de morte escreveu ao filho esta tristíssima carta:

— Meu querido filho: esvaiu-se-me por completo a saúde. Para mim a vida extingue-se com muita rapidez. Só viverei um pouco mais. Está numa angústia atrozíssima a minha alma. A filosofia que me ensinaste não me ministra consolação alguma. Está estraçalhado de desespero o meu coração. Vem depressa, peço-te encarecidamente, para me confortares. Se não puderes vir, manda-me por carta quaisquer consolações que a filosofia possa oferecer aos mortais na hora derradeira deste mundo.

Emmanuel Kant se apercebeu da ruína do conhecimento objetivo e da metafísica como ciência, em consequência da negação da idéia; e também o percebeu Rosmini. Eis aqui dois problemas colocados por eles: a objetividade do conhecimento, e a restauração da metafísica como saber racional.

Kant vê claramente um aspecto do problema de Deus, que a prova cosmológica, como toda outra, no fundo depende da ontológica. Enquanto ele foi “platônico” (pré-crítico) considerou válida a prova ontológica; tornando-se “crítico”, refutou-a porque, negadas as verdades primordiais dadas à mente e admitindo somente o que é conhecido, estava-lhe vedada a possibilidade de demonstrar racionalmente a existência de Deus.

Ao reconhecer a importância primária da prova ontológica em relação à cosmológica, Kant percebe que o problema da existência de Deus se insere na

vida do ente espiritual mais do que na do mundo físico.

A verdade é que, para Kant, a idéia é sempre forma “vazia”, que espera receber conteúdo da experiência sensível; a restauração da metafísica resultaria completamente impossível. A idéia permanece injustificada em seu sistema. Se Deus fosse somente uma idéia da razão, no sentido kantiano, seria um puro possível; mas se Deus é só um possível, Deus é impossível; e tudo o que é se torna automaticamente impossível e inexplicável.

137) Que tipo de perigo representou para a igreja a chamada teologia da libertação?

Caro leitor, o inimigo da sã doutrina tem lançado sucessivos assaltos contra as igrejas evangélicas em geral. Muitos desses assaltos ocorrem sob nomes sugestivos, como é o caso da teologia da libertação, e mais recentemente da teologia da prosperidade. E quem pode negar que o evangelho que pregamos não é, em seu verdadeiro sentido, um evangelho de libertação e de prosperidade?

Vitimados pois tais ataques sutis, alguns segmentos evangélicos, tanto denominacionais como pentecostais, outrora fervorosos na fé e firmes baluartes da sã doutrina, estão hoje inertes e até assumindo ares de heresias.

Para poder resistir aos avassaladores ataques desses últimos tempos, e não ficar desorientado, é necessário estar edificado sobre Jesus Cristo! Ele é a Pedra viva, eleita e preciosa, como afirma a Bíblia (1 Pe 2.6).

A Igreja de Cristo é constituída exclusivamente de novas criaturas. E esse novo nascimento é um milagre operado pelo próprio Deus. “Darei a eles um coração não dividido e porei um novo espírito dentro deles; retirarei deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne” (Ez 11.19).

Ao homem é impossível transformar-se a si mesmo ou ser transformado por outro homem. Somente em Cristo ele pode ser uma “nova criação”. E somente na condição de nova criação, vivendo em novidade de vida, pertence ela à Igreja resgatada, santificada pelo Espírito Santo e que combate as postestades das trevas usando armas espirituais.

A missão da igreja é anunciar o evangelho e não pregar ideologias políticas. O evangelho, “poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”, se

encarregará, por si mesmo, de melhorar o indivíduo e, conseqüentemente, a sociedade. A injustiça social é conseqüência do pecado arraigado no coração humano. Não basta condenar o pecado. É preciso, antes, anunciar ao pecador o remédio contra o pecado, que é o sangue de Jesus.

Somente um arrependimento sincero através da aceitação plena da verdade evangélica introduzirá o pecador numa nova maneira de viver, não mais segundo o curso deste mundo, mas segundo a graça divina. O fruto do Espírito Santo no crente é “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (Gl 5.22, 23).

A mensagem libertadora da Teologia da Libertação não leva em conta os fundamentos bíblicos da verdadeira liberdade, conforme ensinou Jesus: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”... Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres” (Jo 8.31-32, 36).

Finalmente, a verdadeira Igreja de Cristo não se conforma com este mundo, não usa armas mundanas para reformar a sociedade, não busca implantar aqui na terra o seu paraíso. A transcendência da esperança cristã cristaliza-se nessas passagens: “Neste mundo vocês terão aflições”; “O mundo todo está sob o poder do Maligno”; “O meu reino não é deste mundo”; “Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão”.



Capítulo 9

TIPOLOGIA

138) Como é que os sacrifícios cerimoniais de consagração dos sacerdotes apontam para Jesus?

A ordem desses sacrifícios está em Êxodo 29, começando pelo versículo 10. Notemos os seguintes pontos:

Primeiro, Jesus identificou-se conosco. “Traga o novilho para a frente da Tenda do Encontro. Arão e seus filhos colocarão as mãos sobre a cabeça do novilho”. O bezerro aponta para a pessoa de Jesus como o servo sofredor, cheio de mansidão. O fato de Arão e seus filhos porem as mãos sobre a vítima indica a sua identificação com ela.

Segundo, Jesus sacrificou-se por nós. “E você o sacrificará na presença do SENHOR, defronte da Tenda do Encontro. Com o dedo, coloque um pouco do sangue do novilho nas pontas do altar e derrame o resto do sangue na base do altar. Depois tire toda a gordura que cobre as vísceras, o lóbulo do fígado, e os dois rins com a gordura que os envolve, e queime-os no altar” (vv. 11-13).

Terceiro, Jesus comprou-nos com o seu sangue. O bezerro degolado, cujo

sangue derramava-se à base do altar, aponta para Jesus (Is 53.12). *Quarto, Jesus deixou-se consumir por amor a nós.* As entranhas do animal eram queimadas sobre o altar, dentro do arraial. Jesus deixou-se gastar em favor do seu povo Israel.

Quinto, Jesus morreu por todos os homens. O restante do bezerro, como a carne, a pele, o esterco, etc., tudo deveria ser queimado fora do arraial, por ser oferta pelo pecado: “Mas queime a carne, o couro e o excremento do novilho fora do acampamento; é oferta pelo pecado” (Êx 29.14).

Os carneiros da consagração. Depois de imporem as mãos sobre o primeiro carneiro, que é um tipo de Cristo como ofertante, degolam-no, partem-no em pedaços, lavam-lhes as entranhas e pernas e em seguida queimam-no totalmente.

Diz a Bíblia: “Pegue depois o outro cordeiro. Arão e seus filhos colocarão as mãos sobre a cabeça do animal, e você o sacrificará. Pegue do sangue e coloque-o na ponta da orelha direita de Arão e dos seus filhos, no polegar da mão direita e do pé direito de cada um deles. Depois derrame o resto do sangue nos lados do altar.

“Pegue, então, um pouco do sangue do altar e um pouco do óleo da unção, e faça aspersão com eles sobre Arão e suas vestes, sobre seus filhos e as vestes deles. Assim serão consagrados, ele e suas vestes, seus filhos e as vestes deles...” (Êx 29.19-22).

A orelha indica que os ouvidos dos sacerdotes estavam ungidos e prontos para ouvir a Palavra de Deus. Os polegares da mão direita de Arão e seus filhos indicam a prática do bem, as boas obras (Ef 2.10), e os polegares dos pés indicam preparação para caminhar pelo reto caminho (Sl 1.1).

Esta unção da orelha à ponta dos dedos dos pés, indicando as extremidades do corpo, nos ensina a entregarmos toda a nossa vida a serviço de Deus, como o fez Davi: “Bendiga o Senhor a minha alma! Bendiga o Senhor todo o meu ser! Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bênçãos!” (Sl 103.1-2).

139) Qual o significado das roupas do sumo sacerdote?

As roupas santas, usadas pelo sumo sacerdote, apontavam para a justiça de

Cristo (Ap 19.8), e indicavam que os sacerdotes eram homens ativos e preparados para a obra de Deus. Vamos analisar aqui a túnica, a sobrepeliz e a estola.

A túnica. Esta é a primeira peça descrita em Êxodo 28.39: “Teça a túnica e o turbante com linho fino. O cinturão será feito por um bordador”.

A túnica de linho fino era uma peça interior, representando o evangelho, que não pode ser partido ou fragmentado.

A sobrepeliz. O manto do éfode, ou sobrepeliz, era uma peça curta, feita em azul. Possuía uma abertura para a cabeça e era bordada com romãs em azul, púrpura e carmesim. Havia também campainhas de ouro, entre uma romã e outra. A Bíblia a descreve desta maneira:

“Farás o manto do éfode todo de púrpura violácea. Terá no meio uma abertura para a cabeça, e esta abertura terá em toda a volta uma barra reforçada, como a orla do colete que não se rasga. Na parte inferior, ao redor de toda a orla, porás romãs de púrpura violácea, vermelha e carmesim, alternando com campainhas de ouro...” (Êx 28.31, 35).

Os frutos só podem surgir de uma vida redimida (carmesim), santificada (fundo branco), glorificada (a púrpura), e assentada nas regiões celestiais (o azul). Estas cores correspondem ao estado do crente conforme Efésios 2.5, 6.

As campainhas de ouro, que falam da adoração, ou glorificação, estão acompanhadas das romãs, um tipo da frutificação. O verdadeiro louvor e a verdadeira adoração só acontecem, só se tornam efetivos, quando há frutificação.

A estola. Também conhecida por éfode, a estola sacerdotal está descrita em Êxodo 28.6-12:

“Faça o colete sacerdotal de linho fino trançado, de fios de ouro e de fios de tecidos azul, roxo e vermelho, trabalho artesanal. Terá duas ombreiras atadas às suas duas extremidades para uni-lo bem. O cinturão e o colete que por ele é preso serão feitos da mesma peça. O cinturão também será de linho fino trançado, de fios de ouro e de fios de tecidos azul, roxo e vermelho.

“Grave em duas pedras de ônix os nomes dos filhos de Israel, por ordem de nascimento: seis nomes numa pedra e seis na outra. Grave os nomes dos filhos de Israel nas duas pedras como o lapidador grava um selo. Em seguida prendas as com filigranas de ouro, costurando-as nas ombreiras do colete sacerdotal, como pedras memoriais para os filhos de Israel.

“Assim Arão levará os nomes em seus ombros como memorial diante do SENHOR.”.

Esta peça dividia-se em duas partes: frente e costas, unidas por duas pedras de ônix, com os nomes das doze tribos que Arão levava diante do Senhor. Sobre seus ombros Jesus suporta, com o seu poder, todo o seu povo.

Notem também as cores desta peça: o ouro, o azul e o carmesim, que falam dos aspectos do caráter de Jesus.

140) Qual o significado do peitoral de decisões, usado pelo sumo sacerdote?

Diferentemente da estola, onde Cristo suporta sobre seus próprios ombros o seu povo, no peitoral esse mesmo povo, agora representado por doze pedras, está no coração de seu Senhor e Salvador.

“Faça um peitoral de decisões, trabalho artesanal. Faça-o como o colete sacerdotal: de linho fino trançado, de fios de ouro e de fios de tecidos azul, roxo e vermelho. Será quadrado, com um palmo de comprimento e um palmo de largura, e dobrado em dois.

“Em seguida, fixe nele quatro fileiras de pedras preciosas. Na primeira fileira haverá um rubi, um topázio e um berilo; na segunda, uma turquesa, uma safira e um diamante; na terceira, um jacinto, uma ágata e uma ametista; na quarta, um crisólito, um ônix e um jaspe. Serão doze pedras, uma para cada um dos nomes dos filhos de Israel, cada uma gravada como um selo, com o nome de uma das doze tribos...

“Toda vez que Arão entrar no Lugar Santo, levará os nomes dos filhos de Israel sobre o seu coração no peitoral de decisões, como memorial permanente perante o SENHOR” (Êx 28.15-21, 29).

Jesus disse: “Como o Pai me amou, assim eu os ame; permaneçam no meu amor” (Jo 15.9). Estando assim no coração de Cristo, podemos perguntar com Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?” (Rm 8.35).

A primeira lição que temos é a de que uma pedra preciosa possui a capacidade de refletir a luz que sobre ela incide.

Quanto maior for essa luz, tanto maior será o esplendor da pedra, de modo

que esta jamais pode ser obscurecida pela luz, mas somente ter o seu brilho cada vez mais aumentado. Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida” (Jo 8.12).

A segunda lição que aprendemos dessas pedras   que todo o povo de Deus, tanto o menor como o maior, é levado à presença de Deus nos ombros e no peito de Jesus. Pela graça de Deus, cada cristão em particular, e toda a igreja em geral, resplandece em toda a sua formosura descansado no poder de Jesus, representado pelos ombros, e no amor de Jesus, representado pelo peito.

A terceira lição que as pedras nos ensina   que o mundo não pode perceber a glória que elas possuem, mas somente Deus. O mundo, ao olhar para nós, não pode ver nada além de nossas imperfeições e defeitos, e por isso o juízo dele a nosso respeito   sempre falso e parcial. Mas Deus nos v e como jóias brilhantes, de grande valor, uma vez que fomos comprados pelo preço incalculável do precioso sangue de Cristo.

Mas um dia o mundo descobrir , tarde demais, a razão por que somos tão preciosos aos olhos de Deus, como este mesmo Deus afirma: “No dia em que eu agir”, diz o SENHOR dos Exércitos, “eles serão o meu tesouro pessoal. Eu terei compaixão deles como um pai tem compaixão do filho que lhe obedece. Então vocês verão novamente a diferença entre o justo e o ímpio, entre os que servem a Deus e os que não o servem” (Ml 3.17-18).

141) Qual o significado para a igreja, hoje, da festa do Pentecoste?

Caro leitor, “pentecoste”   uma palavra grega que significa “cinquenta”, pelo fato de a festa com esse nome ocorrer cinquenta dias depois da Páscoa. Seus outros nomes são: festa dos primeiros frutos, ou das primícias. A Bíblia descreve assim essa solenidade:

“A partir do dia seguinte ao sábado, o dia em que vocês trarão o feixe da oferta ritualmente movida, contem sete semanas completas. Contem cinquenta dias, até um dia depois do sétimo sábado, e então apresentem uma oferta de cereal novo ao SENHOR. Onde quer que morarem, tragam de casa dois pães feitos com dois jarros da melhor farinha, cozidos com fermento, como oferta movida dos primeiros frutos ao SENHOR.

“Junto com os pães apresentem sete cordeiros, cada um com um ano de idade e sem defeito, um novilho e dois carneiros. Eles serão um holocausto ao SENHOR, juntamente com as suas ofertas de cereal e ofertas derramadas; é oferta preparada no fogo, de aroma agradável ao SENHOR.

“Depois sacrifiquem um bode como oferta pelo pecado e dois cordeiros, cada um com um ano de idade, como oferta de comunhão. O sacerdote moverá os dois cordeiros perante o SENHOR como gesto ritual de apresentação, juntamente com o pão dos primeiros frutos. São uma oferta sagrada ao SENHOR e pertencem ao sacerdote. Naquele mesmo dia vocês proclamarão uma reunião sagrada e não realizarão trabalho algum. Este é um decreto perpétuo para as suas gerações, onde quer que vocês morarem” (Lv 23.15-21).

Os sete cordeiros significam uma entrega perfeita, total e voluntária; o novilho é o símbolo da mansidão e do serviço, e os dois carneiros significam uma maior convicção do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz do Calvário.

A partir do Novo Testamento, Pentecoste passou a significar unção, poder, capacitação. Jesus foi ungido com poder para o desempenho de sua missão, conforme anunciou o profeta.

“O Espírito do Soberano, o Senhor, está sobre mim, porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes” (Is 61.1,2).

Jesus, ao concluir sua obra, adverte os discípulos e promete: “Eu lhes envio a promessa de meu Pai; mas fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto”. “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (Lc 24.49 e At 1.8).

No Antigo Testamento o nome dessa celebração é Festa das Primícias, ou das primeiras colheitas. Por isso, em Jerusalém, no dia de Pentecoste, atendendo à pregação de Pedro, houve a primeira colheita de almas para Cristo, quando três mil pessoas se converteram.

142) Qual a diferença entre os dois altares que havia no

Tabernáculo?

O altar do incenso, meu caro leitor, pertencia de fato ao Santo dos Santos, mas foi colocado no Santo Lugar junto ao terceiro véu, que corresponde ao segundo véu da tenda da congregação. O sumo sacerdote não podia entrar no Santíssimo Lugar sem um incensário portátil, no qual o incenso sagrado estivesse sendo queimado com fogo trazido do altar de bronze (Êx 30.1-10, 34-36). Veja a descrição desse altar em Êxodo 37.25-27.

Esse altar era lugar de adoração, de culto e louvor. Nenhum sacrifício era oferecido nele (Lc 1.9-10). Era feito de madeira de acácia coberta de ouro, que são tipos da humanidade e da divindade de Jesus. A sua posição em frente ao terceiro véu mostra Jesus como o nosso caminho de acesso ao Pai. “Pois por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito” (Ef 2.18).

Os chifres eram aspergidos com o sangue uma vez por ano, e falam do poder do sangue de Jesus, que nunca perde a sua eficácia (Êx 30.10; Hb 9.14). O incenso, tipo da oração e da adoração (Sl 141.2; Ap 5.8), era queimado continuamente (Ef 6.18).

Comparando os dois altares, o de bronze e o de ouro, vemos que, no primeiro, Cristo supre a necessidade do pecador, e no segundo ele supre a necessidade do crente. O fogo que queima o incenso vai do altar de bronze, porque o valor e o poder da oração dependem do sacrifício de Jesus na cruz. Se Jesus não morresse em nosso lugar, tampouco poderia ter intercedido por nós. O sacerdócio de Jesus vigora oficialmente desde a ressurreição.

É maravilhoso perceber que Jesus não só ora por nós, mas toma as nossas orações e as apresenta junto com as suas perante o trono do Pai (Ap 5.8; 8:3). A Bíblia diz que o Pai procura adoradores que o adorem em espírito e em verdade, “porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito, e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.23 e 24).

O altar do incenso constituía o meio de ligação com o Lugar Santíssimo. Hebreus 9.3 e 4 afirma que “por trás do segundo véu se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos, ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso, e a Arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança” (Hb 9.3,4).

Ao construir o templo, Salomão “revestiu de ouro todo o interior do templo e também o altar que pertencia ao santuário interno” (1 Rs 6.22). A Moisés ordenou o Senhor: “Coloque o altar em frente do véu que se encontra diante da arca da aliança, diante da tampa que está sobre ele, onde me encontrarei com você” (Êx 30.6).

Destaca-se, no altar de ouro, o poder do louvor. O altar de ouro possuía uma ponta em cada um dos seus quatro cantos, significando que há grande poder no louvor, conforme exemplifica a própria Bíblia: “Quando começaram a cantar e a entoar louvores, o SENHOR preparou emboscadas contra os homens de Amom, de Moabe e dos montes de Seir, que estavam invadindo Judá, e eles foram derrotados” (2 Cr 20.22).

143) O que nos ensina a composição do incenso sagrado?

A composição do incenso nos dá lições importantes para a nossa vida de adoração, de oração e de ação de graças. O texto bíblico de Êxodo 30.34-38 diz: “Disse ainda o SENHOR a Moisés: ‘Junte as seguintes essências: bálsamo, ônica, gálbano e incenso puro, todos em quantidades iguais, e faça um incenso de mistura aromática, obra de perfumista. Levará sal e será puro e santo. Moa parte dele, até virar pó, e coloque-o diante das tábuas da aliança, na Tenda do Encontro, onde me encontrarei com você. O incenso lhes será santíssimo.

“Não façam nenhum outro incenso com a mesma composição para uso pessoal; considerem-no sagrado, reservado para o SENHOR. Quem fizer um incenso semelhante, para usufruir sua fragrância, será eliminado do seu povo”.

A resina, que Almeida traduz por estoraque e a NVI por bálsamo, era extraída sem incisão, espontaneamente, de um arbusto do mesmo nome. O nosso louvor e adoração devem ser espontâneos. Deus fez exigências assim aos seus sacerdotes:

“Só eles entrarão em meu santuário e se aproximarão da minha mesa para ministrar diante de mim e realizar o meu serviço. Quando entrarem pelas portas do pátio interno, estejam vestindo roupas de linho; não usem nenhuma veste de lã enquanto estiverem ministrando junto às portas do pátio interno ou dentro do templo. Usarão turbantes de linho na cabeça e calções de linho na cintura. Não vestirão nada que os faça transpirar (Ez 44.16-18). O leitor

deve notar a expressão "Não vestirão nada que os faça transpirar".

O outro elemento que entra na composição do incenso é a onicha (ônica, na NVI), ou âmbar, que a Bíblia de Jerusalém traduz por "craveiro". Extraído de um molusco marinho, ele nos ensina que a nossa oração ou louvor deve partir das profundezas da alma, como em Ana (1 Sm 1.9-18) e no salmista: "Das profundezas clamo a ti, Senhor" (Sl 130.1).

O terceiro elemento é o gálbano, um arbusto do deserto. Suas folhas deviam ser quebradas e moídas para extração do perfume. A adoração deve brotar de um coração quebrantado e contrito: "Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás" (Sl 51.17).

O quarto elemento é o incenso puro, que segundo a palavra hebraica *lebona*, é "uma goma que arde com resplendor".

Por último vem o sal. O verbo "salgar", "temperar com sal" aparece em Levítico 2.13 como o "sal da aliança do seu Deus", e em Ezequiel 16.4 como o elemento que produz limpeza. Indica, portanto, purificação.

O incenso é, pois, um tipo de nossas orações, conforme Apocalipse 5.8: "Ao recebê-lo, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos".

João 4.23-24, afirma: "No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade".

144) Qual o significado da tampa da arca da aliança, também chamada de propiciatório?

A Bíblia assim descreve essa peça:

"Faça uma tampa de ouro puro com um metro e dez centímetros de comprimento por setenta centímetros de largura, com dois querubins de ouro batido nas extremidades da tampa. Faça um querubim numa extremidade e o segundo na outra, formando uma só peça com a tampa. Os querubins devem ter suas asas estendidas para cima, cobrindo com elas a tampa. Ficarão de

frente um para o outro, com o rosto voltado para a tampa.

“Coloque a tampa sobre a arca, e dentro dela as tábuas da aliança que darei a você. Ali, sobre a tampa, no meio dos dois querubins que se encontram sobre a arca da aliança, eu me encontrarei com você e lhe darei todos os meus mandamentos destinados aos israelitas” (Êx 25.17-22).

“Por trás do segundo véu havia a parte chamada Santo dos Santos, onde se encontravam o altar de ouro para o incenso e a arca da aliança, totalmente revestida de ouro. Nessa arca estavam o vaso de ouro contendo o maná, a vara de Arão que floresceu e as tábuas da aliança. Acima da arca estavam os querubins da Glória, que com sua sombra cobriam a tampa da arca. A respeito dessas coisas não cabe agora falar detalhadamente” (Hb 9.3 a 5).

A importância dessa peça está em que ela *representa a Cristo*. A Bíblia afirma que Deus ofereceu a Jesus “como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos” (Rm 3.25).

Deus aparecia sobre ela na nuvem. “O SENHOR disse a Moisés: Diga a seu irmão Arão que não entre a toda hora no Lugar Santíssimo, atrás do véu, diante da tampa da arca, para que não morra; pois aparecerei na nuvem, acima da tampa” (Lv 16.2).

Deus habitava acima dela. “Escuta-nos, Pastor de Israel, tu, que conduzes José como um rebanho; tu, que tens o teu trono sobre os querubins, manifesta o teu esplendor” (Sl 80.1).

Deus falava de cima dela. “Ali, sobre a tampa, no meio dos dois querubins que se encontram sobre a arca da aliança, eu me encontrarei com você e lhe darei todos os meus mandamentos destinados aos israelitas”.

O propiciatório estava coberto pela nuvem de incenso no Dia da Expição. “Porá o incenso no fogo perante o SENHOR, e a fumaça do incenso cobrirá a tampa que está acima das tábuas da aliança...” (Lv 16.13).

O propiciatório foi aspergido com sangue. “Pegará um pouco do sangue do novilho e com o dedo o aspergirá sobre a parte da frente da tampa; depois, com o dedo aspergirá o sangue sete vezes, diante da tampa” (Lv 16.14).

O propiciatório representa o trono da graça. “Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça...” (Hb 4.16).

Sobre ele os querubins manifestavam a glória de Deus. “E a glória do Deus de

Israel levantou-se de cima do querubim, onde havia estado, e se moveu para a entrada do templo. E o SENHOR chamou o homem vestido de linho e que tinha o estojo de escrevente à cintura” (Ez 9.3).

145) Qual o significado das quatro cores que aparecem no tabernáculo de Moisés?

Meu caro leitor, os quatro véus que cobrem as quatro colunas de entrada da tenda, por suas cores significativas, apontam para os quatro Evangelhos, pela ordem em que estes aparecem no Novo Testamento. Comparemos essas cores com os retratos de Jesus nos quatro evangelistas:

A púrpura. Esta cor era obtida de um molusco gastrópode da família dos muricídeos. Por ser um produto caro, era utilizada pelos reis e pelas pessoas ricas. Por relacionar-se com a realeza, a púrpura aponta para Mateus, que é o Evangelho do Rei. Mateus é o evangelista que mais enfatiza esse aspecto do caráter de Jesus. Quatorze vezes ele se refere a Jesus como Filho de Davi, o famoso rei cuja descendência Deus prometeu perpetuar no trono de Israel.

O Messias viria com Rei, conforme a profecia de Zacarias 9.9: “Eis aí o teu Rei”. Por isso Mateus registra a genealogia de Jesus, pois um Rei precisa provar a sua ascendência real.

O carmesim. Marcos relaciona-se com a cor carmesim, ou seja, com o sangue, que aponta para o servo sofredor, para o Messias na cruz, conforme a profecia de Isaías 42.1. Um servo não precisa de genealogia, por isso Marcos não trata da ascendência do Senhor.

Mateus focaliza a pessoa de Jesus do ponto de vista de sua realeza, e isto nos leva ao Lugar Santíssimo do Tabernáculo, onde Deus habitava sobre o Propiciatório, entre os querubins da glória. Marcos, por sua vez, já apresenta os traços de Jesus do ponto de vista da cruz, como servo sofredor, e isto nos leva ao altar de bronze, ou dos holocaustos. Percebemos esses pontos de vista claramente expressos em Mateus e Marcos, respectivamente.

Nesses textos, que tratam da Parábola do Semeador, a frutificação em Mateus é decrescente, enquanto em Marcos é crescente. Mateus diz: a 100, a 60 e a 30 por um, e Marcos registra: a 30, a 60 e a 100 por um, e isso conforme as três divisões do Tabernáculo: o Pátio, o Santuário e o Santo dos Santos.

Linho branco. Em Lucas temos o linho branco apontando para o homem perfeito, para o caráter justo de Jesus. Esse evangelista apresenta a pessoa do Salvador como o Filho do homem. É o Evangelho do Filho do Homem.

E como todo homem perfeito, ilustre e nobre precisa de uma genealogia, o médico Lucas registra a ascendência de Jesus. O Senhor, em Lucas, cumpre a profecia de Zacarias 6.12: “Eis aqui o homem cujo nome é Renovo: ele brotará do seu lugar, e edificará o templo do Senhor.

Azul. Essa cor era obtida de mexilhões azul-celeste, molusco bivalve da família dos mitilídeos. Era um produto caríssimo pelo fato de a sua extração exigir a morte de milhares de mexilhões. Segundo os pesquisadores, uns duzentos anos antes de Cristo um quilo de azul custava o equivalente hoje a oitenta mil dólares, preço que subiu para o dobro por volta de 300 d.C.

Essa cor dos palácios reais e das mansões dos milionários indica sempre o Céu, ou aquilo que é celeste. João é o Evangelho do Filho de Deus. Jesus, como Deus, cumpre a profecia de Isaías 40.9. Voltaremos a falar dessa cor em outra ocasião.

146) Qual o significado da cor azul na Bíblia, especialmente no Tabernáculo e no Templo?

Caro leitor, o azul, como a cor do céu, aponta para a divindade de Jesus Cristo. O Filho de Deus cumpre a profecia de Isaías 40.9: “Tu, ó Sião, que anuncias boas-novas, sobe a um monte alto! Tu, que anuncias boas-novas a Jerusalém, ergue a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize às cidades de Judá: Eis aí está o vosso Deus”. João não registra a genealogia de Jesus, pois Deus não tem genealogia.

Dentre as referências ao azul no Antigo Testamento destaca-se a do cordão azul em Números 15.38—40: “Diga o seguinte aos israelitas: Façam borlas nas extremidades das suas roupas e ponham um cordão azul em cada uma delas; façam isso por todas as suas gerações. Quando virem essas borlas vocês se lembrarão de todos os mandamentos do SENHOR, para que lhes obedçam e não se prostituam nem sigam as inclinações do seu coração e dos seus olhos. Assim vocês se lembrarão de obedecer a todos os meus mandamentos, e para o seu Deus vocês serão um povo consagrado.”

Por ser um dos principais símbolos do céu, o azul revela o propósito profundo de Deus, de conduzir o seu povo a uma constante atitude de comunhão com o Pai Celestial, de quem deveriam receber graça e inspiração para uma vida santa, ou seja, de fidelidade aos seus elevados preceitos e, conseqüentemente, de separação das concupiscências mundanas. Note as palavras do Senhor: “não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos”.

Assim, mediante o memorial das fitas azuis fixadas nas franjas das suas vestes, os israelitas deveriam lembrar-se da sua responsabilidade de obediência à Lei do Concerto do Sinai, e de usa chamada para ser o povo santo do Senhor.

Que preciosas lições espirituais nos dão esses filactérios! Se Israel deveria atentar para aquele memorial celestial do Concerto da Lei, a fim de ser o povo santo do Senhor, quanto mais nós, “geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido” (1 Pe 2:9), devemos buscar “as coisas que são de cima” e pensar “nas coisas que são de cima” (Cl 3.1-2).

Nos nossos vestidos de salvação (Is 61.10) não deve faltar o memorial do corpo de Jesus oferecido por nós na cruz. Ele mesmo, ao instituir a ceia nos elementos do pão e do cálice, disse: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22.19; 1 Co 11.24-25).

O Senhor Jesus, ao referir-se às borlas usadas pelos judeus nos dias de seu ministério terreno, mostra até onde o egoísmo humano pode perverter uma instituição divina. Eles alargavam os seus filactérios, e alongavam as suas franjas, tudo com o fim de serem vistos pelos homens! (Mt 23.5).

Assim como os israelitas foram além do mandamento divino, assim presentemente ocorre com o memorial da ceia do Senhor, criminosamente transformado por muitos em transubstanciação ou consubstanciação.

Assim como o memorial celestial dado aos israelitas transformou-se numa triste e egoísta profanação do sagrado, assim também o solene memorial instituído por Jesus foi por muitos convertido em orgulho religioso.

147) Qual o significado dos metais usados no Tabernáculo?

Meu prezado amigo, os metais do Tabernáculo são muito expressivos.

Seguindo a ordem de entrada do pátio para o Lugar Santíssimo, encontramos as colunas revestidas de bronze e com suas bases de bronze, o grande altar todo revestido de bronze, situado logo após a porta do Tabernáculo, e a pia, ou lavatório, de bronze maciço. O bronze, portanto, indica julgamento e juízo.

Por sua vez, a prata estava presente em todos os ganchos que ostentavam as cortinas do Tabernáculo e também formava os capitéis ou faixas que ornamentavam essas cortinas. Também todas as tábuas do Santuário estavam apoiadas em bases de prata. Ora, a Bíblia diz em Êxodo 30.12-16:

“Cada um que passar pelo censo dará cinco gramas de prata, segundo peso padrão do santuário... O rico não dará mais nem o pobre menos do que cinco gramas ao pagar o tributo ao Senhor, como resgate de vossas vidas. O dinheiro deste resgate que receberes dos filhos de Israel, aplicarás no serviço da tenda da reunião. Servirá para os israelitas como lembrança diante do Senhor, do resgate de vossas vidas”. Esse tributo, como aparece em Levítico 5.15, era de prata.

A prata é símbolo de resgate, e o mesmo preço seria pago por todo israelita alistado, independentemente de suas posses. Note que o rico não daria mais nem o pobre menos. O preço pago era um só e isso aponta para o sacrifício expiatório de Jesus, que nos comprou com o seu precioso sangue, pagando um preço único para o nosso resgate, e também mostra que todas as vidas têm valor igual diante de Deus.

Se tirarmos a prata do Tabernáculo, ele perderá a sua base de sustentação, e também todas as suas cortinas cairão por terra. Sem a obra expiatória de Jesus na cruz, a Igreja não é nada. É bom salientar que alguns religiosos têm procurado enfraquecer a importância do sacrifício expiatório de Jesus no Calvário, e um dos papas da Igreja Romana declarou que a morte de Cristo não foi substitutiva, mas um ato de amor.

Ora, quando enfraquecemos o valor da obra expiatória de Jesus, estamos retirando os ornamentos, os ganchos e as bases de prata do Tabernáculo. Cada ação legalista, cada esforço feito puramente na base de obras, significa o enfraquecimento desta verdade bíblica extraordinária, que é a redenção.

Se entrássemos no Santuário propriamente dito, atravessando o segundo véu, encontraríamos nele as cinco colunas de ouro que sustentavam, com seus colchetes também de ouro, o cortinado da entrada, e notaríamos que as bases dessas colunas eram de bronze.

Dentro do Santuário estava a mesa com os pães da presença, feita de madeira de acácia e toda revestida de ouro; o Candelabro, feito de puro ouro, e o Altar do Incenso, todo revestido de ouro, onde se queimava o incenso.

O ouro que reveste a mesa, as colunas e a Arca, e de que se constituem os colchetes, o Candelabro, o Propiciatório e os Querubins, aponta para a glória e a realeza de Cristo. O Evangelho de João, ao apontar Jesus como Deus, cumpre a tipologia do ouro.



Capítulo 10

HOMOSSEXUALISMO

148) Quais seriam as causas do homossexualismo?

Caro leitor, no século treze, Alberto Magno, um religioso dominicano, depois de pesquisar em fontes árabes, sugeriu que um talco preparado à base de pêlo de hiena, aplicado no ânus, “curaria o paciente do desejo da sodomia” (David F. Greenberg, *The Construction of Homosexuality* [A Construção da Homossexualidade], Chicago, The University of Chicago Press/Chicago & Londres, p. 278). Mas seria o homossexualismo uma enfermidade?

Muito achegadas uma a outra, desde os primeiros anos de vida, duas amigas entraram na adolescência sonhando com um casamento muito feliz. Então, na juventude, necessitaram de se separar. Ambas, entretanto, tiveram decepção tão profunda com os seus namorados que resolveram afastar-se dos rapazes.

Anos depois, ao se encontrarem e se abraçarem, as duas jovens perceberam que uma não podia viver sem a outra. Impedidas de desfrutar o amor do sexo oposto, elas mutuamente se amariam ao ponto de satisfazer sexualmente uma à outra. E iniciaram um relacionamento homossexual, ou lésbico. Mas seria o

homossexualismo o sintoma de personalidades confusas e infelizes no amor?

Eis aqui outra história: A família, numerosa, de boas condições econômicas, residia num dos bons bairros da cidade. O chefe da casa era trabalhador, honesto, fiel à esposa, mas extremamente rigoroso na disciplina dos filhos. Estes, por causa de qualquer desobediência, eram às vezes amarrados e espancados até sangrar. Um dos filhos, ao atingir a adolescência, fugiu de casa e tornou-se homossexual declarado. Seria o homossexualismo consequência de uma educação deficiente?

São Francisco, na Califórnia, com um número de homossexuais estimado em 25% da população total da cidade, está entre os lugares de maior incidência dessa prática (Frederick L. Whitam e Robin M. Mathy, *Male Homosexuality in Four Societies*, Nova York, Praeger, 1985, p. 9). Por essa razão algumas pessoas chegaram mesmo a considerar o terremoto de outubro de 1989, que destruiu parte da cidade, como juízo divino, à semelhança do que ocorreu há quatro mil anos às cidades de Sodoma e Gomorra. Mas seria o homossexualismo um pecado?

Segundo ensina a Bíblia Sagrada, Deus criou o sexo com o propósito de formar a família, que é a unidade básica da sociedade. Por essa razão toda união física fora do casamento e todo tipo de lascívia, pelo fato de enfraquecerem a instituição da família, constituem transgressão do mandamento divino. Quando a família se desintegra, desintegra-se a sociedade.

A prática homossexual, por ser desnatural e não levar em conta a família, é uma perversão condenada com veemência na Bíblia. Esta diz: “Se um homem se deitar com outro homem como quem se deita com uma mulher, ambos praticaram um ato repugnante. Terão que ser executados, pois merecem a morte” (Levítico 20.13).

O Novo Testamento, ao descrever a situação pecaminosa da sociedade pagã, afirma: “Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão” (Romanos 1.26-27).

149) Como surgiu o homossexualismo?

Billy Graham, comentando o avanço do movimento de liberação sexual do início dos anos setentas, disse que a lei imutável de semeadura e colheita não pode ser alterada, e que por isso os joios da indulgência ultrapassaram o trigo do comedimento moral. “Os nossos lares foram atingidos e o divórcio assumiu proporções epidêmicas. Quando a moral social está perturbada, a família é a primeira a sofrer. O lar é a unidade básica da nossa sociedade, e uma nação só logra ter a força que os seus lares possuem. A dissolução de um lar nem sempre constitui assunto para notícias da imprensa, mas devora, como gangrena, as estruturas da nação.” (Novas de Alegria, Lisboa, agosto de 1973.)

Embora não haja na Bíblia nenhuma referência direta ao lesbianismo, este, em analogia com o ato sexual entre homens, deve ser também enfaticamente condenado. Não encontra nenhum apoio na Bíblia a alegação de alguns autores modernos segundo a qual a amizade entre Jônatas e Davi, e entre Rute e Noemi, incluía relações sexuais. A mesma Bíblia que chama de repugnante ao ato homossexual, afirma que na cidade santa “jamais entrará algo impuro, nem ninguém que pratique o que é vergonhoso ou enganoso” (Ap 21.27).

O termo homossexual se aplica à colaboração entre duas pessoas do mesmo sexo com vistas à obtenção de prazer sexual, podendo estas pessoas ser emtanto tanto homens como mulheres. Dentro do homossexualismo masculino está a pederastia, que é o contato sexual entre um homem e um rapaz bem jovem, e o uranismo, que se refere ao homossexualismo congénial, isto é, acomodado por natureza e índole. Urania era um dos epítetos de Afrodite, a deusa grega do amor.

Quando praticado exclusivamente entre pessoas do sexo feminino, o ato sexual é também conhecido como lesbianismo, ou safismo. Esses nomes derivam de Safo e Lesbos. Safo, escritor da antiga Grécia, menciona a ilha de Lesbos como o local onde as mulheres faziam amor entre si.

A sodomia refere-se ao intercurso anal entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes. A palavra deriva de Sodoma, a corrupta cidade cananéia destruída por Deus juntamente com Gomorra. Principalmente nos países de fala inglesa, o termo “gay” tem sido usado como sinónimo de “homossexual”. “Gay”, entretanto, adquiriu conotação política e psicológica nos últimos anos por causa do movimento de libertação dos homossexuais.

A realidade do homossexualismo nos nossos dias pode ser notada pela presença de lugares de encontro homossexuais. John Stamford, que vive em Amsterdã, publica há vários anos um guia anual destinado a viajantes homossexuais. Esse guia relaciona, por país, os lugares de encontros entre homossexuais. Em 1983 o Brasil possuía 187 desses lugares, colocando-se, portanto, entre os países que possuem os maiores índices de homossexuais.

No guia de Stamford, denominado Guia Gay Spartacus Internacional, a Inglaterra, com 926 lugares destinados a encontros homossexuais, toma a dianteira de outras nações na tolerância a esse tipo de ato sexual. Em segundo lugar está a Alemanha Ocidental com 790, e, em terceiro, a França, com 521. A Itália, com 403, vem em quarto lugar, seguida da Espanha, com 244, da Holanda, com 239, e do Brasil.

150) Como tem sido a repressão ao homossexualismo no mundo?

Desde a época renascentista, diversas nações européias invocaram o castigo divino sobre Sodoma e Gomorra como bom motivo para reprimir o homossexualismo. Em 1458, as novas leis anti-sodomitas adotadas em Veneza tinham o propósito de libertar a cidade dos perigos de um julgamento divino.

Na Espanha, os reis Fernando de Aragão e Isabel de Castela mantiveram as leis do século treze, as quais condenavam à morte os homossexuais masculinos. Baseando-se em precedentes romanos, a execução dos condenados consistia de castração seguida de apedrejamento e queima em estaca.

Na Suíça dos tempos da Reforma Protestante, as pessoas apanhadas no ato homossexual eram esquartejadas vivas e assim deixadas durante uma semana, quando então eram queimadas. Penalidades igualmente severas ocorriam em outras nações da Europa, especialmente na França, na Itália e em Portugal.

Da Europa, os colonizadores trouxeram para as Américas as suas leis anti-homossexuais. Sob as leis francesas, a sodomia era considerada uma ofensa capital na Nova França (hoje Canadá). Na Nova Holanda (mais tarde Nova York), as leis holandesas condenavam à morte os homossexuais. Em 1521 os portugueses estenderam ao Brasil as suas leis anti-sodomitas, e em 1603

incluíram nelas os atos lésbicos. (David F. Greenberg, *The Construction of Homosexuality*, Chicago, The University of Chicago Press/Chicago & Londres, pp. 302-304.)

Em tempos mais recentes, tivemos em 1897, na Alemanha, o primeiro movimento social no sentido de reconhecer os direitos civis dos homossexuais. Entretanto, o movimento não logrou êxito, pois foi combatido tanto pelo comunismo, implantado na Rússia em 1917, como pelo fascismo italiano de Benito Mussolini e pelo nazismo alemão de Hitler.

Na Alemanha, por exemplo, durante a Segunda Grande Guerra, entre cinco mil e quinze mil homossexuais foram levados aos campos de concentração, marcados com um triângulo cor-de-rosa, e submetidos a trabalhos forçados com o mínimo de alimentação e quase nenhum cuidado médico. Milhares deles morreram.

O terror nazista destinou ainda muitos homossexuais aos notórios experimentos científicos a que milhares de outros prisioneiros eram submetidos. Eles receberam injeção de drogas, foram mutilados, queimados, congelados e mortos. Para o machismo dos nazistas, o homossexual representava a vergonha da raça superior, destinada a dominar o mundo.

Nos países comunistas, o ato homossexual tem sido duramente reprimido como uma prática da burguesia decadente. Mas apesar da repressão, o número de homossexuais que desafiam as leis comunistas tem sido grande. Na década de 80, havia 67 locais de prática homossexual na Alemanha Oriental, 38 na Iugoslávia, 34 na Bulgária, 28 na União Soviética, 18 na Hungria, 12 na Romênia, 7 em Cuba, 7 no Vietnã e 3 na China. (Frederick L. Whitam e Robin M. Mathy, *Male Homosexuality in Four Societies*, Nova York, Praeger, 1985, pp. 6-7.)

Em virtude do relaxamento da legislação anti-homossexual em muitos países, supõe-se que cerca de cinco por cento da população adulta em todo o mundo seja constituída de homossexuais, e entre estes, é maior a incidência de pessoas do sexo masculino.

151) O que foi, ou ainda é, a chamada “revolução sexual”?

A revolução sexual, embora ensaiada antes da Segunda Grande Guerra, só

alcançou a sua maior força nos anos sessentas. Ela teve como alguns dos seus maiores efeitos o relaxamento moral e a mudança das leis sobre o homossexualismo em muitos países, o movimento hippie, a libertinagem dos Beatles e a orgia do Rock' n' Roll. Mick Jagger, um dos componentes do "Rolling Stones", declarou que a sua música "é sexo, e o público deve ser agredido com sexo". (Jefferson M. Costa, Claudionor de Andrade, Gilberto Moreira e Geremias do Couto, *A Mensagem Oculta do Rock*, Rio de Janeiro, CPAD, 1986, p. 151.)

Os excessos da juventude, cometidos ou em afronta às leis ainda vigentes ou em decorrência da ausência dessas leis, alcançaram vastas regiões do mundo como um grito de revolta da nova geração contra os padrões morais estabelecidos. Sob a irresponsável filosofia *paz e amor*, não apenas as drogas eram livres; também o eram os atos sexuais sob as mais variadas formas.

Na década de 70, o instinto sexual pareceu libertar-se de todas as restrições. A mulher, liberta pela pílula anticoncepcional do receio da gravidez, estava a qualquer hora pronta para ter relações sexuais. Também o medo das doenças venéreas havia desaparecido graças aos novos antibióticos, e a gonorréia e a sífilis diminuía rapidamente. O sexo parecia seguro. Era comum encontrar jovens que haviam tido relações sexuais com mais de uma centena de parceiros.

Como se tudo isso não bastasse, a pornografia começou subtilmente a invadir a maioria dos países. A música, os filmes, as novelas, as revistas, quase todos os meios de comunicação social mudaram o seu ponto de vista a respeito do sexo. Muitos filmes, com as suas orgias e perversões sexuais, parecem aulas de patologia do sexo.

Fixando novos padrões amorais, a revolução sexual tem sido cada vez mais ousada. Além de defender incentivos legais ao divórcio, à contracepção e ao aborto, ela tem sugerido a formação de comunidades extrafamiliares ou transfamiliares para socialização do sexo, e defendido os casamentos grupais e experimentais.

A par desse movimento, psicólogos e sociólogos ocidentais começaram a pregar a decadência da família, favorecendo um tipo de vida egoísta e irresponsável. A taxa de divórcio, que subiu rapidamente e em alguns países chegou a superar a metade dos casamentos, lançou às ruas, todas as noites, um exército de divorciados à procura de satisfação sexual.

O sexo também começou a adentrar os lares pelas portas e janelas, via televisão, e a marcar a sua presença nas escolas mediante uma educação sexual deficiente e a leitura obrigatória de livros pouco recomendáveis.

Como se tudo isso não bastasse, a revolução sexual chegou às seitas falsas e heréticas introduzindo nelas o sexo grupal e o homossexualismo, e penetrou até mesmo no seio de denominações protestantes tradicionais, que passaram a ordenar ministros homossexuais para igrejas constituídas de homossexuais.

No Brasil, atingido em cheio por essa revolução, o sexo tornou-se presença obrigatória nas cenas e nos enredos chocantes do cinema, do teatro e da novela televisionada.

152) Como tem sido o avanço do homossexualismo no Brasil?

Trago ao leitor dois exemplos que dão boa idéia das conquistas da revolução sexual no Brasil:

Celso Curi, colunista num jornal diário de São Paulo, foi acusado judicialmente de violar a decência pública no Brasil pelo fato de haver divulgado notícias acerca da comunidade homossexual paulistana e de outros lugares. No dia 12 de março de 1979, o Juiz Regis de Castilho Barbosa absolveu o jornalista sob a alegação de que, como no Brasil o homossexualismo não é crime, a divulgação de notícias sobre homossexuais não pode ser considerada contra a decência pública.

Em 1981, o ator Carlos Moreno, fazendo papel de um rapaz tímido e de trejeitos efeminados, tornou-se popular como propagandista dos produtos “Bom Bril” na televisão brasileira. Por causa das suas maneiras femininas ele foi dispensado do trabalho e substituído por um ator machão. Este, porém, não agradou as donas-de-casa, e a agência DPZ, responsável pelos anúncios, recebeu milhares de telefonemas exigindo a volta do antigo ator.

Em conseqüência de pressões de todo o Brasil, entre estas da Associação de Empregadas Domésticas de Porto Alegre, o ator Carlos Moreno voltou a fazer os comerciais da Bom Bril. (Frederick L. Whitam e Robin M. Mathy, *Male Homosexuality in Four Societies*, Nova York, Praeger, 1985, pp. 139, 141.)

Outra prova eloqüente do liberalismo sexual brasileiro é o fato de

conhecidos travestis serem entrevistados como figuras importantes e famosas em programas de grande audiência, e de falarem abertamente dos seus relacionamentos homossexuais como coisas normais e decentes.

Por exemplo, Roberta Close, um elegante travesti que desenvolveu os seios mediante hormônios mas que conservou o pênis intato, recebeu enorme destaque nos meios de comunicação. No auge de toda essa promoção, alguns homens importantes disseram que, embora não fossem homossexuais, gostariam de manter relações sexuais com “ela”.

Ainda no Brasil, a revolução sexual praticamente eliminou a censura, de sorte que novelas com linguagem obscena, cenas imorais às vezes envolvendo homossexuais, antes só liberadas para depois das dez da noite, agora chegam aos lares no horário da tarde, quando mais as crianças vêem televisão.

153) Que efeito tudo isso pode causar na mente de crianças e adolescentes?

Bombardeadas diariamente pela acintosa pornografia presente até mesmo nos simples anúncios de cigarros, essas crianças de hoje por certo terão dificuldades em alcançar um equilibrado comportamento sexual ao atingirem a adolescência.

Todos esses avanços do erotismo têm aguçado o apetite sexual ao ponto de torná-lo tão irresistível como a fome e a sede, levando o sexo a ocupar papel relevante na vida de adolescentes e adultos. Assim estimuladas de todos os modos por intermédio de dos meios de comunicação de massa, as pessoas se deixam arrastar por esses apetites sensuais ao ponto de extrapolarem a prática sexual normal e incursionarem pelo terreno escorregadio do homossexualismo.

A proliferação das casas de sexo, especialmente na periferia das grandes cidades e às margens das rodovias, são a prova da rapidez com que avança a liberação do sexo.

154) Quais os efeitos do homossexualismo na saúde?

O início da década de oitenta marcou o fim do otimismo que reinava entre

os defensores da liberação sexual com o surgimento da AIDS e o retorno de perigosas doenças venéreas.

Em 1981, ano em que foi descoberta a “Acquired Immunodeficiency Syndrome” (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), registrou-se nos Estados Unidos 265 casos dessa doença, que é conhecida por AIDS nos países de língua inglesa e no Brasil, e por SIDA em Portugal e nos outros países latinos.

Em 1988 já havia mais de 52 mil casos dessa doença nos EUA, com mais de 29 mil mortes, e os serviços de saúde estimavam que no mesmo ano mais de um milhão e meio de norte-americanos estavam infeccionados com o vírus da AIDS.

A AIDS alastrou-se pelo mundo como, talvez, a mais séria epidemia já enfrentada pela medicina moderna. O Brasil foi de tal forma atingido por essa enfermidade que o Governo mobilizou todos os seus departamentos de saúde contra ela. Nos demais países latino-americanos o avanço é igualmente rápido. Na Europa, a AIDS está presente em todos os países, e as nações mais desenvolvidas são justamente as mais atingidas. As autoridades médicas da Suíça distribuem gratuitamente, aos viciados em drogas, seringas descartáveis, na tentativa de evitar o alastramento da temível enfermidade.

Na África, de seis a sete por cento de toda a população de Kinshasha, Zaire, uma cidade de quatro milhões de habitantes, está com AIDS. Em Nairobi, no Quênia, 67 por cento de todas as prostitutas estão com AIDS. A Organização Mundial de Saúde informou que até o ano 2000 mais de cinquenta milhões de africanos morreram de AIDS.

Embora ninguém esteja imune à AIDS, os dois maiores grupos atingidos pelo vírus são os homossexuais (66%), e os viciados em drogas (17%). (Sandra Smith & Donna Duel, *Clinical Nursing Skills*, Norwalk, Connecticut/San Mateo, California, Apleton & Lange, 1989, p. 618.)

Disse o Dr. McMillen que nos EUA os homossexuais representam 40% dos mais de 27.000 pacientes masculinos atacados de sífilis a cada ano. “A gonorréia e o herpes também são comuns entre os homossexuais. Seis em cada dez homens homossexuais foram contagiados pelos vírus potencialmente letal da hepatite.” (S. I. McMillen, *Nenhuma Enfermidade*, Miami, Editora Vida, 1986, pp. 72-73.)

Os frutos amargos da revolução sexual provocaram uma mudança

significativa na sociedade ocidental. Muita gente reconheceu que as pílulas anticoncepcionais não eram assim tão eficazes e que a gravidez indesejada resultava ou num aborto provocado, que fere a consciência, ou num encargo difícil de suportar. As pessoas também perceberam que a gonorréia era incômoda e repugnante, e que a AIDS era mesmo mortal.

Se alguma coisa boa a revolução sexual produziu, foi uma ligeira baixa no índice de promiscuidade. Se era excitante ser avançado e aventurar-se nas orgias do sexo, experimentar uma dolorida morte prematura era coisa bem diferente. Muitos casais reconheceram novamente os benefícios da fidelidade, e os pais começaram a investigar de novo os amigos e as amigas dos filhos.



Capítulo 11

SUICÍDIO

155) Por que as pessoas se matam?

Na grande e bela ponte “Braga”, que une as cidades de Fall River e Somerset, em Massachusetts, há diversos apelos aos candidatos ao suicídio para que não ponham fim à vida e chamem certo número de telefone.

Nas muitas vezes que cruzei essa ponte e li esses dizeres, no tempo em que vivi naquela histórica região, sempre me perguntei acerca dos motivos que levam tantas pessoas a se atirarem daquela grande altura às profundezas da baía e da morte.

As mesmas perguntas me vieram à mente quando visitava a Torre Eiffel, em Paris, e via a bela cidade luz espalhar-se em todas as direções, com os seus jardins, palácios, museus, monumentos e os suaves meandros do famoso Sena.

Ao indagar dos amigos parisienses que me acompanhavam se a rede que envolvia aquela imensa estrutura metálica tinha o propósito de prevenir o suicídio, informaram-me que sim, acrescentando que centenas de pessoas já haviam saltado lá de cima e se espatifado no solo ou nas ferragens que formam

a base da torre.

Pude imaginar o efeito dessas trágicas cenas no espírito de quem na ocasião estivesse visitando aquele ponto turístico, pois eu próprio já sentira emoções semelhantes no centro de São Paulo, quando um senhor entre sessenta e setenta anos de idade, em pleno dia, saltou de um dos últimos andares de um enorme arranha-céu. O choque do corpo sobre a marquise do prédio chamou a atenção dos transeuntes, que formaram próximo do local pequena e silenciosa multidão. Quando os bombeiros ergueram o corpo ensangüentado, este parecia uma massa totalmente informe.

Se os exemplos de Fall River, Paris e São Paulo fossem substituídos por outros de lugares como Nairobi, Hong-Kong ou Bogotá, não fariam nenhuma diferença, uma vez que os suicídios ocorrem em todo o mundo.

Talvez o leitor já se tenha sentido perplexo diante desse tão desagradável tipo de ocorrências, quem sabe tendo como vítima amigos, parentes ou conhecidos. Lembro-me particularmente do suicídio do presidente Getúlio Vargas, um dos maiores políticos brasileiros. Eu era ainda adolescente naquele tempo, mas não pude deixar de partilhar da dor de toda a nação, que não sabia como reparar a enorme perda.

Recordo-me, também, da estrela de cinema Marilyn Monroe, que pôs fim à vida no auge da fama, deixando perplexos seus incontáveis admiradores. Não é fácil responder às questões que o suicídio de pessoas tão célebres levanta. Quando tudo à nossa volta aponta o poder, a glória e a riqueza como os mais importantes alvos da vida, é difícil explicar a razão por que pessoas poderosas, famosas e ricas desistem de viver.

A história, tanto sagrada como profana, possui muitos relatos sobre o suicídio. Cerca de mil anos antes de Cristo, Aitofel, importante autoridade em Israel, ao ver que o conselho de Husai a Absalão havia sido aceito e o seu não, “selou seu jumento e foi para casa, para a sua cidade natal; pôs seus negócios em ordem e depois se enforcou” (2 Sm 17.23).

156) Como podemos definir o suicídio?

Segundo o sociólogo francês Emile Durkheim, suicídio é “toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato, positivo ou negativo, efetuado

pela própria vítima, ciente de que a sua ação produziria esse resultado”. (Emile Durkheim, *El Suicídio*, Editorial Schapire, Buenos Aires, 1971.) Em outras palavras, é a consequência de uma ação em que agente e paciente são a mesma pessoa.

Durkheim divide o suicídio em três categorias: egoísta, altruísta e anômico.

1. Egoísta. O suicídio egoísta, segundo Durkheim, ocorre em virtude do excessivo individualismo, ou egoísmo, presente na maior parte das nações do Norte da Europa, daí a razão por que é tão elevado naquela região o número dos que põem fim à própria vida.

Quando as pessoas não se sentem presas a um grupo ou comunidade que exige a sua lealdade e participação, acham mais fácil deixar o mundo, de uma vez por todas, através do suicídio. O egoísmo explica também por que o índice de suicídios é mais elevado entre os solteiros do que entre os casados. Quanto mais filhos os pais tiverem e mais laços sociais possuírem, mais raramente eles se matarão.

2. Altruísta. O suicídio altruísta tem causa oposta à do suicídio egoísta, pois enquanto este decorre do individualismo, aquele se relaciona com excessivos compromissos comunitários.

Quando o grupo começa a ser mais importante do que o indivíduo e à vida em si mesma, e esse grupo corre perigo, a pessoa é levada a sacrificar-se em defesa desse grupo. Foi o caso de Sansão em Israel, de Cleópatra no Egito e de Getúlio Vargas no Brasil, que se mataram pelas suas pátrias.

Foi o caso dos *kamicases* (pilotos suicidas japoneses) da Segunda Grande Guerra, e é o caso, hoje, dos japoneses que praticam o *harakiri* (rasgando o ventre à faca ou a sabre) a fim de punirem a si próprios por crimes por eles cometidos e salvarem a sua família ou grupo da vergonha. É o caso, ainda, dos idosos esquimós que, ao se sentirem imprestáveis e um peso para a família, voluntariamente abandonam o iglu e põem fim à vida.

3. Anômico. O suicídio anômico recebe esse nome pelo fato de ocorrer principalmente em épocas de insegurança quanto ao futuro. O termo *anômico* vem de anomia, que é ausência de leis, de normas ou regras de organização.

Embora os sociólogos a princípio julgassem que o índice desse tipo de suicídio só se agravava em tempos de crise econômica, constatou-se o seu aumento também em ocasiões de grande prosperidade material. Por isso concluiu-se que o rompimento do estilo de vida de um povo, para o pior pi

para o melhor, causa estresse e, em consequência, o número de suicídios aumenta.

“Numa sociedade estável o povo sabe mais ou menos o que pode esperar da vida e ajusta as suas aspirações adequadamente. Entretanto, quando a economia se abre e flutua, esses limites desaparecem”. (Michael S. Bassis, Richard J. Gelles, Ann Levine, *Sociology, An Introduction*, Second Edition, Nova York: Random House, 1984, p. 19.)

157) Que dizem as estatísticas de suicídio nas nações ricas e no Brasil?

Estudos efetuados em vários países permitem supor que, a cada ano, cerca de vinte milhões de pessoas em todo o mundo tentam de alguma maneira pôr fim à própria existência. Desse número realmente impressionante aproximadamente 98% sobrevivem e, na sua maioria, lamentam o resto da vida a loucura que praticaram, ao passo que alguns desses sobreviventes acabam fazendo novas e mais eficientes tentativas de desistirem de viver, até que o conseguem.

Embora as estatísticas de que disponho sejam muito parciais pelo fato de não incluírem nações da África ou da Ásia, estudo comparativo dos primeiros anuários da Organização Mundial de Saúde da ONU nos anos oitenta revela que, das aproximadamente 370 mil pessoas que se suicidam cada ano em todo o mundo, a Suíça, a França e a Hungria apresentam os índices mais elevados proporcionais à população.

Outras nações com alto percentual de suicídios: Irlanda do Norte, Finlândia, Áustria, Dinamarca, Tchecoslováquia, Suécia, Bélgica, Estados Unidos e Alemanha.

No que se refere à Suíça, o suicídio representa aproximadamente 30% dos mortos na faixa de 20 a 34 anos de idade, e entre eles, com um número acima da média, estão os trabalhadores em construção civil, os açougueiros e os médicos. Quase metade dos que põem fim à própria vida na Suíça o fazem por meio de armas de fogo.

O elemento mais abalador nesses dados referentes à Suíça é o fato de tanta gente desistir de viver justamente no país que possui um dos mais elevados

níveis de vida do mundo, além de invejável beleza natural.

Por ser o suicídio uma das mais freqüentes causas de morte nos nossos dias, está agravando o problema de saúde pública. Depois de figurar, há algumas décadas, entre o quinto e décimo lugares no obituário mundial, o suicídio ultimamente vem ocupando o quarto e quinto lugares, principalmente na faixa etária entre quinze e cinquenta e cinco anos.

Em se tratando especificamente dos adolescentes, somente os acidentes matam mais do que o suicídio, o que confirma as palavras do Marquês de Maricá escritas há século e meio, de que o suicídio é muito raro nas pessoas idosas e achacadas, e ordinário na gente moça e de meia idade que goza de saúde vigorosa.

O Brasil vem apresentando elevado índice de suicídio nos últimos anos. A média, que na década de 70 esteve na casa dos quatro mil, chegou ao alarmante número de 50 mil em 1988, de acordo com o psiquiatra pediátrico Christian Gauderer, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que apurou os dados em ambulatórios e hospitais de todo o País.

A maior parte desses suicidas estava na faixa dos 12 aos 21 anos, e, como sempre ocorre, mais da metade deles pertencia ao sexo masculino. Os meios de suicídio mais comuns usados pelos brasileiros são o enforcamento, o estrangulamento, a sufocação, a precipitação de lugar elevado, as armas de fogo e explosivos, o envenenamento por sólidos e líquidos, e o afogamento.

158) Seria o pessimismo uma das causas do suicídio?

É claro que sim. A rede oficial de televisão do Brasil, em documentário especial sobre a AIDS, entrevistou certa jovem portadora da doença e viciada em drogas. O encontro ocorreu à noite, num casarão abandonado da cidade de Santos, e a infeliz vítima não escondeu a sua decepção com a vida miserável que levava, admitindo mesmo que a qualquer hora uma superdose de heroína acabaria de vez com ela, o que talvez lhe fosse melhor.

Trago ainda na mente outras imagens tristes de moços e moças vencidos pelas drogas, olhos vermelhos e perdidos, apodrecendo-se nas praças de Paris, Amsterdã e Bruxelas, sem um futuro digno. Não é de admirar, portanto, que o índice de suicídios seja tão elevado entre a juventude.

Há alguns anos, em São Paulo, seis estudantes universitários ocupando um automóvel em altíssima velocidade avançaram um sinal vermelho e colidiram com enorme carreta. Todas as vítimas, cujos corpos moídos entre ferragens se misturaram uns aos outros, pertenciam a famílias tradicionais e possuidoras de muitos bens, e para todos sorriam invejável futuro.

Um amigo meu e cooperador na igreja que pastoreio lembra com tristeza de como muitos dos seus amigos desapareceram em sinistros acidentes automobilísticos por eles mesmos provocados. Enquanto morava na periferia de Nova York, uma das diversões preferidas desse meu amigo e seus colegas nas madrugadas dos fins de semana era pilotar potentes automóveis esportes a quase duzentos quilômetros por hora em ruas estreitas em que o limite máximo era de quarenta.

Porém, o que mais impressiona nesse relato não é o fato de alguém em plena juventude encontrar morte tão horrível, mas a atitude dos que sobrevivem, que não aprendem a dura lição e prosseguem nas mesmas loucuras até que um a um sejam ceifados violenta e prematuramente. Tanto nos jovens brasileiros como nos norte-americanos, e por certo em muitos outros em outras partes do Globo, cumpre-se a advertência das autoridades de tráfego brasileiras: “Não faça do seu carro uma arma; a vítima pode ser você”.

O que tem levado esses jovens à morte assim tão estúpida? Teria sido apenas a loucura de amigos drogados ou ligeiramente alcoolizados, numa farra? Ou teria sido suicídio premeditado?

Seja o que for, há uma causa comum para que os acidentes fatais e o suicídio ocupem respectivamente o primeiro e o segundo lugares no mundo como causa de mortes entre os jovens. A vida é um grande vazio, e a atitude pessimista em relação a ela chegou mesmo a caracterizar de “transviada” a juventude. Quando a vida é tão sem sentido, por que tanto cuidado com ela?

Para as milhões de pessoas frustradas nos nossos dias, o poeta tinha razão ao escrever: “A vida passa efêmera e vazia; /um adiamento eterno que se espera, /numa eterna esperança que se adia”.

Quando o ser humano se sente pequena peça numa gigantesca engrenagem que o escraviza e da qual não consegue escapar; quando não vê em si mesmo nada mais do que aquilo que procede da natureza bruta, para a qual retornará, então não parece valer a pena viver.

159) Que nomes poderiam ser responsabilizados pelo aumento do índice de suicídios em nossos dias?

Meu caro leitor, Darwin, Marx, Freud e Sartre podem ser postos entre os maiores responsáveis pela desvalorização da vida nos tempos modernos. Nos conceitos dessas ilustres personalidades acerca do ser humano — a sua origem e o seu futuro — não há praticamente nada de positivo. Em resumo, não passamos de simples animais trabalhadores ligeiramente evoluídos, destinados a fazer na sociedade um papel ridículo, sem nenhum propósito que justifique a existência.

Apenas para dar uma idéia do que ensinam os mestres do nosso tempo acerca do ser humano, destaco aqui alguns conceitos de Jean-Paul Sartre, considerado por muitos, até mesmo por teólogos, um dos maiores filósofos do século vinte. Diz esse pensador francês:

“Na minha frente... existo ao longo do muro longo, em frente do muro, um passo, o muro existe na minha frente, um dois, por trás de mim... a existência é mole e rola e anda aos bordos, eu ando aos bordos entre as casas, sou, existo, penso longo ando aos bordos, sou, a existência é uma queda caída, não cairá, cairá, à janela o dedo rola, a existência é uma imperfeição... “. (Jean-Paul Sartre, *A Náusea*, Rio de Janeiro, Editora América-Europa, s/data, pp. 128-129.)

Essas opiniões de que a existência é “uma queda caída” e uma “imperfeição”, aliadas a outras semelhantes, roubam do coração de muitos todo o significado que a vida possa oferecer. Embora em alguns países a liberdade e o sistema de governo atenuem esse pessimismo, em vastas regiões do Globo ele é esmagador.

Por exemplo, nas sociedades sujeitas a regimes totalitários, que glorificam conceitos evolucionistas e materialistas como verdades científicas, e proíbem toda a liberdade política ou religiosa, a vida chega a ser insuportável. O índice de suicídios nesses países é altíssimo.

Na China, por exemplo, após o massacre de estudantes em Beijim (antiga Pequim) em 1989 e em consequência da oposição do Governo às reformas pretendidas pelos manifestantes, foi grande o número dos que puseram fim à vida. As autoridades chinesas, a fim de acentuar o irrisório valor que davam à

vida dos jovens fuzilados, cobrou dos pais deles, também com o propósito de humilhar a estes, o valor das balas gastas na execução.

A fim de contra-atacar as enormes ondas de pessimismo que assolam o mundo moderno, necessitamos de boas doses de otimismo, pois se o pessimista senta-se, lastima e deprecia a vida, o otimista levanta-se, age e valoriza a vida.

Por outro lado, parece cada vez mais evidente que desequilibradas crenças religiosas exercem tremendo poder na mente das pessoas, levando-as mesmo ao extremo do suicídio. Entre as crenças, as de origem oriental estão entre as mais perigosas pelo fato de valorizarem o espírito em detrimento do corpo, assumindo assim posição contrária à dos materialistas, que só valorizam o corpo em virtude de nem sequer acreditarem na existência do espírito.



Capítulo 12

FAMÍLIA

160) Qual o verdadeiro papel da família na sociedade moderna?

Meu caro leitor, é difícil exagerar a importância do lar em nossos dias. Todos os males da sociedade, sejam financeiros, políticos, trabalhistas, escolares ou religiosos têm a sua origem no coração do homem natural, que a Bíblia descreve em Jeremias 17.9 e Romanos 3.10-23.

Ainda no jardim do Éden Deus estabeleceu a família, juntando duas pessoas em uma unidade. O ambiente formado pelo amor entre os membros da família produz o que chamamos de “o lar”.

O lar é importante na vida humana por ser o berço de costumes, hábitos, caráter, crenças religiosas e princípios morais de cada ser humano, seja no contexto familiar, municipal, nacional e mundial. Podemos, então, dizer que, como vai o lar vai o mundo, e também que, o que é bom para a família é bom para o mundo.

Quando um homem e uma mulher se unem pelo casamento, o fazem porque

desejam viver juntos pelo resto da vida, e isso na saúde, na doença, na riqueza, na pobreza, na alegria... até que a morte os separe. Lembra-se?

Entretanto, muitos casais, e principalmente as mulheres, se esquecem, quando chegam o filhos, de que são primeiramente esposas ou maridos e só depois mães ou pais. Os filhos vêm e vão, serão sempre partes de nós, levarão nosso nome e estenderão nossa memória. Serão sempre amados, porém irão crescer e formar suas próprias famílias. Mas o marido e a mulher permanecerão juntos.

A Dra. Elaine Cruz, em seu precioso livro *Crescendo em Família* (Editora Betel, Rio de Janeiro, 1996), adverte:

“Muitos divórcios estão ocorrendo entre casais com cerca de vinte e cinco anos de matrimônio pelo simples fato de que, ao longo dos anos, a mulher cresceu como mãe e profissional, e o homem cresceu como obreiro, profissional e pai, mas ambos se esqueceram de dar frutos como casal, de cuidar do crescimento do casamento. Assim, quando os filhos se vão, marido e mulher se encontram distantes, desconhecidos, e muito diferentes um do outro.

“É fundamental compreender que o primeiro papel que nos cabe quando nos casamos é ser marido e mulher. Deus nos torna uma nova família quando nos casamos; esta é a razão para a ordenança de deixar pai e mãe.

“A Bíblia é muito clara quando nos adverte que devemos honrar e amar nossos pais para termos vida longa e vivermos bem sobre a Terra todos os dias de nossa vida. Temos que amar, cuidar, zelar e viver com eles o melhor possível, mesmo depois que nos casamos. Afinal, devemos a eles grande parte do que somos.

“Entretanto, a Bíblia também diz que devemos deixá-los, e o significado disto não é somente passar a morar em outro espaço físico. Implica, principalmente, *deixar muitos dos velhos costumes e hábitos apreendidos durante nossa estada com eles*, mesmo porque nosso cônjuge terá apreendido modos de se comportar totalmente diversos, e alguns até opostos dos nossos...”.

Voltaremos ao assunto em outra oportunidade.

161) Que papel deve exercer a família cristã na sociedade

em que vivemos?

Meu caro leitor, tendo em vista a realidade e influência do pecado, podemos afirmar que o lar, num sentido geral, não está cumprindo plenamente o propósito para o qual foi formado. Por isso, precisamos saber o que a Bíblia ensina sobre o lar, a fim de que este atinja o seu alvo planejado por Deus

O matrimônio é de Deus. “Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á a sua mulher, e serão ambos uma carne”. Jesus defendeu e aprovou o casamento de Adão e Eva, como vindo de Deus. Foi o único exemplo que Jesus citou sobre o casamento. É um casamento “feito no céu” ou aprovado por Deus.

À época do primeiro casamento não havia igreja nem nação nem cartório. Mas havia uma autoridade que não só estava de acordo com a existência da família, mas também era “responsável” pelo próprio casamento. Todo o casamento relatado na Bíblia foi feito na presença de autoridade existente na época e/ou com a aprovação das famílias envolvidas.

O lar é muito mais do que o resultado de duas pessoas entrando numa união socialmente contratada. É algo misterioso e glorioso, criado por Deus, permanente, que se torna real somente dentro dos princípios de quem o instituiu, que é o próprio Deus. Como o casamento não é só acasalamento, o lar não é só ajuntamento de duas pessoas que consentem em viver juntas.

No início, Deus disse que não é bom que o homem esteja só, e a partir do homem ele instituiu a família como centro da comunidade humana. Através da transição de culturas várias, a família tem existido como uma sociedade natural que tem dado à alma de cada nação o seu perfil.

Deus quer ordem no lar. Deus criou um homem e uma mulher. Não foi um homem com duas ou mais mulheres, nem uma mulher com dois ou mais homens, nem homem com homem ou mulher com mulher. Deus fez um casal de um homem e uma mulher e deu um “uso natural” a cada um. De outro modo será “torpeza” ou “prostituição”. Cada privilégio tem o seu preço.

O casal abençoado vê o casamento como um meio de servir, adorar e dar glória a Deus. A felicidade dos cônjuges, embora seja o produto de uma vida vivida de acordo com a vontade de Deus, não é o alvo principal do lar. O lar deve glorificar a Deus e trazer felicidade a todos os membros da família. Concluo citando a Dra. Elaine Cruz:

“Casamento implica unir duas pessoas diferentes e fazê-las uma só. Para tanto, precisamos deixar muito do que achamos que é o certo ‘porque mamãe me ensinou assim’, ou ‘eu aprendi desta forma com papai’. Precisamos ceder e aprender muita coisa com o outro, de modo a não conviver, mas *bem viver*...

“Resumindo, deixar pai e mãe é morar em outro espaço sim, continuando a amá-los e a honrá-los, mas principalmente entender que nosso casamento é diferente do casamento de nossos pais, pelo simples fato de sermos outras pessoas, que têm vivências distintas. Se somos seres únicos, feitos diferentes por Deus, e se ele nos uniu ao nosso cônjuge, é porque ele sabe que, com o nosso esforço e ajuda dele, podemos nos tornar um”. (*Crescendo em Família*, Editora Betel, Rio de Janeiro, 1996, pp. 20-21.)

162) Seria o amor ágape aquele que deve existir no casamento?

Meu caro leitor, *ágape* significa amor no sentido sacrificial. É essa a palavra usada na maioria das vezes no Novo Testamento para descrever o amor de Deus por nós e o amor que ele derrama em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado. Essa palavra é usada em João 3.16, em Romanos 5.5 e em 1 Coríntios 13 entre outros. A língua grega possui outras palavras para *amor*, mas com outros sentidos, como *philia*, amor entre membros da mesma família, e *eros*, amor no sentido sensual, carnal, de onde vem a palavra *erotismo*.

O conceito do amor que deve reinar no lar é aquele com o qual Cristo ama a sua igreja. Este amor é visto no seu sacrifício, pois a Bíblia diz que ele “a si mesmo se entregou por ela”, e pelo resultado dessa entrega, fazendo-nos “membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos”.

O amor verdadeiro produz união e harmonia. “Serão dois numa carne” significa muito mais do que o ato do casamento. Mostra como o casal e filhos são unidos emocional, mental e espiritualmente, Efésios 5.23 e seguintes.

O amor também realizou uma parte importante na obediência de José, marido de Maria, às instruções do anjo. O amor verdadeiro não é egoísta. Lamentavelmente, muita gente crê que o amor consiste em obter aquilo que o faz feliz. Sem dúvida, como a Bíblia o define, o amor *ágape* é completamente

abnegado. Deus amou o mundo e deu seu Filho. José demonstrou grande amor ao levar Maria para a casa com ele e assumir toda a responsabilidade pelo cuidado dela. Ele se casou com Maria pelo que podia fazer por ela, não pelo que ela podia fazer por ele ao fazê-lo feliz.

José tinha tanto respeito por Maria e o menino que iria nascer que não a conheceu como sua esposa até que ela desse à luz. A pessoa egoísta que se adere à definição equivocada do amor que existe hoje em dia, nunca poderia mostrar tal controle de si mesmo. É triste que a palavra *amor*, como se usa na sociedade moderna, se concentra só na parte física do relacionamento entre homem e mulher. Isto é pura sensualidade. Devemos chamá-lo por seu verdadeiro nome em vez de dar-lhe uma dignidade falsa ao chamá-lo de amor.

José se casou com Maria. Depois de se casarem, eles viveram felizes como marido e mulher. Com o tempo tiveram outros filhos. Dessa união nasceram pelo menos seis filhos. Mais adiante Mateus menciona quatro irmãos, e menciona pelo menos duas irmãs (13.55-56). A Bíblia não apresenta evidências que apóiem o ensino de que Maria continuou sendo virgem. A Bíblia afirma que José não manteve relações sexuais com Maria *até* que ela deu à luz a Jesus. Depois do nascimento de Jesus, os dois tiveram uma vida conjugal perfeitamente normal.

Apesar dos detalhes muito limitados acerca de José, podemos vê-lo como um grande exemplo de atitude amorosa e obediente que todos devemos ter como servos de Deus. A obediência de José facilitou as primeiras etapas do ministério terreno de Jesus Cristo. Hoje podemos oferecer a todo o mundo a salvação que Cristo dá ao mundo. O ministério contínuo de Cristo para com a humanidade depende de pessoas como José e Maria, que se submetam completamente à vontade de Deus.

163) Que responsabilidades têm marido e mulher para que o seu lar cumpra os propósitos de Deus?

Percebemos, meu caro leitor, que sendo Deus imutável, podemos já ver a necessidade de obediência aos princípios imutáveis com os quais Deus instituiu o casamento. O homem, ao submeter-se aos mandamentos de Deus, é abençoado e glorifica ao seu Criador, ao passo que, quando se rebela contra a

vontade divina, traz sobre si e sobre os seus, traumas e problemas sérios.

Deus, no julgamento, vai ser glorificado mesmo assim. Essas bênçãos por causa da obediência, ou os traumas por causa da desobediência, existem onde quer que o homem esteja, atingindo, assim, boa parte de toda a sociedade.

Deus é amor, mas o homem não o é. Amar é um mandamento de Deus. O amor é essencial para um bom casamento. Um casamento dentro dos padrões bíblicos é estável e permanente, e nele pode crescer e amadurecer o amor. Em um bom casamento, os cônjuges são forçados a serem determinados a vencer em tempos de dificuldades, e a desenvolverem níveis novos de amor e entendimento.

Há três palavras distintas no Grego que são traduzidas pela única palavra amor em português popular. *Eros* significa amor no sentido de paixão, sentimento e desejo; nossa palavra “erótico” vem dessa palavra. Essa palavra no grego *nunca* aparece no Novo Testamento, mas é o significado que se dá para o amor na maioria das vezes no ambiente social.

Philia significa amor no sentido de afeição, amizade e consideração humana; nossa palavra “filantropia” e a expressão “calor humano” vêm dessa palavra, que é *raramente* usada no Novo Testamento. É traduzida por “amigos” e similares, mas *nunca* por “amor”. Esta palavra grega é usada no Novo Testamento em perto de vinte passagens.

No amor se vê só felicidade, mas no casamento se vê responsabilidade diante do mundo. Em uma pessoa, o amor é uma possessão particular, mas no casamento é mais que algo pessoal - é um status, um ofício.

O amor é a razão por que se deseja um lar; lar é uma responsabilidade assumida por causa do amor. O lar fornece um ambiente seguro para o amor amadurecer. Tudo isso opera para a glória de Deus.

Sem o amor verdadeiro, pode haver uma família, mas não pode haver um lar. O lar é o local em que o amor verdadeiro cresce. O amor é um servo do lar. Deus não manda um casal se amarem ou os filhos obedecerem aos pais para haver um lar. Ele dá os princípios de amor porque o lar já existe. Então, o amor acha sua expressão madura por causa da existência do lar.

No lar é que se vê a necessidade das qualidades do amor. Esforços têm que ser feitos para que o amor seja verdadeiro, e o ambiente onde este amor verdadeiro é exercitado é o lar, que por sua vez requer o amadurecimento do amor verdadeiro, que logo fortalece ainda mais o lar, e assim continuamente,

tudo crescendo para a glória de Deus e o bem da família.

Casando e tendo filhos pode-se ter uma família. Amando conforme a Bíblia, transforma-se a família num lar.



Capítulo 13

TESTEMUNHOS

164) Como foi a conversão de algum comunista?

Poderia dar aqui o meu próprio testemunho, pois eu era comunista quando me converti. Minha conversão está narrada no livro *Teologia Contemporânea*, editado pela CPAD. Todavia, trago aqui a conversão de Rodolfo Schuricht.

Rodolfo cresceu em um lar inteiramente alheio ao cristianismo, e até mesmo seu inimigo, onde a Bíblia era um livro completamente desconhecido. Seus pais procuravam educar os filhos no ateísmo, e como tal só conheciam um deus: Adolfo Hitler, cuja fotografia estava pendurada na parede de sua casa. Durante a adolescência Rodolfo nunca ouviu falar de Jesus Cristo, nem do evangelho, nem de Deus. Isto aconteceu na antiga Alemanha Oriental.

Deixemos que o próprio Rodolfo conte um pouco de sua história:

“Quando terminou a Segunda Guerra Mundial e Hitler desapareceu, aprendemos a conhecer outro deus: Stalin. Fiquei comunista fanático e fundei o primeiro clube comunista para jovens, na minha terra, em 1947. Um ano depois a nossa organização contava com 4.500 filiados, e, na qualidade de

dirigente, era odiado e não podia sair livremente sem me arriscar a ser assaltado. Odiava a todos os que não eram comunistas e retive esta atitude durante os seguintes dois anos e meio, até que surgiu o que mudou o curso da minha vida.

Um dia, certo jovem procurou-me e pediu demissão do clube. Tinha começado a ler a Bíblia e desejava seguir a Jesus Cristo. Perguntei-lhe que estupidez o tinha levado a ler um livro tão cheio de mentiras e contradições. Então, ele pediu que eu lhe mostrasse essas mentiras e contradições da Bíblia.

Poucos dias depois o vice-presidente procurou-me e, quando entrou no meu quarto, vi como a sua face brilhava, indicativo de que algo extraordinário havia acontecido. Verifiquei também que ele tinha começado a ler a Bíblia. Tal como o outro jovem, pediu-me que lhe mostrasse alguma mentira na Bíblia. Confesso que me senti sem coragem para lhe satisfazer o pedido.

Decidi estudar a Bíblia e anotar suas contradições. Em seis meses li-a de capa a capa sem encontrar uma só das muitas contradições que esperava achar. Então, uma manhã, ao levantar-me da cama, ajoelhei-me e, pela primeira vez em minha vida, orei: “O Deus, se tu és o verdadeiro Deus, o Deus vivo, e se Jesus Cristo é o teu Filho, então liberta-me, salva-me e dá a tua paz ao meu coração”. Esta foi a minha primeira oração e Deus respondeu imediatamente. Encontrei alegria e paz no Senhor Jesus Cristo.”

Rodolfo buscou então o seu camarada e confessou-lhe sua fé em Cristo, dizendo: “Agora sigo contigo no mesmo caminho e vou abandonar imediatamente o partido comunista. Andava nas trevas, ignorante da Palavra de Deus. Comprei uma Bíblia com o propósito de descobrir mentiras para te libertar, mas nesse santo livro encontrei a salvação. Agora, ambos iremos confessar a nossa fé e procurar servir o nosso Mestre e Senhor”.

Começou um novo tempo para Rodolfo. Ele foi obrigado, porém, a fugir da Alemanha Oriental, porque ali não podia seguir o que lhe determinava a sua consciência e propagar livremente a sua fé.

165) Pode a Bíblia transformar pessoas realmente difíceis?

A experiência do norte-americano Jorge Alden, Juiz do Supremo Tribunal

do Estado de Massachusetts, é bom exemplo do poder da Bíblia em transformar pessoas desse tipo. Conta ele:

Certo dia fui visitar a pequena vila onde me criei, no estado de Vermont. Ali encontrei um rapaz que ainda não havia terminado o seminário, mas estava pregando o evangelho durante as férias. Esse rapaz era tão hábil orador que John Wanamaker, grande negociante local, lhe ofereceu um alto salário para se encarregar dos anúncios de suas lojas nas grandes cidades do país. Quando o negociante me disse que o rapaz havia recusado a oferta excepcional que lhe fizera, fui visitá-lo com a intenção de persuadi-lo a aceitar o oferecimento. O que se passou, então, entre nós, foi o seguinte:

— Jovem, como pode justificar a recusa do oferecimento de uma proposta que lhe dará lucros elevados e promoção no futuro.

— Ora, justifico-a pela simples razão de já possuir uma ocupação superior ao emprego de fazer anúncios para mercadorias.

— Mas, qual é essa ocupação a que você se refere?

— Estou pregando o evangelho de Jesus Cristo.

— Pregando o evangelho? — respondi com sarcasmo. — Não sabe, meu jovem, que a sua ocupação tem pouco valor? A Bíblia não é crida nem aceita por aqueles que têm juízo. Eu sou mais velho do que você, e vim aconselhá-lo, como amigo, acerca da sua situação financeira. Vou completar trinta anos de advocacia em Boston; sou juiz do Supremo Tribunal de Massachusetts há doze anos, e declaro que não creio em nenhuma palavra da Bíblia.

Notei, então, a firmeza do jovem. Ele não estremeceu, apesar de eu ter falado com voz de trovão. A resposta dele foi:

— Juiz Alden, na minha opinião os seus argumentos não têm nenhum valor. O senhor escolheu o lado negativo da questão. O seu caso foi decidido há muitos séculos pelo Supremo Tribunal do Universo.

— Meu caso foi resolvido pelo Supremo Tribunal do Universo? Pode, então, citar o volume e o parágrafo em que está a resolução?

O rapaz abriu a Bíblia, entregou-ma e disse: — Aqui está. Leia o senhor mesmo. Tomei o livro e li esta declaração: “Diz o tolo no seu coração: Não há Deus”.

Naquela hora eu ardia de raiva. Não pude conter-me e respondi, com ar de desprezo, que iria ler tudo quanto fora escrito contra a Bíblia, pelos mais célebres ateus, e depois voltaria para desmoralizá-lo com as suas próprias

armas. Supunha ser essa uma tarefa fácil, mas estava enganado.

Esse rapaz ainda vive, mas eu não pude voltar para arrasá-lo, como pensei. Por que não voltei? Pela simples razão de que, quanto mais eu lia a Bíblia, quanto mais procurava argumentos para refutá-la, mais convicto ficava de que ela é a única revelação do caráter de Deus ao homem. Dou graças a Deus por aquele pregador corajoso, por meio de quem conheci o maravilhoso Livro que revela a verdade divina.

166) Há algum testemunho moderno do poder transformador da Bíblia em relação a uma nação ou comunidade?

Meu querido leitor, há muitos testemunhos, mas um deles, pelas características de que se reveste, talvez seja um dos mais inspirativos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Clarence Hall, correspondente de guerra dos Estados Unidos, ao visitar a aldeia de Shimabuko, em Okinawa, escreveu: “Durante anos a aldeia não tivera cadeia, nem bordel, nem embriaguez, nem divórcio. Havia ali um alto nível de saúde e felicidade... Criaram uma democracia cristã na sua forma mais pura”.

É que os mil habitantes de Shimabuko haviam recebido a visita de um missionário que ia para o Japão, uns trinta anos antes, o qual deixara ali um exemplar da Bíblia e dois shimabukanos convertidos, Mejun Nakamura e Shasei Kina, respectivamente chefe e professor da aldeia. Ao partir, disse o missionário aos dois crentes: “Estudem este Livro, pois ele dará a vocês uma fé robusta. Quando a fé é forte, tudo é forte”.

Sem noção de culto ou templo cristão, os mil habitantes criaram o seu próprio sistema de adoração. O professor Kina fazia a leitura da Bíblia e todos repetiam em forma de cântico. Entoavam hinos e faziam orações voluntárias. Em seguida passavam a tratar dos problemas da aldeia, e, para cada questão, Kina procurava na Bíblia uma resposta.

Após tomar parte num desses cultos, o motorista de Hall disse-lhe com ares de mofa: “Veja, tudo isso é resultado de uma só Bíblia, e de dois fanáticos que querem viver como Jesus”. Impressionado com o que viu, o motorista acrescentou: “Talvez estejamos usando as armas erradas para tornar o mundo

melhor”. Ele fazia referência às armas de guerra.

Alguns anos depois de terminada a guerra, Clarence Hall voltou a Okinawa para ver o efeito da civilização que os norte-americanos tinham introduzido ali. Okinawa estava irreconhecível. Em lugar de pequenas aldeias havia agora ruas, lojas, armazéns, clubes, cinemas, teatros, campos de golfe, piscinas, estação de rádio e televisão. Havia bares e prostíbulos.

Hall procurou Shimabuko e a encontrou “cercada” pelo “progresso”. Entretanto, toda aquela confusão e aflição do “progresso” não a tinham atingido. Permanecia espiritualmente separada de tudo aquilo, baseando sua vida nos ensinamentos da Bíblia. E Clarence Hall não pôde esquecer do que lhe dissera seu motorista anos passados: “Talvez estejamos usando as armas erradas para tornar o mundo melhor!”

Shimabuko constitui uma prova de que a obediência aos preceitos bíblicos é o único caminho para a verdadeira democracia cristã, caracterizada pelo amor a Deus e ao próximo e, conseqüentemente, pela paz e respeito sociais.

Bom seria se os estadistas modernos, em vez de se armarem de destruidoras armas que semeiam insegurança, medo e terror, distribuíssem bíblias a mão-cheia.

167) Como opera o poder da Bíblia na vida prática das pessoas?

Estimado leitor, há muitos testemunhos desse poder da Bíblia, que passo a narrar.

Começemos com Paris. Nessa cidade, uma senhora recebeu, sem saber, um exemplar do evangelho das mãos de um colportor de bíblias. Quando começou a lê-lo e percebeu que era obra protestante, cheia de ira rasgou-o em quantos pedaços pôde, jogando-os à rua.

Outra senhora, pobre, profundamente triste e desalentada, que passava por uma grande tribulação, vendo um dos pedaços na calçada, apanhou-o e começou a lê-lo. “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso...” (Mateus 11:28, 29), e não pôde ir adiante. Muito emocionada, pensou: “Que livro poderia conter o resto destas palavras? Eu

preciso conhecer o final deste trecho...”

Vendo um policial, perguntou-lhe que livro continha aquelas palavras e onde poderia adquiri-lo. O policial, depois de ler o pedaço de papel, declarou que este continha uma parte do Livro de Deus, a Bíblia Sagrada, e deu-lhe um endereço onde poderia adquirir o livro todo.

Dirigindo-se imediatamente ao local indicado, a senhora mostrou ao empregado o pedaço de papel, adquiriu a Bíblia e começou a lê-la. Sua tristeza transformou-se em alegria. Tornou-se uma nova criatura em Cristo Jesus. Logo depois começou a freqüentar uma igreja evangélica e foi batizada.

Na cidade mexicana de Merida, província de Yucatan, Geraldo apanhou no lixo um velho livro sem capa, bastante desfolhado, e viajou para Teya, a vila onde morava. Ali começou a falar aos outros acerca das histórias e dos ensinamentos daquele livro. Pouco tempo depois, quando já havia uma congregação de cerca de quarenta pessoas, dois missionários realizaram ali um culto e fizeram um apelo. Sessenta pessoas, inclusive o prefeito da cidade, foram à frente, recebendo Jesus como Salvador. Tudo graças àquela velha Bíblia achada por Geraldo!

Em um hospital norte-americano na Turquia deram uma Bíblia a um enfermo. Este, ao receber alta, levou-a para sua casa, numa pequena vila da Armênia. Um sacerdote, porém, ao ver o livro na mão do moço, arrebatou-o violentamente e começou a rasgá-lo e a espalhar suas folhas pela rua.

Um pequeno comerciante, vendo as páginas, juntou-as e levou-as para a sua mercearia como papel de embrulho. Com elas embrulhou azeitonas, uma vela, um pedaço de queijo etc., e assim os fregueses levaram para suas casas folhas esparsas da Bíblia. Leram o que nelas estava escrito e ficaram interessados em saber mais. Foram ao vendeiro, mas ele nada sabia da Bíblia.

As folhas foram lidas muitas vezes. Tempo depois um missionário colporteur chegou a essa obscura vila e ficou admirado quando cerca de cem pessoas queriam a Bíblia ou porções dela! As folhas espalhadas tinham proclamado a gloriosa mensagem do evangelho.

168) Por que crianças inocentes morrem vítimas de desastres naturais e de guerras que não provocaram, enquanto outras pessoas falecem em boa e abençoada

velhice?

Meu caro leitor, a lei da sementeira e colheita faz que algumas pessoas inocentes morram prematuramente em consequência de decisões erradas de adultos, e que outras pessoas recebam a bênção da longevidade.

A morte é uma realidade neste mundo caído em que vivemos. Mais de uma centena de pessoas morrem a cada minuto em todo o mundo. Porém, a questão mais importante não é quem morre, mas como morre.

Na Bíblia e na História temos exemplos vários de homens e mulheres corajosos que saudaram com alegria a sua hora final, mas temos, também, inúmeros relatos em que pessoas não menos corajosas viram na sua partida desta vida uma catástrofe apavorante. Vejamos estes casos:

“Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito, pois tu me redimiste, Deus da verdade”, dizia Martinho Lutero, pouco antes de morrer. O Dr. Jones disse-lhe ao ouvido: “Reverendo pai, desejas manter-te firme ao lado de Cristo e das doutrinas que tens pregado? Resistem elas às agonias da morte?” “Sim, sim! mil vezes sim!”, exclamou Lutero. E voltando-se para um lado, dormiu no Senhor.

Voltaire, em sua desesperadora luta contra a morte, mandou chamar um padre, desejoso de renunciar à incredulidade e obter o perdão de seus pecados; porém, seus admiradores e companheiros de impiedade ordenaram que todas as portas da casa se mantivessem fechadas ao sacerdote, impedindo assim que seu líder se retratasse. Preso da angústia e do pavor, o famoso filósofo, ora implorando misericórdia, ora blasfemando contra Deus, faleceu. Algumas de suas últimas palavras foram: “Irei para o inferno”. Foi uma morte terrível.

Simeão, depois de ver Jesus no templo, louvou a Deus, dizendo: “Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação” (Lc 228). Judas Iscariotes, movido por profundo remorso, atirou para dentro do templo as trinta moedas de prata pelas quais havia traído o Filho de Deus, e “retirou-se e foi enforcar-se” (Mt 27.5).

Em toda a Escritura a morte nos é sempre apresentada como inimiga. “O último inimigo a ser destruído é a morte” (1 Co 15.26). Jesus destruiu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade, pelo evangelho.

No Novo Testamento, a morte e a ressurreição de Cristo são apresentadas como prova de que a morte foi derrotada: “Tragada foi a morte pela vitória” (1

Co 15.54). Agora, à luz da vitória obtida por Cristo no Calvário, esta morte niveladora, igualitária e objeto de pânico dos pagãos, não mais é temida pelos crentes. Para estes, a morte não é mais soberana, mas apenas vencida e desqualificada. Por esta razão os apóstolos e os crentes do primeiro século não especulavam sobre a doutrina da ressurreição de Jesus e dos mortos, por ser esta essencial à fé cristã.

Assim como Cristo venceu a morte e possui “as chaves da morte e do inferno” (Ap 1.18), assim também o cristão, confiando no seu Salvador, pode dizer como Paulo: “Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor” (Fp 1.23).



Capítulo 14

TEMAS DIVERSOS

169) Que conseqüências sofreram os judeus dos dias de Jesus pelo fato de haverem rejeitado o seu Messias?

As conseqüências, querido leitor, foram aquelas referidas nas profecias. Levítico 26.33 afirma: “Espalharei vocês entre as nações e empunharei a espada contra vocês. Sua terra ficará desolada, e as suas cidades, em ruínas. Em Deuteronômio 28.25, lemos: “O SENHOR fará que vocês sejam derrotados pelos inimigos”.

Calcula-se que, no início da era cristã, a população do mundo era de cerca de 250 milhões, e a do vasto império romano de aproximadamente 54 milhões, dos quais 4 milhões e meio de judeus. Desse total de judeus, mais da metade vivia fora dos limites da Palestina.

Jerusalém, centro espiritual de todos os judeus da diáspora romana, abarrotava-se de peregrinos que ali compareciam anualmente, às centenas de milhares, por ocasião das festividades da Páscoa e do Pentecoste — pontos altos do culto judaico

Numa atmosfera carregada de religiosidade e, por que não dizer, inflamada de um nacionalismo ardente e doentio, Jesus foi preso, julgado e crucificado. Particularmente porque suas doutrinas, baseadas no amor ao próximo, cheias de sentimento espiritual e vazias de cunho político-nacionalista, decepcionavam e enfureciam os judeus. E foi assim, num momento de incontido ódio a Cristo e a sua mensagem, que eles responderam a Pilatos: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27.25).

Conscientes ou não, os israelitas rejeitavam o Messias tão ansiosamente esperado, e atraíam sobre si e seus filhos as conseqüências terríveis de tão trágica escolha.

Mas os ideais judaicos de independência política não morreram com o advento do cristianismo nem com a conversão de milhares de israelitas à nova fé. Os partidos político-religiosos continuavam sua trama secreta e multiplicavam os atentados violentos contra seus dominadores, tornando impossível qualquer solução pacífica a partir de maio de 66 d.C., quando as autoridades romanas reagiram pelas armas na tentativa de sufocar a rebelião organizada que pretendia assumir o controle de todo o país.

A campanha para esmagar a revolta foi organizada pelo próprio imperador Nero. Sangrentas batalhas travaram-se nas cidades da Galiléia, com elevado número de baixas em ambos os lados, mas prevalecendo sempre a férrea Roma.

O sítio de Jerusalém durou cinco meses de sofrimentos indescritíveis. Quando a cidade caiu, contou-se cerca de um milhão e cem mil mortos. Dos 97 mil sobreviventes, a maior parte foi levada para Roma, muitos foram presenteados às províncias do império para que morressem nas arenas, em espetáculos públicos, e milhares de outros seguiram para trabalhos forçados no Egito. Este foi o início da dispersão dos judeus na era cristã, dispersão que durou até anos recentes.

Quanto à cidade e ao templo, a predição de Jesus não poderia ser mais minuciosa: os alicerces dos edifícios foram removidos, inclusive os do templo, e toda a sua área ficou nivelada. Não ficou ali “pedra sobre pedra” (Lc 19.44).

170) O que realmente significa a palavra “misericórdia” no Sermão do Monte?

A misericórdia é uma característica dos súditos do reino de Deus. A palavra significa compaixão despertada pela miséria alheia, e perdão.

No Novo Testamento o termo significa *bondade*, e a ele estão associadas expressões como “amor persistente” e “cheios de compaixão”, evidentemente compaixão pelos que estão perdidos, e sofrem. Dentro do contexto bíblico, a misericórdia praticada pelos súditos do reino não é simplesmente o fruto de emoções passageiras ou de uma filantropia interesseira, tão comuns nas religiões de mercado, baseadas na salvação pelas obras. Os bem-aventurados misericordiosos são aquelas pessoas fiéis a um relacionamento de aliança, que praticam a misericórdia com uma bondade intencional.

A vida humana de milhões, nos dias de Jesus, não passava de verdadeira tragédia, tanto na Palestina como na maioria das outras nações. Eram espantosas a crueldade e a brutalidade infligidas pelas pessoas livres às multidões escravizadas. Em Roma, por exemplo, os escravos viviam à mercê do capricho de seus senhores, na maioria das vezes cruéis, que tinham pleno direito de tirar-lhes a vida quando bem o quisessem. “De um tal Pólio, cavaleiro do tempo de Augusto, consta que foi censurado por atirar os escravos vivos ao seu lago para sustentar lampreias, que depois se aprazia em saborear na sua mesa!” Atribui-se a Aristóteles a expressão: “O escravo é um utensílio com vida, e um utensílio é um escravo sem vida”.

Foi nesse contexto que Jesus veio, como bem escreveu Rui na sua célebre Prece de Natal: “Enquanto César cuidava do império, e Roma do mundo, assomavas Tu ao canto de uma província e na vileza de um estábulo, sem que Roma, nem o império, nem César Te percebessem, para ficar à posteridade a lição indelével de que a política ignora sempre os seus mais formidáveis interesses”.

Jesus exemplificou essa compaixão em seu ministério. Somente em Mateus lemos: “Vendo ele as multidões, tinha grande compaixão delas, porque andavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor”. “Saindo Jesus, viu uma grande multidão, e, possuído de grande compaixão para com ela, curou os seus enfermos”. E mais adiante: “Jesus chamou os discípulos e lhes disse: Tenho compaixão da multidão... Movido de compaixão, Jesus tocou-lhes os olhos. Imediatamente recuperaram a vista, e o seguiram”.

Os misericordiosos, portanto, são aqueles que, como Jesus, mostram misericórdia aos fracos, aos desamparados, aos pequeninos, possuindo assim

“o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus”.

Mas *misericórdia* é palavra sinônima de perdão. Os cavaleiros da antiguidade davam o nome de “Misericórdia” ao punhal que traziam à sua direita, com o qual matavam o adversário derribado, se este não pedisse misericórdia.

A Bíblia afirma que aos misericordiosos Deus mostrará misericórdia. Essa reciprocidade está presente na oração do Pai Nosso, em que Jesus enfatiza a necessidade de perdoar para ser perdoado: “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. O verdadeiro súdito do reino de Deus, portanto, é aquela pessoa incapaz de guardar mágoas ou ressentimentos contra quem quer que seja. Ele mantém sempre uma atitude misericordiosa.

171) Por que é tão difícil perdoar?

Mesmo depois de nos tornarmos crentes, Deus nunca remove nosso livre arbítrio. Nós sempre temos a oportunidade e a responsabilidade de escolher o que faremos. Deus não nos fará perdoar, mas ele nos ajudará a perdoar, se nossa escolha for obedecê-lo. Davi escreveu: “Venha a tua mão socorrer-me, pois escolhi os teus preceitos”. Quando tomamos a decisão consciente de perdoar aos outros, Deus nos ajuda.

Apiano, no primeiro volume do seu livro *Maravilhas do Egito*, narra surpreendente caso testemunhado por ele próprio na cidade de Roma, nos dias de Caio César.

“No grande circo exibia-se ao povo um combate em grande escala com as feras. Foi introduzido o escravo de um cruel ex-cônsul da África do Norte. O nome do escravo era Androcles. Ao vê-lo à distância, diz Apiano, o leão estacou como que surpreendido, depois aproximou-se vagarosamente do homem, e, tranqüilamente começou a lamber-lhe os pés e as mãos. Androcles, ao passo que se submetia às carícias de um animal tão feroz, readquiriu a perdida coragem e, aos poucos, volveu os olhos para o leão. Então, diz Apiano, ainda o homem e o leão trocaram efusivas saudações, como quem se reconhecia um ao outro. Sendo isso deveras pasmoso, o povo rompeu em altos gritos de aclamações. Caio César chamou Androcles a si, e indagou a razão daquela cena.

“Foi então que Androcles relatou a estranha e surpreendente história. Disse

ele que, havendo fugido de seu cruel Senhor, escondera-se numa caverna em deserto solitário. Nessa caverna entrou, depois de algum tempo, um leão com uma pata ferida, a sangrar, dando a conhecer por seus gemidos, a torturante dor que sentia. A princípio, Androcles ficou atemorizado, mas o leão ergueu a pata para ele, que viu uma enorme lasca de madeira enterrada na sola de seu pé. Com cuidado, removeu-a, então, tratando a ferida o melhor que pôde. O leão deitou-se para repousar. Anos depois é que os dois se encontraram novamente nesse famoso dia no circo. Como Androcles fora misericordioso para com o leão, alcançou agora misericórdia também”.

Ninguém perdoou mais do que Deus e do que Jesus. A Bíblia está cheia de expressões que falam do amor perdoador de Deus, e o Salmo 136 é bom exemplo, ao afirmar vinte e seis vezes que “o seu amor dura para sempre”. Noutro Salmo, lemos que “Quanto está longe o oriente do ocidente, assim [o Senhor] afasta de nós as nossas transgressões”. Note que não se trata da distância entre o norte e o sul, que é finita, mas entre o oriente e o ocidente, que é infinita. Se pudéssemos tomar um avião rumo ao norte, em dado momento alcançaríamos o nosso alvo; mas se esse alvo é o oriente ou o ocidente, então nunca o alcançaríamos.

É assim que devemos perdoar. O perdão de Deus está condicionado ao perdão com que perdoamos aos outros. Jesus deixou essa verdade bem clara quando disse: “Pois se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Porém se não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial não perdoará as vossas”.

172) Em que sentido os discípulos de Jesus são governadores, conforme Marcos 10.42-43?

Ensinando aos discípulos, como no texto referido pelo leitor, Jesus afirmou que os governantes deste mundo em verdade não governam, ou governam só na aparência: “Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e os seus grandes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês”.

A Bíblia fala de “poderes destronados que governam”. Outras versões trazem assim esta passagem: “Príncipes que hoje são poderosos e amanhã deixarão de o

ser” (Phillips); “poderosos que estão perdendo o seu poder” (Inglês de Hoje); “poderosos deste mundo que estão sendo reduzidos a nada” (Versão Brasileira); “príncipes deste mundo, votados à destruição” (Bíblia de Jerusalém).

É fato que os poderes deste mundo governam, mas o fazem sob a lei da decadência; a vida já os julgou. Imagine Jesus contrastando os titubeantes discípulos com os poderosos de Roma! É exatamente isso que ele faz quando afirma que o governo dos discípulos é diferente do governo dos “assim chamados” governadores dos gentios.

Em verdade, as décadas e os séculos têm falado contra os dias e os anos, confirmando as palavras de Jesus. Onde estão os grandes do passado? Onde está o governo deles? Mas os discípulos governaram de direito e de fato, alterando profundamente as civilizações do passado, e ainda governam no presente através da proclamação do evangelho. Um conhecido teólogo liberal europeu, que suportou as agruras das duas grandes guerras do século vinte, escreveu:

“Precisamos ficar cientes de que o curso da natureza e do mundo em todas as épocas, e assim também a história da nossa época, com todas as suas complicações, seus antagonismos e enigmas, segundo as premissas do Novo Testamento, não é regido nem pelo acaso, nem por algum princípio imanente a ele, nem tampouco por algum “deus” indeterminado, mas sim pelo Filho assentado à direita de Deus Pai, Todo-Poderoso, nosso Senhor Jesus Cristo. Que presença, que atuação do novo ser humano!”

Só o cristão é verdadeiro governador, pelo fato de ser o instrumento de Deus que leva as pessoas a uma transformação de vida, e, em consequência dessa transformação, transformam igualmente povos e nações.

O grande Napoleão, quando prisioneiro na ilha de Santa Helena, tornou-se assíduo leitor da Bíblia. Ele deixou marcas, especialmente no Novo Testamento, as passagens que mais falaram ao seu coração. Nas palavras dele dirigidas ao general Bertrand podemos perceber a poderosa influência da Bíblia na vida do grande imperador:

“Nossas proezas são tarefas dadas aos pupilos, pelo seu Tutor, que se assenta em juízo sobre nós, dispensado-nos censura ou louvor... Morro antes do tempo; o meu corpo morto deve voltar à terra para se tornar alimento dos vermes. Eis o próximo destino daquele que foi chamado o grande Napoleão.

Que abismo entre a minha profunda miséria e o reino eterno de Cristo, proclamado, amado, adorado, e que se estende por toda a Terra. É isto morrer? Não, é antes viver!”

173) Quais são as principais festas sagradas dos judeus?

Caro leitor, o judaísmo possui um sistema de sacrifícios de animais e de ofertas de cereais. Juntamente com o sacrifício, o povo devia ter uma atitude de arrependimento. O sangue devia ser aspergido regularmente no santuário a fim de fazer expiação pelo pecado. Todos os dias havia adoração e oferendas de ações de graças.

A partir de cerca do século segundo a.C., todos os homens judeus começaram a usar filactérios durante as orações matutinas. Trata-se de pequenas caixas de couro que contêm quatro trechos do Antigo Testamento: Êxodo 13.1-10, 11-16, Deuteronômio 6.4-9 e capítulo 11.13-21. Uma é usada na cabeça e a outra no braço esquerdo.

A circuncisão é um sinal externo da aliança entre Deus e Abraão. É realizada no oitavo dia depois do nascimento de cada bebê masculino, e relembra aos judeus sua vocação sagrada.

Quando um menino judeu chega aos treze anos de idade, é tecnicamente um homem e recebe aulas sobre as crenças no idioma dos hebreus. Depois, passa pela cerimônia dos iniciados no Bar Mitzvah ou Filho do Mandamento. Na ocasião, lê um trecho das Escrituras na Sinagoga e às vezes faz um discurso. Seus pais fazem uma festa e ele recebe presentes dos amigos.

Os feriados que comemoram os grandes eventos da história são um fator unificante da nação. Os judeus têm em alta estima a sua história, e observam várias festas sagradas.

O Dia do Sábado é o próprio alicerce da fé judaica. Não somente Israel tem guardado o Sábado, como também o Sábado tem guardado Israel. É o dia do culto, o dia em que Deus descansou da Sua obra da criação. Começa ao pôr do sol na sexta-feira e termina ao pôr do sol no sábado.

Outras festas e dias santos de destaque entre os judeus são a Páscoa, que começa no dia 15 de Nisã, entre março e abril. É um memorial do êxodo israelita do Egito, e o aniversário de Israel. A festa dura oito dias.

A festa das Semanas ou Pentecoste, é celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, no mês de Sivã. Celebra a colheita dos cereais e a promulgação da Lei no Sinai.

O Novo Ano Civil judaico é celebrado nos dias 1 e 2 do mês de Tishri, que cai em setembro ou outubro.

Yom Kippur, o Dia da Expição, é celebrado no dia 10 de Tishri, o dia sagrado em que o sumo sacerdote entrava no Lugar Santíssimo.

A Festa dos Tabernáculos, no dia 15 de Tishri. Os judeus acampam durante sete dias em cabanas ou tendas para relembrem a experiência de Israel no deserto por ocasião do êxodo.

A Festa das Luzes é celebrada no dia 25 de Kisleu, ou dezembro. Representa a rededicação do templo em 165 a.C., depois dele ter sido profanado pelo rei selêucida maligno, Antíoco Epifânio. Durante a festa, os judeus deixam velas acesas durante oito dias.

Foi devido à profanação do templo que surgiu a reação dos macabeus, palavra que significa “marteladores”. Estes, usando táticas de guerrilhas, obtiveram tremendas vitórias contra os poderosos exércitos dos selêucidas.

174) Por que existem tantos títulos de igrejas no Brasil?

Prezado leitor, um amigo meu, viajando pelo Brasil, anotou curiosos títulos de igrejas evangélicas, como “Igreja Pentecostal Galinha de Angola”, Igreja Evangélica Retroceder Nunca, Render-se Jamais”, “Igreja Evangélica Livre de Deus”, e outros que tais. Um colega de ministério mencionou uma igreja que tinha por título “Puleiro dos Anjos”. Quero salientar que tais títulos estranhos também estão presentes em outros países.

O que nos traz à mente tais títulos? “Galinha de Angola” lembra a popular ave africana cujo cantar tem sido interpretado como “tô fraco”. Será que os congregados de tal igreja se consideram todos fracos?

O título “Retroceder Nunca, Render-se Jamais”, que se assemelha a certos títulos de filmes violentos, deve significar que os adeptos dessa igreja nunca desistem e nunca voltam atrás. Já o “Livre de Deus”, além de significar que se trata de uma igreja que pertence a Deus e por isso é livre de qualquer ditadura ministerial, sugere também que os crentes de tal igreja afastaram Deus de seu

caminho como um estorvo.

175) E que dizer do grupo que se denomina “Puleiro dos Anjos”? Estariam esses irmãos enfatizando a angelolatria ou a angelomania?

Deixando de lado o aspecto folclórico, para o observador alheio à fé evangélica pode parecer que cada uma dessas igrejas seja uma religião distinta, que somada a todas as demais venha a alcançar o número altíssimo de 4.800 religiões existentes no Brasil, como a imprensa recentemente divulgou.

Mas, considerando a igreja como um todo, alguém afirmou que se hoje tirássemos a igreja da terra, amanhã teríamos de colocar algo em lugar dela, porque ela tem suas raízes nas necessidades básicas da vida humana.

Porém não é tão simples assim substituir a igreja. Os nazistas tentaram suprimi-la ou subjugar-la, e os comunistas tentaram o mesmo com os seus clubes ou comunidades comunistas, e ambos falharam porque não se pode substituir algo divino por algo puramente humano, mesmo que seja o nosso melhor. As fraquezas humanas estão na igreja, mas esta é divina e gloriosa..

Marx afirmou que a religião era o ópio do povo, e Hitler anunciou que rasparia da Alemanha o verniz cristão e em seu lugar exibiria uma nova religião à altura do puro sangue ariano! Mas o que resta das idéias de Marx e dos projetos de Hitler? Tanto de um como de outro, o que temos herdado não passa de frustração, sofrimento e miséria.

Pouco mais de um século após a publicação do Manifesto Comunista, a falência do marxismo não poderia ser mais completa. Cai a estátua de Lênin, cai o muro de Berlin, e Lenigrado volta a ser São Petersburgo.

Quanto ao pai do nazismo, um exemplo recente da sua herança foi o bárbaro massacre de dezesseis estudantes numa escola de Littletown, Colorado, perpetrado no aniversário de nascimento de Hitler por adolescentes fanáticos que se diziam discípulos daquele ditador.

176) Como deve ser o relacionamento entre a política e igreja?

A Bíblia nos mostra o quanto podem fazer em prol do bem-estar social pessoas de caráter que ocupem cargos de responsabilidade no governo. José no Egito, Daniel na Babilônia, Neemias e Ester na Pérsia, Nicodemos e José de Arimatéia no Sinédrio judaico, são bons exemplos. Sempre cri e sempre ensinei que a igreja deve estar presente em todos os segmentos da sociedade, entre eles os da política em seus vários aspectos, pois bons políticos podem nortear para melhor o comportamento de todo um povo.

Está ainda em minha lembrança o importante papel que deputados evangélicos, liderados por Daso Coimbra, formaram um bloco de resistência às tendências esquerdistas da última assembléia constituinte brasileira. Graças a esse bloco, o Brasil se livrou de ter que pautar sua conduta sob diretrizes materialistas e comunistas.

O cientista político Sérgio Abranches, sob o título *O Ocaso da Elite* (Veja, 12/09/04), traça um paralelo entre a elite política hoje no poder e a que virá, concluindo que há razão para duvidar da boa representatividade dessa nova elite, recrutada em “sindicatos, entidades patronais, movimentos sociais, igrejas. Não representam recorte pluralista da sociedade. Refletem visões segmentares do mundo e do país”.

Abranches conclui que poderá faltar, nas próximas legislaturas do Brasil, o político genérico, ou seja, aquele que possui uma visão ampla e pluralista da sociedade, enquanto poderão sobrar os políticos “carimbados”, estando entre estes o “evangélico”.

O mundo de hoje tem a tendência de seguir uma política de visão não pluralista, mas tribal e corporativa. Os sem-terra querem uma representação dos sem-terra; o professorado quer representante de sua classe, etc., e os evangélicos querem uma representação evangélica.

De todas as classes políticas, acredito eu, o evangélico é o que melhor representa o político genérico, no bom sentido da palavra. Ao defender os padrões éticos da Palavra de Deus, o vereador, o deputado e o senador evangélico estarão defendendo os valores mais elevados da família e da sociedade.

A atividade legislativa dos nossos políticos, se bem atuarem, deve ter o total respaldo dos nossos pastores e igrejas, e, se mal agirem, a sua total repulsa. Devem eles ser acompanhados sempre, e cobrados nos momentos em que o voto deles fará diferença em benefício da família e da sociedade brasileira. A

ação deles deve ser firme contra todo projeto que fira os fundamentos da nossa fé bíblica.

Bom exemplo dá a Assembléia de Deus em Manaus, que elege políticos evangélicos e os mantém em contato permanente com os seus eleitores, na igreja.

Nos EUA muitos pastores promovem verdadeiras cruzadas contra projetos de lei que firam a ética cristã, estando entre eles James Kennedy e James Dobson. A população apóia e milhões de cartas são enviadas aos representantes do povo. Esse tipo de ação sempre obtêm a bênção do sucesso, para a glória de Deus.

177) Que tipo de conseqüências tem trazido à humanidade o preconceito racial entre os povos?

Aconteceu há alguns anos. Interrogado acerca da sua posição relativamente à pessoa de Cristo, um guerrilheiro rodesiano disse que atiraria em Jesus, esclarecendo que assim faria pelo fato de Jesus ser “um homem branco”. Convém salientar que ninguém — nem mesmo Jesus — vivendo no clima palestino, poderia considerar-se um “homem branco”.

O preconceito racial nunca se ausentou da história humana. Sempre houve um povo que se julgasse superior aos outros. Os próprios germânicos, outrora considerados bárbaros pelos civilizados, incorreram no mesmo pecado de orgulho nacional, ao tentarem, sob o nazismo, exterminar os que julgavam uma ameaça à pureza do seu sangue ariano.

As vítimas de tais preconceitos não se podem contar, tão grande é o seu número. E ultimamente, apesar de todo o empenho da ONU junto aos seus países membros, estes, quase sem exceção, são acusados de violarem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que afirma o direito à vida, à liberdade, à segurança, ao casamento, à família, à propriedade, etc., e proíbe a escravidão, a servidão, a detenção e prisão arbitrária e a violabilidade do lar.

A Bíblia afirma que Jesus veio fazer a paz entre os homens, através da reconciliação deles com Deus, “porque para com Deus não há acepção de pessoas”. Jesus morreu por todos, e diante do trono do Cordeiro João viu remidos de “todas as nações, tribos, povos e línguas”.

Quando o próprio Cristo, que tanto lutou pelos mais caros direitos humanos (e de Deus), ao ponto mesmo de morrer por eles, é rejeitado e odiado, então a solução para as crises modernas fica cada vez mais difícil.

Desde o seu nascimento, quando foi saudado por uma corte angelical a cantar, Jesus viveu como Príncipe da Paz. Quando julgado, levou Pilatos e Herodes à reconciliação e, diante dos nacionalistas judeus e das autoridades romanas, declarou: “o meu reino não é deste mundo”.

A bênção da salvação é para todos. No caso da África, foi um cirineu que ajudou a carregar a cruz de Cristo, e foi também outro filho desse continente, o tesoureiro da Etiópia, um dos primeiros gentios a receberem as boas novas de salvação. O próprio Jesus, quando recém-nascido, abrigou-se, no Egito, da ira herodiana. Olhando mais a fundo, temos na história de Jesus a presença dos três grupos raciais oriundos dos três filhos de Noé: os jafetistas romanos, os semitas judeus e os cananitas egípcios.

O cristianismo nunca foi privilégio desse ou daquele povo. Jesus mandou seus discípulos pregarem o evangelho em todo o mundo. O cristianismo não pode ser nacionalizado, ou submetido ao capricho de qualquer líder político ou religioso. A mensagem do evangelho é poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Ela transcende fronteiras nacionais, políticas, sociais, econômicas, religiosas, e não se intimida diante do ódio dos segregadores.

178) Que tipo de escrita antiga têm os arqueólogos descoberto?

Meu caro leitor, havia uma tradição entre árabes e judeus de que Enoque fora o inventor da escrita, e que deixara alguns escritos. Antigo rei babilônico deixou registrado que “gostava de ler os escritos da época do Dilúvio”. Assurbanipal, fundador da grande biblioteca de Nínive, referiu-se a “inscrições de antes do Dilúvio”.

A arqueologia tem encontrado algumas inscrições de antes do Dilúvio, como uma placa pictográfica achada por Langdon, em Quis, sob um sedimento do Dilúvio. Sinetes encontrados por Schmidt, em Fara, sob uma camada sedimentada do Dilúvio, e Woolley achou em Ur sinetes de antes do Dilúvio.

Os sinetes foram as formas mais primitivas de escrita. Representavam o

nome de uma pessoa, identificavam uma propriedade, serviam de assinatura de cartas, contratos, recibos e várias espécies de escritura.

Cada pessoa possuía seu próprio sinete. Este era gravado em pedacinhos de pedra ou metal por meio de serras ou brocas muitíssimo delicadas. Usava-se para impressão em placas de barro, enquanto ainda úmidas.

A escrita pictográfica aparece pela primeira vez na narrativa bíblica quando Deus pôs uma “marca” ou “sinal” em Caim. Essa marca representava uma idéia. Assim, “marcas”, “sinais” e “figuras” passaram a ser usados para registrar idéias, palavras e combinações de palavras.

Essas figuras eram pintadas ou insculpidas em cerâmicas ou placas de barro. De tal espécie é a escrita nas camadas mais profundas das cidades pré-históricas da Babilônia. Os escritos mais antigos que se conhecem são figuras em placas de barro.

Parece que a escrita, quando quer que ela tenha sido inventada, foi usada a princípio, e por certo tempo, apenas pelos escribas nos principais centros de população. A princípio, certa espécie de marca representava uma palavra inteira, ou uma combinação de palavras. Era a escrita cuneiforme. Desenvolvendo-se a arte de escrever, passou a haver “marcas” que representavam partes de palavras, ou sílabas. Era este o gênero de escrita em uso na Babilônia no alvorecer do período histórico. Havia mais de 500 marcas diferentes, com umas 30.000 combinações.

Essas marcas, em geral, se faziam em tijolos ou placas de barro macio (úmido), medindo de dois a 50 centímetros de comprimento, uns dois terços de largura, e escritos de ambos os lados. Depois eram secados ao sol ou cozidos no forno. Por meio dessas inscrições cuneiformes, em placas de barro, é que chegou até nós a vasta literatura dos primitivos babilônios.

A escrita alfabética foi outro avanço. As “marcas” passaram a representar partes de sílabas, ou letras, forma grandemente simplificada de escrita, na qual, com 26 marcas diferentes podia-se expressar todas as diferentes palavras que, no sistema cuneiforme, necessitariam de cerca de 500 marcas. A escrita alfabética começou antes de 1500 antes de Cristo.

179) Tem a arqueologia descoberto livros de antes ou do tempo do patriarca Abraão?

Caro leitor, os centros de população mais antigos, após o Dilúvio, ficavam no país da Babilônia, em Quis, Ereque, Lagás, Acade, Ur, na cidade de Babilônia, Eridu, Nipur, Larsa e Fara. Nas ruínas destas cidades encontram-se milhares de livros, escritos em pedra ou em placas de barro, antes da época de Abraão. Cinco dos mais famosos apresento-os aqui.

O primeiro deles é a Placa da Fundação de Anipada. É uma peça de mármore, de 7 por 10 centímetros. Foi achada por Wooley em 1923 na pedra angular de um templo em Obeide, 6 Km a oeste de Ur. Tem esta inscrição: Anipada, rei de Ur, filho de Messanipada, construiu este para sua senhora Nin-Kharsag“ (Deusa-Mãe). Essa placa acha-se agora no Museu Britânico. Uma reprodução sua encontra-se no Museu da Universidade de Pensilvânia.

A inscrição foi proclamada como “O Documento Histórico mais Antigo” que já se havia descoberto. Uma profusão de placas mais velhas tinha sido descoberta, mas esse era o registro escrito mais antigo de um evento contemporâneo. Assinala a linha divisória, nos anais babilônicos, entre os períodos “histórico” e “pré-histórico”.

O segundo escrito antigo é o Retrato da Família de Ur-Nina. O rei de Lagás, seus filhos e servos, e o avô de Eanatum, com inscrições explicativas.

O terceiro escrito é a Estela de En-hedu-ana, filha de Sargão, com inscrição dizendo que era sacerdotisa da deusa Lua em Ur.

O quarto escrito é a Estela dos Abutres de Eanatum. Achada em Lagás, por Sarzec, encontra-se hoje no Louvre, em Paris. Registra suas vitórias sobre os elamitas e descreve seu método de combate: comandava seus guerreiros formados à maneira de cunha, armados de lanças, escudos e capacetes.

O quinto escrito é a Estela de Ur-Namur. Uma lage de pedra calcária de 3,1m de altura por 1,65m de largura, achada no piso do Palácio da Justiça, em Ur. Está agora no Museu da Universidade da Pensilvânia. Descreve a construção do Zigurate, no auge da glória de Ur. É chamada “Estela dos Anjos Voadores”, porque se vêem esculpidos anjos que adejam sobre a cabeça do rei.

Tais inscrições têm sua relação com a autoria humana dos primeiros livros da Bíblia. Mostra que a praxe de registrar eventos importantes era comum desde o alvorecer da história, dando como certo que os primeiros eventos do livro de Gênesis podiam ter sido registrados em documentos contemporâneos, o que é muitíssimo verossímil, tornando mais e mais crível que, desde o principio, Deus preparou o núcleo de sua Palavra e superintendeu a sua

transmissão e desenvolvimento através das eras.

Babilônia foi o berço da raça humana, local do Jardim do Éden, cenário do começo da história bíblica. Os primórdios de sua história são do mais alto interesse para os estudantes da Bíblia. A cidade situava-se na foz do Tigre e do Eufrates, que media 402km de extensão por 80km de largura. Essa região era formada de sedimentos aluviais dos dois rios, e terras de pântanos drenados, de fertilidade incrível. Por muitos séculos foi centro de população densa. Hoje, na sua maior parte, são terras desertas.

180) O que era o Código de Hamurabi?

Meu caro leitor, foi esta uma das mais importantes descobertas arqueológicas. Hamurabi, rei da cidade de Babilônia, cuja data parece ser 1772-1750 a.C., é comumente identificado pelos assiriólogos com o “Anrafel” de Gênesis 14, um dos reis que Abraão perseguiu para libertar Ló.

Hamurabi foi um dos maiores e mais célebres dos primitivos reis babilônios. Fez seus escribas coligir e codificar as leis do seu reino, e fez que estas se gravassem em pedras para serem erigidas nas principais cidades.

Uma dessas pedras originalmente colocadas na Babilônia foi achada em 1902, nas ruínas de Susa, por uma expedição francesa dirigida por M. J. De Morgan. Essa pedra foi levada para lá por um rei elamita, que saqueara a cidade de Babilônia no século 12 a.C. Acha-se hoje no Museu do Louvre, em Paris.

Trata-se de um bloco lindamente polido de duro e negro diorito, de 2,60m de altura, 60cm de largura, meio metro de espessura, um tanto oval na forma, belamente talhado nas quatro faces, com gravações cuneiformes da língua semito-babilônica (a mesma que Abraão falava). Consta de umas 4.000 linhas, equivalendo, quanto à matéria, ao volume médio de um livro da Bíblia.

Essa placa cuneiforme é a mais extensa que já se descobriu. Representa Hamurabi recebendo as leis das mãos do rei sol Chamás: leis sobre o culto dos deuses nos templos, a administração da justiça, impostos, salários, juros, empréstimos de dinheiro, disputa sobre propriedades, casamento, sociedade comercial, trabalho em obras públicas, isenção de impostos, construção de canais e a manutenção dos mesmos, regulamentos de passageiros e serviços de

transporte pelos canais e em caravanas, comércio internacional e muitos outros assuntos.

Temos aí um livro, escrito em pedra, não uma cópia, mas o próprio autógrafo original, feito nos dias de Abraão, ainda existente hoje para testemunhar não só a favor de um sistema bem desenvolvido de jurisprudência, senão, também, do fato de que já nos dias de Abraão a capacidade literária do homem havia atingido um grau notável de adiantamento.

Quero me referir, aqui, às bibliotecas do tempo de Abraão. Em Ur, cidade natal de Abraão, em Lagás, Nipur, Sipar, aliás em cada cidade importante do país de Babilônia, havia, em conexão com escolas e templos, bibliotecas com milhares de livros: dicionários, gramáticas, obras de consultas, enciclopédias, anais oficiais, compêndios de matemática, astronomia, geografia, religião e política.

Foi aquele um período de grande atividade literária. Produziu muitas das obras-primas que Assurbanipal mandou que fossem copiadas por seus escribas, destinadas à sua grande biblioteca em Nínive.

Quando Abraão visitou o Egito, havia aí, aos milhões, inscrições em monumentos de pedra, em papiro e pele. Em Canaã, perto de Hebrom, cidade de Abraão, havia uma cidade chamada “Quiriate-Séfer”, que significa “cidade de escribas”, a indicar que seu povo tinha gosto pelas letras.

181) Qual é a história de Damasco, que foi a cidade natal do mordomo de Abraão?

Meu caro leitor, a “pérola do leste”, como é conhecida Damasco, é considerada a mais antiga cidade do mundo, possuidora de uma história contínua que começa na época de Uz, neto de Noé, e chega aos nossos dias.

Durante esses longos séculos, Damasco sempre tem sido a “cidade mais importante da Síria”, e a metrópole dos povos do deserto. Sua longa existência se deve ao fato de estar localizada em uma planície de 24 mil hectares e a 689 metros acima do nível do mar. É um dos oásis mais férteis do mundo.

A cidade e a planície circundante devem sua vida e prosperidade aos famosos rio Farfar e Abana, de reputação bíblica (2 Rs 5.12). O Abana,

conhecido atualmente como Barada, bifurca-se em forma de leque em sete tranqüilos braços, que por sua vez se subdividem em muitos riachos, os quais abastecem os lares, jardins, hortos e as vinhas de umas 400 mil pessoas de Damasco e seus arredores. Esses riachos em seguida se submergem nas areias do deserto, a uns 29 quilômetros na direção leste.

O Farfar, hoje conhecido como Ava, nasce nas colinas ao pé do monte Hermom, e flui por uns onze quilômetros até o sul de Damasco, onde rega o campo de hortos circundantes. Nessa cidade ainda existem as ruínas de muros e portas muito antigos, alguns dos quais datam da época romana.

Em dois lugares distintos de Damasco é apontada uma janela enladrilhada como aquela através da qual Paulo foi “descido num grande cesto” (2 Co 11.33). A rua chamada Direita começa na porta oriental e corre em direção oeste até atingir o centro da cidade. A casa de Ananias, conforme pode ser vista hoje, é uma capela baixa, semelhante a uma caverna, a cinco ou seis metros abaixo do nível da rua.

A rua atual já não é o amplo passeio público de quilômetro e meio de comprimento e quase trinta metros de largura, ao longo da qual “rangiam os carros de guerra romanos”. Todavia, é bastante reta, e em seu extremo ocidental está uma cena admirável e variada de um comércio bastante animado.

A grande Mesquita, que quanto ao caráter sagrado só pode ser superada pelas mesquitas de Meca, Medina e Jerusalém, é o edifício mais antigo e venerado de Damasco. Representa três períodos da história, e as três religiões que a possuíram: o paganismo, o cristianismo e o islamismo.

Os maciços alicerces e as colunas exteriores pertencem a um templo grego ou romano. Na opinião de alguns, é provável que este seja o lugar do templo de Rimom, onde Naamã depositou “uma carga de terra que duas mulas possam transportar”, e ergueu seu próprio altar (2 Rs 5.17-18).

Sob o domínio dos romanos, o templo de Rimom foi dedicado a Júpiter. Depois que Constantino converteu-se ao cristianismo no século quarto, o templo foi reconstruído e transformado em uma imensa igreja que Teodósio dedicou a João Batista. Quando os muçulmanos capturaram Damasco em 634 d.C., a edificação foi remodelada e convertida em uma suntuosa mesquita. O edifício sofreu três incêndios, sendo, porém, restaurado em todas as três ocasiões.

182) Quando devemos tomar as palavras da Bíblia em sentido literal ou em sentido figurado?

Meu caro leitor, as palavras que se quer compreender devem ser entendidas levando-se em conta o sentido do contexto, isto é, os versículos, ou versos, que vêm antes e os que vêm depois delas.

Às vezes sucede que não basta o conjunto de uma frase para determinar o verdadeiro significado de certas palavras. Portanto, e em tal caso, devemos começar mais acima a leitura e continuá-la até mais abaixo, para levar em conta o que precede e segue a expressão que nos parece obscura. Exemplos:

Diz o apóstolo Paulo: “Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo” (Ef 3.4). O que significa a palavra *mistério*? Pelos versículos anteriores e posteriores, verificamos que *mistério* se aplica aqui à participação dos gentios nos benefícios do evangelho. Encontra-se a mesma palavra em sentido diferente em outras passagens, sendo necessário, em cada caso, o contexto para determinar o significado exato.

Às vezes uma palavra obscura é aclarada no contexto por um sinônimo, ou ainda por uma palavra oposta. Assim, a palavra *aliança*, em Gênesis 9.17, se explica pelo vocábulo *promessa* que aparece no final do mesmo versículo. Assim também encontram explicação as palavras difíceis *enraizados* e *edificados* pela expressão *firmados na fé* que vem logo em seguida às mesmas.

“O salário do pecado é a morte”, diz o apóstolo Paulo. O sentido profundo dessa expressão faz ressaltar de uma maneira vívida a expressão oposta que a segue: “mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna”. Outro tanto sucede em relação à fé, quando João diz: “Quem crê no Filho tem a vida eterna”, pintando ao vivo a palavra *crer* pela expressão oposta: “o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”.

Às vezes, uma palavra que expressa uma idéia geral e absoluta deve ser tomada em sentido restritivo, segundo determine alguma circunstância especial do contexto, ou melhor, o conjunto das declarações das Escrituras em assuntos de doutrina. Quando Davi, por exemplo, exclama: “Julga-me Senhor, conforme a minha justiça”, o contexto nos mostra que Davi só proclama sua justiça em oposição às calúnias que Cuxe, o benjamita, levantara contra ele (Sl

7.8).

Falando do cego de nascimento, disse Jesus: “Nem ele nem seus pais pecaram”. De modo nenhum afirma Jesus que os pais do cego não haviam pecado, pois há no contexto uma circunstância que limita o sentido da frase. O cego não sofria daquele mal em consequência de seus próprios pecados ou dos pecados de seus pais, como erroneamente supunham os discípulos (Jo 9.3).

Chamando Jesus ao vinho *sangue da aliança*, compreendemos pelo contexto que a palavra *sangue* deve ser tomada em sentido figurado, desde o momento que Jesus, no dito contexto, volta a chamar ao vinho de *fruto da videira*, embora o tivesse abençoado. Daí vemos, além disso, que não vem de Jesus o ensino da transformação do vinho em sangue verdadeiro de Cristo, como pretendem os que fazem caso omissos do contexto, deturpando as Escrituras para sua própria perdição (Mt 26.27, 29).

183) É importante saber o desígnio do livro bíblico para entender o significado de algumas palavras da Bíblia?

Prezado leitor, percebe-se o objetivo ou desígnio de um livro ou passagem lendo e estudando o texto com atenção repetidas vezes. É preciso levar em conta a ocasião em que foi escrito e a que grupo de pessoas foi dirigido. Em outros casos o desígnio do livro ou passagem está expresso no próprio texto. Exemplos: o objetivo de toda a Bíblia está em Romanos 15.4 e 2 Timóteo 3.16-17. O dos Evangelhos está em João 20.31 e 2 Pedro 3.2, e os de Provérbios em 1.1, 4.

Saber o desígnio ajuda a esclarecer textos que parecem contraditórios e ainda aprofunda o conhecimento de passagens que já são claras em si mesmas. Exemplos:

É evidente que as cartas aos Gálatas e aos Colossenses foram escritas na ocasião dos erros que, com grande dano, os judaizantes ou “falsos mestres” procuravam implantar nas igrejas apostólicas. Por conseguinte, estas cartas têm por desígnio expor com toda clareza a salvação pela morte expiatória de Cristo, contrariamente aos ensinamentos dos judaizantes, que pregavam as obras, a observância de dias e cerimônias judaicas, a disciplina do corpo e a falsa filosofia.

A cada passo encontraremos luz no estudo destas cartas para a melhor compreensão de passagens, mesmo sendo claras em si mesmas, se temos esse desígnio sempre presente. Leremos ao mesmo tempo com mais entendimento, por exemplo, os Salmos 3, 18, 34 e 51, levando em conta em que ocasião foram escritos, coisas que constam em seu respectivo cabeçalho. Outro tanto dizemos dos Salmos 120 até 134, intitulados “Cânticos de peregrinação”, se tivermos em mente que foram escritos para serem cantados pelos judeus em suas viagens anuais a Jerusalém.

Eis aqui a luz que oferece o desígnio para a explicação de um ponto obscuro, desígnio adquirido tendo em conta a condição de uma pessoa à qual se dirigiu Jesus. Quando um príncipe cegado pela justiça própria perguntou-lhe que bem deveria fazer para obter a vida eterna, Jesus lhe respondeu: “Guarda os mandamentos”. Porventura Jesus queria ensinar-lhe com esta resposta que a salvação se obtinha mediante a observância de mandamentos da Lei? Certamente que não, pois as Escrituras em toda a parte ensinam que a vida eterna se adquire unicamente pela fé no Salvador.

Como explicar, pois, que Jesus lhe desse tal resposta? Tudo fica claro e desaparece qualquer dúvida se observarmos o desígnio com que Jesus fala. Seu objetivo foi valer-se da mesma Lei e do mandamento novo de “vender tudo o que possuía” para tirar o pobre cego de sua ilusão e levá-lo ao conhecimento de suas faltas para com a Lei divina e a um conseqüente arrependimento.

Jesus conseguiu o seu intento fazendo o moço compreender que não passava de um pobre idólatra de suas riquezas, pois nem mesmo o primeiro mandamento da Lei, de amar a Deus sobre todas as coisas, inclusive a riqueza, ele havia cumprido.

184) Como podemos eliminar algumas aparentes contradições da Bíblia, como a que existe entre Paulo e Tiago acerca da justificação?

Meu caro leitor, considerando o desígnio da passagem bíblica, desaparecem as aparentes contradições. Paulo diz que o homem é justificado pela fé sem as obras, e Tiago afirma que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé. Como eliminar tal aparente contradição? Levando em conta o desígnio

diferente que levam as cartas de um e de outro, Romanos 3.28 e Tiago 2.24.

Paulo combate e refuta o erro dos que confiavam nas obras da lei mosaica como meio da justificação, rechaçando a fé em Cristo. Tiago, por sua vez, combate o erro de alguns desordenados que se contentavam com uma fé imaginária, descuidando e rechaçando as boas obras. Daí que Paulo trata da *justificação do homem diante de Deus*, enquanto Tiago se ocupa da *justificação da fé diante dos homens*. Em outras palavras, Tiago procurou esclarecer que a fé salvadora se demonstra mediante boas obras.

O ato de ser justificado o homem criminoso à vista de Deus realiza-se tão somente pela fé no sacrifício de Cristo pelo pecado e sem as obras da Lei; porém, o ser justificado à vista do mundo, ou da igreja, realiza-se mediante obras palpáveis e “não somente pela fé”, que é invisível. “Mostre-me a sua fé sem obras”, desafia Tiago. Tal a exigência, também, das cartas de Paulo. Vemos, pois, que as pessoas são justificadas diante de Deus mediante a fé, e a nossa fé é justificada diante dos homens mediante as obras. Assim, concordam perfeitamente os dois apóstolos.

185) Outra aparente contradição, que também aclara o desígnio dos escritos correspondentes, encontramos nas cartas de Paulo. Ao dirigir-se aos gálatas ele se opõe à observância dos dias de festas judaicas, e na dirigida ao romanos não faz uma oposição definitiva a tal observância. Por quê?

Simplesmente porque o objetivo geral da carta aos gálatas era resistir às doutrinas dos falsos mestres que haviam desviado aqueles crentes.

Esses mestres lhes haviam ensinado que, para a salvação, além de certa fé no cristianismo era preciso guardar práticas judaicas do Antigo Testamento, as quais em realidade atacam o fundamento da justificação pela fé, tornando nulo o sacrifício de Jesus Cristo na cruz.

Muito diferente é o objetivo do apóstolo em Romanos 15.1-13. O texto procura estabelecer a paz perturbada entre um grupo de irmãos *fracos*, convertidos do judaísmo, que criticavam os crentes mais firmes, e estes, por

sua vez, desprezavam os fracos. Estes irmãos débeis, que se haviam imposto não comer carne nem beber vinho e que guardavam as festas judaicas, não se encontravam no grave perigo dos gálatas.

Assim é que o apóstolo menciona que uns consideram todos os dias iguais, enquanto outros observam certo dia com preferência a outro, afirmando que estes o fazem assim para o Senhor, sem opor-se direta e definitivamente a isso. É evidente que o apóstolo induz os fracos a avançar em seu critério, até ao ponto de abandonar a observância das festas judaicas.

186) Como definir a palavra “religião”?

Meu prezado leitor, “religião” é uma palavra de definição muito difícil. Certa definição talvez seja apropriada para o cristianismo, mas não para o budismo; outra definição talvez satisfaça o hinduísmo, mas não o islamismo.

Uma definição ampla seria que a religião é a fé num deus ou deuses, com a respectiva adoração. Trata-se da conduta que obedece a mandamentos divinos, conforme registros sagrados aceitos.

Etimologicamente falando, a palavra *religião* vem do latim *religare*, que significa “amarrar, atar firmemente”. Tem conexões com *lig*, no sentido de “ligar” ou com *leg*, no sentido de “catar, colher ou observar”. Assim chegamos à idéia de comprometer-se a obedecer as exigências de uma mensagem divina.

Alguns critérios são necessários para que um sistema seja chamado de “religião” do ponto de vista teísta.

Em primeiro lugar, a obediência. Uma religião tem certas exigências que os seguidores devem obedecer na sua prática. “Reconhece todos os deveres como mandamentos divinos”.

Em segundo lugar, a confiança. Uma religião requer que seus membros expressem confiança em uma deidade, crendo que essa deidade satisfará as necessidades da vida. Diz a Bíblia: “É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam”.

Em terceiro lugar, a dependência. Uma religião requer que seus adeptos dependam da deidade para satisfazer alguma necessidade emocional, espiritual ou física. “A essência da religião é um sentimento total”.

Em quarto lugar, a reverência. Os seguidores de uma religião consideram a

deidade com reverência e respeito. A religião é, portanto, um relacionamento entre eles e a deidade.

Em quinto lugar, a transcendência. A religião dirige seus seguidores a um poder que vai além daquilo que é humano e natural. A religião é aquilo “que, independentemente do bom-senso e do raciocínio, capacita o homem a apreender o infinito”.

Num sentido material, vários detalhes são típicos de um sistema religioso, como, por exemplo, objetos sagrados e pessoas consagradas, além de outros.

Algumas pessoas consideram montanhas, pedras, árvores, fontes de água e coisas semelhantes como coisas sagradas. Alguns destes objetos podem ser guardados dentro de recintos ou prédios sagrados, como templos ou santuários. Outras pessoas empregam móveis e vestimentas especiais no culto. Pode haver escritos sagrados. Os hindus têm o Bhagavad Gita; os Siques, seu Granth; os cristãos, a sua Bíblia e os muçulmanos, o Corão. Todos estes são consagrados por seu valor religioso, e têm relevância especial.

Todas as religiões têm pessoas consagradas, como ministros, sacerdotes, profetas, médiuns ou guardiões dos lugares e dos objetos sagrados. Geralmente, têm treinamento especial e podem proferir orações ou oferecer sacrifícios em favor dos adoradores. No cristianismo, alguns recebem uma chamada celestial especial, e são revestidos pelo Espírito de Deus, como no caso de Isaías.

187) O que foi o Movimento Pugwash?

Caro leitor, as origens desse movimento remontam ao ano de 1954, quando Bertrand Russell denunciou, em um manifesto, a terrível ameaça de um conflito nuclear de âmbito mundial. O conhecido filósofo inglês concluiu assim o seu ardoroso apelo: “Dirigimo-nos a vós, como seres humanos a outros seres humanos. Lembrai-vos de nossa humanidade e esquecei o resto. Se puderdes fazê-lo, o caminho de um novo paraíso está aberto. Se não, é a morte universal.” Einstein, dois dias antes de morrer, firmou esse documento.

O manifesto foi ainda assinado por outros cientistas, quase todos Prêmio Nobel. Estes, em número de 22, se reuniram pela primeira vez em julho de 1957 na Ilha Pugwash, cedida aos defensores da paz pelo milionário canadense

Cyrus Eaton. Naquela ocasião, os cientistas declararam: “É necessário suprimir a guerra ou preparar-se para a catástrofe. As experiências atômicas já provocam mutações, causam câncer e leucemia. O progresso científico e técnico é irreversível. A humanidade agora só pode unir-se...”

Do antigo documento de Russell originou-se o Movimento Pugwash, que tem reunido pacifistas de várias partes do mundo. Numa conferência em 1966, o ganhador do prêmio Nobel da Paz, Philip Noel-Baker, descreveu os resultados de uma única bomba de dez megatons, caso fosse lançada sobre Londres: “A explosão a dois quilômetros acima de Trafalgar Square aniquilaria Londres. O centro da cidade ficaria reduzido a pó. Por baixo, subiria um pilar de fogo com dois quilômetros de altura e quarenta de largura. Em redor, roncava um furacão. Os reservatórios, os encanamentos de gás e os postos de gasolina, explodiriam. O ar dos abrigos subterrâneos seria aspirado e substituído pelo óxido de carbono, mortalmente tóxico. Num raio de 80Km, toda a população ficaria cega.”

Se o mundo acordou sobressaltado no dia 6 de agosto de 1945, com o aniquilamento repentino de Hiroshima e com a consciência terrível de que o homem finalmente descobrira o maior segredo da natureza — a impressionante energia contida no minúsculo átomo — a situação hoje é muitas vezes pior. Da bomba atômica os Estados Unidos chegaram à de hidrogênio em 1952. A antiga União Soviética explodiu sua bomba “A” em 1949 e a “H” em 1957. A França lançou a “A” em 1960. A China detonou a “A” em 1964 e a “H” em 1967. Em resumo, de 1945 a 1997 cerca de duas mil explosões nucleares foram registradas nos mais diversos testes em vários pontos do Globo. A que fim pode nos levar a corrida armamentista?

O profeta Daniel fala de “tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação”, e Jesus afirma: “Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo” (Dn 12.1; Mt 24.22).

Por mais pavorosas que tenham sido as guerras da história, nenhuma logrou sequer ameaçar de extermínio a população da terra. Nem mesmo os dois grandes conflitos mundiais do século vinte. Por isso muitos escarneciam das citadas palavras bíblicas, considerando-as até mesmo uma prova da impossibilidade da inspiração da Escritura Sagrada. Mas a ciência da guerra desenvolveu-se a tal ponto que hoje poucos duvidam de que possa ocorrer uma espécie de suicídio mundial.

188) Que tipo de poderio bélico há hoje no mundo?

Caro leitor, o poderio bélico atual é assombroso. Ao simples apertar de um botão, podem partir como raios mísseis intercontinentais com cargas destrutivas equivalentes a um milhão e trezentas mil bombas do tipo daquela que arrasou Hiroshima. Também são fabricadas armas “inteligentes”, que são atraídas pelo alvo. Minas que “dormem” no fundo do mar e que “despertam” com a passagem de um submarino inimigo. Há bombas voadoras teleguiadas e obuses enriquecidos com urânio. Há aviões lentos, que funcionam como um verdadeiro canhão voador, e há caças super rápidos, capazes de voar a uma velocidade mais de duas vezes a velocidade do som sem perder as características de manejo.

E que falar da bomba de nêutrons, que mata as pessoas e preserva as presas da guerra? dos satélites equipados com armas atômicas? da guerra química? da guerra radiológica, que mata por dispersão de materiais radioativos, sem explosão? da arma biológica, que causa cem vezes mais estragos do que a nuclear e custa muito pouco? Ou da guerra nas estrelas, que utiliza o poderoso raio laser da morte?

Que tais armas serão usadas num novo embate mundial é fora de dúvida para quem estuda a Bíblia. O apóstolo Pedro refere-se claramente a uma conflagração nuclear de enormes proporções quando afirma que “os céus e a terra que agora existem estão sendo guardados pela mesma ordem de Deus para serem destruídos pelo fogo. Estão sendo guardados para o Dia do Julgamento e da destruição das pessoas más... Naquele Dia os céus vão desaparecer com um barulho espantoso, e tudo o que há no universo será queimado” (2 Pe 3.7, 10).

Enquanto aumentam as desilusões com os efêmeros e desacreditados tratados de paz e de limitação de armas, vão as nações acelerando o cumprimento das profecias bíblicas, ao prepararem as condições necessárias aos juízos apocalípticos que ainda hão de sobrevir à terra. E como não justificar o medo e a insegurança hoje reinantes no mundo, quando parte desse vasto poderio pode cair em mãos de governos ditatoriais, belicosos e ateus, com pouca ou nenhuma consideração pela vida humana, como infelizmente a história já tantas vezes tem demonstrado?

Com a queda da cortina de ferro e do estabelecimento do caos na antiga

potência comunista, desapareceram daquele país pelo menos quatro bombas atômicas, de grande poder de destruição. Esse tipo de arma pode ser transportado em uma mala de viagem, de tamanho médio, como aliás mostrou em documentário a televisão norte-americana. Onde estariam essas armas, e em poder de quem, é o que preocupa as autoridades do mundo todo.

Bom exemplo do que pode ocorrer foi o negro 11 de setembro de 2001, quando aviões comerciais foram usados por terroristas suicidas como mísseis contra as torres gêmeas, em Nova York, de cento e dez andares cada uma, e contra o poderosíssimo Pentágono, em Washington. A Casa Branca e o avião presidencial só não foram atingidos por um gigantesco 747 por que, segundo informou a imprensa, os passageiros reagiram ao ponto de evitar tal tragédia, lançando a aeronave contra um terreno desabitado, no estado da Pensilvânia.

189) Como foi a tragédia de 11 de setembro de 2001, nos EUA?

Caro leitor, a magnitude de tal tragédia se pode ver pelos números apavorantes: milhares de vítimas fatais, todas inocentes, exceto os criminosos seqüestradores. Mais gente pereceu nesses ataques do que no naufrágio do Titanic, em 1912, e do ataque-surpresa do Japão à base naval norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941.

Em termos materiais, o prejuízo foi de centenas de bilhões de dólares. Somente as torres haviam sido construídas, nos anos setenta, a um custo de 130 bilhões de dólares! A queda das duas torres, provocada pelo intenso calor de mais de uma centena de toneladas de combustível de altíssima octanagem, provocou um abalo do solo rochoso de Manhattan equivalente ao de um terremoto de mais de sete graus na escala Richter. A tragédia danificou cerca de 200 prédios na área, e dezenas deles foram condenados à demolição. O peso das torres caindo foi avaliado como sendo muito superior a um milhão de toneladas.

Eu assistia ao noticiário pela TV quando vi diante dos meus olhos, ao vivo, o desabar do primeiro prédio atingido, que caiu por último. A repórter ficou com a voz embargada diante da dantesca cena. É impossível saber exatamente quantas pessoas foram evaporadas pelo calor, e quantas foram moídas sob

centenas de milhares de toneladas de escombros descendo das alturas!

Além dos custos diretos do desastre, os norte-americanos estão arcando com despesas vultosas numa guerra difícil, prolongada, que tem produzido outras incontáveis vítimas inocentes em várias partes do mundo.

Diante da magnitude da tragédia, muitos perguntaram: Por que Deus o permitiu? Afirma a Bíblia que “Deus age por meio de todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Rm 8:28). Imediatamente após o fatídico 11 de setembro, as forças armadas dos EUA recrutaram dezenas de milhares de reservistas e se puseram de prontidão total. Nos exércitos de Deus não foi diferente! Os cristãos verdadeiros em todo o país foram sacudidos e também se puseram em estado de alerta!

Na Nova Inglaterra — região geralmente considerada cemitério dos pastores em virtude da indiferença espiritual do povo — milhares de jovens se reuniram numa das praças de Boston e durante doze horas oraram, pediram perdão a Deus e aos seus familiares, e se comprometeram a viver comprometidamente a vida cristã. Em uma igreja bem próxima de minha casa, cerca de duzentas pessoas se converteram no domingo seguinte à tragédia.

O ocorrido no dia 11 de setembro foi permitido por Deus para sacudir a sua igreja nos EUA e em várias partes do mundo. Ao mencionar os sinais dos tempos que precederiam a sua volta, disse Jesus: “Quando começarem a acontecer estas coisas” (Lc 21:28). Somente Cristo, por sua triunfante intervenção nos destinos do mundo, vai impedir a total autodestruição da raça humana.

Nestes conturbados dias da nossa história, Cristo continua sendo a única esperança. Nele há refúgio, há certeza, há segurança, e há verdadeira paz, “ainda que a terra seja abalada e as montanhas caiam nas profundezas do oceano” (Sl 46:2). Diz ele: “Deixo com vocês a minha paz; a minha paz lhes dou, não como o mundo costuma dar (Jo 14:27).

190) Que relação existe entre as cidades de Babilônia, Pérgamo e Roma?

Caro leitor, acerca da Babilônia lemos no último livro da Bíblia que todas as

nações beberam do vinho da fúria da sua prostituição, e acerca de Pérgamo lemos também no mesmo livro que é onde está o trono de Satanás, e não a Babilônia (18.2; 2.12, 13). Por quê? Temos de buscar as respostas nos rastros dessas duas famosas cidades.

Considerada a mais famosa cidade da Mísia, Pérgamo situava-se no vale do rio Caíco, a 25 quilômetros do mar Egeu, o que lhe conferia grande importância comercial e espiritual, e a 80 quilômetros ao norte de Esmirna. Era a capital oficial da província romana da Ásia, embora Éfeso e Esmirna fossem mais importantes do ponto de vista comercial. Hoje, a pequena cidade turca de Bergama, de 25 mil habitantes, ocupa o lugar da famosa cidade.

Pérgamo, também conhecida como Pérgamum, havia sido uma cidade-estado grega, doada ao império romano em 133 a.C. por Atallus III. Esta célebre cidade possuía a segunda mais importante biblioteca do mundo, com 200 mil volumes, que depois foram levados para Alexandria.

Quanto ao aspecto religioso, Pérgamo era considerada a cidade natal do deus Júpiter. Sob o domínio dos reis atálacos, a cidade encheu-se de templos, colégios e palácios reais. Um dos seus principais monumentos era um templo dedicado ao deus Esculápio, representado por uma serpente.

Pérgamo sediava ainda quatro dos maiores cultos aos deuses gregos: Zeus, Atena, Dionísio e Asclépio, e possuía também uma antiga forma de adoração ao diabo, e um antigo culto babilônico, além de ser um centro de propagação do culto ao imperador.

A influência de Babilônia na transformação de Pérgamo em “trono de Satanás”, e mais tarde na transformação de Roma em assento da “grande prostituta”, remonta ao ano 487 a.C. Nesse ano, pelo fato de Xerxes haver tomado Babilônia, a hierarquia religiosa dessa cidade fugiu para Pérgamo.

De Pérgamo, o supremo pontífice da Ordem Babilônica legou como herança, por lei, toda a sua autoridade e domínio à hierarquia babilônica de Roma, e assim os Césares tornaram-se os soberanos pontífices dessa organização idólatra. Esses imperadores ostentaram tais títulos, com todas as suas cerimônias, ritos e dignidades, mesmo depois de nominalmente convertidos ao cristianismo.

O primeiro imperador romano a receber tal autoridade foi Júlio César. Ele foi eleito pontífice em 74 a.C., e promovido a supremo pontífice em 63 a.C.. De Júlio César a Graciano todos os imperadores exerceram a autoridade

babilônica, porém este último, em 376 d.C., achou que não convinha a um cristão ser pontífice da ímpia e idólatra Babilônia, e por isso renunciou ao título.

“Não havia, naquela época, nenhum tribunal onde os pagãos pudessem ser julgados, e seguiu-se a confusão. Então a autoridade de Babilônia foi outorgada ao bispo de Roma, Dâmaso, no ano 378 d.C., e colocada sobre ele, que se tornou o supremo pontífice ou pontífice máximo. Assim, o poder papal realmente vem da Babilônia — do diabo”. (John Robert Stevens, *Princípios Elementares de Doutrina*, Sepulveda, Califórnia, 1959, p. 46.)

191) Quem são os cristãos reformados?

Caro leitor, os reformados são os protestantes europeus que sofreram uma maior influência de Calvino, Farel e Knox. Na Grã-Bretanha e em outros países são eles denominados de “presbiterianos” pelo fato de seu governo ser exercido por “presbíteros”.

Esses mesmos reformados formam, na Itália, a tradicional igreja waldense. De um modo geral, eles rejeitam tudo o que lhes parece contrário às Escrituras, e só aceitam o que possua apoio bíblico. São simples em seu culto e em geral rigorosos em sua ética.

Podemos melhor apreender o conteúdo da doutrina básica de Calvino através das palavras cheias de autoridade da Confissão de Westminster, de 1647:

“Capítulo IX (da livre vontade), nº 3. O homem, pela sua queda em um estado de pecado, perdeu completamente toda capacidade de desejar qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação. Por causa disto, o homem natural, sendo adverso a esse Bem e, ao mesmo tempo, estando morto no pecado, não é capaz, por suas próprias forças, de converter-se ou de se preparar para isto.

“Capítulo III (da Eterna Finalidade de Deus), nº 3. Por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros são predestinados à morte eterna.

“Nº 5 — Aqueles do gênero humano que estão predestinados à vida foram escolhidos para a glória com Cristo por Deus, antes de efetuada a criação do mundo, segundo sua finalidade eterna e imutável, e secreta deliberação e ar-

bítrio de sua vontade, por manifestação de sua livre graça e amor, sem qualquer previsão de fé ou boas obras, ou de perseverança em ambas, ou qualquer outra coisa na criatura como condições ou causas que o levassem a isso, e tudo para louvor de sua gloriosa graça.

“Nº 7 — Foi do agrado de Deus que, de acordo com o insondável desígnio de sua própria vontade, pela qual ele distribui ou nega mercês, como lhe apraz, para a glória de seu soberano poder sobre as suas criaturas, dispensar o resto da humanidade, condená-la à desonra e à ira... para louvor de sua gloriosa justiça.

“Capítulo X (da vocação eficaz) Nº 1 — É do agrado de Deus efetivamente chamar para fora daquele estado de pecado e de morte no qual estão por natureza, na época por ele apontada e desejada, todos aqueles, e somente aqueles, que destinou à vida, por sua palavra e espírito... tomando-lhes seu coração de pedra e dando-lhes um coração de carne....

“Capítulo V — (da Providência) Nº 6 — Para aqueles homens maus e sem Deus, a quem ele, como juiz imparcial, cegou e endureceu por antigos pecados, Deus não só negou sua graça... como também às vezes retirou os dons que tinham e... abandonou-os à própria luxúria...”.

Esta doutrina, que tem produzido não pequena controvérsia no seio evangélico, suscitou violenta repulsa do famoso poeta inglês, Milton, que disse: “Mesmo que possa ser mandado para o inferno por isto, tal vontade divina nunca receberá meu respeito”.

192) Qual foi o resultado da explosão da bomba atômica em Hiroshima?

Caro leitor, são necessários bons nervos para acompanhar, no Museu Memorial da Paz, que visitei em 2004, os passos da tragédia que desabou sobre Hiroshima às 8:15 da manhã de 6 de agosto de 1945.

A bomba tinha cerca de três metros de comprimento e pesava quatro toneladas. Devido ao seu formato, foi ela apelidada de *Garotinho*. Ela explodiu a 580 metros acima do prédio da prefeitura, um imponente edifício cujas ruínas se conservam para demonstração do poder destrutivo da bomba. À explosão seguiu-se a formação de um imenso cogumelo, em parte constituído

de terra e água. Cerca de meia hora mais tarde desceu do cogumelo uma chuva barrenta, escura e radioativa.

Numa área de vários quilômetros quadrados não houve sobreviventes. Um segundo após a detonação, a bola de fogo expandiu-se em um diâmetro máximo de 280 metros. A temperatura no centro excedeu a um milhão de graus célsius, equivalente ao calor da superfície do sol, e provocou violentos ciclones e rápidos incêndios, arrasando completamente uma grande área da cidade.

No momento da explosão foi criada uma pressão extremamente alta de várias centenas de milhares de atmosferas. O ar ao redor foi atirado violentamente para fora, produzindo uma explosão intensamente forte. Essa pressão, a 500 metros da hipocentro, chegou a 500 toneladas por metro quadrado, destruindo prédios e atirando pessoas ao ar.

Quilômetros distante do hipocentro, as pessoas se tornavam tochas humanas. Muitas delas atiraram-se no rio em busca de alívio, não sabendo que as águas do rio estavam quase em estado de ebulição em virtude do calor na superfície, que alcançou a temperatura de 5.000 graus centígrados. Os que morreram de imediato, mais os que vieram a falecer até o final de 1945 em decorrência da catástrofe, somaram 140 mil pessoas, somente em Hiroshima. E milhares de outras morreram nos anos seguintes, vítimas da radioatividade.

O museu mostra uma calçada de concreto em que estava uma pessoa que foi totalmente evaporada, restando dela apenas uma sombra escura.

Conhecendo *in loco* os efeitos da explosão atômica, veio-me à mente a passagem bíblica de 2 Pedro 3.10-11:

“O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o dia de Deus e apressando a sua vinda. Naquele dia os céus serão desfeitos pelo fogo, e os elementos se derreterão pelo calor”.

Não há a menor dúvida de que o apóstolo Pedro se refere aos resultados de uma explosão nuclear.

Hiroshima tornou-se a cidade líder na luta pela paz e pelo desarmamento atômico. Para cada nação que realiza teste nuclear o prefeito de Hiroshima envia uma carta pedindo o fim dessas armas. Mas parece que tais apelos caem

em ouvidos moucos, pois o poderio nuclear existente hoje em poder de várias nações é capaz de destruir toda a raça humana vinte e sete vezes!

193) O que foi o Projeto Manhattan, dos EUA, na Segunda Grande Guerra?

Para construir a nova arma antes dos alemães, o governo norte-americano montou um programa altamente secreto e caríssimo, o Projeto Manhattan. Muitos dos principais físicos dos países aliados envolvidos no projeto passaram a morar e a trabalhar isolados do resto do mundo, em Los Alamos, Novo México, chefiados pelo físico norte-americano Julius Robert Oppenheimer (1904-1967).

A primeira bomba atômica é testada em 16 de julho de 1945 com uma explosão no deserto de Sonora, no estado do Novo México, EUA.

A bomba atômica baseia-se na fissão de núcleos atômicos, processo que consiste em “quebrar” núcleos de átomos pesados e instáveis, como o urânio-235, lançando contra eles partículas atômicas chamadas de nêutrons. Seu efeito destruidor é a radioatividade, propriedade de certos elementos químicos de emitir partículas ou radiação eletromagnética como resultado da instabilidade de seus núcleos.

O que torna a arma atômica especial é a enorme concentração de energia em pequenos volumes, que pode ser liberada com efeitos devastadores. Para medir a capacidade de uma arma nuclear são usados os termos “quiloton” e “megaton”. Um quiloton equivale à explosão de mil toneladas de TNT (nitroglicerina); um megaton equivale a um milhão de toneladas.

As duas únicas armas nucleares usadas em guerra até hoje foram lançadas contra o Japão pela Força Aérea Norte-Americana. Em 6 de agosto de 1945, uma bomba explodiu em Hiroshima, e em 9 de agosto, em Nagasaki, explodiu a segunda bomba. Elas fizeram dezenas de milhares de mortos imediatamente e ao longo dos anos seguintes. Em poucos segundos, 36 mil quilotons destruíram duas cidades japonesas.

Em 1945, Hiroshima era a segunda maior cidade japonesa, com uma população de 350 mil habitantes, e se destacava pelas boas escolas e grandes centros de treinamento militar que possuía. A cidade, poupada dos

bombardeios aéreos que já haviam destruído a maioria das cidades japonesas, estava destinada a ser alvo da primeira bomba atômica.

“No decorrer de sua vida, Albert Einstein não procurou apenas descobrir a ordem do mundo natural, mas também promover a ordem no mundo humano”, disse Jimmy Carter numa reunião anual da Academia Nacional de Ciências dos EUA, em Washington. E acrescentou:

“Einstein, o humanitário, tem tanto a ensinar-nos como Einstein, o físico. Ele via a busca da ciência como boa em si mesma. Mas também via que as aplicações da ciência só são tão boas – ou tão más – como as opções morais e políticas que as determinam. Segundo Einstein, a preocupação com o próprio homem e seu destino deve ser sempre o principal interesse de todas as aspirações técnicas. Para que o ato criador seja bênção e não maldição.”

Nascido em 1879, na Alemanha, e falecido em 1955, nos EUA, o famoso autor da teoria dos *quanta* e da relatividade prestou contribuição de valor inestimável no campo da energia nuclear, pelo cálculo que fez da primeira bomba atômica.

194) É verdade que Einstein se sentiu frustrado pelo lançamento da bomba atômica sobre o Japão?

Caro leitor, Einstein se preocupou com as ameaças representadas pelas novas armas e pelas crescentes manifestações de ódio e racismo no mundo. Pacifista impenitente, chegou a escrever várias cartas a altas autoridades japonesas, após a Segunda Grande Guerra, desculpando-se da desgraça atômica que se abateu sobre o Japão.

Sete anos após a destruição das cidades japonesas, pela primeira vez foram mostrados a Einstein alguns álbuns fotográficos da tragédia de Hiroshima. A cada página o horror aumentava de intensidade, pois ali estavam expostas não somente ruínas, mas fisionomias humanas “com as dimensões do inferno”.

O cientista alemão, tomado de tristeza, escreveu a uma editora de Tóquio: “Eu compreendi o terrível perigo que a bomba atômica representa para a humanidade... Creio que matar durante a guerra não é diferente dos homicídios comuns”.

O secretário de Einstein conta que o sábio perdia a confiança nos homens à medida que suas forças declinavam. Quando, em plena guerra, ele informou ao governo norte-americano que seus cálculos permitiriam a fabricação de bombas atômicas, elaborou um contrato no qual propunha:

“Assim que a primeira bomba estiver terminada e pronta para explodir, sugeria ele, reuni, numa ilha deserta do Pacífico, representantes da Alemanha e do Japão, observadores de países neutros e, naturalmente, os chefes dos Estados Maiores dos Quatro Grandes. Diante dessa platéia de especialistas, fazei explodir uma bomba atômica. Os resultados serão tamanhos que a capitulação dos inimigos seguirá fatalmente a essa experiência. Pouparemos, assim, um número incalculável de vidas humanas e entraremos, de mãos limpas, na cidade da paz.” (Fernand Gigon, *Apocalipse do Átomo*, Ibrassa-Instituição Brasileira de Difusão Cultural S/A, São Paulo, 1959, p. 6.)

Todavia, o governo que tudo prometeu a Einstein mudou de mãos presidenciais, e o Pentágono procurou, no coração do Japão, os alvos cujos nomes passaram para as enciclopédias e os dicionários.

Talvez o leitor gostaria de perguntar se o poderio nuclear hoje existente será usado, e quando. Duas passagens da Bíblia respondem. A primeira é 1 Tessalonicenses 5.3: “Quando disserem: ‘Paz e segurança’, a destruição virá sobre eles de repente... e de modo nenhum escaparão”. O outro texto é Ezequiel 39.6: “Mandarei fogo sobre Magogue e sobre aqueles que vivem em segurança nas regiões costeiras, e eles saberão que eu sou o SENHOR”.

Acredito que o “quando” será após o rapto da igreja, e o “fogo” será a energia nuclear. O governante que se levantará como o salvador do mundo vai estabelecer uma falsa paz, simbolizada pelo cavalo branco de Apocalipse 6.2. A seguir, o uso de armas nucleares agravará o sofrimento da humanidade até ao nível indicado pelo profeta: “Haverá um tempo de angústia como nunca houve desde o início das nações até então” (Dn 12.1).

A igreja, entretanto, ausente deste mundo, estará protegida dessas calamidades, conforme as promessas de Deus. O leitor possui essa esperança?

195) Como é hoje o Japão, como ex-vítima da bomba

atômica?

Por sua localização no extremo leste da Ásia, o Japão tornou-se conhecido como a terra do sol nascente. Com um território equivalente em tamanho ao do estado de São Paulo, o país é formado por quatro ilhas principais e três mil menores. Extremamente montanhoso, há 225 vulcões, dos quais mais de 60 ativos. Entre os inativos está o famoso Fuji, que tive a oportunidade de conhecer de perto.

Viajando da cidade de Toyota para Hiroshima, por uma boa auto-estrada, fiquei impressionado com as dezenas de grandes túneis duplos, um de ida e outro de volta, praticamente perfurando toda uma região montanhosa. Os custos de tal rodovia devem ter sido imensos!

A topografia acidentada do país dificulta a agricultura e contribui para que 67% do território ainda seja coberto por florestas. A pequena quantidade de terra arável, aliada ao extenso litoral, leva ao desenvolvimento da maior indústria de pesca do mundo.

O país é também um dos mais competitivos fabricantes e exportadores de produtos eletrônicos e de automóveis, o que o transformou em segunda potência econômica, atrás apenas dos EUA. Sua renda *per capita* em 1997 foi de US\$38.160. (No mesmo ano a dos EUA foi de US\$29.080, e a do Brasil, em 1998, alcançou US\$4.802.)

Com uma população atual bastante homogênea, de 130 milhões, os japoneses possuem a menor taxa de mortalidade infantil do mundo, pois apenas quatro crianças em cada mil morrem antes de completar um ano, e também se destacam pela longevidade, havendo no país cerca de nove mil pessoas centenárias. A mulher continua com um papel mais submisso que nas nações ocidentais.

No aspecto religioso, o xintoísmo (51,3%) e o budismo (38,3%) permanecem como religiões com o maior número de seguidores. O cristianismo conta 1,2% da população, e outras, 9,2% (1992).

Em se tratando dos efeitos catastróficos da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, e sobre todo o Japão, os sobreviventes de Hiroshima ficaram convictos de que a humanidade não pode coexistir com as armas nucleares. Arraigou-se na mente do povo de Hiroshima que o uso de tais armas não pode ser permitido de nenhuma maneira.

Imbuída desse espírito, Hiroshima assumiu a liderança da luta pela total abolição das armas nucleares e pela realização de uma paz mundial duradoura. Dessa maneira, a cidade se voltou para o mundo e iniciou a sua jornada no caminho da paz.

Duas bombas atômicas, como armas de guerra, foram usadas contra o Japão. Para que tais armas não sejam usadas uma terceira vez, elas precisam ser totalmente eliminadas da face da terra.

Essa é a posição de Hiroshima. Cada vez que há um teste nuclear no mundo, o prefeito da cidade envia uma carta pedindo a supressão desse tipo de arma. Há centenas de cópias desse tipo de carta nas paredes do Museu Memorial da Paz, o que dá uma idéia dos numerosos testes que se tem feito em todo o mundo.

196) Como foi o despertar missionário dos últimos séculos?

O despertar missionário protestante, surgido a partir do final do século dezoito, marcou a expansão do protestantismo em todo o mundo. Uma das mais antigas organizações destinadas a levar o evangelho a outras nações foi a Sociedade Missionária Batista de Rettering, Inglaterra, organizada em 1792 por influência de Guilherme Carey, que partiu, no ano seguinte, para a Índia.

Em 1795 surgiu, em Londres, a Sociedade Missionária de Londres, que entre outros ilustres missionários, enviou David Livingstone à África. Em 1821 surgiram a Sociedade Missionária Evangélica de Basileia e a Sociedade Missionária Danesa. Em 1824 nasceram a Sociedade Missionária de Berlim e a Sociedade Missionária de Paris. Mais tarde, em 1865, Hudson Taylor fundou a Missão do Interior da China, que se tornou um dos maiores empreendimentos destinados a levar o evangelho a milhões de chineses.

Da Inglaterra e Escócia partiram os primeiros missionários à América Latina, na primeira metade do século dezenove. Eram principalmente batistas, presbiterianos, congregacionais e metodistas. A história das missões latino-americanas está repleta de abnegação e heroísmo, principalmente em virtude das tremendas perseguições movidas pelo catolicismo romano de origem espanhola e portuguesa, fortemente intolerante.

Mais tarde, já no início do século vinte, nova onda missionária se levanta, agora liderada pelos Estados Unidos da América do Norte, levando a todo o mundo a mensagem do evangelho. Na última década do século vinte havia cerca de 85 mil missionários evangélicos em todo o mundo, dos quais cerca de 50 mil procedentes dos Estados Unidos.

Para combater o racionalismo do século dezoito, Deus levantou os morávios, que haviam sido influenciados pelo pietismo, e depois o movimento metodista na Inglaterra.

Em 1722, Zinzendorf convidou muitos protestantes desterrados de Boêmia e Morávia para que se estabelecessem em suas propriedades na Saxônia, onde ele organizou a “fraternidade renovada”. Chegou a interessar-se muito pela evangelização do mundo, mas seu maior objetivo era especialmente o desenvolvimento de uma fraternidade internacional constituída de verdadeiros crentes de diferentes confissões religiosas. Ele não queria iniciar uma nova denominação. A sua própria colônia permaneceu dentro da igreja luterana. Não tardaram em surgir outras fraternidades na Holanda, Dinamarca, Inglaterra, América do Norte e em outras partes da Alemanha. (Howard F. Vos, *Breve Historia de la Iglesia Cristiana* (Breve História da Igreja Cristã), Chicago, Editorial Moody, 1965, p. 117).

Por sua vez, sob influência dos morávios surgiram os metodistas com a sua ênfase na santidade. Graças ao dinamismo dos irmãos Wesley, o metodismo se espalhou pelo mundo como um novo alento de vida em meio ao formalismo morto em que jaziam as grandes denominações reformadas. Os enormes templos metodistas espalhados pela Europa e Américas atestam o frutífero trabalho desenvolvido pelos discípulos de Carlos e João Wesley.

197) Que características especiais tinha a Palestina, para que Deus a desse ao povo de Israel?

O nome *Palestina*, caro leitor, não era usado nos tempos bíblicos, pois derivou-se mais tarde do termo *filisteus*, que identificam os povos chamados de “Palaístinos” pelos gregos, e de “Palestinos” pelos romanos.

O nome bíblico para a área era “Canaã”, a terra onde Canaã, filho de Cam, se estabeleceu, e que tinha sido prometida pelo Senhor a Abraão (Gênesis 9.25;

10.6; 12.5-7). A terra de Canaã seria dada a Abraão. Embora Canaã designasse originalmente a terra a oeste do Jordão, Palestina passou a designar, mais tarde, a terra de ambas as margens do Jordão.

A terra da Palestina estende-se do elevado monte Hermom, ao norte, até o sul da região deserta do mar Morto. Seu comprimento é de 240 km, de Dã a Berseba, e sua largura média é de 110 km, da costa do Mediterrâneo ao planalto oriental.

A Palestina é freqüentemente descrita como quatro faixas paralelas no sentido norte-sul: (a) a planície marítima ao longo do Mediterrâneo; (b) a cordilheira central, cujas montanhas têm picos com mais de 900 metros de altitude; (c) o vale do Jordão até o mar Morto, que está 387 metros abaixo do nível do Mediterrâneo; (d) a Palestina Oriental ou Transjordânia, um vasto planalto fértil numa altitude superior a 900 metros.

Com uma área quadrada de aproximadamente 28.500 km, a Palestina apresenta grandes contrastes na topografia.

Geologicamente, o vale do Jordão é formação das mais singulares. Ele constitui parte da grande fenda que se estende da Síria, no norte, até o sul do mar Morto. Supõe-se que há milhares de anos esse vale era coberto de água, formando um lago de 322 km de comprimento desde o norte da Galiléia até 80 km para o sul do mar Morto.

Nos tempos bíblicos, a área tinha três grandes massas de água: (a) lago Hulé (agora drenado), ao norte da Galiléia; estava a 69 metros acima do nível do mar; (b) mar da Galiléia (chamava-se a princípio mar de Quinerete), a 205 metros abaixo do nível do mar; (c) mar Morto, a 387 metros abaixo do nível do mar.

Essas massas de água são unidas pelo rio Jordão, que desce rapidamente serpenteando uns 260 km para transpor os 105 km da Galiléia até o mar Morto (mar Salgado). O rio Jarmuque, vindo das regiões montanhosas a leste e com um volume de água semelhante ao do Jordão, junta-se a este 16 km abaixo da Galiléia.

Nos tempos antigos, a costa mediterrânea não tinha portos de embarque, o que obrigou Salomão a determinar que o embarque fosse feito em Ezion-Geber, na parte setentrional do golfo de Ácaba. Só a pouco tempo os portos de Haifa e Asdode passaram a operar comercialmente.

A principal característica geográfica da Palestina talvez seja a ponte que ela

forma entre três continentes, e o fato de ser historicamente a ligação entre o Egito e a Mesopotâmia. Assim, sendo o centro das civilizações do mundo e o “centro da terra”, a Palestina estava destinada a ser palco de grandes eventos históricos.

Talvez por tais razões o Senhor escolheu a Palestina como a terra da sua aliança com o seu povo.

198) Quais eram as condições de Canaã no tempo da sua conquista por Josué?

Meu caro leitor, geograficamente, a terra de “Canaã” compunha-se de toda a faixa ocidental desde Sidom, ao norte, até Gaza e Sodoma, no sul (Gn 10.19). O nome “Canaã” denominava, em geral, toda a área em que se estabeleceram os filhos de Canaã.

Esse território foi, mais tarde, chamado de “Palestina” pelos romanos (segundo Heródoto), nome esse que é a forma grega de “Philistia” (Palaistine). Os nativos eram chamados de “filisteus”.

Quanto à raça, a terra era ocupada por um grupo misto que parecia serem descendentes de Canaã, filho de Cão e neto de Noé (Gn 10.15-20). Há, na Bíblia, várias listas desses grupos (Gn 10; Dt 7.1; Js 3.10). Além disso, podem ser identificados pelas suas localidades:

- a) Heteus - dos filhos de Hete, que se estabeleceram na Ásia Menor.
- b) Girgaseus - da região ocidental do mar da Galiléia.
- c) Amorreus - povo montanhês dos planaltos ao oeste e leste do mar Morto.
- d) Cananeus - tecnicamente, da parte norte.
- e) Ferezeus - associados com os cananeus no norte.
- f) Heveus - os pacíficos gibeonitas perto de Jerusalém.
- g) Jebuseus - tribo guerreira estabelecida em torno de Jerusalém.

Politicamente, Canaã tinha sido dominada desde 1468 a.C. pelo Egito, que estabeleceu postos militares e cidades reais por toda a terra, bem como príncipes nativos, educados no Egito, para governar como monarcas títeres.

Em 1400, entretanto, o poder estrangeiro egípcio se deteriorou, tornando a terra propícia à invasão efetuada pelos israelitas e posteriormente por outros povos. Mas as cidades de Canaã estavam bem fortificadas. Jericó, por

exemplo, edificada sobre um outeiro, estava rodeada por dois muros de tijolos, um de 3,6 metros de largura e o outro de quase dois.

Religiosa e moralmente, a terra vivia infestada de idolatria, completamente degradada. Era o tempo predito por Deus em que a medida da injustiça dos amorreus estaria cheia (Gn 15.16).

Eis algumas das divindades de Canaã:

a) El era o deus supremo. Poemas ugaríticos descrevem-no como um tirano cruel e sanguinário, de sensualidade incontrolável.

b) Baal era filho de El e o seu sucessor. Dominava o grupo cananeu e era considerado o “Senhor do céu”. Era o deus da chuva e da vegetação.

c) Anate era irmã de Baal e uma das três deusas protetoras do sexo e da guerra. Concomitante com o culto da prostituição sagrada, havia o morticínio infantil.

d) Asterote (Astarte) e Aserá eram esposas de Baal e também deusas do sexo e da guerra.

e) Moloque e Milcom, de origem amonita, eram deuses da orgia, do mesmo modo que Camos era a divindade nacional dos moabitas.

Esses deuses de violência e perversão sexual refletem a crueldade e a corrupção do povo, que fez deuses parecidos com eles (Sl 115.8).

199) No caso das conquistas de Josué, como justificar que um povo escolhido por Deus se aposse da terra e massacre a população?

Não há dúvida, caro leitor, que o livro de Josué salienta uma questão ética crucial. Esse problema moral está também em outros livros, como Números e 1 e 2 Samuel. Por que não foram enviados a Canaã como evangelistas em vez de carrascos? Há cinco razões que devem ser observadas do ponto de vista histórico:

A primeira, é que a religião de Canaã tinha-se tornado tremendamente abominável aos olhos de Deus e da própria moralidade. Escavações ugaríticas mostraram a extrema obscenidade da religião que tinha um panteão de deuses: El, o deus principal, é orgulhosamente apresentado como todo sensual, sórdido e sanguinário até consigo mesmo; as três deusas cananéias, enroladas

em serpentes, são apresentadas em posturas vis e sensuais. O sistema prestava homenagem a serpentes, era totalmente depravado e estava fadado à destruição.

A segunda é que a adoração ao sexo demoníaco e aos ídolos de guerra refletiam uma sociedade permeada da mais grosseira imoralidade e violência. Escavações arqueológicas revelam que os seus templos eram centros de vício com sacerdotes sodomitas e sacerdotisas prostitutas. Queimar crianças vivas nos altares se tinha tornado ritual comum. A baixeza da idolatria de Canaã formava contraste com a idolatria do Egito e da Mesopotâmia, cuja moralidade não tinha caído em tão profunda vulgaridade e brutalidade. A cultura estava fadada à destruição (Lv 18.25).

A terceira razão é que o Senhor era o verdadeiro dono de Canaã e podia dá-la ou negá-la a quem quisesse, por razões nem sempre evidentes aos homens. O seu plano de cessão e período de experiência é observado diversas vezes muito antes de Moisés e Josué:

a. Através de Noé, Deus profetizou julgamento dos cananeus pela sua obscenidade (Gn 9.22-27).

b. Para Abraão e os seus descendentes o Senhor prometeu a terra de Canaã, a qual eles receberiam depois de cheia a medida da iniquidade dos amorreus (Gn 15.13-16).

c. Justamente como aconteceu com Sodoma antes da sua destruição, o Senhor deu aos cananeus muitas oportunidades de arrependimento (Gn 18.25; Rm 1.18-22). Deus esperou 400 anos.

A quarta, é que Israel não foi designado para ser apenas uma organização religiosa, mas um governo civil com obrigações da aliança perante o Senhor. Como tal, sua primeira comissão era executar o julgamento de uma sociedade corrupta e violenta de acordo com a aliança noéica (Gn 9.6).

Apesar de sempre reticente na execução daquele sórdido dever, Israel estava sob o comando específico do Senhor para tomar a terra, destruir os cananeus e receber a sua riqueza. Na realidade, os ataques de Israel eram quase sempre respostas aos ataques iniciais dos cananeus.

A quinta razão é que na aliança feita pelo Senhor com Abraão e Israel, a ocupação final da Palestina pelos israelitas estender-se-á do rio Nilo ao Eufrates (Gn 15.8; Dt 1.7,8; 30.5). Antes daquela futura ocupação final, entretanto, o Senhor limpa a terra da vil idolatria e brutalidade introduzidas

por um sistema religioso inspirado por Satanás (Ap 14.16ss.; 19.15).

200) Quais foram as causas que levaram o povo de Israel a viver de modo tão desordenado como no tempo dos juízes?

Caro leitor, já que vamos nos referir ao comportamento da nação israelita durante o período dos juízes, convém trazer uma rápida introdução ao livro que descreve esses fatos.

O título do livro, “Juízes” (Shophetim), é devido aos líderes levantados intermitentemente por Deus, para que houvesse liderança em épocas de emergência durante o período que vai de Josué até o reinado de Saul.

O nome “Juízes” descreve duas funções desses líderes: (a) Livrar o povo dos seus opressores, na função de líder militar. (b) Resolver disputas e defender a justiça, na função de líder civil.

O livro é anônimo, mas a tradição judaica o atribui a Samuel por diversas razões. Ele era escritor e educador (1 Sm 10.25). A ênfase dada à tribo de Benjamim sugere a época de Saul, quando Samuel ainda julgava, antes do nome da cidade de Jebus ter sido mudado para o de “Jerusalém” (Jz 1.21; 19.10).

A história coberta por Juízes vai de 1375 a 1075 a.C. Juízes é o único livro que registra um longo período da história de Israel. Descreve três guerras civis, sete opressões de cinco inimigos, sete guerras de libertação, um número de magistraturas judiciais pacíficas e, finalmente, uma magistratura mal sucedida de Sansão, a qual quase terminou com os filisteus assumindo o controle.

Apesar de o período total de trégua e opressão chegar a 410 anos, o tempo envolvido foi de aproximadamente 300 anos até a morte de Sansão. O confronto entre as magistraturas provinciais e as relatadas em Juízes justificam essa diferença.

Após a morte de Josué, Israel ficou sem um líder nacional por mais de 300 anos. As tribos mostravam-se independentes e cada indivíduo era uma lei perante si próprio. Durante esse tempo o Senhor levantou juízes principalmente nas emergências para livrá-los dos inimigos invasores e defender a justiça civil.

Esse foi um período em que o Senhor testou a nação para ver como ela guardaria a sua aliança num ambiente pagão e idólatra (3.1-5). Os israelitas caíram em uma condição crônica de apostasia. Aceitavam entusiasticamente os livramentos do Senhor, mas quando lhes faltava uma forte liderança, retornavam rapidamente às práticas pagãs que os rodeavam.

O estado espiritual da nação contrasta vivamente com o da época de Josué, quando há obediência, fé e vitória sob a liderança teocrática desse grande homem de Deus. Juízes, porém, é um livro que apresenta uma história de contínuo fracasso: “cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos” (17.6).

Se não fosse pelas misericordiosas operações de livramento do Senhor durante esse período, a nação teria se afundado numa idolatria pagã irrecuperável.

Mas é possível concluir esta resposta com uma nota positiva. Profetas e reis também têm lugar no plano divino. Débora e o profeta sem nome, por exemplo, “demonstram que os profetas de Deus são intérpretes idôneos da Lei, transmissores dos eventos futuros divinamente revelados e mediadores meticolosos da vontade de Deus”. (Paul R. House, *Teologia do Antigo Testamento*, Editora Vida, São Paulo, 2005, p. 280-281).

201) Como entender, no livro dos Reis, o estranho voto de Jefté e a vida desregrada de Sansão?

Caro leitor, em Reis 11.29-40 está registrado que o Espírito do Senhor veio sobre quatro juízes (Otniel, Gideão, Jefté e Sansão). A história de Jefté é importante por três razões: sua designação, mesmo sendo um proscrito; seu argumento com os amonitas, reivindicando a Transjordânia como uma dádiva do Senhor; e seu voto de oferenda a Deus.

Ele realmente ofereceu a sua filha como “oferta de holocausto” (11.31)?

Deve-se observar que o seu voto permitia duas opções: aquilo que saísse de sua casa quando ele voltasse de Amom, 1) “será do Senhor” ou 2) “eu o oferecerei em holocausto”.

O fato de que a moça chorou dois meses em virtude da “sua virgindade” e que “ela jamais foi possuída por varão” é um forte indício de que Jefté escolheu a primeira alternativa — dá-la ao Senhor para o culto no templo.

Como Jefté não tinha outros filhos para continuar o nome da família, seu gesto representou um grande sacrifício. Sacrifícios humanos jamais foram realmente tolerados pelo Senhor (inclusive o de Isaque).

McNair, em sua *Bíblia Explicada*, diz que a palavra traduzida por holocausto no v. 31 não traz necessariamente a idéia de um sacrifício queimado. O sentido literal é “o que sobe”, e a subida pela qual Salomão ia à casa do Senhor, em 1 Reis 10.5, é escrita com a mesma palavra.

Já em se tratando de Sansão, em Juízes 13-16, foi ele o juiz mais singularmente dotado e o único nazireu identificado no Antigo Testamento. Como Isaque, Samuel, João Batista e Jesus, o seu nascimento foi predito por um anjo. Foi-lhe dada a grande dádiva da força especificamente para livrar Israel dos filisteus, que tinham devastado a nação israelita.

Possuidor do maior poder pessoal, Sansão foi o único juiz que falhou na sua missão e teve um fim trágico. Seu fracasso é atribuído a dois fatores:

a) Vivia pelas paixões, em vez de pelos princípios nazireus. Três mulheres filistéias o seduziram.

b) Evidentemente, suas façanhas libidinosas o fizeram perder de vista sua missão real para com o Senhor. Embora pela fé tenha fechado “bocas de leões” (Hb 11.32-33), ele só atacou os filisteus quando esses interferiram nos seus prazeres sexuais.

Acerca desse estranho libertador, escreveu McNair:

“Sansão, em certos sentidos, é um dos mais notáveis caracteres na Bíblia. É robusto, abençoado e empregado por Deus, e contudo mau e desobediente. Quando lemos a estranha história que o Espírito de Deus assim nos revela, sentimos que o Senhor tem muito a nos ensinar com ela. Não sentimos repugnância pelo homem violento, apesar das suas notáveis fraquezas, porque reconhecemos alguma coisa semelhante em nossos próprios corações.

“Quem quereria a história dos seus próprios pensamentos escrita para todo o mundo ler? Tal história do coração não seria muito diferente da de Sansão. Que Deus pudesse usar um como ele não é nada estranho, porque muitos de nós podemos dizer: ‘Pois ele porventura não me tem usado a mim?’” (*A Bíblia Explicada*, CPAD, Rio de Janeiro, 17ª. Edição, 2001, p. 93.)